CROWNED

A MAFIA REVERSE HAREM ROMANCE

The chase is on.



LILITH VINCENT


anony
mous

Sinopse

Um jogo distorcido que foi longe demais. Uma mulher em fuga. Três homens que não param de caçar.

O concurso terminou, mas para nós o jogo apenas começou.

Konstantin, Elyah e Kirill fizeram da minha vida um inferno durante o concurso, e agora vou retribuir o favor.

Eles querem a mim e ao segredo que carrego, mas terão que provar que são dignos antes que eu os deixe me chamar de rainha. Não será fácil quando o passado deles voltar para nos assombrar. Passados encharcados de sangue.

A perseguição começou e, desta vez, o prêmio é mais precioso que os diamantes.

O prêmio é meu coração.

UMA NOTA AOS LEITORES

Se você está aqui, parabéns por passar por *Pageant*. Foi uma viagem louca, e a viagem continua agora. Existem temas sombrios em *Crowned*, mas eles são diferentes dos de *Pageant*, então leia com atenção.

Este livro contém flashbacks de perda de filhos, abuso físico infantil e suicídio. Ele também contém cenas de natureza violenta e sexual que alguns leitores podem achar perturbadoras, inquietantes ou desencadeantes.

Este é um romance de harém reverso. Há cenas de grupo com a heroína e todos os heróis, e ela nunca precisa escolher apenas um. Os heróis só têm coração, olhos e pau para a heroína. Não há traição ou sexo fora do harém.

01

Elyah

Meus olhos famintos examinam o rosto de cada loira no bar. É sábado à noite e a sala está lotada de homens tatuados com jeans rasgados e mulheres usando vestidos justos e delineador. A multidão é jovem, solteira, falida e excitada, e eles não se importam que o carpete esteja puído e pegajoso e que metade das lâmpadas acima do bar esteja apagada.

Meu tipo de lugar.

Ou era quando eu era motorista de Ivan Kalashnik. Eu me sentava em bares como este, tirando taciturnamente os rótulos das garrafas de cerveja enquanto minha mente permanecia em sua linda e jovem esposa. Ignorando cada par de seios que foram empurrados esperançosamente em meu rosto enquanto eu revivia os momentos preciosos que passei na companhia de Lilia naquela manhã. Sentia aquela dor forte no peito quando conseguia fazer meu anjo sorrir. Às vezes, era apenas uma questão de segundos até que Ivan descesse pesadamente as escadas do quarto principal e me arrastasse para longe dela, mas que segundos gloriosos eram esses. O derramamento do cabelo dourado escuro de Lilia por suas costas. A curva de seus lábios enquanto ela me olhava por baixo dos cílios de seus olhos verde-mar. Ela me queria, e isso a aterrorizava. Deveria ter me apavorado também, porque se nos encontrasse juntos, Ivan me faria assistir enquanto abria minha barriga, arrastava meus intestinos para fora e os dava de comer aos cães.

Eu não me importava. Nenhuma mulher se comparava a Lilia Aranova, e um beijo dela valia mil mortes. A primeira vez que me apaixonei por ela, ela estava cheia de doçura e vulnerabilidade. Ela precisava que eu a salvasse de toda a crueldade que a vida havia jogado contra ela e a segurasse perto do meu peito. Protegesse-a. Adorasse-a.

Os poucos dias que passamos com ela durante o concurso me mostraram que a ideia que eu tinha de Lilia era uma besteira. Lilia Aranova não precisa de mim. Ela não era uma florzinha vulnerável que precisava ser protegida das tempestades. Ela era uma vadia traiçoeira que destruiu os sonhos *do meu Pakhan*, roubou dele e humilhou três assassinos cruéis.

Ela é enganosa.

Perigosa.

Ela é tudo que eu quero.

Lilia poderia subir pelo meu corpo com salto agulha e segurar uma faca na minha garganta, e eu levantaria o queixo e mostraria para ela. Ao vê-la fugir de mim com a tiara da vencedora nas mãos, percebi como ela jogou com todos nós. Ela me mostrou quem ela realmente era naquela noite.

Essa foi a segunda vez que me apaixonei por Lilia Aranova.

Sou um homem perdido até encontrá-la novamente. Quero colocar uma arma em suas mãos, segurá-la contra meu coração e dizer a ela: "*Ou me mate ou deixe-me passar todos os momentos acordados pelo resto da minha vida implorando por seu perdão.*"

Não há nenhuma chance dela pisar neste bar num estado distante de onde ela morava com Ivan Kalashnik, mas eu olho para o rosto de cada mulher loira do mesmo jeito. Algumas se animam esperançosamente e sorriem enquanto seus olhares permanecem em meu corpo, mas eu me afasto assim que percebo que não é ela. Eu não estou aqui por causa delas. Eu nem estou aqui por causa da Lilia.

Estou aqui por sangue.

Um homem bêbado de jeans skinny esbarra em meu ombro e eu o bato na parede sem olhar para ele. Sua voz anasalada geme distante quando passo por ele, mais fundo no bar.

Enquanto examino a sala em busca da pessoa que procuro, meu foco, minha frustração e minha raiva se combinam em um pensamento ardente. Vou cometer um assassinato esta noite, e os gritos de agonia da minha vítima irão acalmar a turbulência que tem devastado meus dias e noites desde que deixamos a Itália.

“Belo assento. Agora, vão se foder.” Kirill apareceu ao meu lado e está parado perto de dois garotos provavelmente menores de idade sentados em uma cabine. A dupla dá uma boa olhada em suas tatuagens de prisão, nos músculos e na expressão brilhante em seus olhos escuros, e lutam para desocupar seus assentos.

“Foda-se essa música,” Konstantin rosna entre dentes enquanto afunda em um dos assentos. Ele aperta a ponta do nariz, as sobrancelhas franzidas de dor enquanto o suor brilha em sua testa. Tecido cicatricial brilhante marca o lado esquerdo do rosto, desde a bochecha, passando pela sobrancelha, passando pela têmpora e subindo até o cabelo. Desde que a bala atingiu seu crânio, ruídos altos e estresse causam enxaquecas debilitantes em nossos *Pakhan.*

Kirill e eu trocamos olhares sombrios. Nós dois sabemos que não é a música que está causando sua agonia. Konstantin sente dores perpétuas no crânio desde que Lilia Aranova mergulhou de cabeça nas águas do Lago Como há cinco semanas, arruinando o seu concurso e levando consigo diamantes cor-de-rosa no valor de catorze milhões de dólares.

“Você quer vodca?” Kirill nos pergunta.

Konstantin recosta-se no assento surrado da cabine, olhando para o homem de cabelos escuros. “Quero Lilia Aranova amarrada e amordaçada, sentada aos meus pés.”

“E eu vou tirá-la da minha bunda, certo?” Kirill murmura, ficando de pé.

Lanço-lhe um olhar de advertência. Estamos todos frustrados, mas a última coisa que precisamos fazer é nos voltarmos uns contra os outros. Kirill caminha em direção ao bar, uma série de palavrões russos engolidos pela música forte.

Coloco um braço na parte de trás da cabine, tentando parecer alguém que está se divertindo com minha equipe em uma noite de sábado. Por dentro, estou revivendo o momento em que coloquei a corda no pescoço de Lilia na sala de julgamento. Mesmo quando sua vida estava por um fio, ela não implorou nem chorou quando a confrontei com a prova do que eu tinha tanta certeza de que ela havia feito.

"Eu vi as fotos de você sentada no carro com o agente federal. Não há nenhuma chance no inferno de você ser inocente."

"Eu não sei do que você está falando. Nunca sentei no carro de um agente federal. Nunca falei com um agente federal na minha vida."

"Mas eu vi você!"

"Acredite ou não, mas não vou brigar com você por causa disso, Elyah."

Ela ergueu o queixo como uma rainha e nem olhou para mim. Ou Lilia estava mentindo para mim ou outra pessoa estava. Poucas horas depois, ela mergulhou de um penhasco nas águas do Lago Como com a tiara de Konstantin na cabeça.

E agora? Tenho uma suspeita sobre essas fotos. Uma suspeita sombria e desagradável.

Meu olhar percorre a multidão, cheia de malevolência, até parar em Konstantin. Meu *Pakhan* está olhando para mim.

"O que?" Eu pergunto.

Konstantin dá uma risada triste e balança a cabeça lentamente. "Um dia antes do início do concurso, senti pena de você."

Eu não respondo. Eu estava em um lugar escuro no dia anterior ao concurso, consumido por fantasias de vingança encharcadas de sangue. As mesmas fantasias que tenho todos os dias desde que estive no quarto principal da casa de Ivan Kalashnik e percebi que as coisas de Lilia haviam sumido.

Konstantin esfrega a mão no queixo. “Pensei comigo mesmo: Elyah só precisa tirar as coisas da cabeça. Como ele é estúpido, ficando obcecado por uma mulher.” Seus olhos brilham com malícia. “Mas ela não é apenas uma mulher, esta Lilia Aranova. Você tentou me avisar, mas eu não quis ouvir. Ela é uma maldita víbora.”

Minha mandíbula aperta. Tudo o que eu disse a Konstantin sobre Lilia ser uma vadia traiçoeira foi baseado em uma mentira, mas as coisas que ela disse e fez durante o tempo em que a mantivemos prisioneira provam que ele está certo. “Se ela é uma víbora, então fomos nós que a fizemos mostrar suas presas.”

Konstantin inclina a cabeça para o lado, olhando para mim. “Você ainda a quer, não é?”

Sinto que estou sendo dividido em duas direções. Eu quero Lilia Aranova e meu *Pakhan* a quer morta. “Eu saberei o que quero depois desta noite.”

Konstantin ri, um som curto e sem humor. Seus olhos estão assombrados e seu temperamento está tenso como a corda de um arco. “Não minta para mim, Elyah. Aquela mulher poderia cortar a garganta da sua mãe bem na sua frente e você cairia aos pés dela.”

Kirill retorna com três copos entre as mãos em concha. Ele os distribui e entra na cabine, murmurando: “*Vashe zdorov’ye*[1].”

Konstantin olha desapaixonadamente para sua bebida. Um copo quente, vodka em temperatura ambiente e gelo. Uma maneira nojenta de servir vodka. “É russo?”

Kirill bebe sua bebida, seus olhos brilhando. “Nesta merda? Claro que não é russo, porra.”

“Kirill,” murmuro, chutando-o por baixo da mesa. Ele tem estado tão rabugento e mal-humorado quanto Konstantin desde que o concurso acabou. Ele rosna, ele estala, ele arruma brigas. Meu corpo está coberto de hematomas por

causa das nossas lutas. Eu sou maior e mais forte, mas Kirill é rápido pra caralho, e sua raiva por Lilia ter escapado por entre nossos dedos o faz não fazer rodeios.

Tomo um gole de vodca. Nós três estamos uma bagunça. Quando trancamos Lilia dentro de sua jaula, acreditei que finalmente estaria curado da obsessão que me assola há dois anos. Em vez disso, Lilia Aranova infectou nós três e não pensamos em mais nada além dela.

Konstantin tira os cubos de gelo e um triste pedaço de limão de sua bebida e os joga no tapete. Está tão escuro que ninguém percebe ou se importa. Então ele bebe a vodca barata e faz uma careta. “Nojento. Eu odeio essa porra de país.”

Lembro-me de quão pouco pensei em comida e bebida americana quando cheguei. Eu ansiava pelos sabores da minha terra natal, mas tinha que me contentar com cerveja, Bourbon e frango frito. A menos que eu estivesse na casa de Ivan Kalashnik, bebendo vodca russa gelada e comendo *borscht, pirozhki* e *solyanka*, o ensopado de carne e salsicha que era a especialidade *da minha babushka.* O de Lilia era ainda mais delicioso. Tudo ficava mais gostoso quando Lilia preparava.

“Você quer a Número Onze?” Kirill rosna para Konstantin. “Então cale a boca e beba sua vodca de merda.”

Qualquer outro *Pakhan* daria um tapa em um de seus homens por falar com ele dessa maneira, mas Konstantin nunca esperou que nos comportássemos como seus subordinados. Ele nos deve sua vida e nos trata como iguais. Além disso, ele sabe que está sendo um merda mal-humorado.

Meu arrepio aumenta como sempre acontece quando Kirill ou Konstantin se referem a Lilia como Número Onze, mas jogo de volta minha vodca e a engulo, junto com as palavras raivosas que quero dizer. Eu tenho que me concentrar.

E estou feliz por fazer isso, porque alguém entra pela porta do bar e o reconhecimento me atinge. Quase pulo de pé naquele momento, todos os nervos

gritando para eu agarrá-lo e matá-lo aqui mesmo, entre cem testemunhas. Tenho uma chance e não posso estragar tudo, pelo amor de Lilia.

Eu me obrigo a respirar fundo.

E então me viro para Kirill e aponto o queixo para o recém-chegado.

O homem de cabelos escuros se vira para olhar e dá um sorriso lento e malicioso. Ele se levanta e desaparece na multidão meio embriagada.

Konstantin não se vira para olhar, mas de repente está irradiando interesse e atenção. Lentamente, olhando para os anéis pesados em seus dedos, ele estala um nó após o outro. Violência. Ele anseia por isso tanto quanto eu.

O homem por quem estamos aqui caminha em direção ao bar. Levanto-me e pego nossos copos vazios como se fosse devolvê-los e pegar outra rodada. Pelo canto do olho, vejo o homem mais baixo, de cabelos castanhos e com uma corrente de ouro no pescoço, congelar de repente, e todos os cabelos da minha nuca se arrepiarem. Demoro-me, fingindo que estou tendo uma conversa descontraída com Konstantin. É preciso toda a minha força de vontade para não estender a mão e agarrá-lo pela garganta.

Meu alvo gira nos calcanhares e caminha rapidamente em direção à saída. Antes que ele chegue lá, Kirill aparece em seu caminho carregando mais três copos de vodca. Eles colidem e Kirill rosna de aborrecimento quando a vodca derrama em sua mão. “Observe para onde você está indo, *korotyshka*.” *Nanico.*

O homem mais baixo tenta evitá-lo enquanto Kirill deliberadamente atrapalha, movendo-se para a esquerda e para a direita, rindo maldosamente cada vez que “acidentalmente” o interrompe.

“Vasily?”

Ele congela ao som da minha voz. A música e as vozes no bar são altas, e ele finge não me ouvir, tentando duas vezes mais contornar Kirill, mas Kirill não deixa.

Kirill aponta o queixo para mim, que está ao lado da nossa mesa. “Meu amigo está falando com você.”

Vasily olha e não tem escolha a não ser se virar.

Larguei os copos vazios que estou segurando e abri os braços, sorrindo amplamente. “Que porra você está fazendo aqui? Kirill, Konstantin, este é meu amigo, Vasily. Não o vejo desde que deixei meu último emprego.”

Vasily, o mais humilde dos homens de Ivan Kalashnik. Aquele que limpou a cena depois que espanquei um homem até a morte na primeira noite em que me juntei à equipe deles. Aquele que Ivan nunca convidou para jantar. O homem que me disse que foi Lilia quem traiu Ivan aos federais e me mostrou as fotos que aparentemente provavam isso.

Os olhos de Vasily se enchem de medo enquanto ele força um sorriso. Ele acena e tenta mais uma vez ir para a saída, mas Kirill usa o ombro para empurrá-lo em direção à nossa mesa.

Estendo a mão e agarro a sua, puxando-o para mim e batendo em suas costas. “Meu velho amigo. Eu não posso acreditar nisso. Você deve tomar uma bebida conosco.”

Enquanto sorrio, estudo cada emoção aterrorizada que brilha em seu rosto de rato.

O suor brota em sua testa. “Elyah, desculpe, eu tenho que...”

Kirill coloca os copos sobre a mesa e força Vasily a entrar na cabine. “Sente-se, *korotyshka.* Você está sendo convidado para beber. Não insulte nosso *Pakhan.* Vou pegar uma garrafa e outro copo.” Ele se dirige ao bar mais uma vez.

Entro na cabine atrás de Vasily e o prendo contra a parede. Konstantin olha com as pálpebras pesadas para Vasily e estala outro dedo. Vasily fica ainda mais pálido.

Eu sou o único que está sorrindo. “Temos muito para colocar em dia. *Vashe zdorov’ye.*” Ergo meu copo de vodca e coloco outro na mão de Vasily.

“*Vashe zdorov'ye,*” ele murmura, me brindando e automaticamente tomando um gole.

“Este homem,” digo a Konstantin, apertando o ombro de Vasily com tanta força que ele estremece, “salvou minha vida.”

A expressão de Konstantin não muda. “É mesmo?”

Vasily lhe dá um sorriso fraco. “Não foi nada. Foi a muito tempo atrás.”

Eu zombo disso. “Muito tempo? Quase dois anos. O que você tem feito desde que aquela vadia nos traiu?”

Vasily relaxa um pouco com minhas palavras. “Ah, você sabe. Isso e aquilo. Ouvi dizer que você saiu do país.”

“*Da*. Eu me juntei por esses dois.” Aponto para Konstantin e depois para Kirill enquanto ele se senta com uma garrafa cheia de vodca e se serve de um copo. “Você está bebendo com o *Pakhan* da Vanavora Bratva de Londres, Konstantin Zhukov.”

Vasily não parece saber se deveria ficar impressionado ou não, e duvido que ele saiba alguma coisa sobre a Bratva em qualquer outro lugar do mundo que não seja aqui, mas ele assente respeitosamente. “Estou honrado em conhecê-lo, Konstantin Zhukov.”

Eu empurro meu queixo para Kirill. “Com ele, eu estive na prisão na Rússia. Passei anos na prisão, enquanto esse idiota entrou e saiu em questão de meses.”

Kirill enrola a vodca na boca e depois engole. “Você já esteve na prisão?”

Vasily balança a cabeça e toma outro gole.

“Você deveria sentir o cheiro do interior de uma prisão russa. Mijo, sangue e

medo.” Ele levanta a camiseta e se vira no assento para revelar suas costas largas e musculosas. Há um palácio russo flutuando nas nuvens pintado sobre seus ombros e cinco torres coroadas com cúpulas. “Cinco mortes por dentro.” Ele acena para mim. “Três delas eu compartilhei com Pushka. Este homem é uma máquina.”

“Pushka?” Vasily pergunta, seus olhos brilhando como os de um garotinho ouvindo histórias de cowboys e índios. Nunca compartilhei meu apelido de prisão com minha nova equipe.

Kirill se vira e me brinda com seu copo. “Pushka, a arma viva. Ainda respiro por causa dele.”

Está tatuado nas minhas costelas, mas odeio esse apelido. Eu mal era humano naquele lugar e, a cada morte, me sentia cada vez mais próximo de um animal selvagem. Matei porque precisava, para sobreviver, mas sei o que meus colegas presidiários pensavam de mim. Que eu era um psicopata de sangue frio.

Vasily acena com a cabeça ansiosamente, sua cautela anterior evaporando enquanto ele fica animado para compartilhar suas próprias histórias com a mesa. “Esse cara. Você tem muita sorte de ter esse cara com você agora. Na primeira noite em que o conheci, esse filho da puta mal fala uma palavra em inglês, mas não precisava. Ele deixou um taco de beisebol falar.” Vasily imita balançar um bastão e ri.

“O inglês dele me parece bom,” observa Konstantin.

Vasily tem um sotaque russo cafona. “*Eu sou Elyah. Eu sou um novo motorista.*”

Eu me forço a rir quando realmente quero acertar seu crânio com meu punho. Era por isso que ninguém gostava de beber com Vasily. Uma vodca e ele agiria como um palhaço. “Está melhor agora. Eu aprendi.”

Vasily já está falando por cima de mim. “Ivan Kalashnik nunca gostou de

Elyah. Esse cara acabou de sair dos gulags da Sibéria ou algo assim, não sabia nada sobre a América, mas conseguia obrigar as pessoas a fazerem o que Ivan quisesse apenas ficando de pé diante delas e olhando feio." Ele balança a cabeça e toma outro gole. "Mas Ivan nunca gostou de nenhum de nós. Fodido inútil."

Os olhos de Kirill se estreitam quase imperceptivelmente. Um homem que arrasta o nome *de seu Pakhan* na lama, mesmo um ex-*Pakhan morto,* é um pedaço de merda.

"De qualquer forma, o que traz todos vocês para a terra da liberdade?" Vasily pergunta.

Olho para Konstantin e bato no copo com o dedo indicador. Fingindo hesitar, digo: "Estamos envolvidos em algo grande. Muito grande."

Vasily imediatamente se ilumina. "Sim? Conheço essas ruas como a palma da minha mão. Não há ninguém melhor do que eu se você precisar de uma informação privilegiada. Para um corte," acrescenta ele rapidamente.

Quero rir. O que aconteceu com o "isso e aquilo" que ele está fazendo? Finjo consultar meus amigos, trocando olhares silenciosos com eles, antes de me voltar para Vasily e me aproximar. "Eu posso confiar em você?"

Vasily se inclina para frente também. "É claro que você pode confiar em mim."

"Então você chegou na hora certa. Batemos na parede, e você poderia nos descolar."

"Claro que poderia," diz Vasily. Ele parece tão feliz que me pergunto se ele está girando desde a morte de Ivan, sem dinheiro e sem equipe.

Esvazio meu copo e fico de pé. "Aqui não. Vamos para a suíte de Konstantin e conversaremos."

Nós quatro saímos juntos do bar, Kirill, Vasily e eu conversando e rindo enquanto Konstantin lidera o caminho. Vasily sempre ficava superexcitado

quando estava perto das pessoas. Muito grato por se sentir incluído, como um cachorrinho perdido. O homem não duraria cinco segundos numa prisão russa.

A suíte de Konstantin fica na cobertura de um hotel a vários quarteirões de distância. Vasily dá um assobio baixo enquanto passa pela porta, admirando os hectares de carpete grosso, os sofás brancos, a vista da cidade além das janelas do chão ao teto. “Lugar de qualidade. Já vi coisas melhores, no entanto.”

Konstantin e eu trocamos olhares pelas costas de Vasily. Sua expressão me diz que se eu conseguir confirmar minhas suspeitas esta noite, ele matará alegremente esse idiota ao meu lado.

Kirill está ao telefone do quarto, pedindo bebidas. Poucos minutos depois, alguém bate na porta e um garçom entra na sala de estar com uma garrafa de Stolichnaya Elit com gelo e quatro copos. Vodka russa premium. Kirill lhe dá uma gorjeta e manda ele ir, e ele mesmo abre a garrafa.

“Finalmente, uma porra de uma bebida de verdade,” diz ele, distribuindo os copos enquanto nos acomodamos nos sofás.

Vasily joga o braço sobre as almofadas enquanto aceita sua bebida. “Você sabe mais alguma coisa sobre aquele idiota?” Ele pergunta, virando-se para mim. “Ivan estava sempre me deixando de fora de tudo. Eu nunca era convidado para ir à casa. Eram sempre Dima e Bogdan e nunca nós.”

Vasily está se divertindo demais com suas lamúrias para perceber que Konstantin está olhando para ele como se quisesse jogá-lo pelas janelas do chão ao teto e vê-lo cair dez andares no chão.

“Fui convidado para entrar em casa,” digo a ele, e estou imerso na memória de Lilia em vestidos justos e joias de ouro, servindo copos de vodca com uma expressão vazia no rosto. Ela devia estar tão sozinha. Tão presa entre Ivan e seu pai. Se ao menos eu a tivesse pegado e fugido.

Vasily franze o rosto de aborrecimento. “Você? Pelo amor de Deus, estou

feliz que aquele filho da puta esteja morto. Ele nunca me apreciou, porra."

"Você é apreciado agora, meu amigo," digo, brindando a ele com meu copo e sorrindo.

"Eu sempre gostei mais de você, Elyah. Você já teve notícias da esposa de Ivan de novo?"

O sorriso morre em meus lábios, mas eu o forço de volta. "Aquela vadia? Se eu tivesse, ela estaria morta."

Vasily me lança um olhar malicioso. "Mas você nem sempre a quis morta, não é?"

Kirill se senta e coloca mais vodca no copo de Vasily. "O que você quer dizer?"

"Quero dizer que Elyah era um cachorrinho apaixonado toda vez que Lilia Kalashnik estava na sala. Foda-se, que maravilha ela era. Bunda como um pêssego. Peitos para fazer você chorar. Acontece que ela também tinha uma queda por Elyah. Você acredita nisso? Casada com um *Pakhan* e molhando a boceta no motorista dele."

Meu sorriso fino parece que vai quebrar meu rosto. Agarro meu copo enquanto fantasio em esmagá-lo no sorriso estúpido de Vasily.

Tire o nome da minha mulher da porra da sua boca.

"Posso acreditar," diz Kirill, dando um tapinha na minha bochecha. "Esse idiota é bonito demais para o seu próprio bem."

"Conte-me sobre isso," Vasily geme. "Costumávamos ir a um clube de strip e as strippers praticamente pagavam para *ele* dançar no colo delas."

"Todos vocês, calem a boca," eu digo, balançando a cabeça como se estivesse envergonhado.

"É verdade." Vasily se vira para os outros dois. "Pegue isto. Certa tarde, vou

até o apartamento de Elyah. Ele está seminu e todo quente e nervoso. Me disse que ele estava *dormindo.”* Ele dá uma cotovelada no peito de Kirill. “Atrás dele no tapete, o que eu vejo? Uma bolsa Versace vermelha. A mesma bolsa vermelha que Lilia Kalashnik sempre carregava consigo. Eu sabia naquele momento o que estava acontecendo e não conseguia acreditar. Elyah tem sorte de eu não ser o tipo de homem que delata ele para o nosso chefe.”

O silêncio cai ao redor da mesa. Vasily ainda está rindo e não percebe o vento frio que sopra pela sala.

Bato o dedo no copo. “Mas isso não está certo, Vasily. Não foi isso que você me contou no dia em que Lilia desapareceu.”

“Hum?” Vasily olha para mim e seu rosto perde a cor. “Eu o quê?”

Eu fico olhando para ele enquanto ele luta para separar suas mentiras da verdade, e o tempo todo meu coração está inchado de raiva. “Você me disse que já sabia que havia algo entre mim e Lilia.”

Há três segundos de silêncio brutal antes de Vasily balbuciar: “Quero dizer, sim! Eu já sabia, por isso bati na sua porta. Para impedir que você cometesse um erro. Mas foi tão engraçado ver a bolsa dela caída no chão para qualquer um ver.”

“Para qualquer um ver,” repito. Eu jogo a memória em minha mente. Atendendo minha porta para Vasily. Ele olhando além de mim e vendo a bolsa vermelha caída no tapete. Eu me virando para olhar para ela.

Eu devo ter parecido tão culpado.

Vasily deve ter bolado todo o plano naquele momento. Ele atribuiria tudo à esposa traidora.

Vasily larga sua vodca. “De qualquer forma, eu deveria ir. Esqueci que deveria encontrar alguém.”

Ao se levantar, Kirill se levanta e o força a sentar. “Mas estamos prestes a

conversar sobre negócios, *korotyshka.*”

“Outra hora,” Vasily gagueja, mas não pode fazer nada enquanto Kirill coloca o copo de volta em sua mão e serve vodca nele. Kirill continua servindo enquanto move a garrafa pelo braço de Vasily e acima de sua cabeça, ainda servindo. A vodca escorre pelo seu cabelo e respinga no colo e no sofá.

“Por favor, eu tenho que ir,” Vasily choraminga.

Sua voz deixa meus dentes tensos. Ele pensa que se choramingar como um animal ferido, terei pena dele. Posso sentir as cordas em minhas mãos, aquelas que enrolei no pescoço de Lilia. Torturei a mulher que amo. Eu quase a matei por causa desse *blyat. Idiota* “Eu menti. Eu vi Lilia Aranova.”

Kirill para de derramar vodca na cabeça de Vasily e pisca para clarear os olhos. “Você... você viu?”

“Eu a tranquei em uma jaula. Eu a deixei passar fome. Eu a torturei. Eu a enforquei com uma corda.”

Seu rosto fica branco de choque. Então a esperança transparece em sua expressão. “Ela está morta? É o que ela merecia, aquela vadia traiçoeira.”

Um músculo tiquetaqueia em minha mandíbula e a sala se estreitou até virar um ponto. A tatuagem *de pushka* em minhas costelas arde em busca de sangue. Eu matei pelas minhas irmãs. Se algum homem as machucasse, eu quebraria todos os ossos de seus corpos e me deliciava com seus gritos, mas fui eu quem machucou Lilia. Sua agonia é toda por minha causa, e tudo porque coloquei minha fé no rato imundo que está sentado diante de mim agora, em vez de confiar na mulher que amei.

Levanto-me e caminho lentamente até Vasily, tirando minha jaqueta de couro e depois puxando minha camiseta pela cabeça. Ele sabe o que isso significa. Fiz isso na primeira noite em que nos conhecemos, e Ivan Kalashnik colocou um taco de beisebol em minhas mãos.

Vou espancar um homem até a morte.

“Não, não, não,” Vasily geme, ficando branco.

Pego a garrafa vazia de vodca de Kirill, quebro-a na beirada da mesa de centro e seguro as bordas irregulares na garganta de Vasily. “Eu não estava transando com a esposa do meu chefe,” eu grito. “Eu amava a esposa do meu chefe. Ela me amava. Ela estava tão perto de cair em meus braços para sempre. Com o marido morto, ela poderia ter sido minha. Eu teria descoberto para onde o pai dela a levou e teria ido até ela.”

Meu grito ecoa pela sala. Nem Kirill nem Konstantin se movem.

“Mas ela nos traiu, Elyah,” choraminga Vasily.

O que mais me queima depois da lembrança de como torturei Lilia é o fato de ter sido enganado por um pequenino chorão. Esse pedaço de merda me fez acreditar que Lilia me traiu.

Vasily.

Vasily me fez odiá-la.

Vasily me fez colocar as mãos nela com raiva. Ameaçar matá-la. *Quase* matá-la.

“Vá para a porra do banheiro,” eu grito.

Não posso matá-lo aqui com esses sofás brancos e todo esse tapete branco. Vasily protesta e tenta fugir para a porta, mas Kirill torce o braço nas costas e o leva pela suíte até o banheiro. Eu sigo e bato a porta atrás de nós.

Vasily chora como uma cadela, recuando enquanto me aproximo dele. “Elyah... não... as fotos. Lembre-se das fotos.”

Fodam-se essas malditas fotos. Como ele conseguiu isso, por meio de trapaça ou photoshop, não me importa. Eu não acredito nelas.

Eu acredito em Lilia.

Eu levanto a garrafa quebrada. “Vou torturar você assim como torturei Lilia. Vou fazer você sentir cada centímetro da agonia que a fiz passar. Mil mortes não são suficientes para você.”

A dor que fiz minha mulher passar é indescritível. Eu disse a ela que ela iria morrer e a forcei a reviver os dias mais sombrios de sua vida. Quero extirpar esses atos da minha alma, mas não posso, então vou me contentar em dilacerar a carne inútil de Vasily.

“O que eu deveria fazer, Elyah?” Vasily adula, seus grandes e estúpidos olhos de cachorrinho me fazendo querer arrancá-los de seu crânio. “Os policiais encontraram drogas comigo. Se eu não lhes desse informações sobre Ivan, eles me mandariam para a prisão.”

“Então você deveria ter ido para a prisão!” Eu grito. Ele fica na frente de homens que passaram por momentos difíceis e reclama de alguns anos por porte de drogas em um hotel de baixa segurança? Se ele tivesse cumprido sua pena e mantido a boca fechada, teria retornado ao seu *Pakhan* como um homem de confiança. Não importa quem você é ou o que fez, você assume a responsabilidade. Você não traz seus malditos amigos com você. Os polícias não nos podem tocar se todos lhes mostrarmos o dedo do meio e virarmos as costas. Homens como nós, não somos nada sem as nossas equipes e a nossa lealdade mútua. *Nada.*

Agarro Vasily pelo pescoço e o empurro contra a parede. “Fui para a prisão. Kirill foi para a prisão. Fechamos a boca e cumprimos nossa pena como homens. Não delatamos nossos amigos para salvar nossas próprias peles.”

Kirill chegou ao meu lado e está olhando para Vasily. Ele odeia um informante tanto quanto eu.

“Tudo bem, vou contar a verdade!” Vasily grita.

Seguro a garrafa quebrada perto do rosto dele, mas espero. “Qual é a verdade?”

Vasily respira fundo. “Eu precisava de alguém que se parecesse com o informante, caso alguém suspeitasse de mim. Não pensei que alguém iria machucar Lilia. Ivan amava Lilia.”

Isso é mentira e Vasily sabe disso. Se um *Pakhan* descobrisse que alguém o traiu, mesmo uma esposa amada, ele a mataria. Ivan não amava Lilia. Ivan bateu nela por ter tido um aborto espontâneo.

“Ouvir esse idiota choramingando está me deixando doente,” diz Kirill.

Aproximo a garrafa do rosto de Vasily. “Concordo.”

“Apenas me escute! Eu disse ao agente federal que Lilia Kalashnik queria denunciar o marido. Enviei uma mensagem de texto anônima para Lilia dizendo que seu pai precisava falar com ela urgentemente, mas ele estava enviando um de seus homens. Dei a ambos a mesma data e hora. Lilia entrou no carro dele e tirei algumas fotos. Não creio que ela soubesse que estava no carro com um policial, mas pareceu perceber imediatamente que algo estava estranho e saiu imediatamente.”

É claro que ela perceberia que algo estava estranho. Lilia era muito esperta para ficar onde há perigo, mas demorou apenas alguns segundos e o estrago estava feito. Eu acreditei naquelas fotos, um quarto vazio e um pedaço de merda que jogaria uma mulher debaixo de um ônibus para salvar a própria pele.

Vasily deve ver a raiva em meu rosto, porque gagueja: “Foram apenas algumas fotos e eu só mostrei para você, Elyah. Ninguém mais.”

Como se isso fizesse alguma diferença.

Eu mostro meus dentes para ele. Kirill aparece do outro lado. Vasily olha entre nós e percebe que está seguindo o caminho errado, pensa rápido e recusa um caminho ainda pior. “Se você machucou Lilia, a culpa é sua, Elyah. Não é minha culpa. Você é quem acreditou no que eu disse sobre ela. Se você se voltou contra ela tão rápido, você não a amava de verdade.”

O mundo fica com um tom sombrio de vermelho. Não é isso que digo a mim mesmo todas as noites quando acordo no escuro? Meu coração é muito negro, muito distorcido, para amar alguém. Já matei muitos homens. Fiz muitas coisas desprezíveis. Eu não sou capaz de amar. Apenas violência.

Não mereço amar alguém tão pura e boa como Lilia.

Já ouvi isso de mim mesmo diversas vezes, mas ouvir isso ecoando para mim por esse pedaço de merda faz minha raiva se tornar nuclear. Puxo meu braço para trás e enfio a garrafa quebrada nas entranhas de Vasily. Faz um som enjoativo e úmido, e eu o arranco e enfio de volta.

Moendo e torcendo a garrafa enquanto Vasily grita de dor, eu rosno entre dentes: “Você sente isso, seu pedaço de merda? Vou arrancar suas entranhas e enfiá-las garganta abaixo. Quando eu terminar com você, colocarei seu cadáver aos pés da minha mulher para que ela possa olhar para o rosto do homem que a traiu.”

A fantasia é tão doce, arrastar o corpo inútil de Vasily diante de Lilia e jogá-lo no chão como uma homenagem. Exceto que eu não tenho ideia de onde no mundo Lilia está, e na minha raiva, isso é tudo culpa de Vasily também.

O homem menor está além das palavras. Tudo o que ele faz é gritar, e Kirill enfia uma toalha na boca do homem para que eu não tenha que ouvi-lo.

Continuo esfaqueando enquanto o sangue escorre pela minha mão, e a barriga de Vasily se transforma em uma bagunça carnuda. “Você não é nada, porra. Você vai queimar no inferno pelo que fez.” Meu uivo de fúria termina quando enfio a garrafa irregular na garganta de Vasily. Ele emite um som gorgolejante e seus olhos estão arregalados e fixos em seu rosto cinzento e úmido.

Kirill e eu recuamos e Vasily cai no chão, com o sangue jorrando do estômago e da garganta. Ele leva um minuto inteiro para morrer, e eu fico ao lado dele segurando a garrafa quebrada e respirando com dificuldade,

saboreando cada maldito segundo. Espero que o triunfo e a vingança tomem conta de mim. Exigi vingança pela minha mulher matando o homem que a ofendeu.

Só que nada acontece. Nenhum doce sentimento de retribuição. Nenhuma absolvição dos horrores a que submeti Lilia.

Não foi Vasily quem torturou Lilia.

Fui eu.

Jogo a garrafa quebrada e ensanguentada na banheira com um rugido de dor, e ela se quebra em mil pedaços.

A porta se abre e Konstantin olha para o banheiro manchado de sangue e para nossos rostos e corpos ensanguentados. O rosto de Kirill parece um filme de terror. Mal consigo ver as tatuagens em meus braços por baixo de todo o sangue.

“O gerente do hotel está na porta. Ele nos lembra de manter o volume baixo para o conforto dos outros hospedes.” Konstantin observa o cadáver mutilado de Vasily e a poça carmesim que flui em direção ao ralo. “Então, temos certeza de que ele era o informante e que Lilia estava falando a verdade?”

Deslizo meu antebraço sobre meu rosto ensanguentado, meu olhar queimando. “Juro pela minha vida. Lilia Aranova é inocente.”

Os pensamentos estão piscando atrás dos olhos do meu *Pakhan.* Pensamentos sombrios e raivosos.

“Recuperaremos seus diamantes, Kostya,” garante Kirill. “Ela não pode se esconder de nós para sempre e não pode vender diamantes rosa. Não sozinha, e ela não tem ninguém para ajudá-la.”

Meu interior se contorce ao pensar naqueles diamantes. Konstantin não perdoa e não esquece, e se não conseguir aquela tiara de volta, vai querer Lilia morta. Não importa que eu esteja apaixonado por ela. Ele insistirá que ela pague por seu crime com sangue.

Konstantin apoia o antebraço na porta, ainda olhando para o cadáver mutilado de Vasily. Finalmente, ele diz, tão baixo que é mais para ele do que para nós: “Ela não pode vendê-los? Eu não teria tanta certeza disso. Depois de tudo o que ela fez, não duvidarei de nada da concorrente Número Onze. Eu me pergunto quem a fez assim.”

Kirill e eu trocamos olhares, mas ele parece tão perplexo quanto eu.

“Kostya?” Kirill pergunta, franzindo a testa.

Nosso chefe desperta e encontra nossos olhos. “Limpem-se e vamos nos livrar desse cadáver. Preciso conhecer Aran Brazhensky.”

02

Konstantin

Levamos duas horas horríveis para processar o cadáver de Vasily. Cortamos seus dedos com alicates de corte, arrancamos seus dentes com alicates e removemos as tatuagens de sua carne com uma faca. Depois de embrulharmos o corpo em sacos plásticos pretos, Elyah e eu o colocamos em uma mala sobressalente, enquanto Kirill usava o chuveiro para jogar cada gota de sangue no ralo do banheiro.

Todo o negócio é confuso e sangrento, mas somos profissionais e não resta nenhuma mancha visível de sangue em nenhum lugar da suíte quando terminamos. O banheiro não passaria no teste de luminol, mas enquanto nenhum detetive for chamado para investigar um crime, ninguém jamais descobrirá o que aconteceu aqui.

Às quatro da manhã, estamos todos vestidos com ternos limpos e empurrando nossas malas pelo saguão, três empresários estrangeiros a caminho de pegar um voo cedo. Mais duro e cruel do que qualquer americano que esteja hospedado neste hotel e com muitas cicatrizes e tatuagens para qualquer negócio legítimo, mas o dinheiro nos dá toda a respeitabilidade de que precisamos. Entrego meu cartão de crédito platina ao recepcionista do hotel e ele se agacha para dizer que espera que tenhamos tido uma estadia agradável.

O manobrista nos traz nosso carro alugado e nos ajuda com a bagagem. Quando ele tira a maleta de Elyah, seus músculos ficam tensos enquanto ele a coloca no porta-malas do carro.

“O que você tem aqui, cadáveres?”

Todos nós rimos e Kirill sorri ao passar uma nota de vinte para ele. “Apenas um.”

“Eu vou dirigir,” diz Elyah, e pega as chaves quando eu as jogo para ele.

Sento-me no banco de trás, a parte superior esquerda do meu rosto latejando. A parte cicatrizada. Antigamente eu mal tinha consciência do meu ferimento, mas desde que o concurso foi desfeito, o tecido cicatricial dói como uma ferida recente.

Como sempre, no momento em que paro de fazer qualquer coisa, minha mente volta a Concorrente Número Onze. Vejo-a novamente, exatamente como estava na primeira vez que a vi, inconsciente no banco do passageiro da Ferrari preta de Kirill. Pálida. Desamparada. Não intimidante. Uma mulher com uma moral tão frouxa que esgueirava-se pelas costas do marido com o motorista e depois o vendia à polícia.

Como eu a desprezei. Mulheres como ela deveriam ser arrastadas para fora e levar um tiro na nuca antes que possam causar o caos em sua existência.

Mas fui magnânimo. Eu permiti a ela alguns dias extras de sua vida inútil, pelo bem de Elyah. Ele precisava entender por que ela o traiu ou ele nunca seguiria em frente. Elyah é uma máquina de matar brutal, mas no fundo ele não é como Kirill ou eu. Ele é governado pelo coração, não pela mente. Não é uma fraqueza. É a força de Elyah. Ele sente coisas que Kirill e eu não sentimos porque olhamos com os olhos e ouvimos com os ouvidos e acreditamos no que eles nos dizem. Elyah está sintonizado com algo além de seus cinco sentidos, e ignorei seus avisos por minha conta e risco. Ele salvou minha vida há oito meses. Ele me avisou que Lilia Aranova era tão perigosa quanto uma víbora, mas eu ainda acreditava que a havia vencido quando a tinha aos meus pés.

Agora estou pagando pela minha tolice.

Ela não é inocente, como afirma Elyah.

Ela está longe de ser inocente.

Uma mulher como Lilia não surge por acaso. Ela é feita, forjada na brutalidade e na dor. Foi seu pai quem a fez assim? Sua mãe ou um irmão? Alguém a quebrou completamente e ela conseguiu se transformar novamente em

algo tão poderoso que dominou três homens perigosos e virou seus planos de cabeça para baixo.

Vou queimar como ácido em seu coração toda vez que você pensar em mim.

Meu sangue ferve enquanto a memória de Lilia Aranova me queima novamente. Uma questão tem me atormentado desde que ela mergulhou das falésias nas águas do Lago Como.

O que tornou Lilia Aranova semelhante a mim?

Não.

Melhor que eu?

O sol está nascendo no horizonte e árvores e casas brilham pela janela. Minhas unhas cravam no braço de couro enquanto minha cabeça lateja de dor. Lilia me venceu no meu próprio jogo, e não sei o que desejo mais. Tomá-la em meus braços e sufocá-la até a morte ou torná-la minha para sempre.

Aran Brazhensky mora em uma cidade no estado vizinho, e há centenas de quilômetros e muitas horas entre nós e nosso destino. Paramos para comer e Kirill e Elyah comem, mas meu estômago está embrulhado. Café é suficiente para mim e mantém minha mente afiada durante a dor da enxaqueca que se aproxima. Eu fantasio com os dedos finos e frios de Lilia acariciando minha testa. Ela é um peso quente no meu colo mais uma vez, só que desta vez, ela está enrolada contra mim, e meus braços estão enrolados protetoramente em torno dela. A sensação que isso evoca é tão doce que minha dor de cabeça passa e até consigo adormecer.

“Konstantin?”

Sento-me e percebo que o carro parou e Elyah está me espiando pela porta aberta do passageiro.

“Chegamos?”

“*Da*. Essa é a casa Brazhensky.” Ele se endireita e dá um passo para trás,

apontando para uma grande casa branca com colunas na frente.

Meus olhos percorrem a fachada proeminente enquanto saio do carro e ajeito o paletó. Lilia foi criada na riqueza e no conforto, um começo de vida mais fácil do que se ela tivesse crescido na pobreza e na miséria, mas casas confortáveis e jardins bem cuidados nem sempre significam uma infância feliz. Eu me pergunto que tipo de homem é Aran Brazhensky. Se ele batia na esposa ou aterrorizava a filha. Um homem que se considera acima da lei pode justificar quase tudo.

É fim de tarde e o sol dourado está brilhando sobre nós quando estamos na porta e toco a campainha. Uma governanta atende, lança um olhar avaliador para nós e o reconhecimento brilha em seus olhos cautelosos. Somos como o chefe dela, o que significa que poderíamos muito bem ser inimigos.

“Sim? Posso ajudar?”

Eu dou a ela meu sorriso mais encantador. “Boa tarde. Queremos falar com Aran Brazhensky. Ele está em casa?”

Estranhos e somos russos. Elyah e Kirill estão um de cada lado de mim, ameaçadores e com olhos infernais. Se fôssemos amigos do chefe dela, ele estaria nos esperando. A governanta empalidece e tenta bater a porta na nossa cara.

Elyah preguiçosamente estica o pé e enfia-o na porta, com as mãos ainda enfiadas nos bolsos. A mulher se vira para gritar por cima do ombro.

“Não,” ordena Kirill, abrindo a jaqueta para revelar a arma no coldre debaixo do braço.

Os nós dos dedos da governanta ficam brancos no batente da porta. “O que você quer?”

“Queremos falar com Aran Brazhensky,” digo novamente.

“Ele não está aqui.” Ela parece perceber seu erro ao acrescentar

rapidamente: “Mas muitos de seus homens estão.”

“Não estamos aqui por causa de problemas ou violência.” Estendo várias notas entre o indicador e o médio, mas ela balança a cabeça. Uma russa saberia que não estou pedindo a ela que aceite suborno. Parece que tenho que explicar as coisas para essa americana. Aceno para Kirill. “Pegue, ou meu amigo aqui garantirá que você nunca mais ande.”

A mulher pega o dinheiro e segura-o cuidadosamente entre os dedos.

“Onde está seu chefe?” Eu pergunto novamente.

A mulher engole. “Itália.”

Itália? Ele está na porra da Itália, o país que acabamos de deixar? De ambos os lados, sinto o choque irradiando de Elyah e Kirill também.

“Onde na Itália?” Elyah exige, aproximando-se.

Ela se afasta do homem muito maior. “Não sei. Ele saiu com pressa. Por favor, não sei de nada. Eu não posso ajudá-lo.”

Ele está procurando por Lilia? Por que Aran Brazhensky partiria às pressas para a Itália se não fosse para encontrar sua filha?

“Onde está Lilia Aranova?” Kirill exige.

“Filha de Aran? Ela não pisa nesta casa há dois...” Ela se interrompe, percebendo que está falando demais.

Por dois anos. Então, Lilia veio aqui depois que Ivan foi morto, assim como ela contou a Elyah. Segundo ela, ela foi obrigada a vir para cá e depois fugiu. “Lilia tem alguma outra família?”

“A família Brazhensky está por toda a cidade. Vá falar com eles.” A governanta agarra a porta da frente e tenta fechá-la, mas Kirill mantém o pé obstinadamente preso nela.

“E o lado da mãe dela?” Eu pergunto.

A mulher pensa por um momento. “Uma avó. Isso é tudo.”

“Dê-me o endereço dela. Então iremos embora.”

A governanta tem o prazer de entregar o endereço da velha e se livrar de nós.

Elyah desce o caminho em direção ao carro, com os dois punhos cerrados. Quando ele chega à calçada, ele se aproxima de nós. “Ele está na porra da Itália? Por que ele está na Itália? Lilia não pediria ajuda àquele homem.”

“A quem mais ela vai pedir? Você?” Kirill responde.

A resposta de Elyah é um olhar assassino. Sinto minha pressão arterial subir ao pensar em Lilia recorrendo a qualquer outro homem, até mesmo ao pai, em busca de ajuda. Algum filho da puta que possa escondê-la e colocar barreiras entre nós.

“Vou enviar um e-mail para Khaos e confirmar onde exatamente está Aran Brazhensky,” diz Kirill, pegando seu telefone. Khaos é um hacker que pode entrar em todos os tipos de bancos de dados oficiais e encontrar segredos. Tem um preço, claro, mas vale seu peso em ouro.

“Boa ideia. Dessa vez eu dirijo,” digo a Elyah, pegando as chaves. Fazer alguma coisa manterá minha mente longe da dor que invade meu crânio. “Lilia alguma vez mencionou sua *babushka*?”

Elyah senta no banco do passageiro e bate a porta. “Nunca. A única família de quem ela falou foi o pai dela.”

Não demora muito para chegarmos ao endereço que nos foi dado e paramos em uma rua suburbana em frente a uma pequena residência. A casa é velha e desgastada, a tinta branca descascando ao redor da porta e a luz acima do degrau da frente está torta. Estamos a um mundo de distância da luxuosa mansão de Aran Brazhensky.

Quando toco a campainha, há um momento de silêncio antes de ouvirmos

passos arrastando-se no carpete.

A porta se abre e uma mulher pequena, de cabelos brancos e vestida de preto, olha para mim. Nós olhamos para ela sem palavras enquanto seus olhos severos e lacrimejantes nos examinam. Esta velha não fica surpresa ao encontrar três homens durões parados à sua porta.

Não me preocupo com inglês e falo em russo. "*Dobryy vecher*[2], *Babushka.* Podemos entrar?"

Ela diz: "Não tenho nada a ver com Aran Brazhensky ou com a família Brazhensky. Lavei minhas mãos deles há muito tempo. Você perdeu seu tempo vindo aqui."

"Não estamos aqui por causa de Aran. Procuramos sua neta, Lilia Aranova."

Seu rosto fica vermelho de raiva. "Para quem você trabalha? Aran? Ou os Kalashniks? Não quero nada com esses *ublyudki*." *Bastardos*.

Um sorriso toca meus lábios. "Trabalho para meus próprios interesses e meu nome não é importante."

"Então você também não."

Minhas sobrancelhas sobem pela minha testa. Ninguém se atreveu a falar assim comigo em dez anos.

"Tal avó, tal neta," murmura Kirill.

"*Dama*[3], por favor," diz Elyah, usando o termo respeitoso para uma mulher mais velha. "Eu só preciso encontrar Lilia. É importante e não vou descansar até o fazer." Sua expressão está cheia de desespero sincero.

A mulher olha para ele por um momento, depois balança a cabeça e se afasta da porta aberta, murmurando: "Você vai entrar, quer eu o convide ou não. Pisar em cima de uma pobre velha com seus pés grandes e sujos, se for preciso."

Na cozinha ela começa a fazer chá, mas Kirill a afasta e pega o samovar.

“Sente-se, *Babushka*.”

Por um momento ela briga com ele pela caixa de folhas de chá. Finalmente, a avó de Lilia levanta as mãos, vai até a mesa da cozinha e se senta. Ela faz um movimento relutante, dizendo-nos para nos sentarmos também, e Elyah e eu fazemos o que ela manda.

Poucos minutos depois, ela vê três homens estranhos sentados à mesa da cozinha, com copos fumegantes de chá, sentados diante de cada um de nós.

“Onde está Lilia?” Eu pergunto.

“Por que homens como você querem saber onde está minha *kroshka*[4]? Ela já teve dor suficiente em sua vida. Quando minha Lilia tinha cinco anos, ela perdeu sua pobre e abusada mãe devido a uma doença terrível. O *papa* dela ergueu a mão para a filhinha. Uma criança pequena e inocente. Ele bateu nela repetidas vezes até jogá-la fora como se fosse um pedaço de lixo.”

“Esse pedaço de merda,” Elyah rosna.

A velha não se impressiona com a explosão dele. “E você? Você pode sentar na cozinha da *Babushka* dela e jurar que nunca tocou na minha Lilia?”

Elyah baixa os olhos para a toalha de mesa. “Eu cometi um erro.”

A velha zomba dele. “A mentira que todo homem conta a si mesmo e que toda mulher sabe que não deve acreditar. *Isso foi um erro. Não farei isso de novo.*”

“Eu não vou,” insiste Elyah. “Eu preferiria cortar minhas próprias mãos.”

A velha se levanta, tira uma faca grande do bloco e a bate na frente dele. “Aqui. Comece.”

Kirill sorri de orelha a orelha, com os joelhos bem abertos enquanto ele descansa em sua cadeira. “Você é agressiva para uma velha.”

“E você é um jovem desalinhado,” ela responde, cutucando-o na barriga

com um dedo ossudo. “Olhe para você. Desleixado. Bagunçado. Sente-se direito na minha mesa.”

Kirill estremece com o golpe dela e faz o que ela manda, esfregando a barriga enquanto se senta.

“Lilia Aranova se meteu em problemas,” digo, ignorando meu chá. Minha cicatriz lateja. Minha impaciência queima. “Queremos ajudá-la a sair disso.”

“Você não ajudou ninguém além de si mesmo em toda a sua vida,” responde a velha. “Quebre todos os meus dedos. Arranque minhas unhas. Nunca falarei uma palavra sobre Lilia para homens como você.”

Kirill olha para mim. “Agora vemos onde Lilia conseguiu isso.”

A mulher sorri um pouco e levanta o queixo, como se estivesse orgulhosa de ter uma neta tagarela e encrenqueira como ela.

Inclinei a cabeça para o lado, observando-a de perto. “Por que Aran Brazhensky foi para a Itália?”

Seu rosto enrugado perde a cor e suas mãos tremem levemente em seu colo. “Ele foi? Não sei. O que esse *mudak* faz não tem nada a ver comigo.”

Um sorriso desagradável se espalha pelo meu rosto. Ela sabe exatamente por que Aran Brazhensky foi para a Itália. Cinco semanas se passaram desde que o concurso terminou, e eu nunca teria sonhado que Lilia ainda poderia estar lá depois de todo esse tempo. É o lugar perfeito para se esconder de mim.

“*Spacibo, dama,*” digo, levantando-me da mesa. “Isso é tudo que eu queria saber. Vamos deixar você em paz.”

A avó de Lilia agarra meu braço, o pânico brilhando em seus velhos olhos lacrimejantes. “Por que você quer encontrar Lilia? Você não pode deixá-la em paz?”

Quando puxo meu pulso de sua mão e endireito as mangas, ela se vira para Elyah, que está se levantando, com expressão determinada.

“E você?” A velha pergunta. “Por que você não pode deixá-la em paz?”

“Porque eu preciso dela. Eu a amo.”

Ela lança um olhar de desdém para ele e se vira para Kirill com uma expressão questionadora.

Ele dá a ela um sorriso perverso e aguçado. “Sua *kroshka* é a mais divertida que já tive. Você sabe o quão rara é uma mulher como ela? Ainda não estou satisfeito.”

“O que restará dela quando você tiver?”

Kirill passa a língua pelos dentes e sorri para ela. “Eu ainda não decidi.”

Finalmente, a velha se vira para mim. “Por que você deve caçá-la como um animal? Por que você não pode simplesmente deixar minha neta em paz?”

“Tenho assuntos pendentes com Lilia Aranova,” digo a ela. “Quatorze milhões de dólares em negócios inacabados. Vou receber meu dinheiro de volta ou drenarei cada gota de sangue do corpo dela.”

“Recuperaremos os diamantes,” insiste Elyah. “Não chegará a esse ponto.”

“Você não vai encontrá-la,” nos diz a velha. “Se ela fez você de bobo uma vez, ela fará de você de bobo novamente. Lilia escorregará por entre seus dedos como areia e você ficará sem nada. O que quer que você tenha feito com Lilia, ela provavelmente merece seus diamantes.”

A raiva corre através de mim enquanto olho para *a babushka de Lilia* e vejo a própria Lilia olhando para mim. Desafiadora. Linda. Orgulhosa.

Meus diamantes? Lilia merece meus diamantes? Eles são *meus* malditos diamantes. Ela teve sua vitória, mas morrerei antes de deixar aquela mulher tirar tudo de mim.

O telefone de Kirill vibra e ele lê a mensagem que acabou de receber. “É Khaos. Aran Brazhensky está em Trieste.”

Elyah passa as mãos pelos cabelos, exclamando: “Você está brincando comigo? Lilia estava a poucas centenas de quilômetros de nós o tempo todo?”

Trieste. Nordeste da Itália. Viajamos meio mundo procurando por Lilia enquanto ela apenas deu uma volta de carro pela estrada.

A Babushka de Lilia de repente parece muito pequena e assustada, sentada em sua cadeira à mesa desgastada da cozinha. Mal posso esperar para ver Lilia me olhando assim.

Capturada.

Na minha armadilha.

Inclino-me sobre a mesa da cozinha e coloco as mãos na madeira. “Acho que isso significa que vamos voltar para a Itália. Se você falar com sua *vnuchka*[5] antes de nós, por favor, dê-lhe nossos cumprimentos e diga-lhe que a veremos em breve.”

Rápida como uma cobra, a velha levanta a mão e me dá um tapa no rosto. Não faz mal. Nem sequer dói. Há pouca força em seus membros atrofiados, mas sinto o desgosto de Lilia por trás disso. O ódio de Lilia por mim. Fecho os olhos por um momento, apertando a mandíbula. Um silêncio tenso preenche a sala.

Volto-me para a velha e abro os olhos. “Lilia Aranova também pagará por isso.”

03

Lilia

Meu batimento cardíaco troveja em meus ouvidos. Todos os meus músculos estão travados de medo enquanto minhas terminações nervosas gritam *perigo.*

O homem musculoso e de terno me contempla do outro lado do meu quarto de hotel, sob olhos duros e semicerrados. Embora seu corpo esteja relaxado em uma poltrona, a raiva irradia de todos os poros, desde suas mãos segurando os braços até a posição de sua mandíbula. Este homem me odeia do topo da minha cabeça até os dedos dos pés. Ele detesta o ar que respiro e o chão em que piso. Deste momento até o último, ele não me deseja nada além de sofrimento.

Embora eu esteja congelada no lugar, percebo que minha mão está segurando minha barriga. Fui dominada por tonturas e náuseas quando me levantei rápido demais de uma mesa de café. A tontura se transformou em horror quando percebi que minha menstruação estava quatro semanas atrasada. Comprei um teste de gravidez no caminho para casa e ele está queimando minha bolsa agora. Estou carregando o filho de um *Pakhan* ou de seu mais cruel executor que me quis morta nos últimos dois anos?

Talvez.

Possivelmente.

Oh, Deus, e se eu estiver?

O homem na poltrona inclina a cabeça para o lado e um pensamento claro surge em minha mente. Ele não pode saber que posso estar grávida. É muito perigoso para a criança.

Deixei minha mão cair, surpresa com o quão fortes são os sentimentos para proteger meu talvez-bebê.

“Nada a me dizer, Lilia?”

Respiro fundo e solto o ar lentamente. Se eu desmoronar agora, a próxima coisa que sei é que estarei em um avião com a mão desse homem presa como uma algema em meu pulso. Medo é o que ele quer. Posso vê-lo caçando isso em meu rosto, aqueles olhos cruéis estreitados. O medo é como ele sempre me controlou.

Respiro fundo novamente e abro a boca para cumprimentá-lo. “Olá, pai. Como vai você?”

Aran Brazhensky sorri com meu tom falso-casual. Ele não está enganado nem um pouquinho. Seus dois capangas tatuados estão um de cada lado de mim, prontos para me agarrar caso eu corra para a porta. Um deles estala os nós dos dedos ameaçadoramente, a malícia brilhando em seus olhos, como se ele realmente esperasse que eu tentasse.

“Você nunca liga, você nunca escreve. Estou começando a pensar que você não me ama mais.” Papai se acomoda confortavelmente em seu assento, os braços ao longo dos apoios de braços, uma perna longa cruzada sobre a outra. O corte de seu terno é feito sob medida e caro e seus sapatos de couro brilham. Lembro-me de outro russo orgulhoso e sorridente que gosta de ternos finos e de atormentar mulheres. Por alguns segundos, antes de meus olhos focarem em papai, pensei que fosse Konstantin sentado na poltrona, e Elyah e Kirill estavam me flanqueando. Não é um grande alívio descobrir que é o papai. Na verdade, meu coração afundou ainda mais. Papai me manteve prisioneira durante anos por meio de casamento e chantagem emocional. Konstantin só conseguiu alguns dias.

“O que lhe deu essa impressão?” Pergunto encolhendo os ombros, olhando para a janela. Estou no quarto andar e a janela não abre. Não há como sair daqui, exceto pela porta atrás de mim.

Os olhos do papai brilham. “Não se preocupe em procurar uma fuga. Você nunca deveria ter fugido. Foi apenas uma questão de tempo até que eu te

encontrasse.”

“Como você me achou?”

Papai imita a voz estridente de uma mulher. “*Babulya, estou em Trieste.*”

Eu gemo e fecho os olhos. Ele grampeou o telefone de *Babulya*. Que erro estúpido de se cometer.

“Trieste é um lugar interessante para uma jovem em fuga. Por que veio aqui? Onde você esteve todo esse tempo?”

Onde eu *estive.* Quanto tempo ele tem?

Para ganhar algum tempo para pensar, coloco minha bolsa na mesinha lateral e pego uma garrafa de água. Depois de um longo gole, coloco a tampa novamente.

Depois que meu marido foi morto pelos federais, papai me arrancou da minha vida como Sra. Lilia Kalashnik e me forçou a voltar para sua casa. Eu estava me recuperando do choque de perder meu marido. Corriam boatos de que fui eu quem o vendeu à polícia. Todos os amigos, familiares e homens de Ivan estavam se voltando contra mim.

Mas certamente não Elyah.

Elyah, o homem que dizia me amar, que me estimava acima de todas as coisas. Ele me segurou em seus braços enquanto eu soluçava depois de perder meu bebê. Elyah nunca acreditaria que eu dei aos policiais um pingo de ajuda depois do que eles tiraram de mim.

Fugi da casa do meu pai e a primeira coisa que fiz foi procurá-lo. Seu apartamento estava abandonado. Minha antiga casa com Ivan estava vazia e nenhum homem bonito e tatuado com olhos azuis gelados e maçãs do rosto orgulhosas entrou na garagem e me pegou em seus braços. *Solnyshko, estive esperando aqui noite e dia esperando que você voltasse.*

No andar de cima, no quarto principal, percebi que ele nunca faria isso.

Alguém quebrou o espelho do meu guarda-roupa. Ele quebrou todas as fotos minhas. Eu podia sentir sua raiva e traição fervendo no quarto vazio.

Se Elyah me visse novamente, seria para envolver minha garganta com suas mãos poderosas e me sufocar até a morte.

Então, mudei meu nome e fugi.

O universo deve ter se contido em gargalhadas histéricas na noite em que cruzei o caminho de Kirill em Milão, um assassino psicótico e perigoso com rosto de um lindo demônio. Ele me caçou por esporte e me entregou inconsciente nas mãos de seu *Pakhan*, que estava prestes a embarcar em uma imitação sombria e distorcida de um concurso de beleza. Se isso não fosse assustador o suficiente, havia meu ex-amante, jurando me matar assim que eu fosse eliminada da competição.

Olho meu pai com cautela. Resumindo assim, parece absurdo, mas tenho um dos poucos pais neste mundo que realmente acreditaria nessa história. Ele está na máfia russa na América. Ele sabe como esses homens pensam, como trabalham, seus planos e esquemas complicados. Não chorei desde que escapei da vila no Lago Como. Eu não tive energia. Talvez se ele fosse algum outro pai da máfia russa, eu poderia chorar todas as minhas lágrimas de terror e dor em seu ombro enquanto ele prometia que eu estava segura e que iria caçar os homens que me fizeram prisioneira e executá-los pessoalmente.

Mas meu pai nunca me amou ou me tratou como filha. Ele sempre esteve interessado no que posso fazer por ele.

Dou de ombros e brinco com a tampa da garrafa de água, tornando meu tom de indiferença. “Eu estava trabalhando em Milão. Eu não tinha certeza do que fazer a seguir e Trieste parecia um lugar tão bom quanto qualquer outro para me esconder de você.”

“Você não ligou para sua *babulya* por dias e dias, e então disse a ela onde estava. Você nunca fez isso antes. Aconteceu alguma coisa.”

Mantenho meu rosto cuidadosamente inexpressivo. Não é que o concurso seja um segredo vergonhoso que eu deva guardar, ou que Konstantin, Elyah e Kirill devam ser protegidos. Longe disso, porra. Mas meu pai é a última pessoa que precisa saber sobre meus traumas e vulnerabilidades.

“A diferença é que você está aqui no meu quarto de hotel, sem ser convidado. Volte para a América, pai. Não quero nada de você e não vou voltar para casa.”

Ele me dá um sorriso fino. “Sim, você vai, Lilia. Você vai fazer exatamente o que eu digo.”

Os dois idiotas musculosos que papai trouxe com ele se aproximaram de mim.

Merda.

Preciso de duas coisas se quiser sair desta situação. Tempo e dinheiro. Dinheiro de verdade, o suficiente para desaparecer tão completamente que papai nunca mais me encontrará.

“Você e eu estamos entrando em um avião e...”

“Espere.” Um plano está se formando em minha mente. É muito arriscado e pode explodir na minha cara e me deixar em uma posição ainda pior do que a que estou agora, mas é a melhor ideia que tenho. “Não irei a lugar nenhum com você até discutirmos como será meu futuro. Quero ter uma palavra a dizer sobre o que acontecerá comigo a seguir. Vamos tomar um café e conversar sobre isso. Apenas nós dois. Eles não.” Eu empurro meu queixo para seus homens.

Papai bate os dedos nos braços, olhando para mim em silêncio. “Que plano bobo, Lilia. Você realmente acha que vou levá-la sozinha para algum lugar só para que você possa escapar?”

“Não é um plano.” Nem tudo, de qualquer maneira. “Este é um assunto privado meu, e não quero que seus idiotas musculosos ouçam o que

conversamos. Estou cansada de todo mundo espalhar mentiras e rumores sobre mim.”

“Eles manterão distância, mas meus homens virão conosco.”

“Tudo bem, mas é melhor que seja uma boa distância. Vamos?” Pego minha bolsa e a coloco por cima do ombro.

Enquanto papai e eu caminhamos juntos pelas ruas de Trieste, seus homens estão meia dúzia de passos atrás de nós. Abrimos caminho sob o sol, passando por compradores e turistas, sentindo o olhar penetrante de papai na lateral do meu pescoço e sabendo que ele está pronto para me agarrar a qualquer momento se eu tentar correr.

Há apenas cinco semanas eu estava imunda, faminta e escondida em celeiros, como uma fugitiva do louco desfile de Konstantin. Agora estou caminhando calmamente ao lado do meu pai enquanto meu estômago se revira, mais uma vez prisioneira de um homem dominador e controlador.

Fora da frigideira. Dentro do fogo.

Sentamo-nos em uma mesa de café muito próxima daquela em que eu estava sentada esta manhã. Papai abre a boca, mas eu o interrompo e vou direto ao assunto. “Não vou me casar de novo.”

Seus lábios se curvam quando o garçom chega à nossa mesa e ele fica sentado em um silêncio hostil enquanto peço expressos e copos de água.

“Você deve se casar. Para que mais você serve?”

Mesmo depois de todos esses anos, a cruel farpa de meu pai deixou sua marca em meu coração. “Você parece acreditar que ainda sou sua para dar ordens.”

“A quem mais você pertence?” Ele pergunta, estreitando os olhos como se procurasse marcas sujas de mãos masculinas por todo o meu corpo. Elas estão lá se ele olhar perto o suficiente. Três conjuntos delas.

Eu me inclino para frente como se estivesse prestes a contar um segredo ao papai. “Tenho algumas notícias surpreendentes para você. Eu pertenço a mim.”

Papai deixa isso de lado com um movimento de mão. Quando nossos expressos são colocados diante de nós, ele coloca uma colher de açúcar em seu café quente. “O que você poderia fazer sozinha? Você não sabe fazer nada.”

“Estou trabalhando como modelo de passarela. Estou construindo uma vida para mim. Não serei forçada a outro casamento sem amor com um homem de sua escolha.”

O tilintar suave da colher em sua xícara de café torna-se um chocalho. “Você fará o que eu mandar, ou sua preciosa *babulya* será jogada na rua para morrer na sarjeta.”

Esta é a ameaça que ele mantém sobre minha cabeça desde que eu tinha dezoito anos. A casa *de Babulya* e o dinheiro que paga sua comida e insulina vêm do meu pai, e ele poderia interrompê-la num piscar de olhos, mas balanço a cabeça. “Isso não vai funcionar mais.”

“Por quê? Você não ama mais sua preciosa avó?”

Pisco, com lágrimas ardendo em meus olhos, quando me lembro do que ela me disse há dois anos, quando fugi da casa do meu pai. Foi a última vez que a vi. “*Babulya* disse que se matará se eu a desobedecer andando pelo corredor com outro homem de sua escolha.”

O rosto de papai fica manchado de vermelho com uma raiva mal reprimida. “Você está mentindo.”

Quem me dera estar. “*Babulya* endureceu seu coração com a neta durante anos, a fim de enganar você para que me entregasse a ela. Você acha que ela não tiraria a própria vida para me impedir de casar com outro homem como você?”

“Aquela velha vadia cruel,” ele ferve.

Velha vadia esperta, na verdade. Uma mulher inteligente que me ensinou

tudo o que sei.

Pego meu expresso e tomo um gole. “Eu não quero que briguemos, pai. Se é tão vergonhoso que sua filha esteja sozinha no mundo, então irei morar em casa. Mas não vou desistir do meu trabalho.”

É a coisa certa a dizer. Desafiador o suficiente para parecer verossímil, mas não tão desobediente a ponto de virar o barco.

Papai se recosta e olha para mim, um músculo em sua mandíbula pulsando. “Existe algum homem que eu não conheço?”

Eu comecei a rir. Risadas genuínas. “Garanto que não há. Nem um homem. Não dois homens, nem mesmo três.”

“Você pode passar seis meses trabalhando em seu pequeno emprego e então se casará.”

Tomo outro gole e penso sobre isso. “Você parece muito confiante de que qualquer homem em seu círculo vai querer se casar comigo depois que meu último marido teve o cérebro espalhado por toda a rua por minha causa.”

Papai bate a palma da mão na mesa e nossas xícaras e pires chacoalham. “Não repita essas mentiras sujas, mesmo que seja uma piada. Quando você estiver em casa poderei apresentar minha filha obediente ao mundo e limpar seu nome.”

Talvez ele consiga, ou talvez consiga intimidar um número suficiente de pessoas para que fiquem do seu lado, mas qualquer pessoa desesperada o suficiente para se casar comigo nessas circunstâncias provavelmente me trataria pior do que Ivan.

“Doze meses trabalhando como modelo,” contraponho.

“Você vai fazer vinte e um anos,” papai ferve, como se fosse nojento que uma mulher possa ter essa idade e ser solteira.

“Exatamente. Tão velha que a indústria da moda estará pronta para me

cuspir. Não terei escolha a não ser aceitar o valentão que você decidir que deveria se casar comigo."

A tensão aumenta entre nós. Uma mulher ousa negociar com o grande Aran Brazhensky.

"Certo. Tenha seus doze meses," papai finalmente rosna. "Chamaremos isso de período de luto, mas estamos voltando para casa hoje."

Suspiro e olho ao redor da praça, fingindo pensar. "Tudo bem. Mas tenho mais uma condição."

Seus olhos se arregalam. "Outra condição? O que é?"

"Posso pedir emprestado trezentos euros?"

Papai parece quase ofendido por uma quantia tão pequena. "Por que você precisa de trezentos euros?"

Aceno para a casa de penhores do outro lado da praça. "Vendi algumas joias lá na semana passada, quando estava ficando sem dinheiro. Eu gostaria de comprá-las de volta antes de partirmos."

Papai procura sua carteira, murmurando para si mesmo sobre "aquela velha bruxa," enquanto conta o dinheiro e o joga na minha frente. Ele agarra meu pulso enquanto eu o pego e fico de pé. "Não tente nada estúpido. Mikhail e Dmitry estarão logo na porta."

Eu luto em seu aperto por um momento e alegria brilha em seus olhos. Finalmente, eu me livro de seu controle. "Eu nem sonharia com isso."

Mikhail e Dmitry se aproximam de mim quando me aproximo da casa de penhores. Posso sentir os olhos redondos do meu pai mirando nas minhas costas e minha pele se arrepia.

O homem dentro da loja tem quase quarenta anos e sorri para mim atrás de um balcão de vidro cheio de relógios de segunda mão, brincos e grossos anéis de ouro no mindinho. Tenho observado esta loja e o proprietário há semanas. Nada

neste lugar parece fora do comum, mas tenho uma forte suspeita de que este joalheiro esteja envolvido com a máfia veneziana local, que controla esta parte norte da Itália.

Só tenho alguns minutos. Dou um sorriso superficial ao homem e vou direto ao assunto. “*Lei parla inglês?”*

“Claro.”

“Meu nome é Lilia Brazhensky. Meu pai é Aran Brazhensky. Ele tem joias para vender. Joias nas quais acredito que seus amigos estarão interessados.”

O homem me dá um sorriso insinuante. “*Signorina*, estou mais do que feliz em fazer negócios com você. Compro qualquer ouro de qualidade por peso por um preço muito bom.”

Ele acha que sou uma turista com alguns colares para vender. Enfio a mão na bolsa e encontro o pequeno compartimento que costurei no forro. Quando eu o tiro, há um diamante rosa brilhando na palma da minha mão.

Assim que o coloco no balcão, o homem fica boquiaberto. Ele alcança a pedra junto com sua lupa e a inspeciona sem dizer uma palavra. Cada segundo que passa me dá vontade de gritar para ele se apressar, mas é vital que eu pareça calma e confiante.

Quando ele finalmente olha para cima, os olhos do homem estão brilhando. “Um diamante como este é muito raro, *signorina.*”

Claro que é. Konstantin obteve apenas as melhores pedras para coroar sua rainha.

“Meu pai entende... desculpe, não entendi seu nome.”

“Marco Bartoli.”

“Senhor Bartoli. Meu pai entende que você está em uma posição única para encontrar um comprador para diamantes como estes.”

“Há mais?” Ele olha para mim.

“É claro,” eu digo com um encolher de ombros descuidado.

Bartoli lambe os lábios e olha ao redor da loja vazia, antes de baixar a voz: “Quantos diamantes?”

“Dezesseis.”

Seus olhos se arregalam. Dezesseis diamantes rosa. Uma coleção deliciosa para quem aprecia boas pedras. “Todos tão perfeitos quanto este?”

“Claro, e vale quatorze milhões de dólares. Meu pai está com pressa, então aceitará seis milhões em criptomoedas equivalentes. Seus amigos estarão interessados?”

“*Si, signorina.* Acho que eles ficarão interessados.”

Claro que sim. A esse preço, esses diamantes são uma pechincha. Konstantin provavelmente choraria se soubesse como eu estava praticamente os entregando.

“Papai e eu estamos tomando café na praça, mas ele não deve ser abordado por ninguém. Ele não pode ser visto com pessoas como você.” Me dá nos nervos dizer *papai*, como se eu tivesse um pingo de afeto pelo homem, mas estou fazendo o papel de uma filha amorosa.

Bartoli franze a testa. “Você acha que é boa demais para nós, *Americana*?”

“*Russa*,” eu o corrijo com um sorriso. “Meu sotaque é uma coisa. Minhas raízes são outras. E por favor, não se ofenda, pois isso não é nada pessoal. Papai precisa que isso seja feito rápido e silenciosamente, sem que nenhum de seus amigos russos descubra. Estes são os detalhes da conta e meu endereço de e-mail.” Deslizo um pedaço de papel sobre o balcão, onde está escrito o número de uma conta de criptomoeda que configurei há duas semanas e o endereço de e-mail associado a ela.

“Assim que receber uma notificação de que os fundos estão sob custódia,

encaminharei a você e aos compradores o nome de um hotel, número do quarto e código de segurança aqui em Trieste. Depois de examinar as joias, você liberará os fundos e nunca mais terá notícias nossas.” Meu tom é casual, quase entediado, mas minha nuca está arrepiada. A qualquer momento papai vai mandar seus homens aqui para me arrastar para fora. Se ele descobrir sobre os diamantes...

Lembro-me de quão cuidadosa tenho sido. Ninguém sabe onde estão os diamantes, exceto eu.

Bartoli me lança um olhar duvidoso. “E meus compradores devem acreditar em sua palavra de que há mais quinze diamantes como este?”

Empurro o diamante rosa solitário sobre o balcão com o dedo indicador. “Guarde isso. Mostre a seus amigos.”

“Você é muito ousada, *signorina*,” ele me diz, embolsando o diamante.

O que ele realmente quer dizer é confiante. Abro a boca, mas hesito. Eu sei como papai interpretaria isso. *Como eu poderia não confiar em um homem de família com duas lindas menininhas? Cerca de dois e cinco, não é? Muito doce.*

Imagino o Sr. Bartoli acordando suando frio todas as noites durante o próximo mês e verificando suas filhas. Preocupar-se sempre que elas estão fora de sua vista, mesmo que por um momento.

Dou-lhe um sorriso. “Não sou ousada. Eu fiz minha pesquisa. Este acordo beneficia tanto a nós quanto aos seus compradores. E isso beneficia você, *signor*. Aproveite sua taxa de descoberta.”

Lembrá-lo de que receberá uma saborosa fatia de seis milhões de dólares parece resolver as coisas. “Entrarei em contato com meus compradores sobre os diamantes.”

“*Grazie*.” Dou uma rápida olhada nas vitrines e entrego os euros que papai me deu. “Vou levar o medalhão. Não se preocupe com uma caixa.”

Com uma expressão perplexa, Bartoli destranca a vitrine e entrega um

medalhão de ouro antiquado, uma peça que está tão longe de ser um elegante diamante rosa quanto você poderia imaginar.

Atravesso a praça de volta com o medalhão na mão e o coloco em volta do pescoço enquanto me sento em frente ao meu pai, que está carrancudo com a quantidade de tempo que demorei.

“O joalheiro tentou me ferrar, mas eu não aceitei,” explico, colocando o colar cuidadosamente no lugar. “Vamos pedir comida.”

Já estou sinalizando para um garçom, meu coração dando cambalhotas no peito.

Enquanto comemos macarrão em silêncio, noto que vários homens de terno e aparência perigosa entram na praça e se consultam em voz baixa enquanto olham para mim e para papai. Um deles está ao telefone e mostra a tela aos companheiros. Imagino que sejam imagens de papai nas escadas de vários tribunais, quando ele é mais uma vez considerado inocente ou as acusações sendo retiradas. Eles estão verificando se ele realmente é Aran Brazhensky, um *Pakhan* da Bratva.

Um dos homens dá um passo à frente para se aproximar de nós e quase deixo cair meu macarrão no colo, mas outro homem o agarra e balança a cabeça, e todos saem da praça.

Dou um suspiro silencioso de alívio. Primeiro passo do meu plano de fuga, check.

Quais são os próximos passos? Meu estômago dá um nó quando terminamos a refeição e me levanto. Tudo o que tenho que fazer agora é cumprir a tarefa de vender secretamente os diamantes de Konstantin, escapar do meu pai e me esconder dos meus captores pelo resto da vida.

E fazer um teste de gravidez.

Quando posso fazer o teste de gravidez?

De volta ao meu quarto de hotel, papai se vira para mim, abotoando o paletó. “Tudo bem. Arrume suas coisas. Você está voltando comigo para a América, vamos limpar seu nome. Tenho informações de que foi um dos homens de Ivan Kalashnik quem a denunciou aos federais.”

Papai continua reclamando sobre o que gostaria de fazer com as pessoas que acusam sua carne e osso de trabalhar com os federais. Ele se vira para o espelho e começa a ajeitar a gravata. “Sempre vale a pena ter um policial corrupto ao seu lado em nossos negócios. Deve ser fácil encontrar o rato real. Você tem sorte de me ter.”

Isso é levar as coisas longe demais. Jogo minha bolsa na cama e afundo em uma cadeira. “Sorte? Cada vez que algum idiota russo musculoso e cheio de testosterona chega perto de mim, minha vida desmorona e queima mais uma vez.”

Papai percebe meu olhar no espelho. “De quem você está falando?”

“Estou falando de todos vocês,” eu fervo. “Você, Ivan, seus amigos, qualquer pessoa com quem você queira que eu me case. Eu gostaria que todos vocês me deixassem em paz.”

“Chefe, olhe para isso.”

Um dos homens do meu pai pegou minha bolsa e começou a mexer nela. Ele joga uma caixinha branca para o pai, que a pega e a vira nas mãos.

Sento-me e agarro os braços da cadeira. “Como você ousa mexer nas minhas coisas.”

“Lilia. O que é isso?”

Levanto-me e arranco o teste de gravidez de suas mãos. “Comprei por engano. Não é nada.”

Os olhos do papai se arregalam e uma veia lateja em sua têmpora. Há tanto ódio e repulsa em seu rosto enquanto ele olha para mim. Ainda mais do que no

dia em que tive minha primeira menstruação em seu tapete branco e ele me expulsou de sua casa e de sua vida por sete anos.

“Você está grávida?” Ele cospe.

A voz de uma menina assustada grita no fundo da minha mente: *Não, pai, por favor, não fique com raiva. Eu não fiz nada de errado. Eu não quis dizer isso.*

Como se eu tivesse outra escolha a não ser fazer sexo com Konstantin e Elyah, mas papai não entenderia isso. Pego minha bolsa, coloco o teste de volta nela e fico em pé. “Isso não é da sua conta.”

Nada irrita o pai mais rápido do que o desafio aberto. “Você está grávida? Eu deveria casar você e você está carregando o bastardo de outro homem?”

“Não sei. Ainda não fiz o teste.”

Papai aponta para a porta do banheiro. “Faça isso. Agora.”

O medo faz minha barriga revirar. E se eu ainda não estiver pronta para saber? Não foi assim que imaginei ser mãe. Pensei que teria um teto sobre nossas cabeças e um marido para nos proteger, mas sou apenas eu e minhas circunstâncias horríveis.

Balanço a cabeça e aperto a alça da bolsa com mais força. “Farei o teste quando estiver pronta.”

Papai está abrindo e fechando os punhos de uma forma que me diz que ele está perigosamente perto de me bater, grávida ou não. “Faça esse teste, ou vou amarrá-la a uma cadeira até você se mijar.”

Lágrimas de raiva se acumulam em meus olhos enquanto seus homens avançam sobre mim. Um deles agarra uma cadeira enquanto o outro tira do bolso um pedaço de corda fina. Eles colocaram as mãos nos meus ombros e me forçaram a sentar na cadeira.

Eu levanto minhas mãos. “Espere.”

Tenho a visão de um bebezinho envolto em um cobertor branco e embalado em braços musculosos e tatuados. O rosto bonito que olha para a criança com amor é o de Elyah, e meu estômago se revira. Então a imagem muda e são os braços de Konstantin segurando o pacote, e seus olhos normalmente maliciosos são suaves. Anéis de prata brilham nos dedos de Konstantin enquanto ele segura a cabeça do bebê em sua mão grande. Ele se inclina para dar um beijo gentil na testa do bebê e uma mãozinha se espalha em sua bochecha cheia de cicatrizes.

Eu respiro estremecendo. Que fantasia ridícula.

“Certo. Vou fazer o teste.”

Papai abre a porta do banheiro. “Entre lá.”

Tiro o teste da bolsa e, para meu horror, papai me segue até o pequeno cômodo. “Que diabos você está fazendo?”

Sua expressão é de pedra quando ele cruza os braços. “Estou vendo você mijar nele. Eu não confio em você para simplesmente colocá-lo debaixo da torneira.”

Minha boca se abre. “Você está louco? Não, você não está.”

“Mikhail, Dmitry!” Papai grita, sem quebrar o contato visual comigo.

Antes que seus capangas possam entrar no banheiro e colocar suas mãos nojentas em mim, eu bato a porta na cara deles. Com as bochechas queimando de humilhação e fúria, enfio a mão por baixo do vestido para puxar minha calcinha para baixo e sento no vaso sanitário.

Vários minutos se passam enquanto papai e eu nos encaramos. Eu não consigo relaxar. Eu não posso fazer xixi.

“Depressa,” papai rosna.

“Estou tentando,” respondo com os dentes cerrados. Eu quero que isso acabe ainda mais do que ele. Fecho os olhos e penso em rios. Cachoeiras. O som da chuva pingando de um telhado.

Quando estou prestes a desistir e tentar beber um galão de água, meus músculos relaxam e posso finalmente fazer xixi. Um momento depois, brando o teste no ar, onde papai possa vê-lo, e ele grunhe e sai do banheiro, batendo a porta atrás de si.

“Saia quando tiver o resultado,” ele grita através da porta.

Coloco o teste na pia e lavo as mãos trêmulas. Em alguns minutos saberei se minha vida como a conheço acabou. Estou falida, desesperada e não tenho para onde correr. Se não conseguir escapar do papai, acabarei de volta na casa dele, esperando que Konstantin apareça e me destrua. Papai pode pensar que é forte, mas não pode me proteger de um homem como Konstantin.

Enquanto meu calcanhar balança nervosamente nos ladrilhos, um pensamento ainda pior me ocorre. Papai me leva para casa, Konstantin aparece e os dois decidem que a solução para os problemas de ambos é me forçar a casar com ele.

Passo os dedos pelos cabelos e gemo. Casar com Konstantin? Isso seria ainda pior do que ser casada com Ivan. Meu marido poderia me torturar sempre que quisesse e usar nosso filho para me forçar a fazer tudo o que ele pedisse. Ele deixará Elyah e Kirill me foderem e me atormentarem, e quando finalmente ficar entediado comigo, cortará minha garganta.

Abro os olhos para tentar dissipar as imagens horríveis que estão dançando em minha mente, e meus olhos pousam no meu pior pesadelo.

Duas linhas.

Grávida.

Prendo minha mão sobre um soluço que sobe pela minha garganta e afunda no tapete do banheiro. Lágrimas correm pelos meus dedos. Tive que lutar pela minha liberdade com as próprias mãos, mas não foi suficiente. Estou presa novamente e agora prendi uma criança comigo.

Eu me agarro à penteadeira para olhar o teste e o seguro diante dos meus olhos, esperando ter visto errado na primeira vez, mas não vi. Não haverá nenhum momento de ternura com Konstantin ou Elyah embalando este bebê. Haverá apenas terror, dor e tristeza.

Ouve-se uma batida forte na porta e papai chama: “E então? O que isso diz?”

Que minha vida acabou. Realmente e verdadeiramente acabou. Não posso proteger esta criança. Eu não consigo nem me manter segura.

Levanto-me, abro a porta e mostro-lhe o teste. “Estou grávida.”

Papai me olha em estado de choque. Ele pega o teste de mim e olha para ele enquanto fica com um tom manchado de vermelho.

“Quem é o pai?” Ele grita, jogando o teste no tapete e xingando em russo.

Balanço a cabeça e percebo que ele acha que estou me recusando a contar a ele. “Não sei.”

“Você não *sabe*? Sua mulher nojenta. Quantas semanas?”

“Cinco.”

“Nós cuidaremos disso na América. Vamos.”

Ele agarra meu pulso e me puxa em direção à porta, mas eu resisto. “O que você quer dizer com cuidar disso?”

“Livrar-se disso, é claro.”

Livrar-se do meu bebê.

Matar meu bebê.

Eu arranco meu pulso de seu aperto. “Você quer que eu faça um aborto?”

“É claro que você vai fazer um aborto. Você não consegue nem nomear o pai e quer trazer esse bastardo ao mundo? O que aconteceu com sua preciosa carreira? E quanto aos meus planos de limpar seu nome e encontrar um marido

para você? Nenhum homem vai querê-la se você ficar com esta criança.”

Minhas mãos estão espalhadas sobre minha barriga. Não posso prever o que vai acontecer a seguir. Esta criança poderia viver uma vida de medo e sofrimento nas mãos de um pai que é muito mais cruel que o meu. Esse homem poderia ser Elyah, Konstantin ou outro homem da escolha do pai.

Não consigo sentir nada sob a carne da minha barriga lisa, mas sei que esse bebê está ali, confortável e protegido. Uma proteção feroz explode em mim, e sei que preferiria me jogar de um penhasco novamente do que machucar esta criança. Se papai, Konstantin ou Elyah tentarem tirar isso de mim, lutarei contra eles até que não haja mais forças em meus membros.

Este é meu bebê, não deles.

Livrar-se disso? Por mais apavorada que eu esteja, isso não vai acontecer.

Papai estende a mão para mim novamente, mas eu me afasto. “Vá para o inferno. Você não está decidindo o destino de outra pessoa como se ela fosse um inconveniente a ser enfrentado.”

“Você fez uma bagunça profana em sua vida, Lilia. Eu decidirei o que é certo de agora em diante. Agora desça e entre no carro. Vamos para o aeroporto e pegamos o próximo voo de volta aos Estados Unidos. Assim que pousarmos, vou levar você ao médico e vamos nos livrar desse bastardo.”

Meu sangue gela ao ouvi-lo falar sobre um bebê ainda não nascido em termos tão insensíveis. “É do seu neto que você está falando.”

“Este não é meu neto! Meus netos são os filhos e filhas que você dará à luz com seu marido, e não uma prole nojenta de ninguém. Eu já poderia ter sido avô se você não tivesse sido uma vadia descuidada e egoísta como sempre. Ivan me contou como você perdeu o bebê dele. A única coisa para a qual você é boa e você nem consegue fazer isso direito.”

Uma coisa é ouvir as vozes desagradáveis em sua mente lhe dizerem que

você é um produto danificado. Outra coisa é ouvir as palavras deles sendo lançadas na sua cara pelo seu próprio pai.

De repente, sou atingida por uma lembrança poderosa do desejo no rosto de Elyah quando me ofereci para deixá-lo tocar minha barriga quando eu estava grávida do filho de Ivan. Eu poderia estar carregando o bebê de Elyah neste momento e ele ficaria cheio de agonia e raiva ao saber que outro homem estava me ordenando que o matasse. Minha mão em concha em minha barriga parece a mão dele, grande e quente, sua carícia cheia de amor. Posso imaginar seus lábios se curvando e seus olhos brilhando quando ele me toca.

Ele sorriria assim mesmo que não fosse seu bebê. Enquanto eu fosse dele, isso seria suficiente para Elyah.

Lágrimas enchem meus olhos e eu rapidamente pisco para afastá-las. Por quanto tempo ele seria gentil antes de se tornar violento novamente? Não posso confiar em Elyah e não vou deixar esta gravidez amolecer meu coração para um assassino perigoso.

“Vou entrar no avião, mas você não está tratando essa criança como me tratou. Este é meu bebê.”

Papai zomba. “Este… *impostor* é filho de algum camponês italiano. Não consigo pensar nisso como uma criança e não pensarei.”

Meu coração bate em ritmo de pânico e minha respiração fica mais rápida. Tenho que me acalmar porque isso não pode ser bom para o bebê. Já tive um aborto espontâneo uma vez por causa do estresse.

Papai me observa em um silêncio gélido enquanto me viro para minha mala e começo a arrumar os poucos objetos pessoais que comprei nas últimas cinco semanas. O desafio aberto e constante vai aumentar seu temperamento e torná-lo violento. *Babulya* me ensinou tudo que preciso saber sobre como lidar com homens como ele. Finja ser obediente e espere pela sua chance.

Jogue o jogo longo.

Quando minhas roupas, sapatos, xampu e escova de dente são guardados, um dos homens de papai pega minha bolsa e marcha em direção à porta. Papai segura meu braço e nós o seguimos, o último homem na retaguarda.

Após o check-out, entramos no carro que nos espera do lado de fora e partimos pela cidade. Meus pensamentos estão consumidos pelo meu bebê. E se esta for minha única chance de ser mãe? E se algo acontecer comigo? Com ele?

Um jato está reabastecendo na pista quando chegamos ao pequeno aeroporto particular. Ao embarcarmos no luxuoso avião, uma sorridente comissária de bordo nos cumprimenta, oferecendo uma bandeja com champanhe e suco de laranja.

Papai me força a sentar em uma cadeira de couro macia e se senta à minha frente, as narinas dilatadas e me observando como um falcão em busca de qualquer sinal de que eu possa estar prestes a fugir. Sua atenção é atraída pelo medalhão de ouro que comprei na joalheria para desculpar por que passei tanto tempo na loja.

“Esse é o medalhão da sua mãe. Você vendeu o medalhão da sua mãe?”

Eu olho para ele com surpresa. Ele lembra que mamãe me deu um medalhão? Na verdade, perdi o colar verdadeiro quando o valentão da escola o jogou no ralo. Nunca recebi o medalhão de volta, embora duvide que papai se lembre de ter visto ele passar aquela noite gritando comigo e me batendo por ter manchado seu tapete branco de sangue.

Seguro o medalhão com a mão e seguro com força. “Apenas temporariamente. Eu sempre iria comprá-lo de volta.”

Papai acena distraidamente e desvia o olhar para onde Mikhail e Dmitry estão embarcando no avião. Na cabine, o piloto ajusta os interruptores.

“Quanto tempo até estarmos no ar?” Papai pergunta.

“Estamos autorizados para a decolagem, Sr. Brazhensky,” é a resposta do piloto. “Assim que você estiver acomodado e a aeronave estiver segura, partiremos.”

Balanço a cabeça quando a comissária de bordo tenta me oferecer uma bebida, e meu pai acena com raiva.

“Apenas feche a porra da porta e vamos indo.”

“Claro, Sr. Brazhensky.”

Do lado de fora, uma voz masculina chama: “Aqui é a segurança do aeroporto. Houve um problema com os seus documentos, Sr. Brazhensky. Você poderia, por favor, sair por um momento?”

Papai olha para seus homens e aponta a cabeça para a porta. “Vá e diga a eles que não há problema com meus documentos.”

Mikhail e Dmitry se levantam e descem os degraus, os ombros musculosos se curvando em ameaça. Papai e eu ficamos sentados em silêncio, sem nada para olhar além um do outro. Percebo com um pouco de apreensão que ele está olhando para o meu colar novamente, os olhos estreitados de perplexidade.

“Você não perdeu aquele medalhão anos atrás?”

A qualquer momento, papai vai perceber que a história que contei a ele não faz sentido. Se menti sobre o que estava fazendo na joalheria, ele vai insistir em saber o porquê. Um telefonema para o joalheiro ou uma ameaça de me dar um soco no estômago até eu abortar, e toda a história sobre os diamantes será revelada.

Ele não pode descobrir. Esses diamantes são minha única chance de liberdade.

“*Babulya* me ajudou a recuperá-lo,” digo a ele, mas minha voz treme.

“Você está mentindo para mim, Lilia,” papai diz entre dentes. “Por que você está mentindo para mim?”

“Não seria a primeira vez. Tudo o que Lilia Aranova faz é contar mentiras.”

Papai e eu olhamos para cima ao ouvir o som da voz estranha, elegante e acentuada com notas de veludo preto. Não há sinal de Mikhail e Dmitry. Três homens entraram na aeronave. Homens altos e fortes, com olhos duros e tatuagens.

Na frente do grupo está um homem com um terno cinza que combina com a cor de seus olhos. Um sorriso orgulhoso surge em seus lábios enquanto ele olha para mim. Sua camisa branca está aberta no pescoço para revelar as bordas das tatuagens em seu peito, tatuagens que nunca vi, apesar de termos feito sexo.

À sua esquerda está um homem com maçãs do rosto salientes e frios olhos azuis, o cabelo louro afastado do rosto e os ombros musculosos tensos sob uma camiseta preta justa. Tinta decora sua garganta, braços e dedos. Tatuagens de prisão. Palavras e símbolos que documentam a sua vida brutal. No momento em que ele põe os olhos em mim, ele parece parar de respirar.

À sua direita está uma figura magra e musculosa com cabelos escuros, ameaça e travessura dançando como chamas gêmeas em seus olhos ainda mais escuros. Ele enfia os polegares no cós da calça jeans preta, sua expressão quase sedutora enquanto inclina a cabeça em saudação, cachos pretos caindo em sua testa.

Todos os três homens estão me observando, seus olhos famintos cheios de alegria e vitória. Konstantin, Elyah e Kirill. Homens que me fizeram prisioneira junto com outras quinze mulheres. Homens que me torturaram e atormentaram. Homens que juraram me matar no final de uma semana distorcida.

Papai desafivela o cinto de segurança e tenta se levantar, mas Elyah saca uma arma e Kirill pega seu bastão, estendendo-o com um violento movimento para baixo e empurrando papai de volta para seu assento.

“Quem diabos vocês pensam que são? Saiam do meu avião,” papai rosna. “Mikhail, Dmitry!”

Todo mundo o ignora. Mikhail e Dmitry estão inconscientes ou mortos.

O olhar de Elyah passa por mim, e quando ele parece satisfeito por eu estar segura e inteira, ele entra confiante na cabine e enfia o cano de uma arma no pescoço do piloto. Com seu sotaque russo profundo e cortante, ele entoa: “No ar. Agora.”

O piloto balbucia em pânico, virando-se no assento para lançar um olhar desesperado para papai, mas papai está ocupado demais olhando para Konstantin para se importar com qualquer outra pessoa.

Assobiando como se estivesse tendo um dia maravilhoso, Kirill agarra a comissária de bordo trêmula e chorosa, leva-a pelo corredor e a tranca no banheiro. Então ele volta para a frente do jato, sobe os degraus e fecha a porta com habilidade, como já tivesse feito isso centenas de vezes antes. Parecendo perceber que estou olhando para ele, ele olha por cima do ombro, me lança um olhar acalorado e pisca.

Um arrepio passa por mim e rapidamente desvio o olhar.

Elyah interrompe os protestos do piloto agarrando o cabelo do homem e sacudindo-o. “Coloque este avião no ar ou vou estourar seus miolos.” Ele fala em um tom profundo e monótono, como se não estivesse fazendo nada mais notável do que pedir um café com leite.

O piloto agarra os controles e, um momento depois, os motores rugem quando começamos a descer a pista. Ele sugere timidamente: “Todos deveriam estar sentados para a decolagem.”

Elyah se acomoda à porta, apoiando um grande ombro no batente com a arma ainda pressionada contra o pescoço do piloto. “Eu ficarei bem,” ele responde, olhando diretamente para mim.

Não consigo entender a expressão em seus olhos. Fúria? Ódio? Só quando o avião decola e sua boca se curva nos cantos é que percebo o que ele está

sentindo.

Elyah Morozov está sequestrando um avião, mas ele mal percebe por que está muito feliz em me ver.

Konstantin ocupa o assento do outro lado do corredor e se acomoda confortavelmente no couro creme, com um sorriso brincando em seus lábios. “Que maravilhoso ver você de novo, Lilia.”

Eu o considero em um silêncio frio. Ele não pode me enganar. Vi a vitória brilhando em seus olhos quando ele subiu a bordo do jato. O verdadeiro Konstantin é quente, não frio.

“Pare de fingir, Konstantin. Nós dois sabemos que essa atitude fria e desapegada não é quem você é de verdade.”

Konstantin arqueia a sobrancelha cheia de cicatrizes. “Mostrar quem eu realmente sou? Você primeiro, *malyshka.”*

“Ah, você a conheceu. O meu verdadeiro eu fica lindo em diamantes, você não acha?” Eu digo com um sorriso.

A raiva queima em seus olhos. Aí está o homem que eu conheço.

“Acho que algumas apresentações são adequadas,” digo levemente. “Konstantin, este é meu pai, Aran Brazhensky, um *Pakhan* da Bratva americana. Pai, Konstantin também faz parte da máfia russa. Sinto muito, não sei qual é o sobrenome dele e onde ele realiza suas atividades ilegais, mas tenho certeza que vocês têm muito em comum. Estes são seus braços direitos. Executores, bajuladores, como você quiser chamá-los. Seus nomes são Elyah e Kirill. Curiosidade, Elyah trabalhava para Ivan.”

Papai olha de um homem para outro, e então seus olhos acusadores se voltam para mim e pousam no medalhão que está na minha camiseta. “Eu sabia que aquilo era mentira.”

Franzo a testa para o colar, confusa porque papai está distraído com uma

joia antiga quando seu avião está sendo sequestrado. “Desculpe?”

“Você perdeu o medalhão da sua mãe no ralo quando tinha onze anos. Eu sei o que você realmente estava fazendo na joalheria. Chamando esses homens para resgatar você, sua vadia cruel.”

Os olhos de Konstantin se estreitam. “Lilia estava em uma joalheria?”

Meu estômago se aperta. Já se passaram menos de cinco minutos e papai já está contando meus segredos aos meus inimigos. A qualquer momento ele vai contar que estou grávida.

“Como se você não soubesse,” papai rosna para o outro homem.

O avião vira e ganha velocidade, e os motores rugem enquanto descemos a pista. As rodas decolam e nós voamos alto, o chão caindo abaixo de nós.

Na frente do avião, Elyah diz ao piloto: “Se você usar esse rádio para pedir ajuda, vou desmembrá-lo enquanto você ainda estiver vivo, junto com aquela mulher que trancamos no banheiro, e vocês dois sairão deste avião em pedaços. *Da?”*

O piloto, agora pálido e suado, balança a cabeça vigorosamente.

“Bom.” Elyah se vira para mim, enfiando a arma na parte de trás da calça jeans, a frieza em sua expressão se transformando em ternura. “Você está bem, *solnyshko*? Alguém machucou você?”

Solnyshko. Como se eu fosse seu precioso raio de sol novamente, como eu estava no chão da sala de julgamento quando ele me segurou nos braços. Eu inclino meu queixo para cima. “Eu estou bem. Como você pode ver, até a queimadura da corda em volta do meu pescoço desapareceu.”

Ele tem a decência de parecer envergonhado.

Volto-me para Konstantin. “Eu estava em uma joalheria porque estava recomprando algumas joias penhoradas. Nada valioso. Apenas valor sentimental. O próprio pai me deu os euros.” Eu me viro para papai. “Este é o medalhão da

mamãe. *Babulya* e eu ligamos para o conselho local e eles me devolveram. Você saberia disso se não tivesse me expulsado da sua vida."

Papai olha para minha barriga. "Foi um desses homens que..."

Oh infernos não. Falo por cima dele o mais rápido que posso. "Eu tenho alguns diamantes, pai. Konstantin diz que eu os roubei, mas os ganhei, até a última pedra preciosa. Eles são meus por direito."

Uma veia pulsa na testa de Konstantin e sua expressão se torna assassina. "Eles não são seus diamantes, Lilia. Onde você os está escondendo?"

Bato no queixo, fingindo pensar. "Oh, hum, vá se foder."

Kirill sorri para mim de onde está ao lado da cadeira de Konstantin. Ele está com os braços cruzados e os músculos bíceps salientes sob a camiseta. "Parece que nossa garota favorita precisa ser persuadida."

Konstantin parece concordar. "Leve-a para a parte de trás do avião. Reviste-a e não se preocupe em ser gentil."

04

Kirill

Lilia Aranova olha para mim enquanto atravesso o avião em direção a ela. Como sonhei com esse momento sem parar durante cinco malditas semanas. Uma mulher linda totalmente à minha mercê e tão inteligente e imprevisível quanto Lilia? Eu estou obcecado.

Estendo a mão para ela, coloco-a de pé e coloco-a em meus braços. Com sua mandíbula na mão, lambo lentamente sua bochecha, saboreando a mulher que me masturbei todas as noites e todas as manhãs desde que ela escapou.

Minha língua se move contra o céu da boca enquanto eu a saboreio. “Hum. Senti sua falta, *detka.” Menina.*

“Aposto que você diz isso para todas as garotas,” diz ela, afastando a cabeça de mim.

“Não. Só você. Você será minha *detka*?” Coloco meus lábios em sua orelha e sussurro: “Até eu arrancar sua carne de seus ossos e você sangrar aos meus pés.”

Seus olhos verde-mar estão cheios de ódio. “Se você continuar me ameaçando, terei que matá-lo quando escapar desta vez, em vez de apenas humilhá-lo.”

Uma risada sobe pela minha garganta e eu envolvo meus braços ainda mais forte em torno desta mulher esbelta e bonita. Uma das minhas mãos desliza pela sua nuca e meus dedos mergulham em seu cabelo sedoso. Quando a coloco em meu ombro, minha cabeça se inclina para respirá-la. Seu cabelo cheira a flores e eu inalo profundamente. “Porra, senti sua falta, sua vadia traiçoeira. Quantos dedos você quer na sua boceta quando eu verificar se você escondeu os diamantes aí? Escolha da vencedora do concurso.”

“Ela não ganhou o concurso,” interrompe Konstantin. “Ela estragou tudo.”

“Ela ganhou meu concurso,” murmuro, acariciando suas madeixas sedosas. Lilia se contorce em meus braços como uma gatinha brava, e tenho que prender as duas mãos dela atrás das costas com uma das minhas. “Nós procuramos por você a noite toda. Konstantin nadou no lago. Elyah e eu cruzamos as águas de um lado para outro, caçando você na escuridão. Você desapareceu no nada. Onde você foi?”

Observei Lilia como um falcão durante todo o espetáculo, deliciando-me com a maneira como ela dançava na ponta da fila de Konstantin. Nenhuma das outras mulheres conseguia igualar sua coragem, sua beleza, seu desafio. Fiquei desapontado quando Konstantin a quebrou. Ela era feita de aço, mas de repente virou vidro, estilhaçada aos pés dele.

Ou assim todos pensamos.

Eu sou o trapaceiro, mas não percebi nada quando ela pegou o passaporte de Kostya e roubou a chave da jaula de Elyah. Então ela desapareceu na noite.

Meu brinquedo favorito, desapareceu de repente.

Suas respirações curtas e raivosas tocam meu pescoço. Seu coração bate descontroladamente contra meu peito. Eu a protejo e não vou deixar Lilia Aranova ir.

Eu quero transar com ela.

Eu quero matá-la.

Não sei o que quero primeiro. Eu mergulho minha cabeça e passo minha língua ao longo de seu lábio inferior. Ouço um gemido curto e frustrado do outro lado do avião. Com os braços presos atrás das costas, seus seios estão pressionados contra meu peito e seu pescoço está arqueado e exposto para mim. Os olhos de Elyah estão fixos na boca de Lilia, e seu corpo está tenso de desejo e ciúme por eu tê-la beijado antes que ele tivesse a chance.

Não foi um beijo. Foi um gosto. Chupo meu lábio inferior e o puxo entre os dentes, sorrindo para meu amigo. “Doce mel. Exatamente como você gosta dela.”

Ela era dele para matar, e então eles foderam no chão da sala de julgamento e trocaram suas besteiras de *eu te amo.* Ele tem que saber que ela não quis dizer uma palavra do que disse. Nas suas próprias palavras, esta mulher é uma víbora.

Elyah se aproxima de nós, mas puxo Lilia para mais perto de mim e me afasto dele. “Ah-ah-ah. Não é a sua vez.”

“Isso não é um jogo,” ele rosna.

Não é um jogo? Então por que isso é tão divertido? É ainda melhor agora porque em vez de quinze mulheres aterrorizadas, tenho o pai de Lilia como público. Até agora, Brazhensky não fez nenhum movimento para ajudar a filha, mas certamente virá em auxílio da filha se eu atormentá-la o suficiente.

Suas tranças douradas estão curvadas contra seu rosto, e eu as acaricio com o dedo indicador. “Temos horas e horas. Vamos todos transar com ela na frente do pai dela. Aposto que ele está morrendo de vontade de assistir.” Dou uma piscadela para Aran Brazhensky, que está ficando com um tom roxo furioso. “Ele pode até participar se quiser.”

“Seu idiota doente,” diz Lilia. “Eu não tenho os diamantes comigo. Procure na minha bolsa. Reviste-me se for preciso, mas não encontrará nada.”

Konstantin cruza uma perna sobre a outra. “Kirill fará o que quiser se levar você para a parte de trás do avião. Ninguém estará lá para detê-lo. Se você quiser se sentar naquela poltrona, sã e salva ao lado do seu pai, diga-me onde estão os diamantes. Desembarcaremos, buscaremos os diamantes e então vocês dois poderão voltar para a América.”

Como diabos ele vai deixá-la ir. Konstantin não procurou febrilmente por Lilia apenas para colocá-la em um avião e mandá-la para casa.

Lilia olha para mim. “Eu sou mais do que páreo para um pervertido, lembra?”

Eu rio e mordo seu pescoço com os dentes. “Eu estava esperando que você dissesse isso. Vamos.”

Com os braços ainda presos nas costas, eu a giro e a empurro para a parte de trás do avião. Há uma porta para um quarto e eu a empurro através dela, batendo-a atrás de mim.

Lilia cai de cara na cama e estende as mãos para se segurar antes de se virar para me encarar. Seu glorioso cabelo dourado voa ao seu redor e suas mãos apertam a roupa de cama. Ela está tentando esconder, mas tem medo de mim.

Eu avanço sobre ela lentamente e estendo a mão para segurar seu queixo. “Podemos fazer isso da maneira mais fácil ou da maneira mais difícil. Por favor, vamos fazer isso da maneira mais difícil. Sempre quis transar com ódio em um jato particular. Onde estão os diamantes?”

“Você está com raiva porque eu enganei todos vocês e destruí o concurso do seu chefe? Aposto que seus paus murcham toda vez que você pensa em mim.”

Agarro um punhado de seu cabelo e puxo seu rosto para perto do meu. “Eu amo que meu pau esteja em sua mente. Você escondeu os diamantes em algum lugar? Os vendeu?”

“Eles estão escondidos. Você apenas terá que me matar como fez com os Lugovskaya. Essas eram pessoas boas que você matou.”

Minhas entranhas convulsionam com o choque de ouvir seus nomes. O mundo fica vermelho diante dos meus olhos. Agarro Lilia pelo pescoço, levanto-a e empurro-a contra a parede. “Pessoas boas? Você acha que eles eram boas pessoas?”

Conheci o ódio em minha vida, mas essa palavra não é forte o suficiente para a fúria que me consome toda vez que penso nos Lugovskayas.

Os olhos de Lilia se arregalam enquanto ela luta para respirar, e ela arranha minha mão com as unhas.

“Esqueci que você conhecia aqueles pedaços de escória. Você queria chorar pelos cadáveres deles depois que eu os matei? Eu gostaria de poder matá-los todos os dias de novas maneiras pelo resto da porra da eternidade.”

Percebo que ela está tentando falar e afrouxar meu aperto.

“O que eles fizeram com você?” Ela engasga, arrastando ar para seus pulmões.

Bato meu punho na parede perto de sua cabeça e rujo: “Eles tiraram tudo de mim.”

Lilia estremece. “Que tudo?”

A única coisa que alguma vez importou para mim ou alguma vez importará. Agora eu apenas sobrevivo. Apenas fodo. Como. Durmo. Protejo Kostya.

“Você acha que vou contar tudo para uma cadela como você? Eles estão mortos e isso é tudo que você precisa saber. Agora minha vida é Kostya. Minha vida é Elyah. E minha vida é tornar a sua um inferno. Abra suas malditas pernas.”

Enfio a mão por baixo do vestido, agarro sua calcinha e puxo. Ela está usando uma calcinha fio dental e ela rasga em minhas mãos e cai em farrapos no chão. Quando empurro meu joelho entre os dela, ela atinge meus olhos com as unhas. Eu simplesmente viro o rosto a tempo. Então ela tenta socar minhas bolas, mas eu empurro meus quadris para longe.

Ela quer lutar sujo? Eu posso lutar sujo.

Tiro meu cinto e torço seus braços atrás das costas, amarrando-os com força. Com meu corpo encostado no dela contra a parede, ela não vai a lugar nenhum. O vestido que ela está usando é frágil o suficiente para que eu possa rasgá-lo com as próprias mãos. Os botões se abrem e eu olho para ela.

Sem sutiã. Seus seios são perfeitos, curvos e macios com mamilos rosa escuro. Já os vi muitas vezes, mas ainda fico com água na boca ao vê-los. Cuspo nos dedos médio e anular, olhando-a bem nos olhos.

“Última chance, *detka*. Ou terei que ser mau.”

Ela olha para si mesma e depois para mim, suas bochechas ficando rosadas. “Seja meu convidado.”

Arrasto os dedos molhados pelos seus seios, pela barriga até seu clitóris, e depois enfio-os na sua boceta. Eu pretendia punir, mas quando sua carne quente agarra meus dedos, eu gemo e inclino a cabeça.

Não foda ela. É o que ela quer.

E ainda assim eu os tiro e empurro nela novamente, golpes rápidos de meus dedos que fazem meu pau doer para substituí-los. Ela se contorce em meu aperto, suas bochechas vermelhas e sua boca se abrindo em um gemido. Puta merda. Ela está gostando disso.

Lilia morde o lábio e o passa entre os dentes. “Nada que você possa fazer comigo me fará dizer onde esses diamantes estão escondidos. Eu odeio vocês demais para lhes dar essa satisfação.”

Eu me inclino para mais perto dela até que meus lábios sussurram contra os dela. “E eu a detesto demais para lhe dar uma morte rápida. Eu prometo que matar você nunca será uma perda de tempo.”

Eu não quero que ela goze. Ela não merece isso, porra. Mas à medida que seus olhos ficam turvos, um sorriso travesso curva seus lábios.

“Geme mais alto. Preciso que todos ouçam você. Quero a inveja de Kostya. O ciúme ardente de Elyah e o desejo distorcido de ver seus amigos transarem com sua mulher. Quero que o pai dela ouça a filha ofegante por mim antes que ela grite por misericórdia.”

“Você deveria estar torturando os diamantes de mim, não me fazendo gozar.

Você recebeu ordens do seu *Pakhan*, seu cachorro treinado."

Lilia está morrendo de vontade de me irritar. Eu tiro meus dedos dela e bato em sua boceta, e ela grita. Eu empurrei de volta para ela, mais fundo desta vez. Não consigo evitar de pressionar seu ponto G.

"Goze nos meus dedos, sua vadia distorcida."

Duas palavras sussurradas saem de seus lábios enquanto sua cabeça cai para trás. "Foda-se, Kirill."

A umidade surge em torno dos meus dedos e seus músculos ondulam contra mim. Eu gemo e enterro meu rosto em seu pescoço. Eu preciso estar mais perto dela. Eu preciso foder tudo dela.

Envolvo um braço em volta de sua cintura e a puxo com força contra meu pau. Meus quadris balançam contra ela, imitando estocadas enquanto cravo meus dentes em seu ombro. Eu a quero tanto que poderia estourar em minha calça jeans. Meu queixo aperta de frustração enquanto ela grita de dor. Sim, ah, porra, sim. Eu solto sua carne dos meus dentes, movo-me um centímetro e mordo-a novamente. Outro gemido de dor.

"Eu preciso te foder, *detka*," eu gemo contra sua garganta. Já passou muito tempo desde que lhe martelei com o meu pau e vi a boceta dela brilhando com o meu esperma. Ela não se lembra daquele momento, mas eu sim. É tudo em que consigo pensar.

"Se você me foder, terei a garantia de escapar. Você não se lembra do que aconteceu quando seus amigos pensaram que poderiam usar meu corpo?"

Lembro que ela chegou ao clímax em seus paus enquanto eu fiquei de fora.

Agarro a gola da minha camiseta e a puxo pela cabeça. A atenção de Lilia cai sobre meu peito musculoso. Minha barriga lisa. As tatuagens decorando minha carne. A protuberância inchada pressionando meu zíper.

Eu saboreio a maneira como seus olhos se dilatam ao me ver. Talvez haja

benefícios em foder uma mulher consciente, afinal. Eu agarro seu braço e a viro, meus dentes afundando em meu lábio inferior ao ver sua bunda rechonchuda.

“Você está brava com o papai?” Eu sussurro em seu ouvido.

“Eu o odeio mais do que odeio você,” ela ofega, com o rosto pressionado contra a parede.

Isso não serve. Vou ter que aumentar um pouco. “Então certifique-se de gemer bem alto enquanto eu te fodo. Viver bem é a melhor vingança. As pessoas acreditam nessa besteira, não é?”

Com um movimento dos dedos, desfaço minha calça jeans, enfio a mão dentro e envolvo meu pau. “Cinco semanas me masturbando só de pensar em você engasgando com meu pau. É muito esperma que desperdicei em meus lençóis quando deveria estar em seu rosto.”

Afasto seus pés, puxo seus quadris contra mim e a cabeça do meu pau encontra seu núcleo escorregadio. Com um impulso, estou em casa. Ela grita com o choque da minha intrusão, a coisa mais deliciosa que já ouvi. Quem diria que uma mulher poderia parecer tão gostosa?

Quando puxo meus quadris para trás e me aproximo dela novamente, ela fecha os olhos e pronuncia meu nome como uma maldição. Eu fodo-a lentamente, e quase não há espaço para me mover com o seu corpo tão apertado nos meus braços. Tenho a cama inteira para espalhá-la e fodê-la, mas não consigo soltá-la.

Meus lábios sussurram na lateral de seu pescoço. “Sua boceta está escorregadia pra caralho para o meu pau. Aposto que seu clitóris...” Estendo a mão para ela e sorrio contra sua pele enquanto encontro o que estou procurando. Seu conjunto tenso de nervos está inchado ao toque, um golpe do meu dedo a faz gemer ainda mais alto.

Encontro a orelha dela com a minha boca. “E eu pensei que o jeito que você

pegou a arma de Elyah enquanto eu fodia você com ela era uma bagunça. Quanto mais eu te empurro, mais molhada essa boceta fica."

Enquanto falo, esfrego-a com os dedos e sua respiração fica mais pesada. Ela está desesperada para gritar, mas continua reprimindo seus gemidos. Se ela quiser gozar e Lilia quer gozar, vou ouvi-la gritar. Todos neste avião saberão o que estamos fazendo aqui.

Eu puxo e empurro seu rosto na cama. "Cale-se. Agora."

Lilia deita de bruços, torcendo as mãos no meu cinto de couro que as prende atrás das costas. Ela quer ser fodida e eu pretendo transar com ela. "Você quer gozar? Levante essa bunda e deixe-me enfiar meu pau com força e profundamente nessa boceta carente."

"Kirill..." Ela começa, furiosa e perturbada ao mesmo tempo.

Lilia junta as pernas e fica de joelhos, com o rosto ainda pressionado contra o colchão. Ela até arqueia as costas para que sua fenda molhada fique exposta para mim. A expressão física de *por favor, me foda.*

Minha boca se abre. Isso é um maldito truque.

Não é?

Olho para a porta e depois de volta para ela. Ela não consegue destravar nada e escapar quando estamos a trinta e cinco mil pés de altitude.

Enquanto ainda estou hesitante, Lilia diz: "Acho que meu pai ainda não está bravo o suficiente, não é?"

Não consigo tirar os olhos da sua gloriosa boceta, oferecida numa bandeja. Ela é uma armadilha de Vênus e estou caindo em sua armadilha. Agarro a base do meu pau e afundo nela.

Eu gemo, segurando firmemente seus quadris enquanto começo a empurrar. Impulsos profundos e gananciosos. Não deveria ser tão incrível. Mas é. Santo inferno, isso é incrível.

De repente, a porta é aberta e Konstantin fica parado na porta. Ele observa Lilia nua e de bunda empinada na cama, com os joelhos abertos e as costas arqueadas, comportando-se como a vagabunda que é.

Meu ritmo não falha quando vejo o olhar do meu chefe.

“Os diamantes, Kirill,” ele me lembra.

“Bem, eles não estão na boceta dela.” Estou verificando minuciosamente.

Solto o nó que prende seus pulsos e retiro o cinto. “Esfregue seu clitóris para mim, *detka*. Dê a Kostya uma boa olhada em como sua preciosa Número Onze adora ser fodida.”

Lilia alcança entre as coxas e gira os dedos no clitóris. Ela geme e a expressão de êxtase dobra em seu rosto. Ela observa Kostya, com os lábios entreabertos e o rosto pressionado contra os cobertores.

Kostya mantém a expressão séria, mas suas narinas se dilatam. Ele está morrendo de vontade de arrancar a roupa e se juntar a nós nesta cama. “Ela não está muito consciente para o seu gosto?”

“Tesão e raiva são igualmente divertidos. Quem sabia?”

Meu *Pakhan* me observa transar com Lilia por mais alguns momentos. Por cima do ombro, Elyah pode nos ver, e espero que Brazhensky também possa. Kostya bate a porta e nos deixa sozinhos.

Eu saio de Lilia e a viro de costas, e ela olha para mim, ofegante e corada. Ela ainda não gozou e eu também não. Meu olhar percorre de sua boca até seus seios e sua boceta, me perguntando onde devo explodir minha carga.

Mas não há concurso. Agarro seus quadris e a puxo da cama em minha direção. Preparado para afundar nela, eu seguro meu pau e rosno entre os dentes: “Eu quase perdi o controle quando Kostya explodiu em você, e depois com Elyah. Achei que você iria fazê-los sair, mas você é uma vadia gananciosa. Aposto que você estava ofegante por seu esperma.”

O rosto de Lilia está vermelho e ela olha para meu pau e depois para mim. Minha boca se curva em um sorriso. Se ela soubesse que já estivemos aqui antes.

“Assista,” eu ordeno a ela. Assim que ela abaixa os olhos para o meu comprimento, eu empurro lentamente dentro dela. Aproveito o meu tempo, fodendo-a com estocadas constantes enquanto meu polegar gira em seu clitóris. Eu poderia ficar viciado nas expressões de prazer que flutuavam em seu rosto. Ela morde o lábio. Então suas sobrancelhas se unem e sobem. Por um momento ela sorri. *Foda-se.*

“Sua boceta está tão madura que eu poderia criar com você agora mesmo. Você quer meu bebê, *detka*?”

“Você me quer grávida?” Ela responde com uma voz estrangulada.

Deslizo minha mão em volta de sua garganta e aperto, e seus olhos se abrem. Como não posso quando ela está tão bonita assim? Apenas um pequeno aperto para fazer o sangue correr para sua cabeça e fazê-la gozar ainda mais forte para mim. Admiro meus dedos tatuados em volta de seu pescoço delicado, apertando e soltando. Brincar com ela até que ela não tenha certeza se vai gozar ou morrer.

“Tente fugir de nós com a barriga cheia do meu filho. Você não será capaz.”

Os olhos de Lilia brilham. “Você acha que seria meu dono se eu estivesse grávida?”

Deslizo minha mão em volta de sua nuca e levanto sua cabeça para que ela fique olhando para meu pau mergulhando nela. “Eu possuo você agora. Você é minha até morrer.”

Os olhos de Lilia estão grudados na visão. Seus gemidos se tornam febris, e então todo o seu corpo se arqueia com seu orgasmo e ela grita, alto o suficiente para Elyah ouvir, Kostya ouvir, papai ouvir, o piloto ouvir, a mulher trancada no maldito banheiro ouvir.

Seus músculos internos ondulantes me apertam e ela me manda para a porra do céu. Eu bato nela ainda mais forte, chegando o mais fundo que posso. Já fantasiei em matá-la um milhão de vezes, mas a ideia de engravidá-la é ainda mais quente.

Arrasto meu pau para fora dela, vejo como estou brilhando de esperma, e empurro-me de volta para dentro dela. Esta é uma armadilha ainda mais perigosa do que ela, mas porra, eu quero isso de qualquer maneira.

Quando levanto o olhar de sua boceta perfeita, Lila se apoia nos cotovelos e está olhando para mim como se eu não a tivesse feito gozar com tanta força que ela viu além do universo.

“Deite-se, *detka*. Não estou desperdiçando uma gota.”

Seus olhos se arregalam quando eu saio dela, apenas para deslizar dois dedos profundamente em sua boceta, precisando sentir o quão revestida ela está. Gemendo, eu coloco meus dedos mais fundo nela. “Você fica aqui e eu mandarei Kostya e Elyah para seus rodadas Entre nós três, vamos engravidar você em pouco tempo.”

Quero que o filho seja meu, mas realmente não importa quem seja o pai, porque nunca abandonarei Kostya e Elyah. Enquanto Lilia estiver grávida e ligada a nós três, terei tudo o que quiser.

“A vez deles? Dê o fora de mim.” Lilia me empurra e recolhe suas roupas, com o rosto vermelho de raiva e sexo. Seu vestido está rasgado, mas ela o veste mesmo assim e dá um nó nos seios para mantê-lo fechado.

De cabeça erguida, ela abre a porta e sai do quarto até os outros enquanto eu ainda estou puxando meu jeans para cima. Eu a sigo numa caminhada lenta, com um sorriso preguiçoso no rosto enquanto coloco minha camiseta de volta no lugar. Brazhensky está bufando como um touro e olhando para minhas tatuagens de prisão. Em nosso mundo, sou uma escória para ele. Muito humilde para colocar as mãos em uma mulher como Lilia. Kostya seria adequado como

marido, mas Elyah e eu não servimos para ser seus guarda-costas.

Quando ele encontra meu olhar furioso, eu sorrio. “Sua filha adora pau de prisão.”

Lilia se senta e olha para frente.

“É assim que você tem se comportado desde que saiu da minha casa?” Brazhensky está furioso com sua filha. “Como uma cadela no cio? Você não tem vergonha?”

Ela penteia os longos cabelos com os dedos, arrumando-os de volta no lugar. “Você sempre pensou que eu era uma prostituta. Pelo menos eu me divirto assim.”

Brazhensky está cuspindo agora. “Diversão? Abrindo as pernas para esse ninguém?”

Lilia arqueia uma sobrancelha e aponta para mim. “Este homem? Só este homem? Não, pai. Eu fodi todos eles.”

“Se sua mãe soubesse que ela deu à luz uma vagabunda, ela teria te afogado na banheira.”

Isso tira o sorriso do rosto de Lilia. Elyah dá um passo à frente, agarra a frente da camisa de Brazhensky e enfia o punho no queixo do homem.

A cabeça de Aran Brazhensky tomba para o lado e ele geme de dor, segurando o rosto. Assim que consegue falar novamente, ele se vira para Elyah e rosna: “Você vai se arrepender, seu pedaço de merda.”

“Você nunca mais falará com Lilia assim. Você nem vai olhar para ela ou eu vou quebrar a porra da sua cara.”

“Que nobre, defender sua prostituta.”

Elyah bate a testa na ponta do nariz de Brazhensky. O homem uiva de dor e o sangue jorra pela boca e pelo queixo. Seus lábios e dentes estão revestidos de

vermelho e ele encara Elyah com fogo nos olhos. “Seu pedaço de escória. Sua vida acabou, você me ouviu? Vou matar você como o animal que você é e dar de comer aos meus cães.”

Essas ameaças passam por Elyah como se ele nem tivesse ouvido o homem. Ele se vira para Lilia. “Este homem bateu em você. Ele bateu na sua mãe também?”

Basta olhar para um homem como Aran Brazhensky para saber que ele é liberal com os punhos. Ele tem o mesmo olhar cruel que meu pai tinha.

Diante da ferocidade de Elyah, Lilia amolece. Seus olhos estão fixos em seu lindo rosto e ela balança a cabeça.

“Eu vou matá-lo por você. Ele nunca mais vai te machucar.”

Kostya levanta a mão. “Ainda não. Não até que eu tenha meus diamantes.”

Relutantemente, Elyah se afasta de Brazhensky, mas cospe em seus pés. Ele fica atrás da cadeira de Lilia, com os braços cruzados sobre o peito.

“Nada?” Kostya me pergunta.

Pego a bolsa de Lilia e vasculho-a antes de procurar no forro algum caroço revelador. Então eu deixo cair aos pés dela. “Sem diamantes.”

“Então você e eu temos um problema, não é, Lilia?”

Eu estalo os nós dos dedos. “Eu não terminei com ela. Vou levá-la para a parte de trás do avião e terminar o trabalho.”

Agora que o meu desejo pela boceta de Lilia foi satisfeito, devo ser capaz de manter a minha mente no trabalho. Lancei meus olhos para baixo de seu corpo, me perguntando por onde deveria começar primeiro. Lilia é teimosa, então precisará de um pouco de dor para motivá-la. Seria uma pena arruinar sua beleza ou deixar marcas em seu corpo. Alguns dedos quebrados devem resolver o problema. Terei apenas que amordaçá-la e quebrá-los rapidamente para que Elyah não tente salvar sua mulher.

Dou um passo em direção a Lilia, mas Kostya levanta a mão novamente e eu fico onde estou.

Kostya se volta para Brazhensky. “Vou levar sua filha. Você poderá tê-la de volta quando eu tiver novamente de posse de dezesseis diamantes rosa.”

“E se ela nunca lhe disser onde eles estão?”

“Então você pode tê-la de volta em dezesseis pedaços.”

Atrás de sua cadeira, Elyah se encolhe.

“Você não pode tê-la. Minha filha está marcada para se casar. Ou ela estava, até...”

Lilia exclama: “Pai, chega! Não há nenhuma maneira de eu me casar com um de seus amigos de merda novamente.”

Kostya olha pensativamente de pai para filha. “Vou me casar com Lilia.”

Lilia balbucia de raiva. “Eu não me casaria com você se você fosse o último...”

“Por um dote de quatorze milhões de dólares.”

“O custo dos diamantes?” Brazhensky adivinha.

“Claro.”

Os lábios de Brazhensky se curvam. Ele esperava ganhar dinheiro ou ganhar favores casando a filha, e não perder uma quantia considerável de dinheiro do bolso. “Não estou pagando para você tirar minha filha das minhas mãos. Você vai pagar com sangue por sequestrar meu avião.”

Elyah tira a arma da parte de trás da calça jeans e a aponta na cabeça do homem. “Se você ameaçar meu *Pakhan* mais uma vez, colocarei uma bala na sua cabeça.”

Pela expressão brutal em seus olhos, nada o deixaria mais feliz do que matar o pai de Lilia.

Kostya abre as mãos e sorri. “Eu não tenho nenhuma briga com você. Quando pousarmos, você pode seguir seu caminho, mas levarei sua filha comigo. Encontre uma maneira de convencê-la a fazer o que estou pedindo, ou você nunca mais a verá viva.”

“Quem é você para me ameaçar? Vou mandar matar todos vocês,” Brazhensky grita a plenos pulmões, seu rosto ficando vermelho e uma veia latejando em sua têmpora.

Kostya estremece e pressiona os dedos na têmpora. O suor brotou em sua testa, um sinal claro de que ele está sofrendo uma de suas intensas dores de cabeça. Pego um punhado de lenços de papel e enfio-os na boca de Brazhensky e amarro seus pulsos com um pedaço de barbante que tiro do bolso. Elyah levanta o homem e, juntos, nós o arrastamos pelo corredor do avião e o trancamos no outro banheiro.

Lilia está observando Kostya. “Enxaqueca?” Ela adivinha.

“Sim,” ele murmura, ainda esfregando a testa.

“Deve ser uma agonia. Eu poderia ajudá-lo com isso.” Então ela se vira e olha pela janela.

Kostya lança lhe um olhar sinistro e depois se levanta. Caminhando até a frente do avião, ele se dirige ao piloto. “Diga ao controle de tráfego aéreo que você está tendo problemas no motor. Aterrisse em um aeroporto pequeno, o mais próximo possível de Paris.”

Poucos minutos depois, iniciamos nossa descida. Ninguém fala no jato até que as casas e estradas abaixo apareçam.

“Para onde vamos agora? Moscou?” Lilia pergunta. Toda essa conversa sobre cortá-la em pedaços não parece preocupá-la, ou ela está escondendo bem.

“A Rússia não é mais minha casa, *malyshka*. Vou levá-la para Londres, onde eu mesmo torturarei você para descobrir a localização dos diamantes. Quanto

mais você resistir, menos de você haverá para Elyah ou um dos homens de seu pai se casar. Continue assim por tempo suficiente e você estará morta."

Ela sorri para ele. "Então, não contar onde estão os diamantes me livrará de outro casamento que não quero. Maravilhoso."

Kostya olha para ela. "Você é a mulher mais irritante que já conheci."

Com uma mão estendida, ela examina as unhas. Elas não têm o formato perfeito de amêndoa brilhante de antes, mas ela olha para elas como se tivessem. "Você não se cansa de mim, não é?"

"Você levará isso a sério em breve," diz Kostya a ela.

A pressão do ar ao nosso redor muda e eu me sento mais abaixo no avião, onde posso observar Lilia. Elyah senta ao meu lado com a mandíbula tensa. Como deve estar atormentando-o ouvir tanta conversa sobre sua amada sendo dilacerada. A única maneira de salvá-la é persuadi-la a falar, mas Lilia nunca fez o que ele pediu nem uma vez na vida.

Lilia cruza novamente as longas pernas e nós dois olhamos para suas panturrilhas delgadas.

Coloquei minha cabeça de lado enquanto aprecio a lembrança daquelas pernas em volta dos meus quadris. "Desista. Ela não te ama."

"Você não sabe do que está falando. Lilia está ganhando tempo agora, mas Konstantin receberá seus diamantes e eu ficarei com Lilia."

Eu me irrito com suas palavras. "E o que eu ganho?"

Sua expressão escurece. "Eu ouvi você transar com ela. Desde quando você quer mais alguma coisa de uma mulher?"

"Não sei. Talvez eu queira alguma coisa."

"Desde quando?"

Desde que estávamos no topo daquele penhasco, olhando para as águas

escuras do Lago Como.

Desde que cruzamos a superfície do lago, caçando-a com uma luz poderosa.

Desde que eu disse a ela que ela é minha até ela morrer, e isso fez sua boceta jorrar contra meus dedos.

“Talvez ela me queira e não você.”

Elyah me encara e depois sorri, mostrando seus fortes dentes brancos. O lindo Elyah que fode com ela como se ela fosse uma rainha e sussurra palavras de amor em seus ouvidos. A raiva corre através de mim enquanto ele ri e balança a cabeça.

“Claro. Tudo bem.”

“Você estragou tudo há dois anos. Ela nunca vai te perdoar por duvidar que ela amava seu bebê.”

Isso tira o sorriso do rosto de Elyah. “Foda-se. Você nem mesmo a ama.”

Eu nunca disse nada sobre amor. Não há um pedaço da minha alma que mereça uma mulher como Lilia, mas nunca me preocupei com coisas como *merecer* e *ganhar*. Apenas *pegar* e *possuir.* Elyah deseja desesperadamente que Lilia o ame, mas não me importo se tiver que trancar Lilia em uma jaula pelo resto da vida para mantê-la.

“Por um tempo, pensei que você estava ficando entusiasmado com a ideia de compartilhá-la.”

A carranca de Elyah se aprofunda e ele olha pela janela.

“Vá em frente, Elyah. Admita. Quando eu estava transando com ela agora há pouco, você não entrou e me arrancou dela porque ouvi-la sendo fodida por mim quase fez você quase explodir nas calças.”

Nós três já passamos por muita coisa juntos para sermos separados pelo ciúme, e acho que todos sabemos que estamos muito ocupados quando se trata

de Lilia. Ela é demais para apenas um de nós aguentar.

Elyah passa a mão pelo rosto e balança a cabeça. “Não acho que ela jamais dará a um homem o que ele realmente deseja dela.”

Eu sorrio e tiro um pedaço de corda do bolso e deslizo-o entre os dedos. “Não se preocupe, meu amigo. Se ela não der de boa vontade, sempre há um plano B.”

05

Lilia

“Escolha.”

Elyah aponta a arma para o lado da cabeça do pai, seus olhos brilhando de raiva. Papai está ajoelhado no chão do avião, com o rosto uma bagunça sangrenta por causa do trabalho de Elyah mais cedo. Aterrissamos em algum lugar fora de Paris, mas a cabine ainda está lacrada.

Posso ver o quanto Elyah deseja matar papai, mas Konstantin está me dando a chance de escolher. Duvido que ele esteja interessado em saber se quero ou não mostrar misericórdia a Aran Brazhensky, o homem que fez e continua a fazer da minha vida um inferno. Acho que Konstantin só quer ver o que farei.

Se papai morrer, ninguém mais neste planeta saberá que estou grávida, exceto eu. Deixar Elyah matá-lo é provavelmente a coisa mais segura que posso fazer pelo meu filho. O pensamento deixa um gosto amargo na minha boca. Será este o meu primeiro ato como mãe, matar o meu próprio pai?

Olho para Elyah e balanço levemente a cabeça. Os olhos de Elyah se estreitam. Sua mandíbula teimosa se projeta. Então ele levanta a arma e desvia o olhar, a raiva brilhando em seus olhos.

“Não venha atrás de mim,” digo ao papai. “Não tente me encontrar. Não permita que meu nome passe novamente pelos seus lábios. E deixe *Babulya* em paz.”

Papai levanta os olhos tão furiosos que meu rosto fica quase preto, e meu coração dá um pulo, me perguntando se acabei de tomar a decisão errada. Só terei que ter certeza de me esconder tão bem que papai nunca me encontre para se vingar dessa humilhação.

Quando nós quatro desembarcamos, deixando papai, o piloto e o comissário

de bordo amarrados no chão do avião para serem descobertos depois que partirmos, somos recebidos por um vento gelado e um carro esperando.

“Eu vou dirigir,” diz Elyah, e pega as chaves do homem que trouxe o carro, um Lexus preto com vidros escuros.

Ele entra no banco da frente e eu fico encurralada no banco de trás, entre Kirill e Konstantin. Sua enxaqueca parece ter diminuído e seus olhos estão brilhantes e determinados enquanto saímos do aeroporto. O que quer que ele tenha reservado para mim a seguir, será brutal. Lembro-me com quanto prazer ele destruiu minha compostura e autoestima na sala de julgamento.

Você foi uma boa filha, Lilia Brazhensky? Você foi uma boa amante, Lilia Aranova?

Minha mão passa brevemente pela barriga, uma saudação secreta à minúscula vida dentro de mim. Se eu puder proteger esta criança, então todas as versões de mim mesmo que vieram antes não importarão mais. Olho para a estrada à frente, minha mente acelerada. Posso suportar a dor por mim mesma. Eu teria deixado Elyah quebrar meus braços para salvar Hedda do mesmo destino. Na noite em que Kirill me enforcou no porão, sofri horas de agonia com apenas um gemido. Se eles quiserem me torturar a localização dos diamantes, acho que poderia suportar o tormento deles por horas, talvez até dias, por pura teimosia. Mas não sou mais só eu. Se eles me machucarem, terei que contar a eles sobre o bebê. É o bebê deles, de Elyah ou de Konstantin. Eles não poderiam, não poderiam...

Adorar?

Os olhos de Elyah encontram os meus brevemente no espelho retrovisor e estão cheios de emoção. Konstantin desliza a mão pela minha coxa, quente e possessivo. À minha esquerda, o braço nu e musculoso de Kirill está pressionado contra o meu, me lembrando de como eu desabei sob seu toque brutal apenas algumas horas atrás. Agora vou para algum lugar com esses homens e ficarei

verdadeiramente sozinha. A lembrança da mão grande e forte de Elyah na minha nuca enquanto Kirill me fodia com uma arma e Konstantin assistia passa pela minha mente, e uma sensação quente e vibrante enche minha barriga.

Jesus Cristo, Lilia. Eles estão planejando torturar você até a morte, e não fazer um gangbang.

Dirigimos por horas e acho que estamos contornando Paris e indo em direção ao litoral. O campo que nos rodeia é rural, mas não tão remoto que não haja carros nas estradas e casas ocasionais espalhadas pelo campo. O tempo todo estou discutindo silenciosamente comigo mesma. Contar a eles sobre o bebê. Não contar a eles sobre o bebê. Eles têm que saber. Eles podem machucá-lo sem perceber.

Foda-se.

“Preciso fazer xixi,” anuncio.

A mandíbula de Konstantin flexiona, mas ele não diz nada. Poucos minutos depois, Elyah anuncia: “Há um posto de gasolina chegando.”

Viro-me para Konstantin. “Eu *realmente* preciso fazer xixi. Por favor.”

O *Pakhan* não diz nada, mas Elyah sai da estrada mesmo assim e entra no posto. É um lugar minúsculo com duas bombas e ninguém por perto, exceto uma figura indistinta dentro do caixa. A placa para os banheiros direciona as pessoas para os fundos.

Konstantin aponta a cabeça para a porta do passageiro do lado de Kirill no carro. “Vá com Kirill e Elyah.”

“Você pode me levar, por favor?” Pergunto-lhe.

Os olhos de Elyah se estreitam e me lembro de como ele declarou que sou uma víbora e que Konstantin não deveria confiar em mim. “Eu irei também…”

Eu mantenho minha bolsa aberta para eles olharem. “Eu não estou armada. Kirill me examinou cuidadosamente. Konstantin tem uma arma, não é?”

“Por que eu?” Konstantin pergunta.

Dou de ombros, colocando meu cabelo atrás da orelha. “Achei que poderíamos conversar enquanto faço xixi. Há algo que preciso lhe contar.”

Konstantin abre o paletó e me mostra a arma no coldre debaixo do braço. “Se você tentar fugir de mim, eu atirarei em você. Se você pedir ajuda a alguém, eu atirarei nele. Um coração bom como você não vai querer isso na consciência, não é?”

Ele acha que sou fraca por deixar meu pai viver. “Eu não quero que pessoas inocentes morram, que idiota da minha parte. Podemos ir? Vou me molhar aqui atrás.”

Quando estamos do lado de fora do carro, ele agarra meu braço e me segura perto enquanto me leva em direção ao banheiro feminino. Elyah e Kirill seguem atrás. É um lugar em ruínas e enferrujado, com carros velhos e barris empilhados por toda parte. Há prateleiras velhas e dobradas perto da porta do banheiro contendo uma série de latas de óleo e peças de carro.

Não fico surpresa quando Konstantin me segue para dentro do banheiro úmido e fedorento e coloca o pé na porta quando tento fechar o cubículo.

“Posso fechar?”

“Não. Deixe-a aberta.”

Não há janela aqui. Não é como se eu pudesse escapar de alguma forma. “Você realmente vai me ver fazer xixi?”

“Lilia, estou contando até sessenta, e quer você tenha feito xixi ou não, vamos voltar para o carro.”

Sinto uma onda de surpresa quando ele diz meu nome com sua voz profunda e precisa. Isso é diferente do *Número Onze* ou mesmo *malyshka*. Pela segunda vez naquele dia, puxo minha calcinha para baixo na frente de um homem e sento no vaso sanitário.

Nós nos encaramos e absolutamente nada acontece.

“Você não vai,” ele acusa.

“Me dê um segundo, isso é muito estranho,” murmuro baixinho, me contorcendo no assento. Não acredito que tenho que fazer xixi na frente de um homem de novo. Abro a boca para dizer: *Você é igualzinho ao papai*, antes que eu perceba, Konstantin vai se perguntar por que diabos meu pai estava me observando fazer xixi.

Olho em volta procurando algo para me distrair e meus olhos pousam em sua cicatriz. Seja lá o que tenha causado aquele ferimento, deve ter sido doloroso, e pelo que vi das enxaquecas dele, ele ainda está sofrendo.

“O que acontece quando você tem enxaqueca?”

Konstantin me olha em silêncio.

“Minha *babulya* tem enxaquecas e há pontos de pressão que podem aliviá-las. Peça-me para ajudá-lo na próxima vez.”

Sua sobrancelha danificada sobe pela testa com a frase *da próxima vez*. “Da próxima vez que eu tiver enxaqueca, você estará morta ou de volta à América.”

Por que terei revelado onde estão os diamantes? Se for assim, talvez eu esteja morta, mas não estarei na América. Não acredito nem por um segundo que ele vai me deixar ir. Eu o humilhei demais.

“Barulhos agudos provocam enxaquecas, não é? É o mesmo com *Babulya*. Ela não suporta barulho e luz quando suas dores de cabeça pioram. O apito da chaleira é insuportável. Até mesmo a campainha tocando ela descreveu como cacos de vidro perfurando seu crânio.”

“Apenas faça xixi, Lilia.”

“Estou tentando. É desencorajador ter alguém olhando para mim,” eu bufo. Olho ao redor do box do banheiro, tentando ler o grafite francês. “Você realmente esperava encontrar uma esposa leal e amorosa naquele concurso

confuso?”

“Lilia...” Ele rosna em tom de advertência.

“Preciso de uma distração, Konstantin. Por favor.”

Seu belo rosto está repleto de aborrecimento e ele olha brevemente para o teto. “O concurso foi perverso e criminoso, mas minha vida é perversa e criminosa. Eu precisava ver quem conseguiria sobreviver no meu mundo. A maioria das competidoras seria reprovada, mas eu suspeitava que haveria uma ou duas que perceberiam o que eu estava oferecendo e colocariam seu coração nisso, e eu estava certo. A última meia dúzia de mulheres foi promissora.”

“Qual você mais queria?”

Ele sorri com seu sorriso elegante e diabólico. “Ela era excelente. Cabelos longos e dourados. Um coração orgulhoso. Nervos como ferro e rosto de anjo. Sua beleza era perfeita contra aqueles brilhantes diamantes rosa. Tudo o que ela precisava fazer era estender a mão e pegar minha.” O sorriso desaparece de seu rosto. “Mas ela escolheu a morte em vez da vida ao meu lado, então não era ela, afinal.”

Lembro-me da mistura de choque e alegria em seu rosto enquanto o vento soprava nossos cabelos na beira do penhasco. Ele estendeu a mão para mim e eu não sabia se ele pretendia me beijar ou me matar. “Você teria se casado comigo se eu tivesse me afastado daquele penhasco e caído em seus braços?”

Konstantin passa a língua pelos dentes, pensando nisso. “Depois de tudo que você fez com nós três, eu teria sido louco se aceitasse você como minha esposa. Então, sim, eu teria me casado com você.”

Eu comecei a rir. “Realmente? Você é louco, sabia disso?”

Ele devolve meu sorriso, recostando-se na parede. “Adoro um desafio, malyshka. Sempre quero o melhor de tudo e, apesar do que eu pensava, a melhor mulher não é um cachorro manso.” Seu olhar se direciona para o meu. “É uma

pena que você tenha estragado tudo roubando de mim.”

Minha risada morre. “Você estragou tudo ao fazer dezessete mulheres prisioneiras e assassinar uma delas.”

“Mas então eu nunca teria conhecido você. Elyah achou que eu estava louco por colocar minhas mãos em você, considerando quem foi minha última noiva. Ignorei os sinais de alerta quando se tratava dela. Confiei nela quando não deveria e nunca tentei ganhar sua lealdade.”

Ainda não estou fazendo xixi, mas nós dois parecemos estar gostando demais da nossa conversa para nos importarmos. “Como você ganharia a minha?”

Ele coloca a cabeça de lado, olhando para mim. Durante muito tempo ele não fala nada e percebo que não sabe o que me oferecer. A decepção toma conta de mim, mas rapidamente a deixo de lado. Não quero que Konstantin me entenda por dentro e por fora. Quero correr e nunca mais vê-lo.

“Dando a você o que nenhum homem jamais deu. Seu total e absoluto respeito e devoção.”

Engulo em seco e forço meu rosto a não revelar nada enquanto meu coração bate forte no peito, cada batida ecoando com *sim, sim, sim*. “Respeito e devoção? Por favor. Que tal, *Desculpe por trancá-la em um porão*?”

“Já passamos das desculpas e explicações, *malyshka.* Não quero isso de você, e você não pode esperar nada disso de mim.”

“Elyah me deu sua devoção e eu nunca caí a seus pés.”

“Elyah viu uma donzela, não uma mulher. Ele subestimou você e eu a subestimei também.” Seus olhos se enchem de desafio e... calor? O choque toma conta de mim quando percebo que o frio e cruel Konstantin está me dando o que nenhum homem jamais deu.

Respeito.

Para minha mente. Pelas minhas habilidades. Por enfrentá-lo no auge de seu poder e brutalidade. Como seria ter sua devoção também? Imagino-me ocupar o meu lugar ao seu lado, não como seu receptáculo ou subordinada, mas como sua igual. Meu olhar cai para suas mãos. Posso imaginá-los segurando minha barriga inchada e sussurrando que protegerá nosso filho com sua vida.

Respiro fundo e passo a mão pelo cabelo. Por que não posso simplesmente fazer xixi?

“O que você queria me contar? É sobre os diamantes?”

Lambo meu lábio superior, pensando com cuidado. “Minha situação mudou desde que escapei do seu concurso.”

Seu olhar se estreita. “Como?”

Abro a boca e hesito. Cuidado, Lilia. “As coisas estão… complicadas.”

“Como?”

“Não vou voltar a ser a boneca impensada de alguém,” digo rapidamente. “Levar uma surra por ter sofrido um aborto espontâneo.”

As sobrancelhas de Konstantin se juntaram, mas ele não diz nada.

“Eu não quero isso e você...” Esfrego a testa como se me doesse dizer isso. “Você também não. Você quer uma igual, e nós dois sabemos que sou eu.”

“Só há um problema, Lilia.”

“Eu sei. Os diamantes. Bem, não vou devolvê-los. Meu orgulho não permitirá isso depois de tudo que você fez comigo e com as outras mulheres. Mas... e se eu ficar com eles e você ficar comigo?”

Eu luto com tudo que tenho para manter a cara séria. Com minha calcinha em volta dos tornozelos, sentada no vaso sanitário em um banheiro gelado, estou fazendo a performance da minha vida.

Os olhos de Konstantin se arregalam em choque. Seus lábios se abrem e ele

está prestes a dizer alguma coisa, mas então uma parede cai atrás deles. “Só faça xixi, Lilia.”

Suspiro e abaixo a cabeça como se ele tivesse frustrado minha última esperança. Alguns momentos depois, depois de conseguir usar o banheiro, levanto-me para vestir minha calcinha e lavar as mãos na pequena bacia rachada.

Konstantin está olhando para mim com uma expressão desprotegida, algo parecido com arrependimento tingindo suas feições. Acho que ele pode estar imaginando algo como o que eu estava pintando para ele alguns momentos atrás.

Remexo na minha bolsa, meus movimentos são casuais, como se estivesse procurando brilho labial. Meus dedos se fecham em torno de um tubo longo e fino.

Viro-me para ele e coloco a mão em sua manga, meus olhos enormes e tristes. “Konstantin, o que você disse sobre ganhar minha lealdade…”

Ele está muito ocupado olhando nos meus olhos e se perguntando o que poderia ter acontecido para notar quando eu levanto algo aos lábios. O objeto tem apenas alguns centímetros de comprimento e é oco e cônico na extremidade mais próxima da minha boca. Comprei isso em Trieste. Apenas para Konstantin.

Eu sopro pelo tubo. Duro.

Um grito agudo rasga o ar. Não é alto, mas é cruelmente nítido.

“Porra!” Konstantin agarra seu crânio e se dobra, ofegando de dor. O assobio é mais poderoso do que o grito de uma mulher com dor, um som que Konstantin considera insuportável. Seus joelhos dobram sob ele e ele cai no chão.

Gosto dele ali de joelhos, suando, xingando e segurando a cabeça. “Você realmente acha que poderá ganhar minha lealdade? Você estará rastejando por mil anos antes que eu lhe dê um pedacinho do meu coração.”

Passo correndo por ele e saio do banheiro. Meu cabelo está voando em volta

da minha cabeça e meu rosto está cheio de angústia quando fico cara a cara com Elyah e Kirill assustados.

Aponto para trás e grito: “Alguma coisa está errada com Konstantin. É a cabeça dele.”

O chefe deles. Amigo deles. Eles passam por mim para chegar até ele, mas ambos imediatamente percebem seu erro e voltam.

Chuto as prateleiras da porta do banheiro com todas as minhas forças. Está tão velho e enferrujado que desaba imediatamente, bem do outro lado da porta, impedindo o caminho de Kirill e Elyah.

Elyah xinga e imediatamente agarra o metal retorcido, tentando afastá-lo, mas há tantos destroços e ele está preso. “*Lilia.*”

Kirill encontra meu olhar através da confusão de latas e prateleiras quebradas. Seus olhos negros brilham de fúria.

E então ele sorri. É o sorriso distorcido de um vilão que percebe que a perseguição ainda não acabou e que ainda há muitos quilômetros a percorrer. Ele enfia dois dedos na garganta de cada lado da traqueia e depois aponta para mim.

Você está morta.

Então ele me manda um beijo e juro que posso sentir o fantasma de seus lábios contra os meus. Eu não me detenho na sensação. Meu coração bate descontroladamente, me viro e corro.

Uma fileira de árvores e cercas vivas atrás do posto de gasolina são os únicos obstáculos entre mim e as três estradas estreitas escondidas atrás da vegetação. Um caminhão rebocando um trator tenta ultrapassar um carro em uma das pistas. Corro por uma faixa de grama, em direção ao trator, estendo a mão e abro a porta, rezando para que os dois motoristas estejam envolvidos demais na discussão para me notar. Subo e entro na cabine e fecho a porta atrás de mim, enquanto os dois motoristas gritam um com o outro em francês. O chão

do trator está coberto de lama, pedaços de palha e grama, e deitei nele com a cabeça apoiada na bolsa.

O motorista do caminhão liga o motor e partimos. Com o coração batendo forte nos ouvidos, me esforço para ouvir vozes russas profundas gritando para o motorista parar.



Café, pão e ovos mexidos. Tudo fica mais delicioso quando você está livre. É de manhã e estou sentada em um pequeno restaurante de motel depois de uma noite ansiosa, tentando descobrir o que acontece a seguir.

Operação Esconder-se da Máfia Russa, versão 3.0.

De volta a Trieste, penhorei três dos diamantes lisos da tiara de Konstantin. Então, depois de me esconder dentro do trator ontem, desapareci em uma cidade pequena e usei parte do dinheiro que sobrou em um brechó próximo. Comprei jeans, um suéter grosso, um boné de beisebol e uma mochila.

Esta manhã saí e comprei um telefone portátil e um laptop usado. Eu inicializo o laptop e verifico meu endereço de e-mail, digitando os detalhes de login com dedos trêmulos. Meu plano com o joalheiro e a Máfia Veneta funcionou?

Quase soco o ar quando vejo um monte de notificações por e-mail me informando que seis milhões de dólares em criptomoedas foram depositados em uma conta de garantia. Alguém da Máfia Veneta contactou-me para perguntar a localização dos quinze diamantes restantes.

Sorrindo de orelha a orelha, digito uma resposta, dizendo que os diamantes estão localizados no cofre de um determinado quarto de um hotel em Trieste. Deverão pedir por Tomas Szabo na recepção e ele lhes dará a chave do quarto.

Nos quarenta e cinco minutos seguintes, tomo café e mastigo as unhas, verificando meu e-mail de vez em quando. Se eles desaparecerem com meus diamantes sem liberar os fundos, estou ferrada.

Finalmente, um e-mail aparece. Seis milhões de dólares em criptomoeda foram liberados em minha conta.

Seis milhões de dólares.

Nunca tive mais do que algumas centenas sob meu controle pessoal ao mesmo tempo. Esse dinheiro é mais do que eu jamais sonhei.

Mas não é só meu dinheiro. As mulheres que sofreram comigo no porão também ganharam esse dinheiro. Eu faço as contas na minha cabeça. Divididos em dezesseis partes, seis milhões de dólares equivalem a quase quatrocentos mil dólares cada, e isso será suficiente para mim se eu conseguir um emprego também. O dinheiro não pode de forma alguma desfazer o terror dos dias em que fomos mantidas em cativeiro, mas é algo para ajudar as mulheres a recuperarem-se. Mas como faço para localizar todas as mulheres quando só sei seus primeiros nomes? Apenas um punhado delas se apresentou à imprensa, e como eu enviaria o dinheiro para elas?

Mas isso é um problema para mais tarde.

Abraçando minha xícara de café com uma das mãos, navego até um mapa da Europa. Onde é a próxima parada? Não quero voltar para os Estados Unidos e não quero que meu passaporte seja examinado muito de perto nas fronteiras internacionais. Se eu permanecer na União Europeia, onde não existem fronteiras rígidas, e viajar por estrada e trem, talvez consiga passar de um país para outro sem que ninguém sequer olhe para o meu passaporte e muito menos registre os meus movimentos.

Meus olhos percorrem as cadeias de montanhas e cidades desconhecidas enquanto tomo um gole de café, me perguntando onde seria seguro para mim e para o bebê. Minha outra mão está segurando meu estômago.

“O que você acha, feijãozinho?” Murmuro, olhando para a tela. “Você não sabe? Nem eu. Então, que tal deixarmos o destino decidir?”

Fecho os olhos, circulo o dedo indicador sobre o mapa e aponto para a tela.

Quando movo a mão e leio o nome da cidade, diz Praga, na República Tcheca.

Fico olhando para o nome por vários minutos, tentando lembrar se sei alguma coisa sobre Praga, mas não encontro nada. Eu nem conheço ninguém que esteve lá.

Uma pesquisa na Internet me mostra fotos de uma bela cidade antiga com vista para um castelo. Pontes de paralelepípedos atravessam um largo rio azul. Um relógio gótico tem vista para um lugar chamado Praça Venceslau.

À medida que percorro as imagens da cidade antiga, uma sensação de paz toma conta de mim. Praga é um lugar de beleza longe de tudo que já conheci. Quando procuro o custo de vida, fico emocionada ao descobrir que é mais barato do que em casa.

Paro de rolar a tela e volto ao mapa, procurando uma rota para Praga de trem. Atualmente estou no campo, perto de Reims, e terei que ir para Dijon antes de cruzar o sul da Alemanha e depois para a República Tcheca. Uma viagem cansativa de quinze horas para percorrer seiscentos quilômetros, mas nenhuma locadora me deixará dirigir um carro para fora da França, e eles exigirão identidade e cartão de crédito. Melhor comprar passagens de trem com dinheiro e manter meu boné de beisebol abaixado.

Na tarde seguinte, embarquei em um trem para Dijon com minha mochila contendo uma camiseta limpa, uma roupa íntima, uma escova de dente e uma xícara de café e um sanduíche em um saco de papel. O trem está meio vazio e me acomodo em um assento perto de uma janela ensolarada. Assim que o vagão estremece e começamos a sair da estação, meus ombros relaxam, mas só um pouco.

Enquanto observo a paisagem passando e tomo meu café, meu coração começa a ficar mais leve.

Troco de trem na Alemanha com alguns olhares furtivos por cima do ombro. A plataforma transborda de pessoas andando de um lado para outro, puxando pequenas malas atrás de si. Por um momento avisto um homem alto e de aparência orgulhosa, de camisa branca, e quando ele se vira para mim, meu estômago revira. Apenas seus olhos são castanhos, não cinza.

Meus olhos se fecham e o sono me envolve em um cobertor de veludo.

Há um peso quente em meus braços que emite ruídos suaves e sonolentos. Olho para seu rosto angelical e percebo que é ela. Minha filha. Ela tem apenas alguns dias de vida e sua mãozinha está agarrada ao cobertor que a envolve. Estou tão cheia de amor que não presto atenção à presença atrás de mim. Várias presenças.

Um se aproxima e uma mão grande aperta meu ombro. Ele pressiona os lábios na minha têmpora e sussurra no meu ouvido: “Ela é linda, Lilia.”

Acordei com um suspiro, meus olhos arregalados e olhando ao meu redor. O sonho foi tão vívido que, por um momento, não sei onde estou. O vagão mal iluminado sacode durante a noite.

Deslizo a mão sobre minha barriga. Uma menina. Será uma menina? Meu coração dói ao pensar que minha filha poderá crescer entre homens perigosos que a usarão como os homens da minha vida me usaram.

Pouco depois das oito da manhã, o trem chega a Praga Hlavni, e eu desço junto com os outros viajantes cansados. É uma manhã cheia de sol aquoso e o ar fresco e seco tem cheiro de pastelaria. As estações logo mudarão e, enquanto me dirijo para a saída, sorrio ao pensar em ver as árvores desta bela cidade ficarem vermelhas e douradas.

A primeira coisa que faço na minha nova cidade é encontrar um

apartamento para alugar na zona leste do rio, o mais próximo possível do centro da cidade. É pequeno e a cama é estreita, mas é barata e tranquila e tem vista para um jardim tranquilo.

Poucos dias depois, consegui um emprego de garçonete em um restaurante na Praça Venceslau. Eles têm poucos funcionários e ela pode me oferecer até dez turnos por semana. Fica a trinta minutos de caminhada de casa, e a caminhada vai ficando cada vez mais difícil à medida que minha barriga cresce. Ainda assim, é um começo e um pouco de esperança.

A comida tcheca partilha muitas semelhanças com a comida russa, tenho o prazer de descobrir. Os fartos ensopados, sopas e legumes em conserva me lembram *Babulya* e me ajudam a lembrar os pedidos. No final do meu primeiro turno de quatro horas, meus pés estão doendo, mas o gerente está sorrindo para mim. Eu tenho o trabalho.

O enjoo matinal vem e vai. A maioria dos meus turnos começa ao meio-dia e me sinto melhor depois de caminhar até o restaurante. A maior parte da comida que servimos tem um cheiro maravilhoso, exceto os queijos. Se alguém quiser terminar a refeição com queijo, tenho que prender a respiração e desviar o rosto.

No Halloween, eu esculpo uma abóbora, acendo-a e coloco-a na janela da sala. A vela dança alegremente lá dentro, lançando sombras pontiagudas por toda a sala. O rosto sorridente e perverso me parece amigável, como se estivesse afugentando todos os meus inimigos.

No dia de Natal, estou na Ponte Charles enquanto flocos de neve caem. Estou grávida de treze semanas e acho que posso sentir meu bebê com as mãos pela primeira vez. Durante semanas me olhei de lado no espelho, me perguntando se minha cintura parecia mais grossa, mas hoje tenho certeza disso.

“Olá, baby,” eu sussurro, minha respiração vaporosa se enrolando em torno de mim. “Feliz Natal. Em breve será o Ano Novo e o ano em que você nascerá. Mal posso esperar para conhecer você.”

O bebê terá olhos azuis ou olhos cinzentos? Verei o rosto de um dos meus algozes olhando para mim quando finalmente nos encontrarmos ou apenas a inocência de uma criança?

“Aconteça o que acontecer, baby, vou protegê-la de tudo de ruim no mundo,” murmuro, olhando para as águas escuras e geladas do rio Vltava. “Não tenho muito para lhe dar, exceto meu amor. Espero que seja suficiente.”

Não poderei dar a esta criança o luxo que conheci, mas tapetes brancos e luxuosos e pratos com bordas douradas não significam nada quando uma casa é fria e cruel.

No caminho para casa, lembro-me da minha resolução de localizar as outras mulheres do concurso e dividir o dinheiro dos diamantes com elas. Assim que chego na porta da frente, ligo meu laptop e começo a pesquisar contas de mídia social. Conheço alguns de seus nomes completos e encontro suas contas no Facebook e Instagram. Minha mão paira sobre o botão de mensagem, mas não parece certo aparecer em suas caixas de entrada e possivelmente traumatizá-las novamente.

Em vez disso, mudo para um mecanismo de busca e começo a ler sobre como transferir criptomoedas anonimamente para pessoas que não possuem uma conta de criptomoeda. Aprendi que é possível, mas você precisa do endereço de e-mail ou número de telefone.

Algumas horas depois, fecho meu laptop e vou para a cama. Serão necessárias muito mais pesquisas para encontrar todas e de alguma forma verificar suas informações de contato, mas pelo menos tenho um plano agora, e um plano me dá esperança.

No final de fevereiro, enviei três pagamentos, um para Hedda, um para Deja e um para Olivia. Cada transferência é anônima, mas vem com uma mensagem que só elas entenderão.

Um décimo sexto, com amor a partir da onze. E adiciono um emoji de

diamante. Nenhuma das mulheres terá esquecido a tiara brilhante de Konstantin.

No dia em que faço login e vejo que Hedda transferiu sua parte do dinheiro para uma conta bancária, levanto-me do computador com um grito de alegria. Minha primeira vitória, e isso me dá uma onda de felicidade. Ainda estou muito longe de localizar todas, mas se tiver que contratar um investigador particular para encontrar algumas das mulheres, eu o farei.

Segundo a internet, meu bebê nascerá no dia 10 de junho. Um bebê de verão. Imagino-me sentada na minha pequena varanda, rodeada de vasos de plantas, banhada pelo sol suave, e amamentando o pequeno nos braços. Ainda não fui ao médico para fazer um check-up, mas sei que preciso, e logo. Estou adiando isso o máximo possível porque tenho medo de ser deportada se um funcionário descobrir que estou neste país ilegalmente. Não sei como vou obter a certidão de nascimento desta criança sem mostrar meu passaporte. Fico acordada à noite me preocupando com isso.

Não sei o que fazer a não ser continuar colocando um pé na frente do outro, então é isso que faço. Eu trabalho no restaurante e pago meu aluguel. Como alimentos nutritivos para o bebê e vasculho os mercados de segunda mão para fazer um pequeno berçário no canto da minha sala. Um carrinho resistente. Um berço de madeira amarelo. Um móbile de elefantes e tigres em gravatas-borboleta amarelas para pendurar acima. Roupas de bebê tão pequenas e adoráveis que me fazem sorrir toda vez que olho para elas.

Nas minhas manhãs de folga fico tão exausta que não consigo fazer nada além de sentar nos cafés e ver o mundo passar, e começo a notar algo em mim que me faz cravar as unhas nas palmas das mãos.

Não consigo parar de olhar para os homens.

Homens altos e bonitos, com camisetas justas e shorts de corrida, correndo ao longo do rio. Empresários elegantes em ternos sob medida que mostram seus ombros musculosos. Comerciantes de macacão, serragem entrelaçando os

antebraços musculosos e as mãos fortes. É irritante reconhecer isso, mas estou com mais tesão do que nunca em minha vida.

O nível da minha libido está muito alto. Só quando fiquei cara a cara com Elyah é que senti os primeiros sinais de interesse por um homem. Eu me pego olhando para o espaço, lembrando-me da maneira suave como ele costumava dizer “Bom dia, Lilia,” com seu sotaque forte, enquanto olhava nos meus olhos. Cada vez que eu abria a porta da frente para ele, eu queria estender a mão e tocá-lo. Segure seu pescoço. Sentir os músculos de seus ombros. Sua barriga. Observá-lo inspirar com força enquanto deslizo minha mão pela frente de suas calças e sinto o contorno grosso de seu pênis. Aquelas breves semanas em que Elyah me beijou e me tocou foram preenchidas com uma energia nervosa e uma frustração tão intensa que pensei que poderia explodir se ele não me fizesse dele, mas isso não foi nada comparado ao que estou sentindo agora. O que eu não daria para sentir seu corpo pesado no meu enquanto minhas mãos se espalhavam sobre seu peito tatuado, duro e pronto para ele empurrar seu pau grosso...

Lilia. *Não.*

Sento-me mais ereta, aperto mais o casaco em volta do corpo no ar gelado e tomo um gole de café gelado. Eu não quero esse homem. Eu não quero nenhum homem.

E, no entanto, nem dois minutos se passam antes que eu esteja olhando novamente para os homens na rua, meus olhos inquietos percorrendo seus corpos, mãos e rostos. Alguns deles são bonitos. Alguns têm corpos grandes e poderosos e lindos olhos que me examinam com interesse. Vários homens me abordaram nos últimos meses, captando a necessidade que pareço estar transmitindo com uma antena de quinze metros. *Essa mulher precisa ser fodida.* Balanço a cabeça para cada um deles porque não me atrevo a me envolver com outro homem quando minha confiança em sua espécie está em baixa. Digo a mim mesma que esse é o motivo, mas a verdade é muito mais sombria.

Nenhum desses homens são *eles*.

Se eu desejasse apenas Elyah, eu poderia compreender e perdoar meu corpo. Uma vez, ele foi gentil comigo. Ele me segurou como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo. Mas não é apenas Elyah. Lembro-me da maneira rude com que Kirill me despiu e me fodeu no jato com um gemido. Eu não deveria ter gostado disso na época, mas foi tão bom ser ruim com ele.

Eu até revivo o momento em que Konstantin me empurrou no chão depois de me foder, segurando meu queixo e rosnando: *"Quando eu terminar com você, espere por suas ordens. Não tome liberdades."* Não me lembro disso com repulsa. Lembro-me disso com uma pontada de desejo. Na minha fantasia, passo a língua pelo lábio superior e sussurro: "*Sim, ser*." Sua expressão feroz suaviza e ele lentamente enfia o polegar na minha boca para eu chupar. O tempo todo, Kirill e Elyah estão me observando, morrendo de vontade de se revezar. Quero todas as mãos deles em mim ao mesmo tempo enquanto lambem, chupam, mordem, fodem.

Empurrando minha xícara de café para longe de mim, fico de pé. Devo chegar ao restaurante para o meu turno, então me afasto rapidamente, tentando deixar aquela fantasia sinistra e perigosa para trás.

O turno do almoço é movimentado e me perco no trabalho de anotar pedidos e levar pratos fumegantes para as mesas. Minha seção está cheia de turistas de outono que vieram ver a bela cidade de Praga sob um céu azul e aguaceiros ocasionais. Eles têm todo o tempo do mundo para pedir pratos de comida e garrafas de vinho tinto apimentado. Estou carregando mais uma braçada de pratos sujos de volta para a cozinha quando o novo ajudante de cozinha, um garoto de dezessete anos e com pouca experiência de vida, esbarra em mim enquanto conversa com o chef por cima do ombro. Tropeço em seu tornozelo e todos os pratos voam pela cozinha. Começo a cair, e o chão sobe, duro e implacável.

O bebê.

Agarro minha barriga e grito, estendendo a mão e a perna para proteger o bebê. Imagens horríveis passam pela minha cabeça. Ser atropelada por um motorista bêbado enquanto tento atravessar a rua. Alguém roubando meu bebê do carrinho porque estou tentando fazer malabarismos com dez coisas ao mesmo tempo. Sendo tão privada de sono como mãe solteira, que cometi um erro terrível e nos machuquei. Estou sozinha com esse bebê. Não apenas agora, mas sempre. Não há ninguém para me segurar quando eu cair.

Caio com força e minha palma e meu joelho batem nos ladrilhos. Fico onde estou por um momento, respirando com dificuldade enquanto o terror corre em minhas veias. Estou bem. O bebê está bem.

Então, por que sinto que estou pendurada em um precipício?

Faço uma careta e me sento, estremecendo quando o chão roça meu joelho machucado.

“Lilia! Você está bem? Jakub, observe para onde você está indo.” O chef, Pavel, coloca a mão debaixo do meu braço e me ajuda a ficar de pé. Decidi usar meu nome verdadeiro no restaurante porque é muito difícil me adaptar a um falso, mas ninguém sabe meu sobrenome verdadeiro.

Minha mão ainda está sobre minha barriga e está delineada através do meu avental. Devo parecer que vi um fantasma quando Pavel olha da minha barriga para o meu rosto e pergunta: “Você está grávida?”

Eu não estava pronta para contar a ninguém e este não é o momento. Começo a balançar a cabeça para negar veementemente. “Eu estou...”

Pavel abre um sorriso. “Mas isso é maravilhoso. Quando é o seu nascimento? É um menino ou uma menina? Quem é o pai?”

Cada uma de suas perguntas me atingiu como uma bala. “Cinco meses e meio. E não sei se será menino ou menina.” Finjo não ouvir a pergunta sobre o

pai.

Pavel sorri para mim. “Você quer que seja uma surpresa? Antiquado. Eu gosto disso.”

Tão “antiquado”. Sem consultas. Sem médicos. Nem mesmo uma parteira e um plano de parto. O pânico toma conta de mim novamente ao ver como estou despreparada, e o chef me olha preocupado.

“Você não está com problemas, está? Onde está o pai?”

Olho para o rosto amigável e enrugado de Pavel. Alguém se preocupando comigo. Alguém está preocupado comigo. Eu não sabia o quanto estava desejando isso até aquele momento, e lágrimas brotaram em meus olhos.

Deslizo rapidamente meus cílios e respiro rapidamente. “Eu... deixei ele para trás. Ele não é um bom homem.”

O rosto de Pavel se enruga de preocupação e ele estende a mão para tocar meu braço.

“Quero continuar trabalhando aqui,” digo rapidamente. “Estou bem. Eu simplesmente tropecei, só isso. Tenho bastante tempo antes do nascimento.” Quanto mais eu resistir a gastar meu décimo sexto dinheiro em diamantes, mais segura me sentirei.

“Claro. Minha esposa trabalhou até os sete meses e meio de gravidez de todos os nossos filhos. Mas você deve desacelerar se estiver muito cansada. Não é bom para você ou para o bebê. Jakub, limpe isso,” acrescenta, apontando para todos os pratos que o ajudante de cozinha me fez deixar cair. O menino começa a trabalhar com uma vassoura e pá.

Dou um rápido sorriso para Pavel, ajustando meu avental para que minha barriga não apareça muito, e volto para o restaurante. Tenho uma mesa nova, mas uma das garçonetes está entregando um cardápio para o único cliente masculino, então tenho alguns minutos para verificar as outras mesas. Um jovem

casal quer mais copos de cerveja e, no caminho para avisar o barman, passo pela minha nova mesa.

Uma mão grande segura meu pulso e uma voz com sotaque russo diz: “Lilia? Que diabos?”

06

Lilia

Por um segundo meu cérebro se recusa a acreditar que ouvi alguém falando inglês com sotaque russo. Só tenho consciência de um homem me segurando para que eu não possa escapar. Sua mão grande me segura como uma algema e meu olhar percorre seu relógio caro, sobe pelo braço de seu paletó e chega a um rosto bronzeado com cabelos escuros e levemente encaracolados.

Com um sobressalto, eu o reconheço. Maxim Vavilov, filho de Artem Vavilov, um dos amigos mais próximos de meu pai. Ele está sorrindo para mim, confuso, mas satisfeito.

Arranco meu pulso de sua mão e o esfrego como se ele tivesse me queimado. Eu tenho que sair daqui. Eu tenho que *correr.* Se se espalhar entre a Bratva que fui vista em Praga, estou ferrada. Vou ter que desenraizar minha vida novamente.

O sorriso caloroso desaparece no rosto de Maxim e sinto um choque ao perceber que ele não está me perseguindo. Isto é uma coincidência, e talvez eu possa convencê-lo a manter a boca fechada.

Coloco um sorriso no rosto e faço meu tom o mais amigável possível. “Desculpe, tropecei na cozinha e me assustei. Maxim. Que maravilha ver você. O que o traz a Praga?”

Ele relaxa mais uma vez e abre as mãos com um sorriso. “Trabalho. Sempre funciona.”

Suponho que o pai dele deve ter alguns contatos nesta cidade. Estremeço ao lembrar que a Bratva está por toda parte.

“Eu vi seu pai no verão passado. Ele sente sua falta desde que você deixou a América.”

Deixei um pouco de tristeza tomar conta do meu tom. “Tem sido difícil para mim desde que Ivan faleceu. Ainda não estou pronta para estar em casa. Muitas lembranças ruins.”

“Claro. Mas uma garçonete, Lilia? Você é boa demais para isso.”

A irritação percorre minha espinha. Ele é um criminoso e acha que pessoas como nós são boas demais para servir mesas? Este é um trabalho honesto e estou orgulhosa dele. “Eu gosto daqui. Agora, o que posso oferecer para você?”

Levo seu pedido para a cozinha, minha mente acelerada, tentando bolar um plano. Maxim me encara o tempo todo enquanto come, seus olhos me acompanhando de um lado para outro pela sala de jantar.

Quando meu turno termina, ele está me esperando lá fora.

“Lilia, aí está você. Jante comigo esta noite.”

Estou bem enrolada em meu casaco para esconder minha barriga. Meu joelho machucado está doendo. “Eu realmente não posso, me desculpe. Mas eu poderia pedir um favor? Por favor, não conte ao meu pai ou ao seu pai que você me viu. Papai está ficando impaciente comigo, mas ainda preciso de mais tempo antes de ir para casa.”

“Tudo bem, mas você fará com que valha a pena?” De repente, o sorriso de Maxim se enche de insinuações.

A expressão implorante desaparece do meu rosto. Estou tão farta de homens. Tudo o que fazem é exigir, manipular, tomar. Eu me afasto. “Foda-se, Maxim. Eu não vou dormir com você.”

Uma expressão magoada surge em seu rosto e ele corre para me alcançar. “Eu não quis dizer isso. Eu quis dizer jantar. Sempre gostei de você, Lilia, e agora que Ivan morreu, pensei que poderíamos ter mais assuntos para conversar.”

Que maneira adorável de falar com uma viúva. “Sinto muito, só não estou

pronta para namorar ninguém agora.”

“Quero pedir sua mão ao seu pai,” ele deixa escapar.

Meus olhos se arregalam. Outro casamento arranjado. Eu me pergunto o quão rápido ele correria se eu levantasse minha camisa e mostrasse minha barriga de grávida.

Se eu sair agora, Maxim vai pegar o telefone esta mesma noite e minha presença aqui será divulgada. Eu tenho um apartamento aqui. Eu tenho um emprego. Eu tenho uma *vida*. Isso não é justo.

Tudo o que consigo pensar é ganhar um pouco de tempo e sorrio para Maxim. “Eu não tinha ideia de que você sentia isso por mim. Estou lisonjeada, mas devo avisar que vou precisar de muito cortejo. Não cabe ao meu pai com quem me casar em seguida. Depende de mim.”

Sua boca se curva em um sorriso. “Sou um homem paciente.”

Tentando não revelar o quão relutante estou em colocar os olhos nele novamente, digo a ele: “Há um bistrô perto da Praça Venceslau chamado Nechci. Encontre-me lá às oito.”

Em casa, ando para cima e para baixo. Talvez eu devesse apenas correr, mas meus olhos pousam no berço amarelo no canto, tão brilhante, esperançoso e pronto para abrigar meu bebê. Meu coração dói ao pensar em deixar este precioso refúgio para trás.

Maxim beija minha bochecha quando chego ao restaurante às oito, e tenho que me manter cuidadosamente longe dele para que seu braço não roce minha barriga de grávida.

“Vinho?”

“Não, obrigado. Só água para mim.”

“Você pode ter um.”

Ele tenta servir vinho na minha taça, mas eu cubro com a mão. “Honestamente, não estou bebendo atualmente.”

“Provavelmente é uma boa ideia. Você cresceu muito desde a última vez que a vi.”

Ele ri, e o sorriso desaparece do meu rosto. Comentar sobre o peso de uma mulher, que charme. Nós nos conhecíamos quando crianças, e lembro-me de como uma vez ele teve um colapso por perder um jogo de snap. Ele provavelmente não mudou muito.

Maxim fala a maior parte do tempo durante o jantar e não parece notar ou se importar que estou dando respostas monossilábicas a tudo o que ele está dizendo. Quando consigo fazer uma ou duas perguntas para tentar orientá-lo em uma direção útil, ele me dá uma resposta vaga ou me ignora completamente.

Nossa noite termina e não descobri nenhuma influência sobre Maxim ou pensei em alguma maneira de persuadi-lo a manter minha presença aqui em segredo.

“Vou te levar para casa,” ele oferece, e me leva por uma rua estreita. Entro no carro dele com a vaga esperança de ainda poder descobrir algo útil.

Em vez de ligar o motor, porém, ele se inclina sobre o freio de mão e sua boca pousa desajeitadamente na minha. Estremeço e tento virar a cabeça, mas ele aperta a mão na minha nuca. Apesar das minhas intermináveis fantasias sobre homens russos, não sinto atração por Maxim. Atração negativa por Maxim. A ideia de dormir com ele me dá vontade de arrancar minha carne com as unhas.

Afasto meus lábios dos dele, incapaz de esconder meu desgosto. “Deixa para lá. Boa noite.”

Mas quando estendo a mão para a maçaneta da porta, ele me agarra e me puxa de volta. “Vamos, Lilia. Estamos a quilômetros do seu pai e do meu.

Podemos nos divertir um pouco.”

Quão estúpido esse homem deve ser para imaginar que existe alguma química entre nós? Enquanto ele puxa meu vestido, percebo que Maxim não acredita que eu não possa estar atraída por ele ou simplesmente não se importa.

Antes que eu saiba o que está acontecendo, Maxim encontrou a alavanca no meu assento e ela sacode para trás, me derrubando. Meus olhos se arregalam em pânico enquanto as memórias caem em cascata pela minha mente. Ivan me apalpando. Me fodendo enquanto eu cerrava os dentes e chorava. Me descartando nos lençóis sem dizer uma palavra.

“Pare com isso. Não.” Mas meus gritos caem em ouvidos surdos enquanto luto para afastá-lo de mim.

Maxim agarra minha cintura para me puxar para mais perto e sente minha barriga inchada. “Que porra é essa? Você está grávida?”

De repente, a pressão de seu corpo pairando sobre mim desaparece e eu suspiro de alívio. Tudo o que quero agora é ir para casa, então pego a maçaneta da porta mais uma vez.

Mas Maxim agarra meu pulso. “Que diabos é isso, Lilia? Você achou que poderia me levar ao casamento enquanto eu criava o bastardo de outro homem?”

Meus olhos se arregalam de surpresa. “Estou grávida de cinco meses e meio. Quão estúpido você teria que ser para acreditar que esta criança é sua?”

Mas Maxim não está me ouvindo. Ele está olhando para o meu corpo com total repulsa, como se estivesse vendo todos os seus planos mais queridos virarem fumaça. Ele deve ter se apegado à ideia de se casar com alguém da família Brazhensky, e agora eu estraguei tudo.

Seu olhar furioso se volta para o meu. “Você acabou de me chamar de estúpido, sua puta?”

Sem esperar pela minha resposta, ele me agarra novamente, me empurrando

contra o assento e rasgando minhas roupas. Eu luto com ele com tudo o que tenho, agarrando suas mãos e tentando dar-lhe uma joelhada nas bolas. Eu não estou ganhando. Maxim está. Ele enfia a mão por baixo do meu vestido e arranca minha calcinha com um som de rasgo. Ele se abaixa e se atrapalha com as calças e a visão de seu pênis feio e de aparência raivosa faz meu sangue gelar.

Oh não.

Ah, *porra.*

Cada vez que Ivan se empurrava dolorosa e cruelmente dentro de mim, volta à tona. Seu cotovelo bate em minha barriga e uma raiva feroz e autoproteção crescem em meu peito. Meu bebê. Este homem não fará mal ao meu filho ainda não nascido. Não vou perder outro. Procuro minha bolsa na porta, tentando desesperadamente segurar Maxim enquanto grito: “Não me toque, porra! Estou te avisando.”

O rosto de Maxim está tenso de fúria. Ele agarra minhas pernas e as força a abrir assim que encontro o que estou procurando.

Uma arma.

Hoje em dia nunca estou sem arma e meus dedos se fecham sobre o aço frio. Eu levanto meu punho e uma adaga longa e fina brilha na penumbra.

“*Eu disse para sair de cima de mim, Ivan.*” Enfio a adaga na lateral do seu pescoço e seus olhos se arregalam. Ele engasga, e o som se transforma em um gorgolejo quando puxo a adaga novamente. O sangue espirra em mim, no interior do carro, no para-brisa.

Ele segura a lateral do pescoço, medo e confusão deixando seus olhos comicamente arregalados. Nada nesta situação é engraçado, mas uma risada histérica borbulha na minha garganta enquanto o vejo cair sobre mim em câmera lenta. Estou tremendo de tanto rir quando ele cai sobre mim, o sangue escorrendo pelo meu rosto.

Acabei de matar um homem.

Maxim é um peso indiferente sobre mim e, de repente, tudo fica imóvel como um túmulo. O sangue escorre de sua garganta e desce pelo meu peito. Minha risada se transforma em um soluço.

Eu empurro Maxim para longe. Sem parar para olhar para trás, saio do carro, agarrando minha bolsa com força.

Eu só quero ir para casa. Eu me mantenho longe das ruas principais e dos postes de luz. A escuridão e meu vestido preto escondem a maior parte do sangue, mas posso senti-lo secando no meu rosto.

De alguma forma, chego em casa e subo até meu apartamento sem que ninguém me veja. Não alcanço o interruptor da porta da frente, com medo do que verei no espelho pendurado na sala.

Uma voz profunda e ronronante fala da escuridão. “Lilia.”

Acho que paro de respirar completamente. Eu me viro lentamente.

Posso sentir um homem sentado no sofá à minha frente, outro perto da pia e um terceiro perto da porta do quarto. Em qualquer outra noite, o medo poderia ter apertado minha garganta, mas esta noite eu encarei o medo de frente e o apunhalei na garganta. Estou revestida de morte.

Eles acham que são eles que fazem a grande entrada.

“Alguém acenda a luz,” eu falo.

Ouve-se um clique e um brilho amarelo quente banha a sala de estar. Três pares de olhos frios e triunfantes se arregalam em choque enquanto olham para meu rosto, meu peito, braços e cabelo.

“Lilia!” Elyah exclama em pânico e caminha em minha direção. Ele acha que é meu sangue. Levanto a mão para afastá-lo e nós dois percebemos ao mesmo tempo que estou segurando uma adaga ensanguentada. Viro-a lentamente para a luz, fascinada e horrorizada por ainda a estar segurando.

Kirill dá um passo à frente e tira a adaga da minha mão, deixando-a cair na pia com barulho. “Está se divertindo sem nós, *detka*?”

Minhas pernas começam a tremer e meus dentes batem. Nunca me senti menos como a garotinha de alguém. “Ah, muito. Você deveria ter estado lá.”

Konstantin está me observando do sofá, com uma expressão sinistra e os ombros tensos. Eu arruinei sua entrada dramática.

“Eles estão mortos? Quem foi?” Elyah pergunta.

“Um amigo do meu pai, e sim, ele está morto. Muito morto.” Ainda posso ver os olhos arregalados e mortos de Maxim olhando para os meus enquanto seu corpo sangrento me esmagava no assento.

Elyah segura meu rosto nas mãos. “Vai ficar tudo bem, *solnyshko*. Kirill e eu nos livraremos do corpo. Onde está?”

Outra onda de risada histérica ameaça escapar da minha garganta. Qual é a coisa certa a dizer quando o potencial pai do bebê que carrego secretamente se oferece para encobrir o assassinato que acabei de cometer? Obrigado?

“Espere.” Konstantin se levanta e atravessa a sala em minha direção. “Este é o fim da estrada e ninguém vai sair deste apartamento até que eu tenha o que quero. Onde estão meus diamantes?”

Ensaiei esse momento no chuveiro, imaginando como manteria um silêncio frio e não diria nada a Konstantin se algum dia ficasse cara a cara com ele novamente. Depois da noite que tive e das coisas que fiz, não me importa o que ele sabe ou o que faz. Ele pode me matar se quiser. Se não o fizer, o pai de Maxim Vavilov o fará.

Não tenho medo da ira deste homem mortal.

“Tudo bem. Eu vou te dizer onde eles estão. Já se foram, e aí.”

Konstantin me examina atentamente, olhando além do sangue que está me cobrindo para a mulher por baixo. Tentando entender se estou dizendo a verdade.

“O que você fez com meus diamantes?” Ele rosna.

“Eles não são seus diamantes. Pertencem às mulheres que você torturou e atormentou durante uma semana num porão na Itália.”

Konstantin agarra meu vestido e me puxa para mais perto até ficarmos nariz com nariz. “Não brinque comigo, Lilia.”

Eu luto em seu aperto, tentando me libertar. A adaga está na pia, brilhando, me convidando a pegá-la, mas está muito longe. “Tire suas mãos de mim, seu idiota.”

“Konstantin, pare,” grita Elyah.

Konstantin o ignora. Seus olhos cinzentos brilham de fúria. O truque que fiz com o apito, usando sua fraqueza contra ele, o humilhou totalmente.

“Não pensei em nada além de sufocar você nos últimos meses. A única coisa que vai mantê-la viva é se você começar a falar.”

“Konstantin!” Elyah grita. Ele agarra seu *Pakhan* e tenta tirar os dedos do meu vestido.

Konstantin se volta para ele com um grunhido. “Eu avisei para você não ficar no meu caminho.”

“Olha,” Elyah insiste, apontando. Seu rosto está vazio de choque.

O olhar de Konstantin segue o de Elyah, e o mesmo acontece com o de Kirill. Os olhos de todos se fixam no tecido bem esticado sobre minha barriga.

Minha barriga inchada e grávida. Eu mesma olho para ela, chocada por ter me delatado. De repente, pareço muito mais grávida do que esta manhã.

Eu pareço enorme.

Um sussurro chocado sai dos lábios de Konstantin. “*Blyat.*” Porra.

Ele me solta, um dedo de cada vez, liberando meu vestido. Eu suavizo e me afasto deles, meu coração disparado freneticamente.

“Saiam. Todos vocês.”

Ninguém se move. Todos os três homens estão olhando para mim como se de repente tivesse brotado tentáculos. Posso vê-los fazendo os cálculos mentalmente, contando os dias e as semanas.

“Lilia,” Elyah sussurra e estende a mão para mim com as duas mãos, mas eu me afasto dele.

“*Eu disse para sair.*”

“Quantas semanas? De quem é?” Elyah exige.

“Do Pernalonga. De quem você acha que é? O que estava acontecendo comigo há vinte e duas semanas?”

Seus olhos azuis claros estão tempestuosos enquanto ele olha para minha barriga. “Olhe para você. Eu imaginei você assim desde que me contou que estava grávida. Você é linda.”

Linda? Estou coberta de sangue.

Meu estômago embrulha quando vejo a admiração e a adoração em seus olhos. É exatamente como imaginei que o homem que amo ficaria quando eu contasse a ele que estou grávida. Um olhar que aparentemente eu ansiava secretamente porque vai direto ao meu coração.

“Você está ainda mais bonita porque o filho é meu,” sussurra Elyah.

Konstantin olha para ele severamente.

Tento dar um passo para trás, mas o apartamento acabou e minhas costas batem na parede. Elyah coloca as mãos sobre mim, segurando minha barriga inchada, olhando para mim com adoração enquanto acaricia os planos firmes e curvos de meu estômago. Era exatamente com isso que eu sonhava quando estava casada com Ivan, Elyah me lançando olhares de amor enquanto me tocava como se minha barriga fosse um milagre.

“Por favor, não,” eu sussurro impotente, incapaz de tirar os olhos de seu rosto.

Outra mão se estende para me tocar, esta hesitante no início, mas depois é colocada firmemente na minha barriga. Olho para cima e vejo o choque no rosto de Konstantin. Seus anéis de prata brilham na minha barriga enquanto ele me toca com uma ternura devastadora.

“Tire suas mãos de mim.” Mas minhas palavras são um gemido, não uma exigência. Konstantin levanta os olhos para os meus e balança a cabeça.

Ele não vai.

Ele recusa totalmente.

Um terceiro par de mãos se junta aos outros na minha barriga. Dedos fortes, tatuados como os de Elyah, mas não tão calejados. O suor brotou na testa de Kirill e seu rosto está inexpressivo de espanto.

Elyah afasta as mãos de Kirill, mas Kirill as coloca de volta. Encontro o olhar do homem alto e de cabelos escuros e descubro que ele está tão abalado por essa revelação repentina quanto os outros dois.

Exceto que não há chance de ser de Kirill.

“O que você está fazendo? Não é seu.”

“Poderia ser,” ele retruca.

“Eu estava grávida semanas antes de fazermos sexo no avião.”

Ele olha para mim, algo escuro tremeluzindo atrás de seus olhos. “Eu estava lá no concurso. Poderia facilmente ser meu.”

“Não é assim que funciona,” murmura Elyah.

Olho para os três homens tocando minha barriga com reverência, como se eu fosse uma santa viva. Há pouco, Konstantin estava ameaçando me sufocar até a morte.

O *Pakhan* levanta os olhos para os meus. “É meu. Eu fui o primeiro.”

O que diabos está acontecendo?

“Mas os diamantes,” eu sufoco, mas Konstantin parece não me ouvir. Quase quero me ajoelhar e implorar para que ele fique furioso comigo novamente.

Elyah balança a cabeça. “Não importa quem foi o primeiro, o bebê ainda pode ser meu.”

“Eu não vou...” Começo a protestar, mas Konstantin e Elyah falam por cima de mim, suas mãos gentilmente na minha barriga, mas suas vozes se elevam em fúria.

“Você não tem o direito de reivindicar Lilia e esta criança,” rosna Konstantin. “Ela fez parte do meu concurso e está em dívida comigo. Eu decido o que acontece a seguir.”

“É meu bebê porque Lilia é minha. Ela vai se casar comigo.”

Os dois homens ficam um contra o outro, com as narinas dilatadas, prontos para se despedaçarem.

07

Konstantin

Apesar de todos os truques e surpresas que pensei que essa mulher teria reservado para nós, nunca previ nada assim.

Lilia.

Tendo *meu* bebê.

Lembro-me dela deitada de costas na mesa de julgamento, meu pau enterrado bem fundo dentro dela enquanto eu pensava que a estava colocando firmemente em seu lugar, essa mulher que pensava que poderia me enganar. A mulher que *foi* mais esperta que eu.

Foi quando eu a engravidei. Aquele momento selvagem.

“Eu não vou esperar aqui enquanto vocês dois brigam por um bebê que não pertence a vocês.” Lilia passa por baixo de nossos braços e pega a bolsa que deixou cair no chão.

Elyah a segue. “Não é nosso? Claro que é nosso. De quem mais poderia ser senão meu ou de Konstantin?”

“Meu bebê pertence a mim e a mais ninguém. Eu absolvo você de todas as responsabilidades da paternidade. Nenhum nome do pai será listado na certidão de nascimento.” Ela coloca um tênis, pega um casaco no cabide e vai até a porta da frente.

Apoio minha mão contra a madeira e a fecho. “Onde você pensa que está indo?”

Lilia olha para mim com olhos verdes ardentes e um rosto manchado de sangue. “Qualquer lugar exceto aqui.”

Pensei em entrar aqui para encontrar a Lilia que via todos os dias no concurso. Tensa, assustada, usando roupas horríveis. Aqui ela está com um

vestido preto da moda, com seus longos cabelos dourados em cachos e maquiagem no rosto. Olhos escuros e esfumados. Batom rosa escuro. Como se ela estivesse em um encontro.

O ciúme se espalha pelo meu peito. Carregando meu bebê e Lilia está se arrumando para outro homem?

“Você não vai a lugar nenhum. O que aconteceu com você esta noite? Com quem você estava?” Ela está grávida e coberta de sangue. Preciso de respostas antes de decidir o que acontece a seguir.

“Um homem tentou colocar as mãos em mim e no bebê sem minha permissão. Você será o próximo se não recuar.”

“Ele *o quê*?” Há marcas vermelhas e marcas de mãos ensanguentadas por todo o pescoço e braços, e agora que olho mais de perto, vejo que o vestido de Lilia está rasgado. Ela estava tremendo um pouco esse tempo todo, mas pensei que fosse porque ela estava chocada ao nos ver.

“Que homem? Onde?” Elyah pergunta.

Lilia passa o antebraço na testa para limpar o rosto, mas tudo o que faz é manchar o sangue. “Eu mesmo lidei com ele. Ele está morto.”

Se eu não estivesse com tanta raiva, estaria orgulhoso dela.

Seguro seus ombros em minhas mãos e a puxo para mais perto. “O que aconteceu esta noite?”

Lilia se encolhe e desvia o olhar. “Eu não quero falar sobre isso.”

“*Detka,*” Kirill fala lentamente, mas com uma inflexão perigosa em sua voz. “Quem quer que você tenha matado provavelmente tem amigos. Talvez eles tenham seguido você. Talvez tenham encontrado o corpo. O que eles farão com você e com esse bebê se encontrá-la?”

Lilia engole em seco. Ela precisa da nossa ajuda e sabe disso.

“Eu estava trabalhando hoje. Sou garçonete perto da Praça Venceslau e um homem entrou na hora do almoço. Alguém que me conhecia da minha antiga vida.”

“Quem foi?” Elyah pergunta, dando um passo à frente.

“Maxim Vavilov, filho de um amigo do meu pai.”

Um membro da Bratva, presumo. Alguém que fará falta para pessoas poderosas. “Ele localizou você aqui?”

Ela balança a cabeça. “Ele estava em Praga a negócios e veio ao restaurante onde eu trabalhava. Depois do meu turno, ele insistiu em me levar para jantar, e depois...” Ela para com um estremecimento.

Sinto esse estremecimento em meus dedos enquanto ainda estou segurando seus ombros. Não pensei em outra mulher além de Lilia desde que a vi pela primeira vez. Curioso sobre ela. Desconfiado dela. Dedicado a enganá-la. Odiando-a. Desejando-a. Ela se tornou minha obsessão a cada dia que passava, e agora descubro que outro homem chegou até ela enquanto eu estava a poucas horas de distância e colocou suas mãos imundas na minha mulher grávida?

Com os dentes cerrados, eu resmungo: “Deixe-me ver se entendi. Você encontrou um velho amigo e, mesmo estando grávida, ele forçou você?”

O mundo fica vermelho diante dos meus olhos. Vou matar toda a porra da família dele pelo que ele fez com Lilia. Elyah e Kirill se aproximam de Lilia de ambos os lados, suas expressões incandescentes de fúria.

“Ele tentou, mas eu tinha uma adaga na bolsa.”

Os ombros de Elyah caem de alívio e ele estende a mão e toca a bochecha de Lilia, murmurando palavras de alívio e gratidão. O corpo de Kirill relaxa, mas só um pouco.

Pela aparência de Lilia, ela lutou com tudo que tinha para proteger a si mesma e ao bebê. Minha mulher e minha criança, nas ruas, vulneráveis e

desprotegidos. Não vou aguentar mais nem mais um momento. Ela nunca mais sairá de nossa vista enquanto carrega esta criança.

“Konstantin?” Ela pergunta, e eu percebo que estou enfiando meus dedos em seus ombros.

Eu a libero imediatamente. Ela não foi forçada. Ele tentou, mas ela o impediu, exatamente como eu esperaria que uma esposa minha fizesse.

O sangue que escorre por seu rosto e braços parece subitamente lindo.

Estendo a mão e acaricio sua bochecha. “Você fez bem, *malyshka.* Você foi perfeita.”

Assim como ela fez quando a elogiei durante o concurso, chamando-a de perfeita, meu anjo, Lilia parece ter tido o chão arrancado debaixo dela. Seu lábio inferior treme e seu rosto se enruga como se ela estivesse prestes a chorar.

“Eu não deveria ter entrado no carro dele. Eu nem deveria ter ido encontrá-lo. Ele poderia ter machucado o bebê. Eu queria fazer as malas e fugir para longe, mas criei um lar para nós aqui e...”

Elyah parece angustiado e faz um gesto para que eu me afaste para que ele possa tomá-la nos braços.

Como diabos eu vou. Ele não é o único que quer proteger Lilia.

Eu a puxo contra mim, talvez com um pouco de força porque ela engasga quando sua bochecha atinge meu peito. Com ela cruzada em meus braços, posso sentir como ela está tremendo de frio e choque. Sua barriga está pressionada contra a minha, redonda e sólida. Há cinco meses e meio que ela está grávida do meu filho. Ela está grande o suficiente para perceber que está grávida, mas ficará muito maior.

Por um momento, Lilia fica tensa e depois encosta o rosto em meu ombro, ainda tremendo.

“Onde está o corpo?” Murmuro em seu cabelo.

“Em seu carro, atrás de um restaurante chamado Nechci. Eu simplesmente fui embora e o deixei lá. Eu estava atordoada. Eu nunca matei...” Ela estremece e fica em silêncio.

Olho para Elyah e Kirill por cima da cabeça dela. “Vocês dois podem resolver isso? Eu ficarei aqui com Lilia.”

Kirill acena com a cabeça, sua expressão definida e determinada. Elyah parece mais relutante em ir embora, mas quanto mais tempo o cadáver ficar ali, maiores serão as chances de alguém encontrá-lo.

“Estaremos de volta em breve,” Elyah promete a ela, roçando os nós dos dedos em sua bochecha.

Eu a mantenho apertada contra meu peito, mas Lilia nos olha confusa. “Vocês vão me ajudar?”

Elyah olha para ela como se ela fosse louca. “*Solnyshko,* é claro. Não podemos deixar corpos espalhados. Somos profissionais.”

Kirill se aproxima e desliza a mão sobre sua barriga e se inclina para murmurar em seu ouvido. “Seja uma boa menina enquanto estivermos fora e conte a Kostya tudo sobre essa merda de Vavilov, para sabermos quanto controle de danos temos que fazer. *Da?”* Ele dá um tapinha nela. “Boa menina.”

O que quer que encontrem naquele carro, Elyah e Kirill farão com que desapareça sem deixar vestígios. Ninguém virá atrás de Lilia se pudermos evitar.

Observo os dois saindo pela porta. Eles ficarão fora por horas, o que significa que, por enquanto, tenho Lilia só para mim.

Dou um passo para trás e meu olhar pousa em sua barriga inchada.

Porra, ela está grávida.

Grávida.

Fico muito impressionado com a constatação toda vez que olho para ela. Ela

já devia estar grávida quando a colocamos no avião e não disse nada. Ela deveria ter nos contado. Por um lado, ordenei a Kirill que conseguisse informações dela como quisesse. Ele escolheu transar com ela em vez de torturá-la, mas poderia facilmente ter sido o contrário. Ele poderia ter machucado o bebê por minha causa.

Por outro lado, tenho o direito de saber que ela vai ter meu filho.

“Você está olhando para mim,” diz Lilia.

“Isso é porque estou furioso com você. Seu pai sabe disso?”

Ela assente. “Ele me pegou com um teste de gravidez na bolsa e ficou olhando enquanto me obrigava a fazer. Ele estava me levando de volta para a América para fazer um aborto.”

O ódio queima em meu coração. Aran Brazhensky, eu deveria ter matado você quando tive chance. “Era isso que você queria?”

É a vez de Lilia parecer furiosa e magoada também. “Você acha que eu fugi metade da Europa, comprei coisas de bebê e estou trabalhando pra caramba porque não quero esse filho?”

Coloquei minhas mãos em seus ombros e apenas olhei para ela. Já vi mulheres grávidas antes, mas nunca uma tão bonita quanto Lilia, mesmo coberta de sangue. Depois do concurso, planejei engravidar minha nova esposa. Ter filhos fortes para que eu possa passar para eles tudo o que estou construindo. Lilia estragou minhas ambições, agora aqui está ela e tudo voltou ao normal.

Se alguém consegue virar meu mundo de cabeça para baixo e depois montá-lo novamente, é ela.

Ela tem uma expressão cautelosa nos olhos. “Agora você está sorrindo. O que está acontecendo em sua mente?”

“Eu estava pensando que você é mais perigosa e imprevisível do que nós três juntos.”

A pia não fica longe da porta da frente deste minúsculo apartamento. Vou até lá e passo um pano sob a torneira, mas quando me aproximo dela, ela afasta o rosto de mim.

“Deixe-me em paz.”

“Deixe-me ajudá-la. Você ainda está tremendo.”

“Eu estava me saindo bem sozinha.”

Sobre seu ombro está um berço de madeira amarelo com um móbile de animais dançando sobre ele. Ambos parecem de segunda mão, e este quarto é minúsculo, mas ela colocou esses objetos com muito cuidado. Muito amor.

De repente, posso imaginar vividamente meu filho. Tem os cabelos dourados de Lilia e seus traços delicados. Uma mão minúscula com unhas ainda menores que agarra meu dedo enquanto olha para mim.

“Konstantin?” Lilia vira a cabeça para ver o que estou olhando. “Oh. Eu sei que não é muito, um berço de segunda mão na sala. Você está pensando o quão melhor você poderia fazer isso do que eu.”

Eu balanço minha cabeça. “Eu não estava pensando nisso.”

Nossos olhos se encontram e os lindos dela ficam perturbados. “Pare de me olhar assim.”

Seguro sua mandíbula e começo a limpar o sangue. A maquiagem. As manchas de rímel em suas bochechas. “Como o que?”

“Como se houvesse algo para você aqui.”

Há tudo aqui para mim. Lilia comanda minha atenção, e ela vai ter até a última gota. Ela não pode fazer nada para me impedir.

Os diamantes… Não sei o que fazer com os diamantes. Ela se ofereceu para se trocar por eles uma vez. Contanto que ela faça o que eu digo de agora em diante, posso considerar a dívida paga.

“O que aconteceu esta noite? Conte-me tudo,” murmuro, limpando sua garganta e braços. Viu, Lilia? Eu sei como ser um bom marido. Eu posso proteger você. Valorizar você.

Passo o pano entre seus seios. Te desejar.

“Por que?”

Quero levá-la para baixo do chuveiro e lavar todo esse sangue, mas ela fechará a porta e me excluirá. “Porque eu preciso saber, ou vou enlouquecer.”

“Eu roubei de você. Você não quer arrancar minha carne do meu corpo?”

“Onde ele tocou em você? O que ele fez pra você?”

“Mas os diamantes...”

“Cale a boca sobre a porra dos diamantes!”

Os olhos de Lilia se arregalam enquanto respiro com dificuldade pelo nariz, lutando para controlar meu temperamento. “Eu preciso saber o que aconteceu com você esta noite, e você vai me contar tudo. TUDO.”

Lilia franze os lábios. “Eu não entendo você, Konstantin. Durante meses você esteve obcecado por aqueles diamantes e me perseguiu por todo o mundo para recuperá-los. Agora que estou me oferecendo para contar exatamente o que fiz com eles, você não vai me ouvir.”

Jogo o pano na pia. “Ainda não decidi o que fazer com os diamantes, mas decidi o que fazer com você. A criança deixa isso óbvio. Você vai se casar comigo.”

“Mas e se o bebê for de Elyah?”

Eu penso nisso por um momento. “Elyah é forte. Não tenho nenhuma objeção em criar o filho dele como se fosse meu.”

Sua boca se abre. “Você simplesmente tiraria o filho dele?”

“Não tiraria. Elyah não vai a lugar nenhum.”

Suas sobrancelhas se erguem. “Então, você seria o quê? Co-pai?”

Não tenho todas as respostas agora e todos esses detalhes estão me dando nos nervos. Ela não entende o ponto principal.

Tomo seu rosto entre minhas mãos, abaixo minha cabeça e a beijo. Sinto sua inspiração aguda antes de minha boca selar a dela, e seus lábios são suavemente esmagados sob os meus.

Ela tem um gosto ainda melhor do que eu esperava. À medida que movo minha boca sobre a dela, percebo o quão vividamente tenho imaginado isso entre minhas fantasias mais sombrias de sufocá-la até a morte.

Lilia geme contra minha boca, soando como um protesto, mas seus dedos finos se curvam nos músculos dos meus ombros. Em algum momento nos últimos meses, isso se tornou uma fantasia.

Lilia.

Toda minha.

Interrompo o beijo e inclino a cabeça para o outro lado, reivindicando sua boca novamente. Não me lembro da última vez que beijei uma mulher. Não me lembro de ter me sentido assim.

“Ninguém vai encostar um dedo em você a partir deste momento. Você está segura. Você é minha.” Sinto-me bêbado enquanto a beijo repetidamente e sua boca se abre debaixo da minha.

“A adaga na minha bolsa era para você,” ela diz sem fôlego entre receber meus beijos. “Eu ia enfiar isso na sua garganta na próxima vez que te visse.”

Sinto o gosto de suas palavras violentas com minha língua. Meus dedos passam por seus pesados cabelos dourados, que estão emaranhados de sangue. Sempre quis uma mulher que ficasse bem coberta de sangue.

“Sempre que você está perto, você me faz perder tudo de vista, menos você,” murmuro, mordendo seu lábio inferior. “Você é perigosa e tortuosa.”

“Você é pior. Não entendo nada do que você está fazendo.” Lilia estende a mão e toca minha bochecha. Seus dedos roçam minha carne cicatrizada, e se fosse qualquer outra mulher, eu viraria minha cabeça e rosnaria para ela não me tocar ali.

Mas seu toque parece adoração.

“Então somos uma boa combinação, você e eu.” Com meu punho ainda apertado em seu cabelo, afundo minha boca sobre a dela em outro beijo brutal. Cada gota de raiva, cada impulso de assassinar Lilia com minhas próprias mãos, agora me leva a possui-la com todo o meu corpo. Anseio por seu gosto depois de meses de dor por ela. Para provar que ela é minha, junto com esse bebê.

“Preciso ver você,” sussurro, procurando os botões do vestido dela. Quero abri-lo, mas a lembrança do que ela passou esta noite me faz parar e olho para ela.

Ela olha para meus dedos e percebe que estou pedindo permissão.

Essa constatação parece deixá-la mais atordoada do que entrar aqui e nos encontrar em sua casa. Lentamente, ela assente.

Abro os botões um por um, o tecido farfalhando. O som é alto em seu apartamento silencioso enquanto nos encaramos. Há medo em seus olhos, mas também saudade. Ninguém nunca olhou para mim desse jeito, e sinto como se estivesse me afogando nos olhos dela.

Tiro o vestido encharcado de sangue de seus ombros e o jogo de lado, revelando o corpo de Lilia em um sutiã de renda preta. Seus mamilos escuros estão tensos em pontas, apenas vislumbrados através do tecido com estampa rosa. Há manchas vermelhas adornando sua carne.

Sem calcinha.

“Ele arrancou de você?” Eu pergunto entre dentes.

Ela balança a cabeça lentamente e sinto meu sangue ferver.

Chegando atrás dela, solto seu sutiã e, com meu dedo indicador, arrasto-o pelos braços e deixo-o cair no chão. Lilia respira fundo, o corpo tremendo e os olhos arregalados.

Deixei meu olhar percorrer seu corpo. Ela está diante de mim como Afrodite, vestida apenas de sangue, cabelos loiros caindo em cascata sobre o ombro luminoso e seios cheios e pesados.

Mas é a barriga dela que me chama a atenção, arredondada e perfeita. Não consigo parar de olhar para ela.

Todo homem deseja ver a mulher pela qual está obcecado cheia de seu filho.

Nossas cabeças estão inclinadas juntas e nossas respirações se misturam. Meu coração está alojado na garganta. Nunca vi nada mais bonito em minha vida.

Lilia fecha os olhos com força. “Não me olhe assim, por favor.”

“Vou olhar para você como eu escolher. Você é meu tudo.”

Eu a pego em meus braços e a carrego para o quarto. Arrepios surgiram em seu corpo. Sinto que estou queimando e aperto-a com força, compartilhando meu calor com ela. A cama dela é estreita e o espaço aqui é escasso, mas há espaço suficiente para nós dois enquanto eu a deito.

Com seu cabelo loiro brilhando no travesseiro, ela olha para mim com os olhos arregalados, as mãos pressionadas contra meu peito. No momento, toda a raiva e todo o veneno da minha vida se dissipam, e resta apenas nós.

Ela e eu.

Ela passa os dedos pela minha bochecha. “Isso não parece real. De onde você veio? Como você chegou aqui?”

Como se isso importasse agora, enquanto passo meus dedos por suas pernas nuas.

Lilia fecha os olhos. “Eu comparei todos os homens que conheci nestes últimos meses com você. A todos vocês.”

“O que, homens comuns? Homens que não são nada? Por que você se deu ao trabalho?”

“O coração deles é dez vezes maior que o seu. A honra deles é cem vezes a sua honra.”

Meus lábios se curvam em um sorriso enquanto afasto seus joelhos. “Meu coração perverso é o que você deseja. Minha honra distorcida é tudo o que você quer.”

“Não,” ela chora baixinho, fechando os olhos, mas arqueando as costas.

Ela pode protestar que estou errado o quanto quiser. Desço da cama e deslizo seu sexo com minha língua. *Foda-se.* Seu sabor explode em minha boca, fazendo meu pau ficar em posição de sentido.

“*Malyshka*, você me faz perder a cabeça.” Passo minha língua sobre ela repetidas vezes, e ela grita de prazer.

Lembro-me de como me senti em relação a Lilia, meses atrás, quando a empurrei de joelhos e a humilhei na frente dos meus homens e de todas as mulheres do concurso. *Se você se comportar perto de uma mulher como se ela fosse uma deusa encantadora e perfeita, ela começará a pensar que o é.*

Achei que tinha lhe ensinado uma lição naquele dia, mas ela estava me ensinando uma.

As unhas de Lilia cravaram-se em meus ombros através da camisa. Ela cheira a sangue e flores, uma combinação que afasta todos os pensamentos da minha mente, exceto empurrar meu pau em seu calor úmido e apertado. Continuo lambendo-a, ouvindo-a gemer, e sentindo-a cada vez mais molhada contra a minha língua. Ela está sem homem há mais de quatro meses neste estado. Ela deve estar enlouquecendo.

“Konstantin,” ela grita, e não aguento mais. Sento-me e, com a respiração dela soprando em meu peito, puxo a camisa pela cabeça, desabotoo a calça e a empurro para baixo. Pegando meu pau pesado na mão, eu a examino, me perguntando qual a melhor forma de deixar minha marca em minha mulher. Fazer ela me chupar. Foder os peitos dela. Encher essa doce boceta com meu esperma.

Um espasmo percorre minhas bolas. Sem resposta. Eu não saboreei quando a estava engravidando. Preciso reviver aquele momento e explodir profundamente dentro dela.

Eu me alinho em sua entrada molhada e inchada e empurro nela. Amaldiçoo o aperto delicioso em meu pau e paro para capturar sua boca com a minha.

“Nós não deveríamos...” ela começa a dizer contra meus lábios, mas eu recuo e empurro nela novamente, fazendo-a gemer.

“Você quer aqueles outros homens agora?” Eu apoio uma mão em sua cabeça e empurro seus joelhos até os ombros para que meu pau penetre mais fundo em sua boceta. Como ela parece vulnerável com a barriga inchada. “Você gostaria que algum *mudak menor* estivesse aqui com você, com seu pau minúsculo e coração patético?”

Lilia segura meus ombros musculosos enquanto olha para mim sem fôlego. Posso dizer que ela está se perguntando se isso é algum sonho estranho.

Só terei que provar a ela o quão real sou.

A cada poucas estocadas ela geme mais alto, respira com mais força, parece um pouco mais desesperada. Suas bochechas estão coradas e sua boca está entreaberta. Meu desejo por ela é lava derretida.

“Konstantin,” ela choraminga novamente.

“Isso mesmo, porra, fale meu nome. Quero isso na sua língua quando você gozar para mim.”

“Isto está errado. Não deveríamos estar fazendo isso. Está piorando tudo.”

Mas ela aperta meus ombros com mais força e não me deixa parar de transar com ela, mesmo que eu tente. Sua boceta está segurando meu pau como um torno, cheia do que ela precisa.

“O que Elyah e Kirill pensarão se voltarem do meu trabalho sujo e nos encontrarem assim?” Ela pergunta entre gemidos.

Adoro vê-la assim. Curvada à minha vontade e mais bonita do que nunca. “Eles estarão imaginando isso neste exato segundo, cheios de inveja por ser eu quem prendeu você na cama com meu pau.”

“Você quer dizer ciúme.”

“*Inveja,*” digo novamente. “Fiquei cheio de inveja vendo Kirill te foder no avião. Quando você gozou para ele, senti você no meu pau tão vividamente quanto da primeira vez. Agora é a minha vez, e Elyah e Kirill sentirão o cheiro de sexo em nós quando retornarem e desejarão saber todos os detalhes sobre o que fizemos e desejarão que estivessem no meu lugar.”

Prendo-a na cama com todo o peso que ouso e sorrio maliciosamente. “Você vai transar com eles também, Malyshka? Eles não vão querer que você me lave antes de se entregarem a você. Quando você gozar para eles, eu também sentirei isso.”

“Também?” Ela diz com uma voz estrangulada.

Nunca quis compartilhar uma mulher antes, mas falar assim com Lilia me deixa louco de desejo. Eu quero que eles transem com ela. Eu preciso deles para torná-la nossa. Deixar sua marca nela e manter todos os outros homens inúteis afastados. “Talvez não nos preocupemos em nos revezar e eu vou foder sua boca enquanto eles pegam sua boceta. Temos meses de frustrações para descontar em você.”

“Nos seus sonhos,” ela suspira, com as mãos pressionadas contra meu peito,

mas parece um convite, não uma recusa.

Sento-me e deslizo minha mão sob sua cabeça, embalando-a para que ela possa me ver transar com ela. “Isso não é um sonho. Olhe para mim reivindicando você.”

As mãos de Lilia apertam os lençóis. Ela estremece de choque e desejo, me forçando mais fundo. E então ela goza com um grito longo e áspero. Seus músculos internos ondulam com tanta força que sinto como se estivesse montando um cavalo. Eu empurro mais fundo e com mais força, e de repente meu próprio clímax surge, feroz e avassalador. Sinto-me explodir dentro dela em quatro estocadas longas e fortes.

Descanso sobre meus punhos, minha cabeça inclinada sobre ela enquanto recupero o fôlego. Então eu lentamente saio dela, com vontade de ficar, mas desejando ver sua boceta cheia com meu esperma brilhante. Esfrego a parte interna de seus lábios até que finalmente ele brota em meu polegar.

Murmuro: “Isso é perfeito, *malyshka.* Isso é o que estava faltando.”

Deveria ter sido assim da primeira vez. Meu coração fica um pouco mais leve sabendo que acertei as coisas.

Lilia parece atordoada com o sexo, mas lentamente se senta e balança a cabeça. “Konstantin, isso não está certo. Não deveríamos ter feito isso.”

Sento-me e flexiono a cabeça de um lado para o outro, sentindo um alongamento delicioso nos músculos dos ombros. Sinto-me melhor do que há meses. “Não deveríamos?”

“Você está arrependido pelo que fez?”

Abro um olho e olho para ela. “Por que eu me arrependeria por fazer sexo com você?”

“Não, arrependido pelo *concurso,*” ela grita.

Oh. Isso. “Tudo isso ficou no passado. O que importa é o que está aqui na

nossa frente. Você, eu e este bebê.” Uma grande onda de emoção me enche da cabeça aos pés quando percebo que vou conhecer essa criança em menos de quatro meses. Vou segurá-lo em meus braços e jurar protegê-lo de todas as coisas terríveis deste mundo. Não importa quem é o pai do bebê no sentido literal, eu serei o pai dele e Lilia será minha esposa. Elyah e Kirill serão co-pais, tios, o que quiserem. Mas eles permanecerão por perto e ninguém ficará no nosso caminho.

Eu penso nisso, esfregando a nuca e sorrindo. Lilia também perceberá o quão perfeito isso é, em breve.

Apoio minhas mãos perto de sua cabeça para beijá-la, mas ela vira o rosto para longe de mim.

“Você não está nem um pouco arrependido,” ela diz, e sua voz está embargada. “Mesmo agora que você sabe que possivelmente será pai, nada mudou.”

“Nada mudou?” Eu rosno. “A porra do universo inteiro mudou. Estou punindo a mulher que me roubou ou estou segurando-a em meus braços e jurando cuidar e protege-la e nosso bebê pelo resto de suas vidas?”

“Você quer dizer enjaular e nos humilhar.” Lilia me empurra para longe dela e se senta. “Diga que sente muito pelo que fez comigo e com as outras competidoras.”

“Por quê? Qual seria o objetivo?”

“Para que eu possa ter um pouquinho de esperança de que você possa se tornar um homem melhor.”

Um homem melhor? Eu sou o melhor homem. Ela mesma disse isso. Ela só nos ansiava. “Não posso voltar atrás e mudar nada do que fiz. Este é o homem que sou e sempre serei.”

Ela franze os lábios e me olha em um silêncio raivoso. “Você sabe por que

eu odiei meu primeiro marido? Ele me tratou como um objeto e um recipiente, não como uma pessoa."

"Eu o mataria se ele já não estivesse morto."

"Eu não quero seu ciúme e sua raiva." A expressão de Lilia está cheia de angústia. "Quero saber que você vê como é errado tratar as pessoas dessa maneira. Você não pode tirar a liberdade de alguém e transformá-la em pó."

Esfrego os dedos na testa e na cicatriz repentinamente dolorida. "O que você quer de mim, Lilia?"

"Basta dizer que você sente muito. Comece por aí. Admita que você não deveria ter feito o que fez."

Um tique muscular na minha mandíbula. Este é um dos truques de Lilia. Se eu disser a ela que sinto muito pelo concurso, ela usará isso contra mim de alguma forma. "Pare de tentar me prender em alguma coisa."

"Que tipo de armadilha é pedir que você diga uma palavra de simpatia ou arrependimento? Você é tão orgulhoso? Tão desumano?"

Por que eu deveria me desculpar pelo que fiz quando funcionou? Encontrei a mulher perfeita para mim.

"Konstantin," ela sussurra com tristeza. "Como você pode esperar que sua esposa o ame se você nunca consegue dizer as palavras *sinto muito.*"

Eu me levanto e pego minhas roupas sem olhar para ela: "Já chega de conversa. Vá tomar um banho e tire o resto desse sangue de você."

"Você é inacreditável."

O que sou é prático. Encontrei a mulher que é digna do meu nome e que dará à luz aos meus filhos. Ela já está grávida, então agora tudo o que precisa ser feito é casar com ela. "Elyah e Kirill estarão de volta em breve e, assim que voltarem, partiremos todos para Londres."

“O que há em Londres?”

“Minha casa. Que será sua casa agora e onde criaremos nossos filhos.”

Ela balança as pernas para fora da cama e se segura no colchão. “Você fala de casamento, de um lar e de filhos quando seu espetáculo bárbaro se interpõe entre nós?”

“Meu concurso funcionou. Aqui está minha noiva, Concorrente Número Onze.”

Lilia estremece e começa a respirar cada vez mais rápido. “Você não pode dizer uma palavra para compensar as montanhas de dor que você acumulou na minha cabeça e nas cabeças das outras mulheres em seu concurso? Nem uma palavra, Konstantin? Como isso poderia te machucar? Apenas peça desculpas.”

Eu olho para ela em desafio. Posso sentir o que me espera do outro lado se eu falar essa palavra. O remorso só traz dor, e tenho muitas outras coisas que precisam da minha atenção.

Lilia se levanta e anda. Ela está nua e sua barriga está inchada, mas ela parece não perceber nada disso. “Vocês são todos iguais. Meu pai. Ivan. Maxim. Quando estarei livre de homens como vocês?” Ela choraminga e segura a barriga. “Agora estou carregando seu bebê. Como posso esperar ser livre?”

Não gosto do jeito que ela empalideceu tão rápido quando suas bochechas ficaram vermelhas não muito tempo atrás. “Você precisa se sentar. Você vai ficar doente.”

“Você é quem está doente,” ela ferve. Ela choraminga novamente, o choque brilhando em seu rosto. Então ela cambaleia.

“Lilia?” O pânico toma conta de mim e atravesso o quarto e agarro seus braços. Sua pele está fria e úmida e há suor em sua testa.

“Eu sinto… eu sinto…”

O alarme soa em meu crânio. Elyah nos descreveu como ela desmaiou

quando abortou. A polícia invadiu sua casa. O mundinho seguro de Lilia que ela construiu para seu bebê foi invadido e ela não conseguiu suportar.

Nós três fizemos a mesma coisa ao vir aqui esta noite.

Lilia cai em meus braços, com o rosto branco como giz e flácido, e os olhos fechados.

“Lilia!”

08

Elyah

O carro está exatamente onde Lilia disse que estaria, abandonado em um beco atrás do restaurante. Está tão escuro que temos que colocar os dedos em volta dos olhos e espiar pelas janelas para ver se é o certo. Quando abro a porta do passageiro, a metade superior do cadáver de Maxim cai para fora do veículo. Ele está vestindo terno escuro e gravata e sua camisa branca está encharcada de sangue que escorre de um ferimento na lateral do pescoço.

Kirill enfia o dedo no buraco sangrento e mexendo-o. “Droga. Lilia o pegou bem.”

Eu sorrio com a visão horrível. Ela com certeza fez. Um golpe certeiro da lâmina delgada e esse pedaço de merda estava acabado. “Onde estão as chaves dele?”

Agora que temos Lilia de volta, acho que nunca vou parar de sorrir.

Depois que elas são retiradas de seu bolso e escondemos seu corpo no porta-malas, seguimos para o norte, saindo da cidade, eu dirigindo o carro de Maxim e Kirill seguindo em nosso carro alugado.

Não precisamos viajar para muito longe de Praga antes de chegarmos à zona rural escura e deserta, rio abaixo da cidade. Kirill começa a trabalhar, mutilando as pontas dos dedos do homem e arrancando-lhe os dentes com uma pedra. Enquanto despi o corpo, reúno sua identidade e cartões de crédito, depois aponto tatuagens para arrancar de sua carne. Usando camisa, gravata e calça do homem, amarramos pedras pesadas em seu corpo e o jogamos no rio.

Mais um quilômetro e meio rio abaixo, avisto uma colina acima do rio onde podemos colocar o carro na água. Com o freio de mão puxado, Kirill e eu o empurramos sobre o precipício e o observamos descer a encosta e afundar na superfície.

Kirill escova as mãos. “Bom trabalho. Com fome? Eu me pergunto se Lilia tem alguma comida.”

Comida é a última coisa em que penso quando voltamos para a cidade. Nós cheiramos a sangue, mas mal percebo isso quando todos os meus pensamentos estão em Lilia.

Ela vai ter meu bebê.

Meu bebê, como deveria ter sido desde o início. Estou tendo a chance de consertar as coisas para ela. Há um peso quente em meu peito e um sorriso toca meus lábios novamente.

Ao meu lado, Kirill está passando os dedos pelos cabelos, os joelhos bem abertos enquanto ele descansa no banco do passageiro ensanguentado. “Eu não sei por que você está sorrindo. É meu bebê.”

Reviro os olhos e ignoro seu absurdo. “Seu tempo está errado, meu amigo. Tenha cuidado para ela não te esfaquear na garganta por enfiar uma arma na boceta dela. Isso é o que deveria estar em sua mente agora.”

“Isso será antes ou depois dela cortar sua garganta por ameaçar quebrar os braços dela, ou prometer matá-la, ou quase matá-la colocando uma corda em seu pescoço?”

Cerro os dentes e olho para a estrada à frente. “Somos amantes. Somos amantes há mais de dois anos e o mundo está contra nós. É claro que houve mal-entendidos. Vou compensar tudo para a mulher que amo, agora que sei a verdade e seremos uma família.”

“Foda-se sua família. Eu quero aquele bebê.”

Uma sensação sinistra percorre minha espinha. Eu sei tudo sobre o que levou Kirill à prisão tantos anos atrás. Ele me contou toda a história entre espancar nossos inimigos até a morte e adicionar tinta nova em nossos corpos. Temos sido mais próximos do que irmãos desde então, mas se ele decidiu fazer

com que Lilia e aquele bebê fossem seus, então ele e eu teremos um grande problema.

Nossos dois telefones tocam ao mesmo tempo. Kirill pega o dele e lê a tela.

“É de Konstantin. Ele diz para voltar lá agora.”

Agarro o volante. “O que? Ligue para ele. Descubra o que está errado.”

Kirill obedece, mas desliga o telefone um momento depois. “Sem resposta. Você acha que são Lilia e o bebê?”

“Nem diga isso,” rosno, colocando o pé no acelerador e acelerando pela estrada.

Antes mesmo de entrarmos na rua de Lilia, vejo as luzes de emergência piscando. Minha garganta está apertada e não consigo sentir meus dedos enquanto estaciono ao acaso em meio a um barulho de borracha e saio do carro.

Lilia está amarrada a uma maca com uma máscara de oxigênio no rosto. Seus olhos estão fechados.

O que está acontecendo? Fizemos isso com ela? *Que porra está acontecendo?*

Os paramédicos a colocam na ambulância e vão atrás dela. Um deles começa a fechar as portas, mas eu os agarro e me levanto para dentro.

“Vou com ela,” digo em russo e inglês, esperando que eles me entendam.

“Você é o marido dela?” O paramédico responde em inglês e olha por cima do ombro para Konstantin. “Eu pensei...”

“Eu sou o pai,” digo, passando por ele e me agachando perto da cabeça de Lilia. Mal consigo forçar as palavras terríveis. “Ela está perdendo esse bebê também?”

“Ela já teve um aborto espontâneo antes?” Pergunta o paramédico, começando a trabalhar nela com um estetoscópio e outras coisas que não

reconheço. As portas se fecham e saímos pela rua.

O rosto de Lilia está pálido e as olheiras estão escuras sob seus olhos, assim como estavam da última vez. Lembro-me de cada detalhe horrível de seu primeiro aborto espontâneo, e isso está se repetindo diante dos meus malditos olhos. Desta vez, o bebê está ali para eu ver, com a barriga inchada, e este é meu. Oh Deus, é meu. Eu não posso suportar isso. “Dois, três anos atrás. Ela estava grávida de apenas algumas semanas.”

Seguro a mão dela na minha e pressiono-a na minha testa, curvando-me sobre ela e sussurrando uma oração frenética. Fizemos isso com ela. Invadimos sua vida e sua casa quando ela pensou que estava segura, e o choque foi demais para ela.

Esses malditos diamantes.

Aquela porra de concurso.

Arruinei minha felicidade e a dela porque sou orgulhoso, cruel e estúpido.

No hospital, sigo impotente atrás de Lilia e dos paramédicos enquanto eles a levam para o pronto-socorro. Sou obrigado a ficar em um canto enquanto um médico a examina e uma enfermeira verifica seus sinais vitais.

Eles conseguem acordá-la, mas ela está confusa e com uma aparência tão feia que tenho vontade de socar a parede.

Konstantin e Kirill entram correndo no quarto no momento em que o médico termina de examiná-la e vem até mim.

“Esta mulher é sua esposa, namorada?”

Engulo em seco, com medo do que estou prestes a ouvir. “Minha noiva, Lilia.”

“Sua noiva está com pressão baixa, mas ela está bem e o bebê também. O batimento cardíaco fetal é forte.”

Deixo escapar um gemido de gratidão e fecho os olhos. De ambos os lados, sinto Konstantin e Kirill cederem de alívio.

“Sua noiva deve consultar o obstetra logo pela manhã. Enquanto isso, ela precisa descansar e não deve sofrer nenhum estresse.”

Eu poderia ficar de joelhos e agradecer a esse médico a noite toda. Em vez disso, volto-me para Konstantin e rosno em russo: “O que você estava fazendo com ela quando ela desmaiou? Você estava torturando uma mulher grávida por causa de alguns malditos diamantes?”

Ele me empurra para longe dele, seus olhos brilhando. “Eu não faria mal à mãe do meu filho. Estávamos conversando sobre nosso futuro.”

Para minha surpresa, Kirill está fervendo de tanta raiva quanto eu. Ele nunca fica bravo com Konstantin, mas estende a mão e agarra um punhado de sua camisa. “Que porra você estava falando para deixá-la tão doente?”

“Eu não sei o que aconteceu. Ela estava bem. Nós até fizemos sexo.”

Eu cerro os dentes com força. Ela foi atacada esta noite, e a primeira coisa que ele fez foi transar com ela?

“Então eu disse a ela que iríamos para Londres, mas ela continuou falando sobre o concurso.”

Eu empurro seu ombro. “Por que você estava falando sobre o concurso em um momento como este? O que diabos há de errado com você?”

“Eu não mencionei o assunto, ela sim. Ela continuou insistindo para que eu pedisse desculpas.”

Estamos praticamente gritando e atraindo olhares da equipe médica. Provavelmente estamos a um passo de sermos expulsos e, pior, estamos aumentando o estresse de Lilia durante um período em que ela absolutamente não precisa de mais nada.

“Você deveria ter pedido desculpas,” eu falo, abaixando minha voz. “O

concurso, os diamantes, não importam mais. Por que você não consegue ver além da ponta do seu nariz orgulhoso?”

“Você acha que não estou preocupado com Lilia quando é meu filho que ela está grávida?”

Seu filho? Eu poderia dar um soco nele.

Eu me afasto dele e vou até Lilia, a fúria desaparecendo do meu rosto quando estendo a mão e gentilmente pego a mão dela. “*Sonnyshko*. Como você está se sentindo? Eles lhe disseram que o bebê está bem?”

“Sim. Mas, Elyah...”

Coloco uma mão gentil em sua barriga. Um momento depois, Konstantin e depois Kirill se juntam a ela. Eu me pergunto se deveria afastar suas mãos e rosnar que esse bebê é meu, mas não tenho coragem. Alguma coisa em todas as nossas mãos em sua barriga faz meu temperamento esfriar, e acho que não quero fazer isso.

“Isso é uma loucura,” sussurra Lilia, olhando para nossas mãos. Ela levanta o olhar para o meu e depois para Konstantin e Kirill. “O que nós vamos fazer?”

Afasto seu cabelo da testa. Há fios de sangue seco entre os fios de ouro. “Nós vamos descobrir. Não se preocupe com isso agora.”

“Um momento atrás, vocês estavam todos brigando. Vocês vão continuar brigando por essa criança e nós seremos pegos no meio de vocês. Não posso...”

Kirill segura o queixo dela com a mão e aproxima o rosto dela, com uma expressão feroz. “*Detka*. Pare. Nós três brigamos às vezes. Somos idiotas cabeça-quente. Não é nada.” Ele levanta as sobrancelhas, esperando pela resposta dela.

Lentamente, ela assente.

“Ele,” diz ele, acenando para Konstantin. “Ele fará o que você quiser. Basta nos dizer se ele não fizer isso, Elyah e eu daremos um soco na cara idiota dele

até que ele o faça.”

A boca de Lilia se contrai.

Ele dá um tapinha na bochecha dela. “Você vê? Simples, não é difícil.”

Kirill olha para mim e para Konstantin, esperando que concordemos. Concordo com a cabeça, mas Konstantin não diz nada. Eu lanço um olhar para ele para dizer ao meu *Pakhan* que se ele chatear Lilia novamente, nós realmente vamos dar um soco na cara dele.

“Quem é o seu obstetra?” Pergunto a Lilia. “Vou ligar para ele pela manhã e marcar uma consulta para você.”

Lilia balança a cabeça. “Eu não tenho um.”

“Então qual médico você tem consultado?” Kirill pergunta.

Ela franze os lábios e não responde.

Ele olha para ela com espanto. “Ninguém? Ninguém fez um check-up em você e no bebê? Sua pressão arterial? Nada?”

Ela olha para ele. “Você acha que é tão fácil? Você acha que eu poderia ter entrado em um consultório médico enquanto estou me escondendo de vocês três e trabalhando ilegalmente neste país?”

Quero dizer a ela que ela, acima de todas as pessoas, deveria saber como é importante receber cuidados médicos adequados durante a gravidez, mas engulo. Em circunstâncias normais, Lilia estaria esbanjando tudo o que pudesse com esse bebê. É nossa culpa que ela não esteja. “Claro. Nos desculpe.”

Lilia lança um olhar feroz para Konstantin. “Pelo menos um de vocês pode dizer isso.”

Ele olha de volta para ela.

Eu coloco Lilia contra meu peito e a seguro, dando um beijo no topo de sua cabeça. “Não se preocupe. Encontraremos o seu médico em Praga e você terá

todos os exames e testes necessários. Nada vai acontecer com você e o bebê, eu juro.”

Por um momento eu a sinto derreter contra mim. Isso é tudo que eu quero. Confortar minha mulher quando ela precisar de mim. Saber que ela depende de mim para protegê-la e à criança vulnerável dentro dela.

Seus dedos percorrem meu peito enquanto ela se afasta de mim e meus braços parecem vazios sem ela. Ela se vira para Konstantin e o encara com frieza.

“Se você vai perder a paciência, suponho que o melhor lugar é aqui, onde há seguranças. Eu tenho algo para te dizer.”

Todos os cabelos da minha nuca se arrepiam.

“Algo para contar a todos nós?” Kirill pergunta. “Ou apenas Kostya?”

“Apenas Konstantin,” ela responde, olhando para o nosso *Pakhan.*

Ele olha furioso para ela, com a mandíbula cerrada.

“Não adianta fingir que você quer esse filho só para poder recuperar os diamantes. Não há diamantes. Também não há dinheiro. Quebrei a tiara em pedaços e vendi os diamantes há meses. O dinheiro está sendo enviado para várias contas e você nunca poderá tocá-lo.” Seus lindos olhos brilham de raiva. “Agora você sabe tudo, então pode simplesmente sair.”

09

Lilia

Eu olho para a imagem granulada na tela do ultrassom. Meu bebê.

Esse é meu *bebê*.

Estou vendo-os pela primeira vez e não consigo desviar os olhos. Passo meus dedos pelas formas de luz e escuridão que é sua cabeça, seu corpo, seus pequenos membros, cada parte deles preciosa. Um milagre, tão pequeno e vulnerável e aninhado dentro de mim.

“Você quer saber se é menino ou menina?” Pergunta a obstetra, passando o scanner sobre o gel na minha barriga.

“Não,” eu sussurro, ainda olhando para a tela.

“Você quer que seja uma surpresa?” Ela responde.

“Eu não me importo se é menino ou menina. Eu só quero que esteja seguro em meus braços.”

Uma mão alcança a minha e a aperta, e eu sei, sem olhar, que é Elyah. Ainda extasiada pelo monitor, aperto de volta sem pensar, porque é isso que eu, aos dezoito anos, quero, aquela garota inocente que o amava de todo o coração.

“Menino ou menina,” ele murmura, com a voz rouca de emoção. “Isso não importa.”

Não quero ver seu rosto, mas uma força mais forte do que eu me impele a olhar para cima. Elyah está olhando para o monitor com uma expressão extasiada no rosto. Sentindo meu olhar, ele sorri para mim, seus brilhantes olhos azuis gentis e cheios de amor.

“Ele é lindo, Lilia.”

Por um momento, não consigo respirar.

Aos meus pés, Kirill está olhando para a tela com os braços cruzados, seus cachos caindo sobre os olhos e escondendo sua expressão. Estou acostumada a vê-lo andando por aí, sem nenhuma preocupação no mundo. Agora ele está rígido e tão concentrado no monitor que parece não perceber mais nada na sala. Não entendo a explosão dele no hospital ontem à noite, ameaçando bater em Konstantin se ele continuasse me estressando. Talvez ele esteja preocupado com o fato de que, se Konstantin e Elyah brigarem pelo bebê, isso destrua seu grupo.

Konstantin está encostado na parede e me encara, seu olhar queimando o meu. Ele não se moveu desde que nós quatro entramos na sala com a obstetra. Depois da bomba que lancei sobre ele no hospital, acho que ele está planejando secretamente minha morte. Uma maneira de me punir usando esse bebê.

Um arrepio toma conta de mim enquanto me pergunto se ele tentará arrancar a criança dos meus braços no momento em que ela nascer.

“Você deve comparecer a todas as suas consultas,” diz a obstetra, largando o equipamento e limpando o gel da minha barriga com um sorriso. “Especialmente agora que você sabe que eu não mordo.”

Inventamos uma história sobre eu ter pavor de médicos para explicar por que evitei fazer consultas e exames por tanto tempo.

“Eu...”

Mas Kirill é quem responde. “Ela vai.”

Eu dou a ele um olhar estranho. Nem Elyah nem Konstantin parecem achar o comportamento de Kirill estranho.

Mas é *estranho.*

A obstetra me diz que posso me vestir. O aperto firme de Elyah está na minha mão e na minha cintura, e então ele me entrega minha calcinha e legging. Acho que ele mesmo me vestiria se eu deixasse, e tenho que insistir em arrastar a lycra pelas minhas próprias pernas. Antes que eu possa impedi-lo, ele coloca o

cós na minha barriga. Olho para seus dedos tatuados movendo-se tão suavemente contra minha pele.

“Eu consigo,” digo, sentindo-me nervosa, sabendo que todos os olhos estão em mim.

“Eu sei. Eu só quero,” Elyah me diz, com um sorriso brincando em seus lábios. Ele ajusta minha camiseta em volta dos meus ombros e então seu dedo indicador roça lentamente minha garganta e seu sorriso morre.

Durante muito tempo, carreguei a brutal marca vermelha da corda que ele colocou em minha garganta. Seu olhar trava no meu, e posso dizer que ambos estamos lembrando da mesma coisa.

Você tem que continuar acreditando que sou uma mentirosa. Caso contrário, você terá que enfrentar todas as coisas cruéis que fez à mulher que ama sem um bom motivo.

A última vez que ele esteve tão perto de mim, ele colocou uma corda de forca em meu pescoço. Quase morri estrangulada, mas Elyah me trouxe de volta, e a corda ficou no chão ao nosso lado enquanto fazíamos amor.

Eu precisava daquela chave no bolso dele.

Não era sobre sexo.

Mas eu ainda o queria.

Está tão confuso. Respiro assustada e pego minha bolsa.

Com as mãos suavemente em meus ombros, ele abaixa a cabeça para poder murmurar em meu ouvido: “Não vou machucar você. Eu não estou indo a lugar nenhum. Sinto muito, Lilia.”

Seu toque e sua voz nunca deixam de enviar faíscas douradas através de mim, mas depois elas se acumulam na minha garganta como lágrimas não derramadas. Por que amar Elyah tem que ser tão doloroso?

Ele se vira e se dirige a obstetra. “Lilia realmente está bem? Ela não vai desmaiar de novo?”

“Desde que ela siga minhas orientações sobre fazer exames, comer bem e descansar, ela ficará bem,” garante a mulher com um sorriso.

“Ela pode fazer sexo?” Kirill ainda está parado como uma pedra com os braços cruzados.

A obstetra franze a testa para Kirill. “Bem, ela... eu pensei que esse homem fosse o pai?” Ela diz, apontando para Elyah.

Kirill sorri amplamente para ela, a maldade brilhando em cada dente branco.

Meu rosto queima.

“Sim, a relação sexual é perfeitamente segura.” Ela hesita, olhando de um homem para outro, para suas tatuagens, seus olhos duros, seus músculos, e posso dizer que ela está pensando que não há nada de seguro nesses três homens.

“Sexo não está em questão,” digo rapidamente. “Esses homens não são meus parceiros e você não precisa prestar atenção neles.”

A obstetra me dá um sorriso rápido e tenso, como se dissesse: *Não é da minha conta,* e sai da sala.

Eu olho para Kirill. “Por que você teve que perguntar isso a ela? Tenho que ver essa mulher até meu bebê nascer. Ela provavelmente pensa que estamos em algum tipo de culto sexual estranho agora.”

Seu sorriso demoníaco fica ainda maior. “Você vai me agradecer por fazer essa pergunta quando estiver escalando as paredes, implorando para que todos nós transemos com você.”

Todos eles.

“Você gostaria,” respondo, mas não pareço desafiadora. Pareço sem fôlego.

Todo o amor e emoção de ver o ultrassom estão circulando por mim. Estou num espaço confinado com três homens em quem não consigo parar de pensar. Anseio sentir suas mãos em mim. Seus lábios em mim. Inferno, eu preciso tanto ser tocada que estou tão perto de implorar aos três para me pressionarem de todos os lados e apenas me apertarem com força. Meu rosto cheio de seus peitos. Sua respiração pesada em meu ouvido. Meu olhar fica desfocado enquanto imagino isso vividamente, e há uma batida forte entre minhas pernas.

Kirill sorri e estende a mão para a porta. “Vamos levar você para casa antes que você comece a tirar a roupa novamente.”

Eu volto para mim mesma e passo por ele com um olhar furioso. Só porque meu corpo deseja algo, não significa que eu queira ceder.

De volta ao meu apartamento, tudo parece pequeno demais, com três homens enormes ocupando todo o espaço. Elyah leva a sério as instruções da obstetra e me encurrala no quarto. Quando ele tenta me ajudar a me despir, eu afasto suas mãos. Não estou tão indefesa a ponto de não conseguir vestir meu próprio pijama.

Antes que eu possa impedi-lo, Elyah dá um beijo em minha testa e meu estômago embrulha. “Descanse aqui. Eu vou cozinhar.”

Não preciso que me digam para ir para a cama porque, depois da noite que tive, estou exausta. Enfiada na minha cama, ouço Konstantin na sala falando ao telefone em russo. Trabalhando, presumo.

No momento em que começo a adormecer, sento-me com um suspiro e grito: “Meu turno.”

Kirill enfia a cabeça pela porta. “Seu o quê?”

Explico a ele sobre o restaurante e como devo trabalhar hoje. Como devo carregar pratos por um restaurante por horas se também preciso descansar? Talvez outra garçonete possa fazer meu turno por uma semana.

“Eu cuidarei disso,” diz Kirill, e desaparece, fechando a porta atrás de si.

Com uma sensação desconfortável, deitei-me.

Quando acordo, o sol mudou no céu e as horas devem ter passado. Alguém está parado perto de mim e percebo que é Elyah, segurando uma tigela. Ele se agacha ao lado da minha cama e percebo que está oferecendo sopa. O cheiro é maravilhoso e meu estômago ronca.

Quero dizer a ele para sair e que posso cuidar de mim mesma, mas quando ele coloca a tigela no meu colo e me entrega a colher, minha força de vontade desaparece. Apenas uma refeição. Preciso de força se vou dizer-lhes para irem embora.

Para minha surpresa, o gosto é maravilhoso. Eu não achava que Elyah fosse do tipo que cozinhava. “Você fez isso?”

Ele limpa a garganta. “Eu comprei isso. Eu não sou um bom cozinheiro. Mas vou melhorar,” acrescenta rapidamente.

Não sei o que dizer sobre isso. *Não se preocupe,* parece grosseiro, já que estou comendo o que ele me deu.

Quando termino, Elyah pega a tigela de mim. “Por favor, não entre em colapso novamente. Eu não posso aguentar isso.”

Está na ponta da minha língua responder que também não gostei da viagem na ambulância, mas ele já parece tão arrasado. Ele deve ter ficado apavorado e revivendo o dia em que abortei. “Você parecia tão assustado quanto eu no hospital.”

“Eu estava, *solnyshko,*” diz ele, segurando meu rosto. “Ninguém vai te machucar. Não seu pai. Não a família daquele homem. Você não tem que se preocupar.”

Presumo que ele se refira à família de Maxim, e lembro mais uma vez que matei um homem ontem à noite. Então esses três apareceram. Não admira que eu

tenha desmaiado.

“Eu descobri quem traiu Ivan para os federais,” diz Elyah, e sua expressão fica subitamente tempestuosa.

“Você descobriu? Quem?”

“Vasily,” ele diz com os dentes cerrados. “A polícia o pegou com drogas e, em vez de levantar as mãos para o que fez, ele começou a denunciar todos nós.”

Vasily? O nome não significa nada para mim. “Quem?”

Elyah me encara. Então ele ri, mas é uma risada cansada e triste. “Não é engraçado, mas de alguma forma é. Nossas vidas foram arruinadas por alguém que estava tão abaixo de você.”

Não gosto quando Elyah fala de mim como se eu fosse uma princesa altiva. Sou apenas eu, grávida e apavorada. “Ele não estava abaixo de mim. Só não me lembro de alguém chamado Vasily ter vindo até minha casa. Pelo que eu saiba durante todo esse tempo, Vasily não fez nada para me machucar. Você fez.”

A expressão de Elyah treme de dor e ele estende a mão para mim.

Coloquei a mão no peito de Elyah para afastá-lo. “Onde está Vasily agora?”

Ele abaixa as mãos com um suspiro, mas seus olhos ardem de ódio e desafio. “Eu o matei.”

Outro homem morto. Sei que Vasily provavelmente morreu há meses, mas a contagem de corpos ao nosso redor está realmente aumentando. Um dos homens de Ivan o traiu, e por um motivo tão estúpido e descuidado. Espero ficar chocada, ou até surpresa, mas a primeira palavra que sai da minha boca é: “Bom.”

Um sorriso se espalha por seu rosto. “Realmente? Não é o tipo de coisa que normalmente agrada a uma mulher.”

Vasily separou Elyah e eu por causa de algumas drogas pelas quais ele

talvez nem tivesse ido para a prisão. Ele foi a razão pela qual a polícia entrou em minha casa e eu perdi meu bebê. Deitada aqui nesta cama, preocupada com esta nova gravidez, parece ter me dado o gosto por sangue e vingança. “Como ele morreu?”

Elyah lança um olhar sombrio para mim. “Com uma garrafa quebrada nas entranhas enquanto eu gritava na cara dele que estava vingando você.” Ele olha para minha barriga, coberta pelo cobertor, e estende a mão hesitantemente para me tocar. “Mas você está certa. Não foi ele quem te machucou. Fui eu. Sinto muito, Lilia. *Prosti menya.*”

Perdoe-me.

Olho para a mão dele na minha barriga. Elyah se inclina mais perto, segurando meu queixo enquanto seus lábios roçam os meus. Uma pergunta suave.

Você ainda me quer, solnyshko?

Meus olhos se fecham e eu apenas respiro, meus lábios entreabertos. Elyah pressiona sua boca sobre a minha com um gemido suave e me puxa para mais perto. Seus dedos roçam minha garganta e, embora já esteja curada há muito tempo, sinto a queimadura da corda.

O pânico me invade. Ele está me prendendo em uma jaula novamente, depois de tudo que passei para me libertar dele e de seus amigos no ano passado.

Afasto meu rosto do dele. “Eu não te perdoo. Eu nunca poderei te perdoar.”

Não importa o quão bons sejam seus beijos. Não importa o que meu corpo queira. Não posso me permitir amá-lo depois de tudo que ele fez.

Elyah não se move. “Eu nunca vou parar de tentar. Eu não vou desistir.”

Enquanto olho em seus olhos azuis gelados, acredito nele, mas isso não muda nada. “Você faz o que tem que fazer, Elyah. Eu farei o que tenho que fazer. Este bebê é o que importa. Nós não.”

Coloco minhas mãos em seu peito e o empurro, e ele vai embora, mas sua expressão é esmagada quando ele se levanta e se move em direção à porta.

Com todas as forças que tenho, endureço meu coração para ele.

Seu amor se transformou em ódio no momento em que alguém lhe disse que eu o traí. Ele não confia em mim. Ele não acredita em mim.

Elyah me lança um último olhar e depois vai embora. Puxo os cobertores em meus braços, abraçando-os, segurando-os com força e desejando que fossem o corpo dele.

Enquanto estou deitada ali, sinto minha barriga se mexer sozinha. É uma sensação estranha e, por um segundo, não sei o que é, até que percebo, com um suspiro de alegria, que é o bebê se mexendo.

Pulo da cama e estendo a mão para a porta para poder chamar Elyah para vir e sentir também. Então meus dedos caem da maçaneta da porta.

O que eu estou pensando?

Compartilhar esse momento com ele seria o mesmo que dizer que quero que ele seja o pai da criança. Um sentimento de vazio se abre dentro de mim quando me lembro de uma fantasia que tive há muito, muito tempo. Há tanto tempo que parece que pertence a outra mulher. Lilia Kalashnik sonhava acordada com o motorista grande e forte de seu marido segurando-a nos braços enquanto as mãos dele seguravam sua barriga e ele sorria maravilhado.

Um sonho impossível, mas ela o desejava de todo o coração.

“Menina tola,” sussurro, sentando-me na cama, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto enquanto meu coração solitário está cheio de pensamentos ternos sobre Elyah.

Meu pequeno apartamento parece ainda menor com três homens enormes morando ao meu lado, e estou hiper consciente deles o tempo todo. Respirando. Andando. O estrondo profundo de suas vozes. Tento bloqueá-los e fazer as coisas que precisam ser feitas, mas não consigo tirar nem um copo de iogurte da geladeira sem que um deles atrapalhe.

Eles estão sentados no meu sofá. Usando minhas toalhas. Há garrafas de vodca no lixo e espuma de barbear na pia do banheiro. Eles são grandes demais para este lugar. Eu posso vê-los. Eu posso sentir o cheiro deles. Eu praticamente posso prová-los, e isso está me deixando maluca.

“Por que vocês não podem ir todos para um hotel?” Grito com eles uma tarde, arrancando um dos meus sutiãs de Konstantin. Deixei-o pendurado nas costas de uma cadeira na semana passada para secar. Isso não significa que ele pode sujar tudo com as mãos sujas. “Por que vocês têm que morar no meu apartamento? Melhor ainda, deixem o país.”

“Lilia. O bebê,” Elyah me lembra. Ele acabou de voltar de algum lugar, presumo do supermercado, e coloca sacolas de compras no balcão. Só tenho um pequeno balcão para preparar comida e queria preparar o almoço, mas agora não há espaço.

“Vou me preocupar com meu bebê, obrigado,” respondo bruscamente. “Ocorreu a vocês que vocês estão aumentando meu estresse por estarem aqui?”

A porta do banheiro se abre e Kirill sai em uma nuvem de vapor, completamente nu. Gotas de água grudam em seus músculos e escorrem de seus cachos escuros. Seu pau não está em posição de sentido, mas está engrossado, como se ele estivesse ali pensando em sexo.

Ele *parece* sexo.

Posso imaginar vividamente como seria a sensação de seu peito contra minha língua e como seria a sensação do músculo de seu ombro entre meus dentes.

“O que é todo esse barulho?” Kirill pergunta franzindo a testa, caminhando até mim. “Estamos seguindo as ordens da sua médica. Como podemos cuidar de você e do bebê se estivermos em outro lugar?”

Não consigo tirar os olhos da maneira como seu pau semi-duro balança enquanto ele se move. O orgasmo que Konstantin me deu parece ter acontecido há muito tempo.

Um sorriso passa por seus lábios. “Continue me dando esses olhos sexuais, *detka*. Veja o que acontece com você.”

Ah, Jesus Cristo. Eu me viro e corro para o meu quarto.

Kirill me segue, seu pau ainda balançando. Jogo uma toalha nele e ele a pega, mas não a enrola na cintura.

“Nós três decidimos que quando sua pressão estiver normal partiremos para Londres. Não é seguro aqui na cidade onde você assassinou um homem.”

O pai de Maxim não saberá que fui eu. No que diz respeito a qualquer outra pessoa, Maxim desapareceu sem deixar vestígios. “Eu não vou a lugar nenhum com vocês.”

Kirill coloca um dedo sobre meus lábios e seus olhos percorrem meu corpo. “Você está tensa porque precisa gozar. Que tal um jogo de roleta russa? Não precisamos da arma desta vez. Nem precisamos da roleta. Apenas o russo.”

Ele alcança o cós da minha legging e o mundo desaparece em uma névoa rosa excitante. Seu pau está ficando cada vez mais duro. Eu olho para a veia grossa na raiz do seu pau e imagino como seria desaparecer dentro de mim, uma e outra vez. “Eu seria louca se fizesse sexo com você.”

“Bom, porque eu sou louco, lembra? Diga-me que você não gozará. Vou gostar de provar que você está errada.”

Ele desce minha cintura até meus quadris antes que eu recupere o juízo e o afaste. “Pare com isso. Se você está tão preocupado comigo e com o bebê, saia

do meu apartamento. Seremos muito mais felizes.”

Kirill passa a mão pelos cachos úmidos e sorri preguiçosamente para mim. Uma gota de água escorre pelo seu peito e pela barriga, e um gemido quase escapa dos meus lábios.

“Venha me encontrar quando estiver pronta para ser fodida. Enquanto isso, descanse e deixe-nos cuidar de tudo. É o que fazemos de melhor.”

Observo sua bunda musculosa enquanto ele sai em busca de roupas, perdida na fantasia de ser lambida, acariciada e fodida com os dedos até o orgasmo repetidas vezes, ao mesmo tempo negando-lhes sua própria liberação. Isso os ensinaria.

Coloco as mãos no rosto e balanço a cabeça. Isso não lhes ensinaria nada, e a próxima coisa que eu saberia é que um ou mais deles estariam me fodendo enquanto me diziam que definitivamente aprenderam a lição.

Elyah cozinha algo com feijão e linguiça para o jantar. Não sei dizer se é sopa ou ensopado quando ele coloca na nossa frente e alguns vegetais parecem queimados. Por mais que me ressinta a presença dele em meu apartamento, sei como é difícil cozinhar quando você não tem ideia do que está fazendo. Levanto minha colher e provo, raciocinando que provavelmente não é tão ruim quanto parece.

Isso é.

Konstantin está olhando para o jantar como se quisesse colocar uma bala nele.

Kirill dá um gole e faz uma careta como se fosse veneno. Então ele joga a colher no chão. “Se eu fosse o juiz do seu julgamento, condenaria você a mais dez anos por este crime.”

Elyah está parado perto do fogão, servindo sua própria tigela. “Isso não é bom? É o que minha *babushka* cozinha quando alguém está grávida.” Ele franze

a testa. “Talvez eu não tenha feito certo.”

Eu me forço a engolir um bocado. Elyah colocou muito tempero e cozinhou demais, mas tem tudo que preciso. Vegetais. Proteína. Estremeço quando dou outra mordida em algo crocante. Dentes inteiros de alho cru. Ele adicionou isso no final? Tenho quase certeza de que *a babushka de Elyah* os teria picado.

Kirill pesca um e o levanta. “Pelo menos o bebê não será um vampiro.”

Elyah deixa cair a colher de servir na panela com barulho e avança em direção a Kirill. “Isso diz cozinheiro de classe mundial?” Ele pergunta, levantando a camiseta para revelar a palavra russa escrita em suas costelas. “Isso diz chef com estrela Michelin?”

Kirill levanta as duas mãos, recostando-se na cadeira. “Uau, Elyah...”

“Ele diz para o que sou bom. Tudo para o que sou bom. Sou uma arma. Sei como matar, mas não posso fazer seu maldito cordon bleu.”

Levanto-me e coloco a mão em seu peito. “Você não é uma arma, Elyah. Não fale sobre você dessa maneira.”

Sua expressão suaviza quando ele olha para mim, e o desejo em seus olhos transmite exatamente o que ele está pensando. Que sou a única que pode fazê-lo acreditar que tem mais a oferecer do que violência e morte. Lentamente, ele se aproxima de mim, deslizando as mãos em volta da minha cintura. Quando ele abaixa a cabeça e seus lábios roçam os meus, a palma da mão segura minha barriga inchada. Cada linha tensa de seu corpo suaviza.

Para mim.

Só para mim.

Quando ele me toca, parece que todos estão me tocando. Ele geme, esmagando seus lábios nos meus e me segurando forte contra seu peito.

Meus olhos se abrem e eu luto em seus braços. Como chegamos aqui? Estávamos jantando há pouco.

“Lilia, por favor,” Elyah murmura com voz rouca, me deixando ir, mas lentamente, esperando que eu mude de ideia. A decepção e a frustração tomam conta dele.

Quando olho para os outros homens, há irritação no rosto de Kirill e resignação inflexível no rosto de Konstantin. Passo as mãos pelos cabelos e gemo. Tê-los aqui está me deixando louca.

Vou para o meu quarto. Um momento depois, Elyah aparece na porta.

“Vou pegar outra coisa para o jantar. O que você quer?”

Seu cabelo loiro e fino está despenteado e há manchas vermelhas em sua camiseta. “Você tem molho em você.”

Elyah olha para si mesmo e tira a camiseta do peito. Então ele pergunta. “Você quer pizza? Você não deveria comer pizza o tempo todo, mas deve estar com fome, e a pizza é rápida.”

Eu deveria estar imune à visão do torso nu de Elyah, mas toda aquela carne quente e tatuada me dá água na boca.

Foda-se a pizza. Quero você.

Ele deve ver a necessidade em meus olhos quando sua expressão muda e ele se aproxima. Movendo-se lentamente desta vez. Com cuidado. Como costumava fazer quando era motorista de Ivan, aproximando-se cada vez mais da esposa de seu chefe.

“Você não deveria ficar sozinho comigo,” murmuro, recuando, mas não muito rápido. “E se eu enfiar uma faca em seu coração?”

“Eu diria obrigado pelo presente desta faca preciosa, *solnyshko*. E então eu morreria feliz em seus braços.”

Com uma mão casual, ele a estende e esfrega a nuca, os músculos ondulando, e me lembro do dia em que ele deu um jeito para que eu o encontrasse seminu na lavanderia. Ele pegou minhas mãos e as pressionou

contra seu peito, parando um pouco antes de me beijar, embora tudo que eu conseguisse pensar naquele momento fosse ele me puxando para seus braços e pegando o que quisesse.

“Você está fazendo isso de novo,” eu digo, cruzando os braços e tentando me sentir irritada. Minha boceta tem outras ideias e todas envolvem perdoar Elyah neste segundo e puxá-lo para cima de mim.

“Fazendo o que?” Ele pergunta, levantando as sobrancelhas de forma falsamente inocente.

Ele está cada vez mais perto. Minha carne está queimando. “Tirando sua camiseta e posando.”

Ele olha para si mesmo com um sorriso e depois volta para mim. “Eu não estou posando. Estou apenas parado aqui.”

Ele está parado flexionando, cada músculo do peito e abdômen definidos. “Você está se pavoneando.”

Um sorriso surge em seu rosto e ele ri. Meu coração torce. Ele fica tão bonito quando ri. “Eu estou o que?”

Faço um gesto vago para seu lindo corpo, mas é um erro porque agora estou olhando para ele novamente e o calor percorre meu corpo. “Desfilando para chamar minha atenção.”

Ainda fingindo ser casual, ele se aproxima, os músculos de seus ombros refletindo a luz. Quantas vezes imaginei minhas mãos ali enquanto ele me fode, minhas unhas cavando para incentivá-lo a empurrar mais fundo, com mais força? Para usar toda a força que ele recebeu para me fazer quebrar.

“Eu não estou me pavoneando,” ele murmura.

“Sim, você está,” eu digo distraidamente, meu olhar caindo para a linha dura de músculos em cada lado de seus quadris estreitos. Há uma tatuagem de rosa em um lado, as pétalas desaparecendo em seu jeans preto. Me fazendo

pensar em seu pau. Consigo ver seu pau através do jeans à medida que ele fica cada vez mais duro.

Elyah estende a mão para mim. Eu me afasto dele, balançando a cabeça. “Pare com isso. Não vou cair nos seus truques.”

“Truques? Eu não tenho nenhum truque. Eu sou estúpido demais para enganar alguém.”

Estou surpresa com a amargura em sua voz. Quando olho para seu rosto, posso ver que ele está preso entre me seduzir e se repreender. “Você não é estúpido, Elyah.”

“Eu pensei que você me traiu porque eu sou muito inteligente?” Ele rosna. “Eu coloquei você em uma jaula e te torturei porque sou *inteligente*?”

Eu engulo em seco. Há tanta dor em suas feições orgulhosas.

“Talvez sua mente estivesse nublada pela raiva e pelo desgosto, mas você não é estúpido,” digo a ele. “Você sabia o que estava fazendo comigo e fez mesmo assim.”

“Sim,” ele grita. “Eu fiz isso de qualquer maneira, e mantê-la prisioneira não me trouxe nenhum prazer. Não me considero estúpido porque acho que isso desculpará o que fiz. Digo isso porque é verdade. Fui estúpido durante toda a minha vida. Na escola eu não sabia do que diabos meus professores estavam falando. Não consigo nem cozinhar uma refeição. Você sabe o que eu daria para meu cérebro funcionar como o seu ou o de Konstantin? Eu sou estúpido.” Ele bate o punho no crânio como se estivesse batendo em um pedaço de madeira.

Eu pego sua mão e a puxo para baixo. “Não faça isso. Você não é estúpido. Você era o único que sabia que eu estava tramando alguma coisa no concurso. Você tentou avisar Konstantin, mas ele não quis te ouvir.”

Ele abre os braços. “E daí? Ajudou alguém o fato de eu ter sentido algo e não conseguir explicar? Não, eu só via corvos no jardim e maus presságios. Eu

não era útil para ninguém.” Os olhos de Elyah se enchem de desejo e saudade, e sua voz fica áspera de emoção quando ele fala. “Eu deveria saber que você nunca teria feito nada para ajudar as pessoas que mataram seu bebê. Eu nunca vou me perdoar.”

Envolvo meus braços em volta de mim, sentindo-me vazia. Se ao menos eu estivesse na casa depois que Ivan foi morto, quando Elyah veio me buscar para me levar embora. Tudo teria sido tão diferente. “Você não é o único que é estúpido. Eu não deveria ter ido a lugar nenhum com meu pai. Se eu tivesse colocado o pé no chão e esperado, você teria me encontrado.”

Elyah cuidadosamente estende a mão para segurar meus ombros, e eu deixo.

“No dia em que Ivan foi morto, no momento em que estacionei na rua onde ficava o escritório dele, simplesmente parei,” ele murmura.

“Isso provavelmente salvou sua vida,” aponto.

“Mas não a de Ivan.”

“Estou feliz.” Minha voz é baixa e cheia de veneno. “Uma esposa não deveria pensar isso, mas estou feliz que ele esteja morto.”

O olhar de Elyah arde de malícia. “Eu deveria tê-lo matado na primeira vez que ele colocou as mãos em você com raiva.”

Balanço a cabeça, sem ter certeza se estou com pena de mim mesma ou dele. “No Hospital? Ah, Elyah. Essa não foi a primeira vez.”

Ele aperta as mãos no crânio e fecha os olhos com força. “Porra. *Porra.*”

“Ele tornou minha vida uma miséria e teria feito meu filho infeliz se eu... se ele...” Mesmo agora, com outro bebê forte e chutando na minha barriga, meu coração ainda dói pela criança que perdi.

“Eu teria adorado aquela criança,” sussurra Elyah.

Eu sei. Minha boca se enche com as palavras, mas não consigo dizê-las.

Este homem fez coisas terríveis ao meu coração e à minha alma, e eu não deveria *querer* dizê-las.

Sua grande mão segura minha bochecha. “Eu vou amar esta criança. Isso é tudo que tenho para oferecer a vocês dois. Você me aceitará, Lilia? Você vai me deixar proteger vocês dois? É tudo que eu quero.”

Elyah pega minhas duas mãos e as pressiona contra seu peito. Ele está queimando, vital e delicioso. Quando não o afasto imediatamente, ele aproveita a chance e captura minha boca com a dele.

“Eu não te perdoo,” eu sussurro entre beijos. “Você é perigoso. Você é cruel.”

“Eu sou,” ele diz, sua boca derretendo sobre a minha. “Mas este mundo é perigoso e cruel, e vou esconder isso de você e do bebê.”

Tenho que me afastar de Elyah antes de sucumbir ao que seu corpo está oferecendo. Não confio em mim mesma para não abrir meu coração para ele se eu deixar que ele me devaste tão docemente com orgasmos mais uma vez.

Mas Elyah tem outras ideias.

Ele me pega e me leva até a cama. “Eu mereço ser arrastado para o inferno. Lutarei contra todos os demônios que vierem atrás de mim porque nunca sairei do seu lado e, Lilia, você está destinada ao céu.”

Como pode um homem que se diz estúpido dizer coisas tão devastadoras? Não me sinto angelical neste momento, não quando estou desejando tanto Elyah que não consigo pensar.

“Terei que ser boa para nós dois para que você também possa chegar ao céu?” Pergunto-lhe.

“Você vai me ensinar a ser bom.” Ele desabotoa a calça jeans e a empurra pelas pernas, e seu pau fica grosso e ereto. Em seguida, ele pega minha legging, tirando-a pelas minhas pernas com um brilho malicioso nos olhos. “E eu vou te

ensinar a ser má.”

Espero que ele me prenda no colchão, mas ele rola de costas e estende as mãos para mim. Seu pênis endurecido está orgulhosamente em posição de sentido, grosso e glorioso. Não posso acreditar que estou pensando no pau de um homem tão grosso e glorioso, me sinto tão estúpida, me sinto tão estremecida, mas ele *é*... Anseio por levantar meus quadris sobre ele e deslizar por seu comprimento.

“Por favor, *solnyshko.* Nós dois precisamos disso.”

O orgulhoso Elyah está dizendo por favor.

Implorando-me.

Minhas bochechas aquecem de raiva e frustração. “Eu não vou.”

“Você vai, Lilia. Venha aqui e arranhe as unhas no meu peito enquanto me fode. Me machuque. Faça-me pagar. Diga-me que você me odeia e que levará muito, muito tempo até que você acredite que realmente sinto muito. O que você precisar, mas venha aqui.”

10

Elyah

Lilia ainda hesita, então seguro seu pulso e a puxo em minha direção, e ela cai sobre meu peito. Seu lindo cabelo cai contra minha bochecha.

“Você quer me machucar? Prossiga. Ataque-me. Bata em mim. Me dê um soco. Mas você tem que fazer isso enquanto monta meu pau.”

“Vá para o inferno,” ela ferve, mas não luta comigo. Ela nem tenta se afastar. Ela está respirando com dificuldade, sua barriga pressionada contra meu estômago. Um espasmo passa pelo meu pau e minhas bolas doem. Eu quero minha mulher assim. Ela é tão sexy que mal consigo respirar.

“Eu chegarei lá eventualmente. Vamos, *solnyshka.* Mostre-me o quão brava você realmente está. Destrua meu peito. Faça-me sangrar.”

Lilia olha para minhas tatuagens e depois crava todas as unhas em meu peito. Com os lábios entreabertos e ofegantes, ela as arrasta violentamente para baixo com toda a sua força. Eu gemo e aperto meus músculos contra a dor.

Mas não consigo evitar o sorriso em meus lábios.

Na segunda vez que ela faz isso na minha pele já esfolada, ainda estou sorrindo, mas dói pra *caralho.*

Eu mereço cada onda de dor.

Sua expressão é febril e ela monta em mim, apertando-me com as coxas.

“Você precisa de mim, Lilia. Sua vida não será a mesma sem mim.”

Ela alcança entre as minhas pernas e envolve meu pau. “Eu não preciso de você. Eu só preciso disso.”

Balanço meus quadris embaixo dela, amando a maneira como seu corpo sobe e desce sobre o meu.

“Você sempre me quis.” Paro com um gemido enquanto sua mão massageia para cima e para baixo ao longo do meu pau.

“Eu não quero você. São apenas os hormônios da gravidez.”

“Foram os hormônios da gravidez quando estávamos na despensa da casa do seu marido? Enfiei meus dedos em você e você apertou tão necessitadamente em volta de mim.”

“Cale a *boca*.” Lilia mantém uma mão em volta do meu pau e passa as unhas da outra mão no meu peito, e eu gemo de prazer e dor.

“Gosto das tatuagens que você está me fazendo. Elas contam uma nova história em cima da antiga.” O ceifador que ganhei após minha décima morte. A cruz que marca a ocasião em que quase morri. As marcas vermelhas brilhantes das unhas de Lilia contam uma história de fúria, desejo e amor.

Alcanço entre suas coxas abertas e encontro seu clitóris. Eu acaricio meu polegar em círculos lentos sobre ela, e sua cabeça cai para trás enquanto seu rosto fica vermelho. Ouço o tom crescente dos seus gemidos, mas não é suficiente. Eu quero mais.

“Eu nunca consigo lamber você. Venha aqui e me dê sua boceta.” Ela parece não saber o que estou pedindo e me encara confusa. “Sente na minha cara, *solnyshko*.”

“Mas eu estou... eu estou muito pesada.”

Eu apenas rio e a puxo em minha direção. Lilia sobe com os joelhos no meu peito e monta em meus ombros, e eu dou uma boa olhada em sua boceta molhada e brilhante. Ela ainda está muito longe, então envolvo meus braços com mais força em torno dela e coloco meus lábios em seu clitóris. Então dou-lhe uma lambida lenta e sensual. Lilia suspira alto e agarra a cabeceira da cama.

“Você consegue respirar assim?” Ela pergunta incerta, tentando se afastar.

Eu a puxo firmemente de volta contra minha boca. Quem se importa? Eu

vou conseguir de alguma forma. Com alguns golpes encorajadores de minhas mãos, Lilia arqueia as costas e cavalga meu rosto como se fosse meu pau.

Os outros dois definitivamente podem nos ouvir, e tenho a sensação de que alguém está nos observando. Ele vai esperar até que Lilia esteja muito longe antes de tornar sua presença conhecida. É melhor ele esperar, ou eu vou matá-lo.

Os gemidos de Lilia aumentam de intensidade e ela está à beira do abismo quando a afasto do meu rosto. Posso vê-la agora, com a barriga inchada e as mãos agarradas à cabeceira da cama. Suas bochechas coram e seus olhos estão escuros e carentes.

Ela dá um grito de consternação. “Por que você parou?”

“Peça-me para fazer você gozar. Você sabe que adoro ouvir você dizer meu nome.”

O meu nome. Eu quero isso em seus lábios quando ela gozar. Não se trata dos hormônios dela ou do fato de estarmos todos presos aqui juntos. Ela precisa de mim e vou ouvi-la dizer isso.

Aborrecimento passa por seu lindo rosto. “O que faz você pensar que vou te dar tudo o que você quiser?”

Lilia desce pelo meu corpo e agarra meu pau. Ela me alinha em sua entrada e depois afunda em todo o meu comprimento. A raiva desaparece de seu rosto enquanto ela grita.

Seguro seus quadris e inclino a cabeça para trás com um gemido de êxtase. Ela está segurando meu pau como um torno.

Ah, sim, Lilia.

Você está me mostrando.

Ensinando-me essa maldita lição.

Quando ela se cansa e começa a ofegar, eu agarro seus quadris e entro com

mais força nela. Uma mulher grávida é tão linda. Nunca imaginei fazer amor com uma mulher nesse estado, mas Lilia é tão feminina. Tão arredondada.

“Foram os hormônios quando você apareceu no meu apartamento pelas costas do seu marido? Foram hormônios quando eu te fodi na cadeira de Konstantin e você gozou com tanta força que ordenhou o esperma do meu pau?”

“Eu estava apenas...”

“Shh, *solnyshko*, agora não é hora para mentiras.” Estendo a mão e agarro seu queixo, fazendo-a olhar para mim. “Você acha que eu sou o teimoso? Eu disse que sinto muito. Você não pode dizer meu nome?”

Lilia agarra meu pulso e olha para mim desesperadamente. Tudo que quero para o resto da minha vida é ser necessário para ela. Ela anseia por ser amada tão ferozmente quanto eu a amo.

“Por favor, me faça gozar, Elyah. Por favor.”

Eu continuo segurando sua mandíbula, meus dedos em volta de sua garganta. Não apertando, apenas segurando-a ali enquanto ela se segura em mim.

Eu peguei você, *solnyshko.*

Posso ver tudo o que você é e você é gloriosa.

Com meu polegar roçando seu clitóris, empurro dentro dela e bebo o prazer em seu rosto.

Há um som vindo do corredor, meio gemido, meio rosnado. A porta está entreaberta. Não sou o único viciado no som do seu desejo.

“Kirill está nos observando.”

“Que surpresa,” Lilia geme, mas não para. Na verdade, ela empurra os seios para fora e mói ainda mais forte no meu pau.

Um sorriso malicioso curva meus lábios. “Você está se exibindo para ele? Você é uma garota muito má.”

Eu empurro nela, adorando saber que Kirill está nos observando, com inveja, ofegante e provavelmente com o pau na mão. Ouvi-lo foder Lilia no avião foi em partes tortura e felicidade.

“Vou convidá-lo aqui para foder essa bocetinha macia depois de mim, toda cheia do meu esperma.”

“Você não ousaria,” ela suspira.

“Eu me atrevo, *solnyshko*. Um homem não é suficiente para você. Vou segurar você com força contra mim enquanto Kirill faz tudo o que está em sua cabeça distorcida que deixa você tão molhada e fraca por ele.”

Lilia choraminga e sinto sua carne esquentar sob meus dedos. Ela gosta dessa ideia. Ela está tão perto e está prestes a explodir em cima de mim.

“Kirill!” Eu grito. “Entre aqui e veja nossa mulher gozar.”

“Pare com essa coisa de mulher,” ela suspira desesperadamente.

Kirill abre a porta, já tirando a roupa, com os olhos famintos em Lilia. “Que bonitinho. Ela acha que não é nossa.”

“Não é nossa? Quando ela está tão bonita esperando para ser fodida pelo meu amigo?” Eu faço um barulho *de tsk* enquanto olho para ela. “Não seja mentirosa.”

Uma vez nu, Kirill se senta atrás de Lilia e monta em minhas pernas. Ele passa um braço em volta da cintura dela e substitui meus dedos em seu clitóris pelos seus. Segurada entre nós, Lilia desiste completamente do ataque aos seus sentidos, fechando os olhos e apoiando a cabeça no ombro de Kirill.

Nossos olhos se encontram nela, e eu sei que o sorriso vitorioso de Kirill está refletido em meu próprio rosto. Como isso é muito melhor para nós dois. Ele move-a para cima e para baixo no meu pau enquanto os seus dedos continuam a acariciá-la.

“*Detka*, tenho observado você fodendo Elyah, e agora vou sentir você

gozando para ele.”

Estou lutando para aguentar. A visão dela indefesa nos braços de Kirill enquanto ela se move para cima e para baixo em meu comprimento, apertando cada vez mais forte, está me fazendo perder a cabeça.

Lilia grita e seu corpo se arqueia. Kirill envolve seus braços com mais força em torno dela e a empurra para baixo em meu pau, rosnando em seu ouvido: “Boa garota, porra. Deixe-o bem e profundamente. Elyah vai explodir dentro de você.”

Lilia está no auge de seu orgasmo e não tem escolha. Meu poderoso clímax sobe e eu resisto embaixo dela, pulsando meu esperma profundamente dentro dela.

Caio para trás com um suspiro, respirando com dificuldade, minhas mãos na barriga de Lilia. Não me lembro de ter sentido uma liberação tão intensa.

Sento-me, tiro Lilia do meu pau e viro-a. Ela fica fraca e flexível depois de gozar, e com ela deitada em meus braços, eu abro suas pernas.

Kirill se ajoelha entre nossas coxas, bombeando seu pau em punho com um sorriso diabólico no rosto.

Coloquei os meus lábios na orelha de Lilia, as suas mamas macias nas minhas mãos. “Você tem três segundos para fechar as pernas e se levantar desta cama, ou Kirill vai te foder. Um. Dois.” Faço uma pausa e meus lábios se curvam em um sorriso enquanto ela não se move. “Três.”

Kirill segura o quadril de Lilia, se posiciona sobre ela e afunda em sua boceta com um gemido longo e alto. “*Detka.* Você fica tão bem depois de ter sido fodida.”

Ele move os quadris para frente e para trás em impulsos lentos e deliberados, faminto pelo aperto de sua boceta em seu pênis. Não consigo tirar os olhos da visão dela engolindo-o inteiro.

“Implore para ele não parar,” eu sussurro, abrindo mais suas pernas.

“Pare de me fazer implorar,” ela choraminga.

Eu empurro meu queixo para Kirill, e ele não apenas para, ele sai dela.

“Não!” Lilia tenta agarrar Kirill, mas eu a contenho amorosamente, abraçando-a e dando beijos em sua garganta.

“Você é uma garota má que não fará o que lhe mandam. Eu disse para implorar para ele não parar. Se você pedir a ele o que deseja, Kirill dará a você.”

Kirill bombeia a mão ao longo de seu comprimento, que agora está brilhando com sua umidade e meu esperma. Porra, é uma visão incrível.

“*Detka*, de repente estou obcecado em ouvir você me implorar. Eu não vou te dar o que você quer até que você peça.”

Meus lábios acariciam a concha de sua orelha. “Vá em frente, *solnyshko.* Diga a ele que seu pau parece o paraíso, e você morrerá se não o sentir dentro de você.”

As mãos de Lilia flexionam e apertam minhas coxas. Ela não quer, mas as palavras saem de seus lábios. “Por favor, Kirill.”

Eu gemo e seguro a parte interna de suas coxas, observando Kirill empurrar dentro dela mais uma vez e reivindicá-la. É quase tão bom como fodê-la eu mesmo.

“Mais forte, por favor,” ela implora.

“Eu posso te foder com mais força, mas você tem que continuar me implorando. Se você parar, eu paro.”

Ela balança a cabeça rapidamente enquanto ele lhe dá o que ela quer. “Por favor, por favor, por favor.”

Eu me pergunto se Konstantin está ouvindo isso. Ele não é o único que pode transformar essa deusa encantadora em uma garota carente e faminta que fará

tudo o que ela mandar.

“Seu clitóris é tão inchado e bonito,” sussurro em seu ouvido. “Você quer que eu brinque com você?”

“Por favor, Elyah.”

Acho que poderia ficar viciado naquele som e na sensação de Lilia em meus braços. Seu clitóris é escorregadio e quente ao toque enquanto eu a trabalho em círculos lentos ao ritmo das estocadas de Kirill. Lilia foi feita para ser fodida assim. Ela deve sentir isso também, porque não para de gemer nossos nomes. Ela goza de novo, uma mão apertando o ombro de Kirill, a outra atrás de nossas cabeças para agarrar minha nuca.

Kirill olha para o rosto dela e, de repente, suas investidas falham e ele xinga em russo.

Um momento depois, Kirill sai dela com uma lentidão deliciosa. Lilia abriu os olhos e seus dedos correram tontos pelo peito dele.

Estendo a mão e agarro a base do pênis de Kirill, aperto-o com força e puxo seu comprimento, reunindo sua semente e a minha em minha mão. Quando está cobrindo meus dedos, eu os empurro nela. “Não desperdiçando uma gota.”

Lilia tira o cabelo do rosto suado e coloca a mão na barriga inchada. “Já estou grávida, se você não percebeu.”

“Não importa. É aí que pertencemos.”

O feitiço do sexo está se evaporando e Lilia tenta se cobrir com um cobertor. Kirill e eu não deixamos. Nós a queremos exatamente onde ela está.

“Vocês dois conseguiram o que queriam. Agora deixe-me levantar.”

“Você é o que eu quero. Você sempre será,” digo a ela.

Lilia desvia o olhar rapidamente e balança a cabeça. Ela ainda não acredita que eu tenha algo real para lhe oferecer.

Coloquei meus lábios em sua orelha. “O que você quer que eu faça, enfie a mão no meu peito, arranque meu coração sangrando e mostre para você? Se for necessário, eu farei.”

11

Kirill

“Não. Por favor, deixe-me levantar.” Lilia coloca as mãos no meu peito. Ela está amontoada entre o meu corpo e o de Elyah.

Sou a única coisa que a mantém aqui e não me movo. “Você parece tão linda quando implora, *Detka*. Não é apenas Konstantin quem pode transformá-la em um gatinho doce. Você faz isso por nós também.”

“Estar grávida está me fazendo fazer coisas malucas. Você pode se mover, por favor?”

Meu olhar percorre seu corpo, admirando o inchaço de sua barriga, o rosa escuro de seus mamilos. Seu corpo é fascinante e como ela fica bonita apoiada em todos os músculos e tatuagens de Elyah. Eu não achei que nada seria melhor do que trepar com ela enquanto ela dormia tão docemente, mas o ódio e o sexo no avião chegaram perto. Isto é ainda melhor.

“Por quê? Você tem algum lugar para ir?” Eu a provoco. Ela deveria ficar exatamente onde está nos braços de Elyah. Este homem não ficará satisfeito apenas em foder Lilia.

“Foi só sexo. Apenas coçando uma coceira. Isso não acontecerá novamente.”

A dor passa pelo rosto de Elyah. “Não há vergonha em precisar de alguém ou amá-lo.”

Lilia faz um barulho estrangulado e de pânico. Ela me empurra de cima dela, pega um roupão de algodão atrás da porta e sai correndo do quarto. Um momento depois ouvimos a porta do banheiro bater. Elyah e eu nos entreolhamos frustrados.

Levanto-me e visto minha calça jeans. “O que mais você precisa dizer para

aquela mulher? Ela é impossível.”

Elyah recosta-se com um suspiro de derrota. “É minha culpa. Não dela.”

“Merdas malucas acontecem em nosso mundo,” eu rosno. “Ela teve sua vingança. Ela vendeu os diamantes. Agora é hora dela superar isso.”

Vou esperar na porta do banheiro, encostado no batente da porta com as mãos nos bolsos. Assim que Lilia abre a porta, ela me olha surpresa.

“Por que você não pode dar um pouquinho de gentileza a Elyah, sua vadia de coração frio?”

Elyah é uma das razões pelas quais ainda estou respirando e cada ferimento que ela causa nele é meu maldito ferimento.

Os lábios de Lilia se apertam em aborrecimento. “Por que você acha?”

Eu aceno minha mão. “Sequestrando você, aterrorizando você, quase matando você, sim, sim.”

“Não, *sim, sim,* por tudo o que aconteceu. Que tipo de louca cairia em algum de seus braços depois das coisas que vocês fizeram?”

Ainda posso senti-la contra mim enquanto seu orgasmo a atravessava. Lilia é exatamente esse tipo de pessoa maluca e precisa aceitar isso. “Esse homem tem sentimentos sinceros por você, e ele sempre teve.”

Lilia faz uma cara de nojo e tenta passar por mim. “Quem é você para falar sobre sentimentos quando não os tem?”

Bato minha mão na parede perto de sua cabeça, bloqueando seu caminho, e rosno entre dentes: “Você não sabe nada sobre mim.”

“O que há para saber? Você é um esquisito, um pervertido e um assassino. A primeira vez que te vi, você estava assassinando alguns amigos do meu pai sem motivo.”

Sem motivo.

É isso que ela pensa?

Sem motivo.

“Estou feliz que você tenha mencionado isso,” eu digo entre dentes. “Se alguém tentar tirar você de nós, eu vou matá-lo, assim como fiz com os Lugovskaya. Mortes dolorosas e aterrorizantes.”

“Por que você os odiava tanto? Eles eram pessoas comuns. Tão comum quanto possível na Bratva.”

“Não seja tão ingênua,” eu cuspo para ela.

“Então me diga! O que eles fizeram com o pobre Kirill? Diga-me o que lhe dá o direito de agir da maneira que você age.”

“Eles tiraram tudo de mim,” grito, batendo na parede com o punho, e ela se encolhe. Ela vai me fazer dizer isso.

Eu pego sua barriga em minhas mãos. “Este bebê? Eu vou ficar com esse bebê e você com ele. Desta vez, arrancarei a garganta de qualquer um que tentar tirar qualquer um de vocês de mim.”

“Desta vez?” Ela pisca para mim surpresa. “Você teve um filho?”

Ela poderia soar mais mordaz? “Pode dizer o que quiser. Qualquer um pode dizer o que quiser, mas isso conta. Ainda conta, porra.”

“Por que não...” Ela para. “Oh.”

Ela está se lembrando de seu aborto.

Se ao menos fosse um aborto espontâneo.

Atrás de mim, sinto Elyah entrar na sala. Konstantin está nos observando do sofá.

Minhas mãos encontram a barriga inchada de Lilia e a seguro com força. Não quero falar uma palavra sobre isso, mas isso está me deixando maluco.

Num tom mais suave, Lilia diz: “Se você quiser me contar, eu escuto.”

Oito anos antes...

O sol quente derrete toda a minha casquinha de sorvete em uma bagunça rosa e gloriosa. O Parque Belkal é quente e empoeirado no calor do verão. Quase todo mundo do ensino médio se reuniu na grama mole ou chapinhou na fonte. Um caminhão de sorvete está estacionado debaixo de uma árvore e as pessoas esperam por limonada e sorvete.

Estou olhando tão fixamente para Kristina entre seu bando de amigas gritando e agitando-se que mal percebo quando o sorvete escorre pela minha mão. Quando seu olhar passa por mim, sorrio hesitante para ela.

Kristina observa meu jeans surrado e de segunda mão, o olho roxo e sombrio decorando minha bochecha e o sorvete derretendo em minha mão, depois se vira com um sorriso de escárnio. Observo enquanto ela fala animadamente com as outras garotas e aponta por cima do ombro. Todas as amigas de Kristina se viram para mim e, uma por uma, riem e zombam de mim.

Kirill, o esquisito da turma.

Perdedor, perdedor.

Onde estão seus amigos, Kirill? Você não tem nenhum?

Como um bando, eles partem com um final: *Vá se afogar, Kirill* flutuando de volta para mim.

Eles acham que podem me fazer de bobo e depois ir embora?

Jogo meu sorvete no chão e os sigo. Eles levam uns bons cinco minutos para perceberem que estou andando atrás deles. Quando um deles cutuca os outros e eles se viram para olhar para mim, coloco o indicador e o médio em cada lado da boca e lambo o ar.

As meninas gritam de indignação e me xingam. Meu sangue brilha em minhas veias.

Não posso fazer com que gostem de mim, mas posso fazer com que me odeiem.

Depois de um tempo, fica chato vagar atrás das meninas, e eu ando pelo longo caminho ao redor da aldeia. Qualquer coisa para atrasar o momento em que tenho que ir para casa.

Assim que entro, sei que será outra noite de merda. Há uma garrafa de vodca vazia no chão, ao lado da cadeira do meu pai, e uma nova, aberta perto do cotovelo.

Papai olha para cima com olhos amarelos, vê que sou eu e seu rosto se transforma em ódio. “Onde você esteve? Merda preguiçosa. Não serve para nada.”

Ele ainda está furioso comigo por ter me escondido no sótão na noite passada, negando-lhe o prazer de me dar uma surra. Ele treinou todas as noites esta semana. Contusões floresceram por todo o meu corpo.

Mamãe está lavando a louça e olha nos meus olhos escurecidos, mas seu olhar rapidamente desvia de mim como se eu não estivesse lá.

Eu nem sinto mais raiva dela. É mais como uma dor surda e purulenta. Quando eu tinha dez anos e meu pai me jogou no chão, me chutando na barriga enquanto minha mãe lavava a louça, aprendi rapidamente a não esperar ajuda.

“É melhor do que ser um velho peidorreiro,” respondo para ele.

A raiva transforma o rosto de papai e ele se levanta. Percebo com uma onda de alarme que julguei mal o quão bêbado ele estava. Ainda não bêbado o suficiente para poder responder com segurança.

Ele me agarra pela frente da camiseta e dá um soco no meu rosto. Meu lábio range contra meus dentes, abrindo-o. O sangue enche minha boca e escorre pelo

meu queixo.

Eu me livro de seu controle e corro pela casa. Logo serei maior que ele e vou revidar, então ele vai se arrepender. Cego pela dor, vou em direção à janela. Meus dedos estão molhados de sangue e eles se atrapalham na trava enquanto ouço os gritos de meu pai cada vez mais perto. A fechadura se abre e eu meio que mergulho, meio caio pela janela, caindo nos canteiros cheios de ervas daninhas.

Um segundo depois estou de pé e correndo em direção às árvores.

Passo o antebraço pela boca e limpo o sangue, mas ele continua fluindo. Está tão escuro lá fora que mal consigo ver para onde estou indo. Tropeço na esquina de um prédio azul claro com rosas brancas crescendo nos canteiros de flores.

A casa de Kristina.

Aposto que ela está enfiada na cama, sonhando pequenos sonhos mal-intencionados.

Ando pela casa, espiando por todas as janelas. Os pais dela estão assistindo TV na sala. Um irmão mais novo está dormindo com o polegar na boca.

Encontro o quarto de Kristina e ela está entre os lençóis com a cabeça apoiada no travesseiro.

Sozinha.

Estou aqui observando-a e ela não pode me impedir. Ela está nua naquela cama? Ela tem se tocado? Aposto que sim, a vadia suja.

Olho atrás de mim e não há ninguém lá. Kristina acha que pode fugir de mim, mas não tem mais para onde fugir. Posso masturbar-me aqui mesmo e é quase tão bom como estar lá com ela.

Um sorriso se espalha pelo meu rosto e a dor queima meus lábios. Deixo escapar um suspiro e Kristina de repente se senta na cama.

Eu me agacho e saio de vista, uma mão tapando minha boca. Tenho vontade de rir e não sei se é por causa da dor ou porque descobri algo maravilhoso. As meninas agem como corajosas quando estão em matilhas, mas ficam vulneráveis quando estão sozinhas em suas camas.

Afasto-me da janela, deixando uma mancha de sangue para trás. Espero que ela veja e se pergunte quem está rastejando do lado de fora do quarto dela.

Enquanto continuo andando pela rua, vejo outra figura à frente, caminhando com determinação pela escuridão. Eu o sigo em silêncio, me perguntando quem é. Quando ele vira a cabeça, acho que reconheço seu perfil.

Artem?

Mudo de direção e sigo meu irmão mais velho pela rua, mantendo-me nas sombras. Ele se dirige para a maior casa da cidade. É um palácio comparado ao nosso casebre, com enormes janelas, colunas e árvores ornamentais espalhadas por um amplo gramado. A entrada de automóveis é feita de pedras brancas, cada uma perfeitamente posicionada no lugar. Artem não tem nenhum propósito aqui, e nem eu. Talvez ele vá roubar o lugar. Isso seria interessante, e eu não me importaria de ajudá-lo. As pessoas ricas desta cidade nos desprezam como se fôssemos uma escória.

Artem sobe na treliça até a janela do quarto, mas em vez de forçá-la, bate no vidro e espera. Um momento depois, a janela se abre e ele entra.

Estou tão surpreso que a dor em meu lábio desaparece. Duas meninas moram nesta casa, e uma delas é a linda Yelena, de dezoito anos. Ela sempre foi tão arrogante sempre que eu passava por ela na rua. Meu irmão é tão ninguém quanto eu.

A orgulhosa e poderosa Yelena gosta de lixo como nós? Isso eu tenho que ver.

O mais silenciosamente que posso, subo na treliça e rastejo pelo telhado em

direção à janela. Há um brilho amarelo vindo de dentro. Ao olhar para dentro, espero ver a linda Yelena, loira e de pernas longas, em uma cama com dossel, mas a garota que meu irmão está despindo é baixa e seu cabelo é de um castanho enlameado. Ekaterina. Katya, para abreviar. Uma coisinha tímida da minha turma que é quase tão perdedora quanto eu. Ela tem alguns amigos, mas fica com o nariz enterrado em um livro na maioria das vezes na hora do almoço. Mal a notei, mas estou olhando agora enquanto Artem a beija rudemente, aperta seus seios com as duas mãos e a leva de volta para a cama.

Depois de alguns beijos aqui e ali nos ombros dela, ele abaixa as calças e começa a transar com ela. Não consigo desviar os olhos da visão. Não é particularmente quente, mas há algo animalesco e fascinante nisso. Artem termina surpreendentemente rápido e então sai de cima de Katya, que parece indiferente à experiência, mas quer segurar a mão de Artem. Ele permite por um momento, mas depois coloca as roupas de volta no lugar e se vira para ir embora.

Em direção à janela onde estou observando-os.

Eu saio de vista e me agacho e caminho em direção à treliça e desço. Então estou correndo de volta para a estrada. Meu coração está batendo tão forte que quase fui pego de novo, e estou sorrindo apesar da dor no lábio. O sangue está enchendo minha boca novamente, mas nunca me senti mais vivo.

Depois disso, todas as noites perambulo pelas ruas, espiando pelas janelas e espionando vítimas inocentes. Eu descobri um mundo secreto e é todo meu. Observo casais brigando. Transando. Meninas se tocando furtivamente debaixo dos cobertores. Experimentando roupas que suas mães não as deixa usar. Eu me masturbo várias vezes por noite, levado a extremos loucos pelo fato de que elas não podem me ver ou me impedir.

Sinto-me poderoso pela primeira vez na minha vida.

Sem as surras noturnas do meu pai, meu corpo começa a parecer meu. Fico

mais forte, pulando paredes e subindo em árvores para ter uma visão melhor das janelas. Às vezes não consigo chegar onde preciso e começo a fazer flexões por pura frustração. Eu tenho que ficar mais forte. Subir mais alto. Conseguir minha dose. Estou fodidamente viciado.

Eu escolho minhas vítimas na escola. Todas as garotas que zombavam de mim, me desprezavam. Eu as sigo até em casa e descubro onde elas moram, depois as observo no escuro.

Meses se passam antes que eu note Katya novamente. Ela é muito pequena e insignificante para desprezar alguém, então a tenho ignorado, até que um dia a noto chorando atrás de uma árvore. Ela parece tão infeliz que fico olhando para ela por um longo tempo, me perguntando o que poderia estar errado em seu mundo. Ela é rica e mora naquela casa grande, então por que ela tem motivos para chorar?

Então percebo qual deve ser o problema. Ela parecia gostar de Artem, mas Artem não gosta de ninguém além de si mesmo. Ele nem gosta de mim.

Katya percebe que estou olhando para ela e rapidamente enxuga o rosto.

Viro-me para ir embora, mas me vejo voltando para ela e dizendo: “Apenas supere isso. Ele não vale a pena chorar.”

Katya responde com uma voz trêmula e cheia de lágrimas: “Como vou superar isso se ele nem admite que é dele?”

Eu olho para ela em confusão. “O que?”

Katya lentamente fica vermelha, antes de gaguejar: “O... o bebê. Ele deve ter contado...”

Embora moremos na mesma casa, não falo com meu irmão mais velho há semanas. “O *quê?”*

Katya geme de horror antes de sair correndo de mim.

Naquela tarde, em vez de seguir qualquer garota, vou direto para minha casa

e espero Artem voltar do trabalho. Ele chega do mecânico de automóveis, onde é assistente, às seis e quinze, com as mãos e as roupas engorduradas, e eu o sigo até a lavanderia.

“Katya está grávida?”

“Quem?” Artem responde com uma expressão de surpresa, mas posso dizer pela sua expressão evasiva que ele sabe exatamente de quem estou falando.

Eu dou um soco no ombro dele. “Não finja. Eu vi você com ela. Por que você está agindo como se isso não tivesse nada a ver com você?”

“Você me viu?”

“Segui você.”

Artem faz uma careta e encolhe os ombros. “Foram apenas algumas vezes. Essa vagabunda provavelmente está transando com todo mundo.”

Eu comecei a rir. “Katya?” Quase acrescento: *Você acha que os meninos estão fazendo fila para transar com Katya?* mas ela parecia tão triste hoje que deixei as palavras cruéis morrerem em meus lábios. “Katya não é assim.”

“Sim, ela é. Você sabe por quê? Porque se ela me deixa transar com ela, ela deixará toda a cidade transar com ela. Agora vá embora.” Artem me empurra para o lado e vai para seu quarto.

Katya não está na escola no dia seguinte. Ou o próximo. Digo a mim mesmo que não importa o que aconteça com ela e se Artem a engravidou ou não. Eu tenho a minha vida e ela a dela, e não é como se nada de ruim pudesse acontecer com ela naquela casa grande e perfeita.

Ela não vem à escola a semana toda e isso me irrita. Na sexta-feira à noite, atravesso a cidade até a casa dela e subo na treliça até a janela. Ela está acordada quando olho para dentro. Não tenho nenhum interesse em observar Katya secretamente, então bato no vidro.

Ela me olha surpresa e abre uma fresta da janela. “Kirill? O que você está

fazendo aqui?”

“Deixe-me entrar.”

Ela franze a testa para mim. “Eu não deixo meninos entrarem no meu quarto.”

“Não seja estúpida,” digo a ela. Não porque eu saiba com certeza que ela deixa meninos entrarem em seu quarto, mas porque não tenho nenhum interesse nela dessa forma. Ela é uma garota legal. Eu só me assusto com as vadias desta cidade.

Eu aceno para ela sair da janela e entro em seu quarto. Olhando em volta, vejo que é um quarto enorme e luxuoso. Nenhuma despesa poupada, como se ela fosse uma maldita princesa. “Você também tem seu próprio banheiro,” murmuro.

“O que?”

Viro-me para ela, minhas mãos enfiadas nos bolsos traseiros da minha calça jeans. Direi o que vim dizer e depois irei embora. “Artem não vai ajudar você. Você deveria contar aos seus pais.”

“Eu já contei a eles,” ela murmura e abaixa a cabeça.

Algo em sua atitude me faz estreitar os olhos. “O que está errado?”

“Nada,” ela murmura e esfrega o braço. Há hematomas aparecendo sob sua manga.

“Eles bateram em você?”

“Não é ruim. Só algumas bofetadas porque eu os deixei furiosos.”

A raiva arde em meu peito. “Eles bateram em você enquanto você está grávida?”

“Seus pais batem em você.”

Eu sou um menino e meu pai é um idiota. Esse tipo de coisa não deveria acontecer em casas bonitas e com pessoas como Katya, que leem livros e nunca

incomodam ninguém.

“Artem diz que não é dele.”

Lágrimas brotam dos olhos de Katya. “Eu não estou mentindo! Nunca fiz isso com ninguém além dele. Achei que ele gostava de mim. Ninguém acredita...”

“Eu acredito em você.”

Ela olha para mim. “O que?”

“Eu sei que é o bebê dele. Mas ele não quer isso.”

Seu rosto se contrai e ela se senta na cama, derrotada, com uma das mãos na barriga. Percebo com um sobressalto que ela tem uma barriga. Ela está grávida há semanas. Meses, provavelmente. Eu os vi juntos há muito tempo. Ela esteve sozinha com isso todo esse tempo e ninguém disse nada de bom para ela?

“Hum. Parabéns,” murmuro.

“Vá se ferrar,” ela sussurra em meio às lágrimas.

“Eu não quis dizer... eu só acho que é legal. Alguém legal tendo um bebê.” Passo a mão pelos meus cachos e balanço a cabeça. Ela está infeliz e eu pareço um idiota. Mas pessoas legais deveriam ter filhos. Não idiotas como meu pai e bonecas quebradas como minha mãe.

“Estou com tanto medo. Nunca vi mamãe e papai tão bravos comigo antes. Eles ficavam dizendo que eu arruinei minha vida e a reputação da família, e agora nunca vou me casar.”

Parada ali com lágrimas escorrendo pelo rosto, ela parece o último cachorrinho da pet shop que ninguém quer. Se é só com isso que eles estão preocupados, então posso consertar isso. “Eu vou me casar com você.”

Katya olha para mim. “O que? Você tem dezesseis anos. Eu tenho dezesseis anos. Não podemos nos casar.”

Eu dou de ombros. “Por que não? Teremos dezessete anos quando o bebê chegar. Estou trabalhando. Estou ganhando dinheiro.”

O casamento nunca pareceu tão importante para mim, mas se isso significa tanto para os pais de Katya, eu me casarei com ela se isso significar que eles vão parar de bater nela. Ela não deveria chorar tanto quando vai ter um bebê.

Ela torce as mãos, desculpando-se. “Desculpe, mas... meus pais não querem nada com sua família. Não é o que penso,” acrescenta ela apressadamente. “É exatamente o que eles pensam.”

Eu aceno com isso. Eu sei tudo sobre o que a maioria das pessoas nesta cidade pensa da minha família, e realmente não me importo. Se eles estão tão preocupados com a reputação de Katya, eles vão superar isso. “Vou falar com seus pais. Artem não fez isso, fez?”

Ela balança a cabeça, os olhos cheios de dúvida. “Não, mas… Por que você faria isso?” Ela deixa escapar. “Casar comigo.”

Eu fico olhando para ela por um longo tempo. “Você é diferente das outras pessoas nesta cidade. Você é legal. Você não merece ficar sozinha.”

Katya me oferece um sorriso hesitante. “Você também.”

Eu sorrio de volta para ela. Olhe para nós. Os dois desajustados da cidade, se casando.

Por um momento, me pergunto se deveria me ajoelhar e propor o casamento adequadamente, mas não parece certo, e duvido que Katya também queira isso.

Em vez disso, pulo da janela de Katya, deslizo pela treliça e ando até a frente da casa. Há uma enorme aldrava de latão em forma de leão e bato-a na placa de metal.

A porta se abre e a casa é iluminada por uma luz dourada que se reflete nos pisos polidos, nos enormes espelhos e nos lustres cintilantes. Nunca vi nada tão lindo.

Uma mulher da idade da minha mãe me olha com a testa franzida. Seu cabelo é penteado, arrumado e tingido de dourado, tão diferente do coque desbotado e desarrumado da minha mãe. Ela usa joias e suas costas são retas e orgulhosas.

“Posso ajudar?”

Um homem aparece no corredor e se aproxima de mim com a mesma expressão suspeita no rosto.

“Olá, Sr. e Sra. Lugovskaya. Meu nome é Kirill.”

A mulher baixa e elegante e o homem atarracado me examinam com olhos hostis. A Sra. Lugovskaya anuncia: “Não estamos contratando nenhum jardineiro ou pessoal de jardinagem neste momento.”

“Não estou procurando trabalho. Eu quero...”

Mas um brilho suspeito surgiu nos olhos do Sr. Lugovskaya. “Qual é o seu nome de família, garoto.”

O *garoto* é um tapa frio na cara. “Angelov.”

Suas narinas se dilatam de indignação. “Foi você quem interferiu com nossa filha. Saia, imediatamente.”

“Não, escute...”

Mas o Sr. Lugovskaya ficou com um tom manchado de vermelho e está avançando em minha direção. Ele me agarra pelas lapelas e me empurra para fora da porta.

“Esse foi meu irmão. Eu sou Kirill. Tire suas malditas mãos de mim.”

Nos últimos meses, tenho feito tantas flexões quanto consigo assim que acordo. Esta semana cheguei a duzentos e pensei ter notado algum tônus muscular desenvolvendo-se em meus braços e peito.

Mas o Sr. Lugovskaya está gritando comigo, ameaçando me espancar. Me

xingando com todos os nomes que foram empilhados na minha cabeça ao longo dos anos. Ele alcança o guarda-chuva perto da porta e brande uma bengala sobre a cabeça.

Dou-lhe um soco que meu pai teria evitado, por mais bêbado que estivesse, mas o Sr. Lugovskaya mora em uma casa perfeita, com uma vida perfeita, e não está acostumado a brigar. Meu punho bate em seu rosto e ele cambaleia para o lado.

A Sra. Lugovskaya grita a plenos pulmões. “Como você ousa atacar meu marido! Saia da nossa casa!”

Ouve-se o som de passos correndo dentro da casa e Katya aparece no topo da escada. Ela olha para a cena na porta da frente, torcendo as mãos com uma expressão miserável no rosto.

Com a mão sobre o nariz ensanguentado, o Sr. Lugovskaya aponta o dedo para a filha e grita: “Você, volte para o seu quarto.”

Pouco antes de bater a porta na minha cara, ele rosna. “Vou mandar atirar em você se você aparecer por aqui novamente.”

Eu me afasto, sacudindo minha mão dolorida. Provavelmente poderia ter sido melhor, mas não importa. Vou me casar com Katya de qualquer maneira. Permissão é a última coisa que preciso, e só pedi porque pensei que era isso que Katya queria.

Mas primeiro tenho que consertar uma coisa. Eu estava mentindo para Katya sobre ter dinheiro e emprego, mas acho que sei o que fazer a respeito. Ouvi um boato sobre um trabalho interessante que paga bem. A pessoa que me contou o boato foi presa na semana passada, mas provavelmente é porque ele é estúpido e descuidado.

Atravesso a cidade no escuro. Existem alguns armazéns perto dos trilhos do trem e alguns guardas espalhados, mas é fácil passar por eles. Estou parado em

um raio de luz perto de algumas portas fechadas, me perguntando se devo bater, quando uma voz irritada chama: “Que porra é essa? Como você chegou aqui?”

Antes que eu possa responder, um homem enorme me agarra pelo colarinho e meio que me estrangula com minha camiseta.

“Eu conheço Stepan,” eu sufoco. “Estou aqui para trabalhar.”

“Aquele idiota,” o homem resmunga, mas abre uma porta e me faz passar por ela, gritando: “Chefe! Alguém para ver você sobre o trabalho.”

O interior do armazém está mal iluminado e cheio de caixotes empilhados. As caixas são pintadas com logotipos de alimentos familiares, mas dentro de uma delas há armas aninhadas em palha.

O homem que me segura me dá um empurrão e eu tropeço em direção a um poço de luz.

Uma figura alta com cabelos escuros verifica o conteúdo de uma caixa em um manifesto em uma prancheta. Seus indiferentes olhos cinzentos me dão uma olhada. Ele não se apresenta, mas eu sei quem ele é. Todo mundo faz.

Konstantin Zhukov, o homem que está substituindo os criminosos desorganizados desta cidade por criminosos organizados.

Ele é jovem, talvez com vinte e poucos anos, e posso imaginá-lo com uma mulher bonita como Yelena Lugovskaya nos braços. Tudo neste homem é elegante e caro, mas há uma expressão dura e amarga em seus olhos.

“Como você passou pela minha guarda?” Konstantin pergunta, voltando para suas anotações.

“Eu andei. Não foi difícil.”

O homem olha para mim, observando meu rosto, minhas roupas rasgadas. “Você não deveria estar na escola? Por que você quer trabalho?”

“Foda-se a escola. Eu vou ser pai.”

Konstantin olha para mim. “Na sua idade. Quem é a mulher?”

“Ekaterina Lugovskaya.”

O homem parado atrás de mim começa a rir, mas Konstantin me observa com uma expressão séria. “Não tenho dinheiro suficiente para manter os Lugovskaya felizes. Como você espera conquistá-los trabalhando como um pequeno criminoso para mim?”

Enfio os nós dos dedos machucados no bolso. “Esse é meu problema.”

Konstantin pensa sobre isso e então concorda. “Tudo bem. Se você quer trabalho e acha que é forte e inteligente o suficiente, tenho trabalho para você. Bem-vindo à equipe.”

“*Spacibo, Pakhan.*”

Um sorriso divertido surge nos lábios de Konstantin. “Não há necessidade de me chamar assim. Eu não sou um *Pakhan.* Ainda.”

Trinta minutos depois, saio do armazém com agilidade e meus pedidos de Konstantin. Ele ouviu quando eu lhe contei no que sou bom, que é me esgueirar à noite. Ele também me alertou para não ser um idiota como Stepan e contar a alguém o que estou fazendo, até mesmo a Katya. As mulheres não entendem esse tipo de coisa.

“Ela ficará feliz com o dinheiro e isso é tudo que ela precisa saber. As mulheres não pertencem ao nosso mundo. Eles não são fortes o suficiente,” disse Konstantin enquanto dava um tapinha na minha bochecha e me mandava embora.

Meu novo trabalho me mantém fora até o amanhecer na maioria dos dias. No início, mamãe e papai não comentam quando paro de ir à escola e começo a dormir o dia todo. Depois de algumas semanas, papai começa a me lançar olhares desconfiados, como se soubesse que há algo diferente em mim. Não é apenas o músculo que estou ganhando. Konstantin me trata como um homem, e

comecei a me sentir como um.

Nas noites em que não estou trabalhando, visito Katya secretamente em seu quarto.

“Meus pais estão tão bravos com você,” ela diz em um sussurro áspero, mas há um sorriso travesso dançando em seus lábios.

Não quero falar sobre os pais dela. Estou olhando para a barriga dela, que está ficando enorme. Passo minha mão sobre ela. “Posso?”

Katya revira os olhos, sorrindo, e depois balança a cabeça. “Se você quiser.”

Coloquei minha mão em sua barriga. Ela parece... ótima. Estranho, mas saber que há um bebê ali é incrível.

“Uau,” eu sussurro.

Katya olha para mim. “Você realmente acha que é tão maravilhoso?”

“Você não acha?”

“Não sei. Este bebê só me causou lágrimas.” Seu rosto suaviza enquanto ela olha para si mesma. “Acho que não é culpa dela. Ou culpa dele. Talvez seja muito legal.”

Katya me deixa deitar ao lado dela na cama com a mão em sua barriga. Ela parece tensa no começo, como se estivesse preocupada que eu fosse tentar alguma coisa, mas não quero e não vou. Eventualmente ela relaxa.

“Eu não te amo,” Katya anuncia de repente. “Eu não vou me apaixonar por você nem nada.”

Eu encolho isso. “Eu também não amo você.”

Sua boca se contorce de diversão. “Eu já sabia disso. Você nem tentou me beijar. Por que você está fazendo isso?”

“É um bebê. O que vai acontecer sem um pai? E é minha carne e sangue.”

Suas sobrancelhas se levantam e se juntam, como se ela estivesse com pena

de mim. “Você está realmente sozinho, não é? Entendi. Eu também estou sozinha.”

Minha mão se move sobre sua barriga e me pego sorrindo. “Acho que não estaremos sozinhos agora.”

Quando chego em casa, papai está bêbado e morrendo de vontade de brigar. Posso dizer pela forma como ele continua abrindo e fechando os punhos.

“Onde você esteve? Você vai e vem, tratando este lugar como um hotel.”

Não sou mais um garotinho assustado. Sou um homem e não devo nada a esse idiota.

Em vez de me encolher ou fugir, dou um passo em direção a ele. Estou surpreso ao descobrir que sou mais alto do que ele agora. Ele também, a propósito, seus olhos se arregalam.

Apenas experimente. Porra, experimente-me.

Papai me evita e pega uma garrafa de vodca do balcão como se essa fosse sua intenção o tempo todo. “Você ainda não é um homem.”

“Contanto que eu não acabe como você,” murmuro enquanto vou para minha cama.

A próxima vez que vejo Katya, ela está chorando como se seu coração estivesse partido. Sua barriga está enorme agora. Faltam apenas algumas semanas para o bebê nascer.

“Meus pais me disseram que tenho que entregar o bebê para adoção assim que ele nascer,” ela engasga. “Eu não sei o que fazer. Eles têm tanta vergonha de mim.”

Adoção. Tirar o bebê dela. Longe de mim.

A raiva corre através de mim. Aqueles dois idiotas lá embaixo se acham perfeitos, mas são monstros.

Eu seguro seus ombros em minhas mãos. “Vamos sair agora. Vamos embora.”

“Não posso ir agora,” ela lamenta, com as duas mãos na barriga enorme. “Olhe para mim, estou enorme. O que eu vou fazer? Estou com tanto medo. E se doer muito ter um filho? E se eu morrer?”

“Nada vai acontecer com você. Quando o bebê nascer, estarei aqui. Faça o que fizer, não assine os papéis de adoção.”

Ela balança a cabeça, seus olhos marejados endurecendo. “Eu não vou. Eu já disse isso a eles. Eles ficaram muito bravos comigo, mas se eu não assinar, eles não poderão fazer nada.”

Suspiro de alívio e a puxo contra meu peito. Seu estômago bate contra o meu. “Vai ser tudo uma *merda*.”

Ouço passos do lado de fora da porta de Katya e uma chave gira na fechadura. Mergulho na direção da janela e passo por ela assim que a porta se abre.

Uma voz feminina imperiosa pergunta: “O que está acontecendo aqui? Com quem você está falando?”

Estou no escuro antes que alguém coloque a cabeça para fora da janela.

Três dias depois, estou indo para o lado oeste da cidade para ver um apartamento que está anunciado para aluguel quando o sedã azul de Artem para ao meu lado. “É Katya. Ela vai ter o bebê.”

Eu olho para ele em estado de choque. Artem não reconheceu o bebê desde que falei sobre isso com ele pela primeira vez. Eu me pergunto se ele começou a acordar para a ideia de que esse bebê é real.

Tudo bem. Contanto que ele não comece a pensar que é dele. Eu já decidi que é a porra do meu bebê.

“Ela só deve nascer daqui a duas semanas,” respondo.

“Ela entrou em trabalho de parto há uma hora. Entre.”

Entro no carro e bato a porta, e Artem sai rugindo rua abaixo.

“Onde você está indo? A casa dela fica do outro lado.”

“Ela já foi levada para o hospital. Eu estava passando pela casa enquanto ela era colocada na ambulância. Katya me chamou para te contar.”

Ah, porra, pobre Katya. Ela deve estar apavorada. “Por que uma ambulância? Houve alguma coisa errada? Como ela estava?”

Artem dá de ombros, parecendo entediado. “Como eu deveria saber? Ela parecia uma mulher tendo um bebê.”

Seu maldito bebê, tenho vontade de gritar com ele. Meu coração está acelerando. Como ele pode agir como se isso não fosse nada?

Dez ou quinze minutos devem se passar antes que eu perceba que saímos da cidade e estamos dirigindo pelo campo. “Para qual hospital eles levaram Katya?”

“Clínica Municipal nº 45.”

A grande a oeste. Isso faz sentido, só que estamos viajando para nordeste. “Mas este não é o caminho de...”

Há um movimento com o canto do olho e percebo que alguém está sentado atrás de mim no chão do carro. Cordas me envolvem e me prendem ao assento, rápidas e apertadas.

Viro-me e vejo que é Simeon, um dos amigos de Artem.

“Que merda...”

Simeon usa uma bandana para me amordaçar e amarra bem na minha cabeça. Eu realmente começo a lutar e entrar em pânico agora e tento me libertar.

Artem simplesmente continua dirigindo. “Acalme-se, Kirill. Isso é para o seu próprio bem. Aquela garota iria arruinar sua vida.”

Eu faço um zumbido raivoso no fundo da minha garganta. Meus braços estão presos ao lado do corpo, caso contrário eu agarraria o volante e nos arrancaria da estrada.

Simeon me dá um tapinha no ombro. “Vamos dividir o dinheiro com você. Você não vai perder.”

Dinheiro? Alguém está pagando a Artem para me tirar da cidade e posso adivinhar quem é. Os Lugovskayas. Katya deve estar tendo o bebê agora mesmo, e eles me querem fora do caminho para que possam forçá-la a assinar os papéis da adoção.

Continuo tentando lutar para me libertar, mas não adianta. Artem nos leva por quilômetros e quilômetros de distância, e então ele e Simeon me arrastam para fora do carro e me amarram a uma árvore, fora da vista da estrada.

Artem verifica as cordas que me prendem e dá um passo para trás. “Se você não conseguir se libertar e voltar para casa, estaremos de volta para buscá-lo em...” Ele acena vagamente com a mão. “Vinte, trinta horas. A essa altura, tudo estará resolvido com Katya e o bebê. Você não precisa mais se preocupar e pode simplesmente seguir com sua vida.”

Vá se foder, eu falo para ele através da mordaça, mas ele entende a mensagem.

Seu rosto se transforma em um olhar furioso. “Fique fora disso, Kirill. Eles não precisam de você, e você com certeza não precisa deles.”

Eu faço um zumbido cada vez mais forte e chuto minhas pernas.

Artem e Simeon trocam um olhar sombrio e balançam a cabeça, como se eu fosse um patético desperdício de espaço. Eles arrancam meus sapatos e então se viram e vão embora, indo em direção ao carro e desaparecendo entre as árvores.

Esfrego a bochecha no ombro e consigo cuspir a mordaça.

“*Artem*.” Eu grito até ficar rouco, mas um momento depois ouço as portas

do carro baterem e o barulho do motor. Eles vão embora, me deixando para trás.

Eu me debato de um lado para o outro nas amarras, a corda queimando meus braços e peito. Meu próprio maldito irmão me traindo. Ele simplesmente vai deixar os Lugovskaya entregarem seu filho e ele nem se importa com quem vai ficar com ele. O bebê pode acabar com algum idiota que bate nele e o tortura. Poderia acabar com alguém como nosso próprio pai. Existem muitos monstros por aí.

Não consigo afrouxar as cordas, mas posso tentar prendê-las pelo meu corpo e pelo tronco da árvore. Demora muito, mas finalmente me liberto. Sem sapatos, volto para a estrada e começo a caminhar de volta para a cidade.

Caminho por horas, tentando pegar uma carona, mas todos me ignoram. Finalmente, um fazendeiro me pega no meio da noite e me deixa andar na traseira de seu caminhão. Vou roubar o carro de Artem e dirigir até o hospital.

Mas ao passar pela casa dos Lugovskaya, algo me faz hesitar. Vou verificar o quarto de Katya. Apenas no caso deles já a terem deixado sair.

Deve ser quase de madrugada quando atravesso mancando o gramado dos Lugovskaya e subo dolorosamente na treliça. Quando olho pela janela, vejo Katya, encolhida na cama.

Mas algo está errado.

A barriga dela parece menor, mas ela não está segurando o bebê. Também não há berço no quarto. Está silencioso e vazio.

Abro a janela e caio para dentro.

Katya olha para mim, seus olhos vermelhos e vazios. “Onde você estava?”

Suas palavras são flechas em meu peito. Eu ofego para ela: “Eu não... eu não poderia...”

“Eu tive que fazer tudo sozinha,” ela sussurra.

“Mas você estava no hospital. Os médicos e enfermeiras ajudaram você.”

Ela balança a cabeça com indiferença. “Eu estive aqui. Eles me trancaram. Bati na porta e gritei por horas, mas eles não me deixaram sair. Eles disseram... eles disseram que a culpa era minha porque sou má e desobediente, e estava nas mãos de Deus o que aconteceu comigo.”

O horror toma conta de mim com suas palavras. Ajoelho-me ao lado da cama dela e pego sua mão. “Mas o bebê. Onde está o bebê?”

A voz de Katya é um sussurro entrecortado. “Estava morto. O cordão estava enrolado no pescoço e ele estava azul. Eu não sabia o que fazer.” Seu rosto se contorce e ela soluça lamentavelmente. “Sinto muito, Kirill.”

Morto. O bebê está morto? Mas isso não é possível.

Imagino Katya trancada aqui, sozinha e gritando por ajuda, enquanto todos nesta casa grande e cara a ignoram. Achei que os piores monstros eram pobres, sujos e viviam na miséria, como minha família, mas eles também têm lindos tapetes e móveis polidos. Eles comem lagosta enquanto ouvem a filha gritar por socorro.

“O que era?” Eu pergunto, minha voz vazia.

“Um menino,” ela sussurra, cansada e infeliz demais para sequer enxugar as lágrimas do rosto. Eles pingam do queixo para o colo. “Acho que o enterraram no jardim.”

Um menino. Artem teve um filho. *Eu* tive um filho. Esse bebê era meu e era de Katya. Nós queríamos isso, e o Sr. e a Sra. Lugovskaya garantiram que ele morresse.

Viro-me e caminho às cegas até a janela, mal registrando como consigo sair e chegar ao chão.

Como o mundo é tão cruel com uma criança que nem teve a chance de viver? Achei que o mundo só era uma droga para idiotas como eu.

Eu cambaleio para a escuridão. As pedras picam meus pés sangrando, e a lua me segue com seu olho prateado acusador. Tudo que toco vira merda.

Vagueio noite adentro antes de finalmente recuperar o juízo quando sou confrontado com minha própria porta da frente. Eu não quero entrar. Se eu colocar os olhos em Artem, vou quebrar a porra da cara dele. Vou matar meu pai pelo que ele nos fez. Os pais de Katya preferem assassinar o próprio neto a se associarem a nós.

Não há nada que me mantenha aqui. Vou roubar o carro de Artem, pegar Katya e iremos embora. Longe das famílias que nos odeiam. Eu trabalharei, ela melhorará e poderá encontrar um homem decente com quem se casar. Diremos a todos que sou irmão dela ou algo assim.

A raiva ferve em meu coração quando volto para a casa dos Lugovskaya e subo a treliça até o quarto de Katya. Mal posso esperar para dizer a ela que vou tirá-la de tudo isso.

O quarto dela está escuro quando caio com os pés silenciosos no chão.

“Katya?” Sussurro, olhando para a cama desfeita, os peluches e os livros de bolso nas estantes. Pobre garota. Ela perdeu um bebê e ela mesma não era muito mais que uma criança.

A porta do banheiro está entreaberta e eu a abro. O quarto está escuro, mas um raio de luar incide sobre a banheira. Está cheio de água e consigo distinguir o contorno de Katya na escuridão.

“Katya? O que você está fazendo aí no escuro?”

Pego a luz e acendo, e sou saudado por um pesadelo. A água está vermelha brilhante e enche a banheira até a borda. Mais água vermelha decora as paredes e o chão. Não entendo o que estou olhando, até que avisto o braço de Katya flutuando na água, com uma ferida irregular na parte interna do antebraço.

“*Não.*” Eu grito e corro para a banheira. Quando a agarro, a água está

gelada e ela também. Ela cai sem vida em minhas mãos, sua pele pálida como mármore e seus olhos mortos e fixos.

Eu lentamente a solto e me levanto. Água sangrenta escorre dos meus dedos.

Isso não precisava acontecer.

Nada disso tinha que acontecer, e ainda assim aconteceu ao meu redor enquanto eu estava impotente para mudar pelo menos uma pequena parte disso. Eu não pude salvar Katya. Não consegui salvar o bebê. Ambos estão mortos, porra. Estou aqui no rescaldo, inútil e quebrado.

Espero sentir enjoo ou revolta enquanto olho para o rosto morto de Katya. Mesmo que ela tenha morrido, ela ainda é tão linda. Mais bonita, realmente. Toda a dor que ela sentiu nos últimos meses desapareceu e ela se parece com um anjo em uma pintura. Fecho seus olhos e é como se ela estivesse dormindo.

Ajoelho-me no chão ensanguentado e seguro seu rosto entre as mãos, como se ela ainda pudesse me ouvir. “Devo matá-los para você? Para você e o bebê? Eu quero vê-los sofrer. Quero vê-los queimar no inferno.”

Sua bochecha fria descansa em minha mão e é como se ela estivesse balançando a cabeça.

“Tudo bem. Eu vou matar todos eles,” eu rosno entre os dentes.

Mesmo cego pela fúria, consigo abrir a porta de Katya silenciosamente e entrar furtivamente pela casa, fugindo dos Lugovskayas e caçando o que preciso.

Gasolina.

Fósforos.

Os pais de Katya estão aconchegados na cama quando todo o andar de baixo pega fogo.

Observo a casa pegar fogo na estrada. Os carros de bombeiros chegam e

homens com escadas ajudam o Sr. e a Sra. Lugovskaya a se afastarem das chamas com segurança.

Eu xingo e bato meus punhos contra um tronco de árvore, a fúria assolando dentro de mim mais quente que qualquer fogo.

Eles não estão mortos.

Mas um dia, eles estarão sangrando e lutando pelo último suspiro, e eu lhes mostrarei tanta misericórdia quanto eles mostraram a Katya e ao bebê.

Eu me viro e, com os pés cortados e ensanguentados, saio da cidade e não olho para trás.

Consigo evitar a polícia durante dois anos, mas eles me pegam pouco antes do meu aniversário de dezenove anos e me jogam na prisão por incêndio criminoso. Os Lugovskayas estavam na minha sentença, com vitória e autojustiça em suas expressões.

Eu fico olhando para eles o tempo todo, mesmo quando o juiz está se dirigindo a mim. A certa altura, sou repreendido por “intimidar as vítimas,” mas ainda não desvio o olhar.

Não estou tentando intimidá-los.

Estou imaginando vividamente o sangue e os gritos deles enquanto os mato.

Eles devem perceber o que minha expressão significa porque, quando sou conduzido por eles no caminho para cumprir dezesseis anos, os dois empalidecem. Não importa se eu tiver que cavar para sair da prisão com as unhas, vou encontrá-los antes que morram e farei com que desejem nunca ter nascido.

Dezesseis malditos anos por incendiar uma mansão, e eles estão livres

enquanto Katya e o bebê estão mortos por causa deles. Este mundo não é justo.

De agora em diante, se algum dia eu vir algo que quero, farei com que seja meu.

Depois de cinco semanas na prisão, a raiva ainda arde dentro de mim. Existem muitas horas sombrias, pensamentos cruéis e pesadelos. Posso ouvir um bebê gritando o tempo todo. Ouvi uma vez que eles quebram soldados inimigos colocando fones de ouvido neles e tocando o som de crianças gritando por horas a fio. Estou começando a acreditar que funciona.

Posso ver Katya sangrando lentamente até a morte. Tenho sonhos com mulheres inconscientes. As meninas da minha escola em suas camas. Estou observando-as e me aproximando cada vez mais, sem ter certeza se estão dormindo ou mortas. Se for Katya, ela estará sempre morta, com sangue escorrendo de seus dedos e vermes rastejando sobre sua carne.

Às vezes acordo suando frio.

Às vezes abro os olhos e meu pau está duro.

Os melhores sonhos são quando sei que as mulheres estão dormindo. Não há sangue até que eu enfie meu pau nelas e o retire e ele fique manchado de vermelho. Eu fodo seus corpos indiferentes até estar no limite. Então elas acordam e me pegam, mas é tarde demais para me impedirem. Consigo o que queria delas e fujo para a escuridão.

Durante o dia eu me distraio observando os outros presos. A maioria deles parece que não consegue contar até dez. Um homem é diferente, no entanto. Ele é mais alto que eu, loiro, bem constituído. Já existem diversas tatuagens decorando seus braços e peito, algumas que parecem tatuagens de prisão e outras que ele deve ter feito por fora. Ele estava em uma gangue. Se ele está aqui, provavelmente assumiu a responsabilidade por eles.

Todos os dias parece que alguém está tentando matá-lo. Começo a segui-lo

e observá-lo porque vê-lo em ação é glorioso. Sua expressão é sempre entediada e dura, como se ele não estivesse pensando em nada em particular e não percebesse um ou dois caras escondidos nas sombras sussurrando um para o outro.

Eles se aproximam e, no último segundo, o loiro evita uma tentativa infeliz de esfaqueá-lo nos rins. Ele pega a arma de seus agressores, corta suas roupas ou rostos ou, se eles já o atacaram antes, ele enfia a arma em seus pescoços e os mata. Em seguida, quebra a lâmina improvisada com as próprias mãos e joga os pedaços no chão.

Afasto-me sorrindo e balançando a cabeça. Ele é magnífico.

Ouço os outros homens falando sobre ele. Eles o chamam de Pushka.

Um dia, enquanto estou assistindo Pushka, não há apenas um ou dois caras atrás dele. São cinco. Ele parece saber disso também porque eu o vejo engolir, o único sinal externo de emoção que já vi nele.

Ele não está com medo. Mas ele está preocupado.

Três caras atacam ele de uma vez e, se fossem apenas três, Pushka conseguiria se defender. Mas mais dois estão se aproximando. Eles passam bem perto do meu esconderijo. Não é da minha conta quem vive ou morre aqui, e o código deste lugar me diz que devo ficar fora dele. Mas foda-se essas regras. Eu disse a mim mesmo que pegaria o que quisesse de agora em diante e quero que esse homem viva.

Eu tropeço em um dos homens, pego sua lâmina, uma escova de dentes afiada até uma ponta no chão de concreto e apunhalo a garganta do outro homem. Nada acontece, exceto que seus olhos se arregalam e ele emite um som sufocado. Então eu retiro a lâmina.

De repente, há muito sangue.

Jorrando do pescoço do homem. Derramando na minha mão.

Eu caio sobre o segundo homem aos meus pés e o esfaqueio nas entranhas, uma e outra vez, minha outra mão cobre sua boca para que seus gritos não atraiam os guardas.

Mãos fortes agarram meus ombros e me arrancam dele, e eu caio de costas. Presumo que sejam os guardas, e antecipo os golpes de seus bastões enquanto me espancam até me submeter.

Em vez disso, limpo o sangue dos olhos e me vejo olhando para o rosto frio de Pushka. Ele oferece a mão para me ajudar a ficar de pé e eu a aceito.

Sem precisar discutir o assunto, nos afastamos rapidamente dos cinco corpos antes que qualquer um dos guardas consiga encontrar a cena.

“Por que você continua me seguindo?” Ele pergunta.

“Quem quer tanto que você morra?”

Pushka tira a camiseta e enxuga o sangue das mãos e do rosto. Eu faço a mesma coisa.

“Todos,” responde Pushka.

Se eu não estivesse observando ele todo esse tempo, pensaria que ele estava se gabando. “Então por que você simplesmente não deixa que eles matem você?”

Morte na ponta de uma lâmina. Se eu não quisesse vingança, poderia deixar isso acontecer comigo.

Os olhos azuis claros de Pushka estão queimando. “Toda a minha vida vivi para outra pessoa. Eu não vou morrer por outra pessoa. Quando eu sair daqui, vou viver para mim. Essa escória também não vai tirar isso de mim.”

Vejo algo nele que nunca senti antes. Orgulho. Esse Pushka é um homem orgulhoso e teimoso, e está sendo esmagado até a morte neste maldito buraco do inferno.

“Vou fazer um acordo com você, Pushka. Eu cuidarei de você aqui. De agora em diante, seus inimigos serão meus inimigos.”

Pushka me observa. “Você é um bom lutador. Mas o que você ganha com isso?”

Viro as mãos, olhando para o sangue sob as unhas. Durante a última hora, não ouvi nenhum grito doloroso ou choro de bebê ecoando em minha mente.

Eu tenho a doce libertação da porra do esquecimento.

12

Lilia

Monstros.

Eles vêm em todas as formas e tamanhos. Rico e pobre. Bonito e feio. Aprendi essa lição há muito tempo, mas ainda é um choque descobrir que as pessoas respeitáveis e falantes que elogiaram seu vestido e comeram a comida que você preparou são, na verdade, demônios saídos do inferno.

Durante todos esses meses, senti pena da maneira terrível como o Sr. e a Sra. Lugovskaya morreram. Kirill os perseguiu em seu apartamento e os esfaqueou até a morte. A Sra. Lugovskaya ouviu os gritos de morte do marido, e lembro-me de ter pensado que aquele era provavelmente o pior som que ela já ouvira na vida.

Mas esta mulher ouviu a filha gritar por ajuda na agonia do parto, sabendo que Katya poderia morrer ou o bebê poderia morrer, e ela não fez nada.

Nada.

Não percebo que estou tremendo de raiva até que alguém toca meu ombro. É Elyah, sua expressão estava marcada pela preocupação.

“Talvez você não devesse ter contado essa história a ela,” ele murmura para Kirill.

Eu o afasto porque estou sentada no sofá. Não vou desmaiar de novo, embora meu coração doa por Katya. Olho para minha barriga, meu bebê, e o abraço com força. Lágrimas de raiva caem no tecido da minha camiseta.

“Você está chorando por mim, Lilia Aranova?”

Estou chorando por Katya e pela criança, pessoas inocentes que mereciam viver uma vida plena em vez de morrer nas mãos de dois monstros de coração frio. Estou chorando por Kirill, de dezesseis anos, que poderia ter sido tão

diferente se tivesse tido a chance de proteger Katya e o bebê. Em vez disso, ele foi enviado para a prisão e se tornou um assassino.

A voz de Kirill foi monótona e sem emoção ao longo de toda a sua história. Ele caminha lentamente em minha direção, seus olhos escuros e brilhantes sob seus cachos.

Eu limpo meu rosto e olho para ele. “Estou chorando por todos que merecem minhas lágrimas e, sim, isso significa você também.”

Sua boca se curva em um sorriso. “Não. Você pode não sentir pena de mim quando o resto da minha história for contado.”

Eu olho surpresa. “Tem mais?”

Kirill reflete sobre isso, inclinando a cabeça de um lado para o outro como se estivesse saboreando um segredo e decidindo se este é o momento de contá-lo. “Ou devo dizer, nossa história.”

“Você e eu?” Eu pergunto, sem entender.

Por cima do ombro, Konstantin levanta a cabeça e franze a testa. Ele não disse uma palavra nem moveu um músculo nesta última hora, mesmo durante as partes da história que o incluíam. Elyah lança um olhar curioso para Kirill, e fica claro que eles também não sabem do que ele está falando.

Kirill se agacha diante de mim e coloca as mãos na minha barriga. Minha frequência cardíaca acelera enquanto olho para seu rosto brutalmente bonito. Há algo sobre um assassino de sangue frio me tocando tão gentilmente, tão docemente, que faz meu corpo ficar descontrolado.

Ele levanta aqueles olhos escuros para os meus. “Este é meu bebê, Lilia.”

A finalidade em sua voz me surpreende. Posso compreender a necessidade de Elyah de reivindicar esta criança como sua. Para nos proteger com seu corpo e provar que ele pode nos amar como nenhum outro homem pode. Posso até entender por que Konstantin quer que seja dele. Uma esposa e um bebê são a

próxima fase de sua vida.

Mas Kirill? Quando olho para seu rosto, não vejo nada do suave e quase inocente garoto de dezesseis anos que desejava ser gentil com uma colega desajustada. Toda essa gentileza foi queimada na noite em que ele incendiou a mansão Lugovskaya. Sua única lealdade é para com Konstantin e Elyah, e para com a confusão e o caos em que ele prospera.

Balanço a cabeça e afasto suas mãos. “Não comece com isso de novo. Você não pode simplesmente decidir que este é seu filho. Eu não sou Katya e não precisamos de você.”

“Não, Lilia.” Sua voz é sombria e possessiva. “É meu bebê. Você ainda não se lembra?”

“Lembra do quê?”

Um sorriso afiado curva seus lábios e seus olhos brilham. Essa expressão envia gelo pela minha espinha.

“Você realmente tem um sono profundo,” ele murmura, acariciando minha garganta.

Faz muito tempo que não ouço essas palavras, mas de repente estou amarrada a um detector de mentiras que me dá choques elétricos enquanto Kirill ronrona: *Você tem sono profundo?*

Konstantin e Elyah estão olhando para Kirill.

Kirill apenas ri.

Levanto-me rapidamente, afastando-me dele. “Você não fez isso.”

Ele se aproxima, aquele sorriso odioso nos lábios. “Você precisou de uma ajudinha para ficar dormindo, mas foi tão bom quanto eu esperava.”

Lembro-me do corpo dele no meu, daquele primeiro impulso lento do seu pau. Seus beijos. Sua boca no meu corpo. Minha boceta. Foi o sonho mais

intenso da minha vida, e acordei com o coração disparado, horrorizada por estar pensando assim em um dos meus captores.

“Mas foi um sonho,” deixo escapar.

“Oh, *detka*. Você se lembra.” Kirill passa os dedos amorosamente e possessivamente pelo meu cabelo. “Você estava tão deliciosa que eu não pude evitar. E quando terminei, coloquei você docemente de volta na cama, cheia do meu esperma.”

Eu balanço minha cabeça. Eu teria notado isso. Eu teria percebido na manhã seguinte que estava úmida e pegajosa.

Mas as manhãs eram tão caóticas no concurso, e eu estava sempre com pressa para me lavar e me vestir. Será que eu não percebi o que aconteceu comigo enquanto estava distraída pensando em outras coisas?

Envolvo meus braços em volta da minha barriga e olho para meu bebê. Esta gravidez foi um choque, mas consegui lidar com isso nos últimos meses. Elyah ou Konstantin me deram um bebê porque eu me entreguei a eles para comprar minha liberdade. Isso parece certo para mim.

Kirill, encantado com a forma como me enganou e depois me engravidou? Eu bato contra uma parede de tijolos em minha mente e balanço a cabeça. “Eu não acredito em você. Eu *não vou* acreditar em você.”

Kirill tem um sorriso orgulhoso nos lábios. “Foi a terceira noite do concurso. Antes de Kostya. Antes de Elyah. Eu estive com Lilia primeiro. Este é o meu bebê.”

Um ruído ruge em meus ouvidos quando Kirill estende a mão e me segura mais uma vez, deslizando as mãos em volta da minha cintura.

Tento afastá-lo, mas ele não me deixa ir. Ele ri das minhas tentativas e sinto as vibrações nas palmas das minhas mãos.

“Eu tinha você no chão dos Lugovskayas, desmaiada e fria,” ele sussurra.

“Você lutou pela sua vida e quase me matou. Eu nunca estive tão excitado na minha vida. Eu precisava de você, Lilia.”

“Mas por que você faria isso?”

Seu sorriso é afiado e vitorioso, seus lábios a poucos centímetros dos meus. “Você era tão orgulhosa, tão alta e poderosa.”

Assim como as meninas da escola que ele tanto odiava. “É isso que você pensa de mim agora? Você precisa me colocar no meu lugar me fodendo enquanto eu não posso revidar?”

Ele segura meu queixo entre o indicador e o polegar e me examina com uma expressão confusa no rosto. “Não. Eu não penso assim. É estranho e eu não entendo.” O sorriso se espalha por seu rosto mais uma vez. “Mas todas as maneiras que eu fodi com você desde então foram ainda melhores do que a primeira vez. Observar você pegar meu pau de boa vontade, desejar meu pau, ofegar por mim. Eu não me canso de você, *detka.”*

Eu arranco meu queixo de seu aperto. Não quero ser lembrada disso agora. “Alguma coisa do que você me contou sobre Katya foi mesmo verdade? Ou você só queria me amolecer antes de lançar sua bomba?”

Ele me solta e abre os braços, mostrando-me seus músculos, suas tatuagens, seus olhos duros. “Tudo isso é verdade. Isso me tornou o homem que sou hoje.”

Um homem ou um monstro?

Eu me afasto dele e fico cara a cara com Elyah, que está olhando para seu amigo.

Kirill arqueia uma sobrancelha e ri. “Você quer brigar comigo por transar com a mulher que você nos disse que ia matar? Vá em frente, dê o seu melhor.”

“Você não precisava contar isso a Lilia,” Elyah ferve, com os punhos cerrados ao lado do corpo. “Você não está arrependido. Você não queria confessar. Você queria machucá-la.”

“Errado,” diz Kirill, encostando-se confortavelmente na parede e cruzando os braços. “Eu estava fazendo minha reivindicação. Já estou farto de você e Konstantin pensarem que tudo isso é sobre vocês. É meu bebê.”

Não suporto respirar o ar deste homem nem por mais um segundo. Aponto para minha porta da frente. “Saia do meu apartamento. Todos vocês. Não vou passar mais uma noite com nenhum de vocês sob meu teto.”

“Não vamos a lugar nenhum,” diz Konstantin, olhando para o telefone.

“Ele fala,” eu rosno, com um tom sarcástico na minha voz. Konstantin não me diz uma palavra há dias. “Sim, vocês vão. Caiam. Fora.”

Ele vira o telefone para que eu possa ver a tela. “Ou vamos ficar ou você vai embora conosco. Eles encontraram o corpo de Vavilov.”

Pego o telefone dele e leio um artigo que foi traduzido automaticamente do tcheco. “Maxim foi encontrado?”

O artigo relata como os ribeirinhos encontraram um corpo no rio, não muito longe de um carro que havia caído na água. O homem não foi identificado, e dou um suspiro de alívio e devolvo o telefone para Konstantin.

“Eles não sabem que é Maxim Vavilov. Ele não é daqui, então é improvável que alguém se apresente dizendo que sabe quem ele é.”

“Verdade. E Elyah e Kirill terão feito um excelente trabalho removendo os dedos, dentes e tatuagens de Vavilov.” Konstantin arqueia a sobrancelha marcada para mim. “Mas quando a sua família frenética souber que foi descoberto um corpo no rio Vltava que corresponde à descrição básica do seu filho, quanto tempo demorará até chegarem a Praga e fornecerem uma amostra de DNA?”

Meu estômago cai no chão. Claro que sim. Eles devem estar pensando em nada além de encontrar seu filho desaparecido. Talvez já estejam em Praga. O sensato seria ir embora.

Mas, minha *casa.*

Vou até a janela, mas não ouso abri-la, temendo que alguém possa ver meu rosto e me reconhecer. Estou presa na clandestinidade. Presa com três homens e muitos pensamentos sombrios na minha cabeça. A história de Kirill me levou a uma montanha-russa de emoções, e agora Maxim foi encontrado. Estou sobrecarregada.

Sem olhar para nenhum deles, vou para o meu quarto. Não sei o que fazer, mas preciso ficar sozinha agora.

“Não me sigam aqui,” digo a eles, e fecho a porta atrás de mim.

Deitei na minha cama no escuro olhando para o teto.

Eu deveria estar pensando no meu próprio destino, mas em vez disso imagino Katya. A pobre menina era tão jovem para ter um filho. A dor que ela deve ter suportado quando foi trancada para ter o bebê sozinha. A devastação de carregar seu filho por nove meses, apenas para ele morrer antes de poder respirar pela primeira vez.

Viro de lado e abraço minha barriga com uma das mãos. Por mais difícil que seja a minha vida neste momento, sei que os três homens no quarto ao lado querem que este bebê viva, apesar dos seus corações sombrios e intrigantes. Cada vez que penso nos Lugovskayas, tenho pena deles. Agora, quando me lembro da maneira como Kirill os esfaqueou até a morte, gostaria de tê-lo ajudado.

Adormeço com gritos ecoando em meus ouvidos.

E acordo com a sensação do meu colchão afundando ao meu lado.

Ainda estou meio adormecida e exausta demais física e emocionalmente para sequer abrir os olhos. Provavelmente é Elyah, sofrendo porque estou sofrendo. Não quero ser consolada agora. Estou com muita raiva para ser consolada.

Sinto-o sobre mim, respirando, e fico imóvel, esperando que ele entenda a

mensagem de que estou dormindo e me deixe em paz. Então sinto a camada superior do meu cobertor sendo lentamente retirada. Tão devagar. Com muito cuidado.

Este não é Elyah.

Este é Kirill.

A raiva floresce em meu peito. Faz apenas algumas horas desde que ele confessou que me drogou e me fodeu enquanto eu estava trancada na cela, e ele está tentando fazer a mesma coisa novamente. Ele tem feito isso todas as noites e eu simplesmente não percebi? O que diabos ele *está* fazendo comigo?

Quero me sentar e dar um soco na cara dele, mas a necessidade de saber queima minha alma. Eu me pergunto se foi assim no concurso. Movimentos lentos e furtivos no escuro, com muito cuidado para não me acordar.

Ele puxa o cobertor até os meus joelhos e depois o lençol, desembaraçando-o habilmente dos meus braços e pernas.

Antes de ir para a cama, tirei todas as minhas roupas, exceto a camiseta e a calcinha. Kirill desliza os dedos pela minha coxa nua, acariciando-me com amor, encantado com minha pele nua. Então ele levanta minha camiseta, expondo minha calcinha, depois minha barriga, depois meus seios.

Ele respira fundo e sinto o calor irradiando acima do meu mamilo antes da lenta lambida de sua língua. Quase respiro com mais dificuldade. Mas mantenho minha expressão suave e indiferente.

Com uma lentidão insuportável que é agravada pelo fato de que não consigo ver nada do que Kirill está fazendo, ele desce da cama até ficar pairando sobre minha calcinha. Minhas pernas estão fechadas e ele não pode fazer muita coisa comigo assim.

Usando o lençol que está enrolado em minha panturrilha e uma mão cuidadosa sob minha coxa, ele me rola de costas e abre uma das minhas pernas.

Ele trabalha tão devagar e com tanto cuidado que, se eu estivesse dormindo, duvido que acordaria.

A respiração de Kirill é áspera e instável, como se cada segundo que passa aumentasse o prazer para ele. Aposto que ele está duro. Kirill apara todo o pelo de seu pênis, e seu peito e estômago são lisos. Posso imaginar seu comprimento grosso projetando-se na escuridão, talvez uma gota de pré-sêmen na ponta.

Com apenas uma das minhas pernas abertas, Kirill abaixa a cabeça e pressiona a boca e o nariz na minha boceta por cima da minha calcinha. Ele inala suavemente, xingando em russo baixinho. Tudo é para ser saboreado. Este homem não tem pressa alguma e está sentindo prazer com sua coisa favorita no mundo.

Ele estende os dedos e puxa minha calcinha de lado. Sua língua percorre minhas dobras e encontra meu clitóris, lambendo tudo ao redor. Sua língua explora mais, me saboreando desde a base da minha fenda até o clitóris, antes de empurrar para dentro de mim.

Não consigo mais me conter. Respiro fundo e abro os olhos, apenas para ver meu demônio do sono sorrindo de volta para mim, com um brilho malicioso em seus olhos.

“Eu sabia que você estava acordada. Eu te amo por jogar junto.”

Minhas coxas estão enroladas em seus ombros e eu olho para ele. “Eu não estava jogando. Eu queria saber que tipo de truque você faz.”

“Truques que deixam você molhada, *detka*.” Ele pega minha mão e pressiona meus dedos por baixo da minha calcinha e contra minha fenda. Estou quente e escorregadia ao toque, e com a mesma expressão diabólica em seu rosto, Kirill empurra seus dedos e os meus em meu canal apertado.

“Eu adoraria encontrar você se dando prazer um dia, com os joelhos abertos, os dedos trabalhando freneticamente. Perdida em um mundo de fantasia

enquanto possuo você neste.” Ele enfia nossos dedos lentamente dentro e fora de mim.

“Você disse que só gosta de vadias. Eu sou uma dessas garotas desagradáveis que você odeia?”

“A número onze era a rainha das vadias,” ele murmura, lambendo meu clitóris. “Eu sinto falta dela. Vamos brincar de concurso. Você finge ser minha intocável rainha do gelo e eu vou foder sua linda boceta enquanto você dorme.”

Minha cabeça inclina para trás com um gemido. “Você é tão confuso.”

“E eu sei como me divertir com isso.” Ele puxa nossos dedos e enfia dois dos seus mais fundo dentro de mim.

“Foi isso que você fez comigo no concurso?”

“Até você começar a acordar. Eu não poderia permitir que você contasse a Kostya e Elyah sobre o grande e malvado Kirill secretamente enfiando o pau em você e estragando toda a minha diversão. Eu te dei uma ajudinha para mantê-la quieta e flexível como uma boa menina.” Ele chupa lentamente meu clitóris. “Então eu comi você, *detka*. O melhor momento que já tive, até aquela foda de ódio no avião enquanto papai ouvia seu anjo pegar o pau do criminoso.”

Kirill se levanta e vejo que ele está nu e duro enquanto pega seu pau grosso na mão. Ele massageia a ponta da palma da mão, seus olhos famintos me devorando. “Existem tantas maneiras boas de foder você. Feche os olhos e deixe-me brincar com você. Sua barriga enorme é tão quente.” Ele passa a língua pela minha barriga. “Eu engravidei você, *detka*. Eu preciso foder a mãe do meu filho.”

Minha boceta aperta seus dedos e ele geme ao sentir isso.

“Você também precisa disso,” ele murmura, puxando os dedos e minha calcinha pelas minhas pernas. Ele prende minhas coxas sobre seus ombros e me segura com força contra ele. “Cruze os tornozelos atrás da minha cabeça.”

Ele mal falou acima de um sussurro esse tempo todo. Não acho que os outros dois saibam que ele está aqui, e isso parece ilícito. Seu murmúrio persuasivo faz algo comigo, e eu faço o que ele diz.

Minha boceta está jorrando contra a cabeça de seu pau enquanto ele esfrega minha carne dolorida antes de empurrar dentro de mim. Me enchendo. Me esticando em torno de seu pau invasor. Nós dois abafamos gemidos de prazer.

“Por que você não contou aos outros o que fez no concurso? Elyah me odiava e Konstantin não se importava com o que acontecia comigo.”

“Eu me importava,” ele rosna suavemente. “Eu precisava que você fosse minha no escuro. Só minha.”

É distorcido e confuso, mas a maneira como ele está falando e o que está fazendo faz meu coração bater mais rápido e meu núcleo ondular ao redor dele. “Você me drogou de novo? Se você me drogar enquanto eu estiver grávida, eu vou te matar. Você não brinca com esse bebê.”

“Por que eu machucaria meu bebê?” Ele murmura, virando a cabeça para passar a língua pelo meu tornozelo, empurrando em mim com um ritmo brutal.

Seu bebê. É muito estranho, muito chocante para compreender.

“Eu não confio em você. Você faz coisas desesperadas para escapar. Suas drogas podem prejudicá-lo.”

“*Detka*, você simplesmente não entende,” diz Kirill, agarrando meu queixo. “Abra sua boca.”

Ele ronrona o comando como se fosse nosso segredo sujo, e eu obedeço, separando meus lábios. Ele cospe na minha boca.

“Minha boca. Engula.”

Sua saliva é quente e cai em meus lábios. Eu lambo e engulo.

Kirill puxa e cospe no meu clitóris, dizendo: “Minha boceta,” antes de me

virar e abrir minha bunda. “Minha bunda.” Ele cospe na minha bunda e depois desliza a mão por baixo de mim para espalmar minha barriga.

“Meu bebê,” ele ofega em meu ouvido.

Estou deitada de lado e ele puxa minha coxa para cima. A cabeça de seu pau está bem na minha entrada mais uma vez. Com um impulso de seus quadris, ele me empala com cada centímetro de seu pênis.

Eu gemo com o choque dele me enchendo e deixo ele me envolver com seu corpo enquanto ele empurra seu pau em mim. Estendo a mão para trás e seguro sua nuca, virando a cabeça para que nossas bocas fiquem próximas.

Kirill me beija, e seu beijo me possui tanto quanto seu pau.

“E se o exame de sangue mostrar que você não é o pai?” Eu ofego.

“Será que parece que estou me importando com o que o exame de sangue diz?” Com uma mão segurando minha barriga inchada, ele bombeia em mim. Impulsos profundos e possessivos. Meus músculos internos ondulam contra ele enquanto gemo de prazer. Estou morrendo de fome por isso. Para Kirill não apenas me fazer gozar, mas declarar que esse bebê é dele com seu pau dentro de mim e me foder como ele está. Eu não deveria querer isso, mas eu quero.

Kirill afunda os dentes cuidadosamente em minha garganta e rosna. “Eu quero roubar você enquanto os outros não estão olhando. Seria muito divertido foder você em segredo enquanto Kostya e Elyah nos caçam.”

“Se você colocar a mim e a esse bebê em perigo, vou cortar suas bolas com uma navalha enferrujada e você nunca mais me verá,” rosno por cima do ombro.

Kirill geme e puxa os quadris para trás, batendo em mim. Ele faz isso repetidamente, suas estocadas profundas e luxuosas. “Ameace-me mais. Isso me deixa tão quente por você.”

“Mais forte, por favor,” eu choramingo.

Ele segura minha bunda e aperta, me abrindo, antes de se aprofundar mais

na minha boceta, rosnando: “O que você precisar, *detka.”*

Eu alargo minhas coxas e arqueio as costas para que ele atinja aquele ponto ideal de um ângulo celestial. Acho que vou enlouquecer, estou tão desesperada para gozar. Com minha bochecha pressionada contra o bíceps de Kirill, percebo que alguém está nos observando da porta.

Elyah, com as mãos nos bolsos e encostado no batente da porta, mas não há absolutamente nada de casual na expressão de seu rosto ou na rigidez de seus músculos.

Lambo meus lábios, concentrando-me no delicioso arrastar e impulso do pênis de Kirill enquanto Elyah e eu travamos os olhos. Ser observada assim aumenta as sensações. Aumenta o perigo. Com Kirill ofegante em meu ouvido e as elevações curtas e acentuadas do peito de Elyah enquanto ele respira, sinto como se os dois estivessem me fodendo, e o pensamento me leva ao limite.

“Devo gozar na bunda dela ou dentro dela?” Kirill pergunta, o ritmo de suas estocadas crescendo mais rápido e levando meu orgasmo cada vez mais alto.

Elyah fala com uma voz que nunca ouvi dele, sombria e aveludada de necessidade. “Goze na boceta dela. Eu quero foder com ela.”

“Quando você ficou tão sujo, Elyah?” Kirill geme, ecoando meus próprios pensamentos enquanto atinge seu ápice e empurra uma, duas vezes mais, e fica imóvel.

Kirill se senta lentamente, enterrado bem dentro de mim, e percebe que Elyah ainda está ali. “O que você está esperando? Ela ainda está com o humor mais vadia, não é, *detka*?” Ele aperta a parte carnuda da minha bunda e depois bate nela.

Abro a boca para dizer a ele para se foder por me chamar de vadia, e depois gemo quando a marca da mão na minha bunda formiga da maneira mais deliciosa. Neste momento, é tão bom ser vadia, um pau grosso enterrado

profundamente dentro de mim com as pernas abertas e outro homem me observando como se estivesse se perguntando por onde gostaria de começar.

Elyah vem em nossa direção e tira a camiseta. “Quantas vezes ela gozou?”

“Só uma vez.”

“*Solnyshko,* isso não é suficiente.” Ele tira as calças e a cueca e seu pau fica livre, e eu já sei que quero isso. Preciso disso. O mais breve possível. Eu não quero pensar. Eu só quero sentir.

Kirill envolve seus braços em volta de mim e nos vira de modo que suas costas fiquem contra os travesseiros e eu fique entre suas coxas. Ele abre minhas pernas para Elyah, e depois minha boceta, e o outro homem não perde tempo em colocar a boca no meu clitóris.

“Eu disse a mim mesmo que se colocasse minhas mãos em você de novo, lamberia sua boceta gloriosa sempre que pudesse,” diz Elyah entre chicotadas de sua língua. “Eu poderia estar fazendo isso há anos. Farei isso por malditos anos.”

Do jeito que ele está me fazendo sentir, não tenho queixas se ele quiser continuar para sempre. “Você não se importa que eu tenha o esperma de outro homem dentro de mim?”

Elyah enfia dois dedos dentro de mim, bombeando-os lentamente para dentro e para fora de mim, admirando o fluido brilhante que os cobre. “Aparentemente, não me importo quando é ele.”

“E se for de Kostya?” Kirill pergunta.

Elyah murmura alguma coisa, muito focado em mim e no que ele está fazendo comigo. Mas sinto Kirill inspirar atrás de mim e virar a cabeça para ver o brilho travesso em seus olhos.

Ele grita: “Kostya, nossa mulher precisa de você.”

“Ele vai ignorar você,” ofego, passando os dedos pelos cabelos sedosos de Elyah. “Estamos em uma briga.”

Um momento depois, Konstantin aparece na porta, tentando parecer casual, mas falhando. Todas as veias estão salientes em seus antebraços como se sua pressão arterial estivesse nas alturas.

Ele me olha, presa entre seus dois homens. Não sei dizer se ele está com raiva. Com nojo. Julgando-me.

Tiro a mão do cabelo de Elyah e mostro o dedo para ele.

Um sorriso surge no canto da boca de Konstantin. “Quão boa é a nossa *malyshka* em chupar pau?”

“Aposto que ela é maravilhosa,” Kirill ronrona, estendendo a mão para pentear minhas madeixas do meu rosto. “Vou segurar o cabelo dela.”

“Ela alguma vez chupou você, Elyah?”

Elyah balança a cabeça, me observando enquanto ele bombeia dois dedos lentamente para dentro e para fora de mim. “Ainda não. Porra, eu quero vê-la chupar meu pau.”

Os olhos cinzentos de Konstantin brilham quando ele se aproxima de nós e ele desabotoa as calças. A única pessoa com quem fiz isso foi meu marido, e odiei cada segundo. Elyah pressiona meu ponto G e minhas pernas tremem em seu aperto.

Olho para Konstantin, que agora está se elevando sobre mim com seu pau duro na mão. Quero que ele fique com raiva de mim. Quero que ele fique preocupado com a possibilidade de eu morder. “Eu só fiz sexo com você na Itália porque estava tentando conseguir meu passaporte.”

“Você não precisa me lembrar do que aconteceu na Itália,” ele rosna.

Eu sorrio para ele. “Oh, eu também nunca esquecerei.”

A raiva brilha em seus olhos. “Você me deve, *malyshka.* Quatorze milhões de dólares em diamantes rosa. Agora abra a boca.”

“Se eu fizer isso, estaremos quites?” Eu o provoco.

Kirill ainda está segurando meu cabelo quando desliza o polegar sobre meu lábio inferior, me encorajando a abrir a boca. Há muitos homens na minha pequena cama, e todos querem ver a minha cara ser fodida.

Konstantin se acaricia para cima e para baixo com o punho, e posso ver a luta interna acontecendo por trás de seus olhos.

Fique com raiva de mim.

Ou admita que realmente não se importa com esses diamantes.

“Depende de quão bem você me chupar. Agora abra a porra da sua boca.”

Ele agarra minha nuca e empurra seu pau pelos meus lábios. Minha boca se fecha em torno dele e eu trabalho minha língua contra ele. Suas estocadas são duras e profundas, e ele parece tão bem cada vez que chega ao fundo da minha boca.

Elyah geme e se senta, tirando os dedos de mim e se posicionando entre minhas coxas. “Ela gosta disso. *Solnyshko,* não consigo lidar com o quão gostosa você é.”

Ele afunda em mim, olhando para o pau de Konstantin empurrando em minha boca e cronometrando o seu próprio para combinar. O lento ritmo duplo me faz gemer em torno do comprimento grosso de Konstantin.

“Olhe para você toda preenchida,” Kirill murmura em meu ouvido, apertando um dos meus seios.

“Ela não ficará satisfeita até que um de nós esteja na bunda dela também,” diz Elyah, acariciando forte com seu pau.

Agarro a base do pau de Konstantin, engasgando um pouco, e não porque ele esteja me fodendo muito fundo. É mesmo possível?

“Poderíamos fazer funcionar,” Elyah me diz como se estivesse lendo minha

mente. Há um brilho em seus olhos e percebo que ele pensou sobre isso. Bastante. E provavelmente se masturbou com isso. “Agradável e lento até que você esteja satisfeita e finalmente sinta que tem o suficiente.”

Quando meu querido motorista aprendeu a falar sacanagem assim?

Konstantin agarra meu queixo e se força ainda mais. “Até que esse bebê nasça, todos nós somos o pai e você pertence a todos nós. Você é nossa mulher, e vamos te foder como nossa mulher precisa ser fodida. Nós três somos homens com muito tesão, então cabe a você nos satisfazer, e estamos impacientes demais para nos revezar.” Ele agarra minha garganta, sentindo-se se movendo dentro de mim. “E você está com muito tesão para dizer não.”

Eu gemo, meio furiosa, meio desmoronando de prazer. Kirill move a mão até meu clitóris e me esfrega enquanto Elyah bombeia com força em mim. Nunca soube o que torna um boquete bom para um homem, mas acaricio a base de seu pau e movo minha boca por instinto.

“*Malyshka*,” Konstantin sibila entre dentes, e posso ouvir o quão perto ele está de gozar.

“Elyah, o que você pensaria se Kostya explodisse em seus lindos seios?” Kirill pergunta.

Elyah tem se visto me fodendo e Kirill esfregando meu clitóris, mas ele corre seu olhar aquecido pelo meu corpo e olha para minha boca, suas pálpebras pesadas de desejo. “Acho que vou gozar com a visão.”

“Primeiro as damas,” Kirill sussurra em meu ouvido e aumenta a pressão e a velocidade de seus dedos. Elyah está me fodendo tão docemente. Eu grito ao redor do pau de Konstantin enquanto meu clímax surge e quebra sobre mim em uma onda deliciosa.

À medida que meu corpo flexiona, Konstantin se empurra mais fundo e eu nem preciso respirar. Eu só o quero mais fundo na minha garganta. Mais de

Elyah na minha boceta. Ambos me fodem com força até que de repente saem de mim, com a respiração irregular.

Simultaneamente, o esperma de Elyah espirra sobre minha barriga e sobe pelas minhas costelas. Konstantin dispara sobre meus seios em jatos quentes e grossos que escorrem para se misturar aos de Elyah.

Kirill arrasta os dedos pelo esperma pintando meu corpo. “Olhe para você agora, *detka.* Gasta e ofegante. Coberta de porra. Completamente usada.”

13

Lilia

Crua.

É assim que me sinto desde que nós quatro fizemos sexo há dois dias. Crua e despojada de minhas camadas mais vulneráveis.

Na sala ao lado está tocando uma música que soa como pop russo. Alguém está fritando bacon. Posso sentir os três lá fora, e a presença deles parece... diferente. Quente ao toque.

O banheiro está cheio de vapor enquanto enxáguo o condicionador do cabelo. O bebê parece estar ficando cada vez maior a cada dia que passa. Quando olho para baixo, ainda consigo ver meus pés, mas apenas por pouco.

O sexo me envolveu em um casulo aconchegante e entorpecente, mas um pensamento está claro em minha mente. Os homens na sala querem que este bebê prospere tanto quanto eu. Nunca tive um homem em minha vida cujas necessidades e desejos estivessem alinhados com os meus, e agora tenho três.

Desligo a água e fico ali parada, passando as mãos pela barriga. Meu cabelo molhado está colado em meus seios.

A porta se abre e Konstantin aparece, as sobrancelhas franzidas.

“Eu não consegui ouvir nada aqui e queria verificar...” Ele para enquanto olha para mim, o vapor envolvendo meu corpo nu.

Eu olho para cima e encontro aqueles olhos cinzentos, uma sensação estranha vibrando através de mim. Ele queria verificar se estou bem?

Um sorriso surge no canto de sua boca quando ele me vê nua na banheira. Não falamos sobre o que aconteceu outro dia. Nosso quarteto maluco. Ninguém falou sobre isso, mas sei que os três estão pensando nisso toda vez que nossos olhares se encontram.

A expressão sombria de Kirill é de fome e sem remorso. Se ele pudesse voltar e fazer tudo de novo, inclusive o concurso, ele o faria. Nunca haverá qualquer tipo de pedido de desculpas de um homem como ele.

Elyah é mais alto. Mais orgulhoso. Seus sorrisos são hesitantes, mas estão lá. Sua equipe está unida ao seu redor, assim como ele deseja, e fui trazida para o círculo deles. Nunca o vi mais feliz.

E Konstantin? Ele parece tão pego de surpresa quanto eu. Ele lutou tanto para que tudo fosse como ele pensava que deveria ser, e ainda assim aqui está ele em um apartamento miserável em Praga, sem diamantes e com uma mulher que pode ou não estar grávida de seu filho.

No entanto, ele me quer.

Ele não quer mais nada.

“O que você está fazendo?” Konstantin pergunta, mas parece divertido. Quase carinhoso.

Passo as mãos pela barriga, ainda de pé na banheira, nem um pouco tímida por um homem estar olhando para meu corpo nu. “Eu me sinto linda pela primeira vez na minha vida.”

“Você é sempre linda, Lilia.”

Eu sorrio e seguro meu estômago. “Eu sou? Eu nunca me senti assim. Você provavelmente não acredita em mim. Eu era um modelo de passarela. Eu fui uma esposa. Estou em uma banheira velha e lascada, com a barriga de grávida e sem maquiagem, mas...”

Konstantin se apoia no batente da porta, me observando. Aqueles olhos cinzentos dele eram tão duros e frios na primeira vez que o conheci, mas agora eles suavizaram. Ele disse naquele penhasco que só me queria, coroado com aqueles diamantes. Isso é tudo que ele sempre precisou.

Mas os diamantes desapareceram. Agora sou só eu.

“Eu me sinto como eu,” eu sussurro. “Apenas Lilia.”

Ele estende as mãos para me ajudar a sair da banheira, e eu deixo. Com dedos gentis, ele seca meu cabelo com uma toalha e, pelo seu toque, quase posso acreditar que ele nunca fez nada violento em sua vida.

Meu olhar se fixa na cicatriz em sua têmpora. “Por que você odeia tanto as mulheres?”

Konstantin me olha surpreso. “Você acha que eu odeio mulheres?”

“Só um homem cheio de ódio poderia inventar esse concurso.”

Seus dedos percorrem as mechas molhadas do meu cabelo, afastando-as do meu rosto. “Eu estava com muita raiva, *malyshka*. Mais irritado do que jamais estive em minha vida.”

“O que...”

Mas ele me impede com um dedo sobre meus lábios. “Não estamos falando sobre isso. Nunca estamos falando sobre isso.”

Afasto sua mão. “Você sabia que a confiança cresce a partir do respeito mútuo?”

“Será? Eu já confio em você.”

Eu franzo a testa para ele. “O que?”

Konstantin se aproxima de mim, seus dedos acariciando a pele molhada dos meus ombros. “Posso confiar em você para cuidar desse bebê. Você nunca permitirá que nenhum mal aconteça ao meu filho. Eu acredito no seu desejo por mim, mesmo quando você está lutando comigo a cada passo do caminho. Tudo que você precisa fazer para ser feliz…”

Seus lábios sussurram sobre os meus.

“…é parar de lutar comigo.”

Ceda a esse homem lindo e poderoso e a tudo que ele deseja. Eu engulo. “E

por que eu faria isso?”

“Porque nós três queimaríamos o mundo para torná-la nossa.” Ele segura minha barriga. “Você e este bebê.”

Insanidade.

Não deveria ser tão atraente ouvi-lo dizer isso.

“E se eu não quisesse que você queimasse o mundo? E se eu quisesse que você melhorasse as coisas? Isso seria um verdadeiro teste para o meu coração.”

Konstantin fala logo após minha pergunta. “Enquanto isso, nós quatro precisamos sair de Praga. Está se tornando mais perigoso aqui a cada minuto que passa.”

A angústia enche meu coração. Estas paredes tornaram-se o meu cobertor de segurança. Elas se parecem ainda mais seguras com os três dentro. Aqui, somos apenas quatro pessoas vivendo de torradas e sexo.

Lá fora, somos um *Pakhan*, seus soldados de infantaria e sua prisioneira grávida.

“Estou tão cansada de correr.”

“Então não corra. Mais uma viagem e você estará em casa.” Ele coloca os lábios na minha orelha. “O que nós quatro fizemos outro dia, podemos fazer na minha casa. Minha cama é maior. Vamos tratá-la como nossa rainha.”

Lembro-me de todas as coisas que me disseram enquanto fazíamos sexo. “Você fala tão sujo com sua rainha.”

Seu sorriso provocador fica aquecido. “Isso é porque ela adora cada palavra.”

Eu não sabia que algo assim era possível. Lembro-me da assustada e miserável menina de dezoito anos que odiava ficar nua com o marido. Sexo com esses homens é incrível.

“Então, você vai fazer o que lhe foi dito?” Ele murmura.

Eu pisco meus cílios para ele. “Quem? Eu?”

Só porque eles aprenderam como transformar o sexo em uma arma não significa que eu perdoo tudo o que fizeram. Meu corpo pode ceder a eles, mas meu coração não.

“Não? Teremos que continuar te fodendo assim até que você seja nossa boa menina o tempo todo, não apenas quando estiver cheia de pau.”

Encosto minha bochecha em seu peito, desejando que pudéssemos ficar.

Konstantin me abraça como se estivesse sentindo o que estou pensando. “Eu sei que você está com medo, mas esse bebê é forte. Afinal, pertence a um de nós. Um de nós e você. Uma combinação imparável.”

“Mesmo que os Vavilov estejam procurando pelo filho, eles não estão procurando por mim,” aponto. “Eles não vão nos encontrar. Praga é uma cidade grande.”

Konstantin se afasta de mim e balança a cabeça. “Não é tão grande. Não vou correr o risco com este bebê, e você também não deveria.”

Procuro o caminho certo, pensando em que caminho tomar nesta floresta cheia de espinhos. Há luz à frente, consigo vislumbrá-la, mas não sei como alcançá-la.

Konstantin me envolve em um roupão antes de sairmos para a sala. Sou recebida por um quadro desarmantemente doméstico. Kirill está passando manteiga em fatias de pão. Konstantin serve café em canecas enquanto fala com Elyah, que está no chão, perto do sofá, fazendo abdominais.

Kirill me passa um sanduíche de bacon em um prato e ao mesmo tempo lambe a manteiga do polegar. Eu sinto aquela lambida até os dedos dos pés.

Elyah move as pernas para que eu possa sentar no sofá. Ele me dá um sorriso enquanto continua a se exercitar, com os olhos brilhando.

“Malhar é divertido?” Eu pergunto a ele, divertida.

“É quando estou olhando para você,” ele ofega, ainda sorrindo.

Dou uma mordida no meu sanduíche e fecho os olhos. Droga, isso é bom. Pão macio. Bacon crocante e salgado.

Kirill se senta no braço do sofá ao meu lado, enquanto Konstantin se acomoda em uma cadeira da cozinha em frente, com uma caneca de café fumegante nas mãos.

Eles discutem assuntos “de casa,” o que presumo significar Londres. Perco a noção do que eles estão dizendo enquanto como, olhando para o berço de madeira amarelo no canto com o móbile do animal. Muitas vezes, imaginei colocar meu bebê para dormir enquanto me inclinava sobre o berço.

Quando termino, Elyah pega meu prato vazio e o coloca na mesa da cozinha. Ele segura minha bochecha, sua expressão cheia de simpatia.

“Eu sei que você quer ficar, mas precisa vir conosco. Não podemos protegê-la bem o suficiente aqui. Essa porta da frente é fraca. As fechaduras das janelas não são fortes.”

“Sem mencionar que estamos todos vivendo uns em cima dos outros aqui,” aponta Kirill, mas há um brilho em seus olhos escuros como se ele não se importasse muito com essa parte.

Konstantin olha para mim, sua expressão séria e decidida.

“Tudo é sexo e hormônios agora, mas todos vocês podem voltar a ser os monstros que eram no ano passado,” aponto.

“Tínhamos objetivos muito diferentes no ano passado,” diz Konstantin. “Isso não é mais possível.”

Claro, ele provavelmente não está prestes a realizar outro concurso distorcido, mas isso não significa que ele seja material para pai. Ele ainda não pediu desculpas e duvido que algum dia o faça.

“Vocês ainda são aqueles homens, e eu me lembro do que vocês fizeram. Você, machucando todas aquelas mulheres,” digo a Konstantin. “Você, me forçando à beira da morte,” eu digo, virando-me para Elyah. “E você, pegando o que não é seu,” digo a Kirill.

Elyah se levanta sem dizer uma palavra e vai até a janela. A noite caiu e ele abre um pouco a cortina e espia a escuridão.

Kirill cruza os braços e olha para mim. “Basta entrar no avião. Você tem todo o tempo do mundo para nos perdoar mais tarde.”

Ele estende a mão e tira as migalhas do meu lábio inferior, e sua expressão é tão sem remorso quanto quando ele me contou o que fez comigo no concurso. “Meu bebê vai chegar no melhor lugar, com as melhores pessoas para cuidar dele. Não deixarei que seja de outra maneira, *detka.”*

Esfrego a testa, desejando saber o que fazer a seguir. Eu sei que eles estão certos e não estamos seguros aqui. Aluguei este apartamento porque era barato e não era seguro. “O pai de Maxim Vavilov poderia saber sobre vocês três através do meu pai. Ele poderá descobrir onde você mora, Konstantin. Se ele de alguma forma me relacionar com a morte do filho, como você pode saber que estaremos seguros em sua casa?”

“Estaremos,” responde Konstantin, sem um milímetro de margem de manobra para dúvidas. Kirill nem se incomoda em responder. Ele está perto de me pegar nos braços e me carregar porta afora.

“Faça a ligação,” diz Kirill a Konstantin.

O homem de olhos cinzentos pega o telefone e eu o ouço arrumando um avião para nos levar até Londres. “Estará pronto em algumas horas. É melhor assim, *malyshka.”*

“Elyah, você acha que estaremos seguros na casa de Konstantin? Elyah?”

Ele ainda está olhando pela janela através de uma fresta minúscula nas

cortinas, ergue a mão e diz baixinho: “Silêncio, *solnyshko.*”

“Por que?”

“Porque alguém está vigiando o apartamento.”

Todos os meus músculos enrijecem e eu congelo no lugar.

Sem desviar os olhos da janela, Elyah pega uma das armas que está no balcão. Kirill faz a mesma coisa, sua expressão se concentrando instantaneamente. Enquanto eles ficam lado a lado, posso imaginá-los em macacões de prisão. Pushka e Kirill, prontos para tudo.

Konstantin segura meu braço e começa a me afastar da janela e da porta da frente, protegendo-me com seu corpo. Sua voz é baixa e calma quando ele diz: “Fique perto, *malyshka.*”

“Podemos sair pela janela do quarto,” digo a ele. Há uma escada de incêndio que desce até o primeiro andar e um beco que leva até a frente do prédio.

“Nós não podemos. Eles estarão lá também.”

Ele fala essas palavras preocupantes no mesmo tom suave, e percebo que ele não está falando baixo porque não está preocupado. Ele está tentando nos manter calmos.

“Deite-se atrás do sofá,” ordena Konstantin, afastando-o da parede para que eu possa rastejar para dentro do espaço estreito.

“Mas você...”

Ele saca sua própria arma e verifica o pente, antes de colocá-lo de volta no lugar com a palma da mão. “Não se preocupe conosco. Proteja você e seu bebê.”

“Quem esteve do lado de fora ou em frente a uma janela aberta nas últimas vinte e quatro horas?” Elyah pergunta. Os músculos das costas estão tensos e ele está com o dedo no gatilho e o olho preso na fresta da cortina.

Kirill, Konstantin e eu nos entreolhamos, balançando a cabeça.

“Ninguém além de você,” Konstantin diz a ele.

“Então eles acham que Lilia está aqui sozinha ou com um homem. Elas vão...”

Ouve-se o som de vidro quebrando no quarto. Passos trovejam nas escadas do meu apartamento. Cravo as unhas no carpete atrás do sofá, sentindo-me aterrorizada e desamparada.

Mal posso ver o interior da sala, e meus três homens se movem como se tivessem coreografado esse momento. Elyah se vira em direção à porta da frente, apontando sua arma. Konstantin dá um passo na frente do sofá, me protegendo. Kirill corre pela sala até o quarto e apoia as costas na parede perto da porta.

A porta da frente se abre, revelando um homem de aparência perigosa, vestido de preto e com uma tatuagem embaixo do olho. Elyah atira duas vezes, acerta tiros na cabeça e sua expressão desaparece. Há outro homem atrás dele, e ele ruge de fúria, agarra o morto pelos ombros para usá-lo como escudo e entra na sala.

Há pelo menos mais dois homens na porta do quarto. Homens durões e de aparência perigosa, com jaquetas de couro pretas e armas de aparência agressiva. Tiros são disparados e o cheiro de pólvora e sangue enche a sala. Envolvo meus braços protetoramente sobre minha barriga, meus instintos me dizendo para correr até ele, mas sabendo que seria uma loucura. Eu preciso de uma arma. Alguém deveria ter me dado uma arma.

Há um caído no meio da sala, derrubado por um dos agressores. Para chegar lá, eu teria que sair de trás do sofá e correr o risco de ser atingida por uma bala.

O atacante de Elyah tira as pernas de baixo dele e ele cai no chão. O assassino levanta a bota e pisa no braço de Elyah. Acho que ouço um estalo e Elyah grita de dor terrível.

O atacante levanta a bota novamente, desta vez por cima da cabeça de Elyah. Ele pisará no crânio do meu amante repetidas vezes até morrer.

“Elyah,” eu suspiro em pânico.

Saio de trás do sofá, pego a arma, levanto-a e disparo. Continuo apertando o gatilho repetidamente, cheia de pânico.

Não percebo que estou gritando até que a arma estala em minha mão.

Alguém coloca a mão na arma, sua respiração áspera em meu ouvido. “Ele está morto. Eles estão todos mortos.”

Quando não me movo, Konstantin arranca a arma de mim.

“Que porra você pensou que estava fazendo, Lilia? Eu disse para você ficar parada.”

Eu não pensei. Agi por instinto.

“Eu estava salvando Elyah,” ofego. “Eu estava salvando todos vocês. Se ele caísse, todos vocês poderiam ter sido mortos.”

Konstantin me observa com um olhar estreito e raivoso. “Somos importantes o suficiente para salvar? Achei que éramos imperdoáveis.”

Isso não significa que eu queira que eles morram.

É complicado.

Há sangue em sua camisa e sinto seus braços e peito em busca de ferimentos. “Você está machucado?”

“Estou bem,” Konstantin rosna, agarrando meus pulsos. “Não faça nada assim novamente. Um de nós poderia ter atirado em você.”

“Elyah...”

“Elyah queria que você protegesse o bebê,” Kirill ferve em meu ouvido. Ele apareceu do meu outro lado com sangue por todo o rosto e peito, embora, pelo que parece, não seja dele. “Eu protegeria Elyah.”

Mesmo Elyah não diz nada de agradecimento ou tranquilizador. Sua expressão é sombria e preocupada quando ele se levanta, com o pulso direito próximo ao peito. “Vamos fazer o nosso trabalho, Lilia. Se eu for baleado ou ferido, isso faz parte desta vida.”

“Mas se eu puder ajudar...”

Elyah está com muita dor ou com muita raiva de mim, quando ele se vira e começa a vasculhar os bolsos dos nossos agressores com a mão esquerda.

Olho em volta para a devastação em meu minúsculo apartamento. A porta da frente quebrada. Os móveis que foram quebrados na luta. Os corpos. A bagunça que os assassinos fizeram de tudo.

Konstantin ainda está segurando um dos meus pulsos. “Estamos saindo deste apartamento. Devíamos ter saído há dias.”

Engulo em seco e aceno com a cabeça. Deveríamos sair rapidamente. Um dos meus vizinhos provavelmente já deve ter chamado a polícia.

Elyah vem em nossa direção, apoiando o braço direito contra o peito. Seu rosto está pálido e suado enquanto ele nos estende algo. “Aqui.”

É uma fotografia.

De mim.

Meu cabelo dourado está preso e há um véu pendurado nas minhas costas. Estou usando um vestido branco com mangas compridas de renda e tenho diamantes nas orelhas. No meu rosto há um sorriso de lábios fechados e meus olhos estão tristes.

Dia do meu casamento com Ivan.

“Assassinos,” diz Elyah. “Alguém quer você morta. Ou seu pai ou Vavilov.”

Talvez sejam ambos. Papai ficou furioso comigo da última vez que o vi. “Não entendo como eles sabem que estou aqui.”

Konstantin pensa sobre isso. “Entre Vavilov te ver no restaurante e sair com você, quanto tempo se passou?”

“Horas. Ele me viu na hora do almoço, mas só nos encontramos na hora do jantar.”

Ele e Elyah trocam olhares sombrios. “Tempo de sobra para Vavilov entrar em contato com o pai e dizer-lhe que viu você em Praga.”

“Mas eu perguntei a ele...” Paro balançando a cabeça. É claro que Maxim ignoraria meus desejos. Ele estava muito animado com a ideia de se casar comigo. Quando Maxim desapareceu, seu pai somou dois mais dois e enviou assassinos atrás de mim.

Elyah afasta o pulso do peito e o examina. Já está inchando, a carne ficando roxa. Há hematomas em seu belo rosto também.

Vou até ele, meu estômago dá um nó de culpa. “Você precisa ir para o hospital. Eu irei com você.”

Elyah balança a cabeça. “Isso não é nada. Vou pedir ao médico para examinar isso em Londres.”

Konstantin coloca a mão no meu ombro e me leva para o quarto. “Estamos partindo para Londres agora. Vá fazer as malas. Não discuta comigo.”

Concordo com a cabeça e faço o que ele diz, passando por cima dos corpos para chegar ao meu quarto. Kirill fica de guarda perto da porta quebrada, com a arma na mão.

Konstantin me ajuda a fazer as malas, segurando uma sacola aberta enquanto eu a encho com leggings, suéteres e roupas íntimas. Sua testa brilha de suor e seus olhos estão vermelhos.

“Você está com dor de cabeça?” Ele balança a cabeça, mas sei que está mentindo. “Eu tenho algum...”

“Lilia. Minha dor de cabeça é a última coisa em que penso agora.” Ele olha

para minha barriga. “Você está se sentindo bem?”

Há perguntas em sua expressão. Eu vou desmaiar? Meu coração está acelerado? Pesco um punhado de roupas íntimas em uma gaveta e as coloco na bolsa. “Estou bem.”

Kirill leva o carro até a frente do prédio e ele e Elyah me ajudam a sair e entrar no veículo. Konstantin surge um momento depois com minhas malas e as guarda no porta-malas.

Normalmente Elyah dirigiria, mas ele apoia o braço no banco do passageiro da frente enquanto Kirill nos leva para fora de Praga.

“Abaixe a cabeça,” Konstantin me diz, me puxando para seu colo. “Não sabemos se estamos sendo seguidos.”

Há um brilho de suor na testa de Elyah quando ele apoia o pulso no peito, e meu coração se contorce. Nunca o vi ferido antes. Apesar de todas aquelas brigas na prisão, me pergunto se ele já quebrou algum osso.

“A que distância fica o aeroporto?” Eu pergunto.

“Algumas horas, mas este aeroporto privado é mais seguro que o internacional,” Konstantin me diz, seus olhos percorrendo as ruas estreitas enquanto dirigimos.

Minha bochecha está na coxa de Konstantin e meus joelhos estão dobrados. Há um longo silêncio no carro, até que Kirill xinga do banco do motorista.

Ele pisa no acelerador e nós avançamos. “Tem alguém atrás de nós.”

Elyah olha ansiosamente para o volante, e posso dizer que ele deseja que seu pulso não esteja quebrado. “Se eles chegarem perto, vão tentar atirar nos pneus ou nos tirar da estrada.”

Kirill respira rápido como se estivesse tomando uma decisão. “OK. Então eles morrem primeiro.”

Ele coloca o pé no chão e dirige como um maníaco. O carro atrás de nós também acelera.

Não consigo ver muita coisa, mas Kirill faz algumas curvas em alta velocidade e logo estamos no meio de uma fazenda em uma estrada estreita e vazia.

“Kostya,” ele diz entre dentes, e não sei o que ele quer dizer.

Mas Konstantin sim. Ele saca a arma, abaixa a janela e se vira no assento.

Kirill faz uma curva e de repente diminui a velocidade. Konstantin mira com cuidado e dispara dois tiros.

O motor acelera, os pneus cantam e então ouve-se um barulho horrível.

Kirill para e ele e Elyah saem do veículo.

Sento-me lentamente e vejo que o carro que nos segue bateu em uma árvore. Konstantin estourou os pneus.

“Fique aqui,” ordena Konstantin, antes de se juntar aos outros. Espio por cima do banco de trás pela janela traseira para ver o que está acontecendo, meu coração ainda batendo forte por causa da viagem louca.

Elyah arrasta um homem que ainda está chutando para fora dos destroços com uma mão, e Kirill atira na cabeça dele. Outro passageiro parece já estar morto e um terceiro está parcialmente escondido nos destroços retorcidos. Konstantin está com os braços cruzados enquanto seus dois amigos puxam o homem para fora e o apoiam contra o veículo.

Vejo cabelos prateados brilhando à luz do sol e meu coração congela. É o papai, vestindo um terno cinza feito sob medida. Seu cabelo, com fios prateados, está escorrendo pela testa e o sangue escorre pela lateral do rosto. Ele segura uma arma na mão e aponta-a de um dos meus homens para o outro, tentando mantê-los afastados.

Procuro a maçaneta da porta e caminho pela estrada em direção ao acidente.

Se ele está aqui, preciso falar com ele. Não podemos continuar assim.

Konstantin percebe que estou chegando e, embora não pareça feliz, não diz nada.

Pela expressão de papai enquanto me observa me aproximar, ele está além de sentir raiva ou fúria. Ele me encara como se desejasse poder me transformar em gelo.

Paro a alguns metros de distância e Elyah se move para me proteger com seu corpo. Ele tem sua própria arma apontada para papai.

“Você enviou assassinos atrás de mim?” Pergunto-lhe. “Você está tentando me matar?”

“Vavilov é quem quer você morta,” papai diz entre dentes, sem se preocupar em dizer olá. “Ele teve sua chance, mas eu sabia que ele iria estragar tudo. O homem não consegue fazer nada certo.”

“Você deu a ele fotos minhas para dar aos seus assassinos?”

“Você matou o filho dele, sua vadia estúpida. Ele queria se casar com você.” O rosto do meu pai se transforma em desgosto, como se a ideia de alguém me querer fosse absurda.

“Eu não teria encostado um dedo nele se ele não tivesse tentado me agredir.”

“Besteira,” papai ferve. “Pare de bancar a vítima, Lilia. Você o matou para que ele não estragasse seu disfarce.”

“Acredite na sua filha quando ela lhe contar algo,” rosna Elyah. “Ela não é mentirosa.”

O sangue escorre para o olho esquerdo do papai e ele o enxuga, rindo. “Você realmente acredita nisso? Seu total idiota. Lilia não fala nada além de mentiras. Ela aprendeu todos os seus truques com a vadia da avó.”

Papai agarra a porta do carro e se levanta. Ele tem um corte na testa e está favorecendo uma perna, mas fora isso, parece ileso.

“Eu não vim aqui para lutar. Também não estou aqui para falar com você, Lilia.” Ele se volta para meus homens. “Eu vim para uma discussão com vocês três. Um acordo.”

Kirill gesticula para os homens mortos. O carro destruído. “Você não está em posição de exigir nada.”

“Não faço exigências. Eu tenho uma oferta.”

Konstantin, Elyah e Kirill trocam olhares. Espero que digam ao papai para ir para o inferno, que temos um avião para pegar, mas de repente eles não parecem ter pressa para sair daqui.

“Estamos ouvindo,” diz Konstantin.

“Não dê ouvidos a uma palavra...” começo, mas Konstantin estende a mão para me silenciar.

Que diabos? Eu o encaro com um olhar furioso.

Papai sorri para mim. “Primeiro eles são empresários, Lilia. Deixe os homens fazerem seus negócios.”

A repulsa sobe pela minha garganta. Se eu não tivesse que me preocupar com o bebê, acho que tentaria dar um soco nele.

Ele se vira para Konstantin. “Vou direto ao ponto. Não sou mais um jovem. Não tenho tempo para guardar rancor quando há coisas maiores e mais importantes em minha mente.”

Que mentira. Papai é o rei de guardar rancor.

“Quero minha filha de volta. Pela aparência, vocês três parecem ter uma ligação com ela. Você pode até acreditar que a ama. Mas todos nós sabemos que as mulheres são fáceis de encontrar.”

“Então por que ela é tão importante para você?” Kirill pergunta lentamente, com os olhos estreitados.

Papai lhe dá um sorriso frio. “Devo dizer que é fácil encontrar mulheres, a menos que você seja pai. Lilia é a única filha que tenho.”

“Nunca tive a impressão de que você a amasse,” diz Konstantin lentamente.

Papai encontra meu olhar e não vejo amor. Sem carinho. Apenas uma sugestão da crueldade que está por vir. “Isso é uma questão de orgulho familiar. Lilia me desafiou por muito tempo.”

Minhas unhas cravam nas palmas das mãos e tremo quando um vento frio corta minhas roupas. Nós o humilhamos no jato, mas sou eu quem vai ser punida por isso, mesmo tendo poupado a vida dele. Papai não hesitará em me bater. Ele provavelmente não hesitará em me trancar ou me deixar passar fome e me torturar até a morte. Eu superei minha utilidade para ele. Ele só quer vingança.

Papai se volta para Konstantin. “Você mencionou diamantes. Este é o acordo. Vou recompensá-lo pelo que ela roubou e você me devolve minha filha.”

Konstantin não recusa imediatamente, e todos os cabelos da minha nuca se arrepiam.

“Não aceite nada,” Elyah pede ao amigo. “Dinheiro não é o que importa aqui. Lilia e o bebê são o que importa.”

“Vocês três vão brincar de famílias felizes com minha filha?” Papai zomba. “Quando estive com ela em Trieste, ela me disse que iria abortar aquele bebê. Suponho que ela mudou de ideia quando percebeu que poderia manipular todos vocês com isso.”

Elyah olha para ele. “Isso é mentira.”

“Eu te disse. Minha filha é uma mentirosa mestre. Assim como sua *babushka.* Quantas vezes ela já te enganou?”

Konstantin e Kirill trocam olhares, mas não consigo ler suas expressões.

Elyah parece preocupado, como se estivesse se perguntando se eu mudaria entre manter e destruir esse bebê por capricho.

“Sério, Elyah? Você vai acreditar em um homem em vez de mim de novo?” Eu digo.

Papai lança seu olhar frio sobre os hematomas no rosto de Elyah e seu pulso inchado. “Você se machucou protegendo-a? Ela ao menos agradeceu? Eu duvido. Minha filha é uma vadia de coração frio, embora seja excelente em usar o corpo para conseguir o que quer, tenho certeza.”

Ninguém diz nada e minha garganta fica dolorosamente apertada.

“Quanto dinheiro ela roubou de você?” Papai pergunta a Konstantin.

“Quatorze milhões de dólares,” diz Konstantin imediatamente.

Papai está incrédulo. “Quatorze milhões de dólares em diamantes?”

“Eram diamantes muito bonitos. Ela vale tanto dinheiro para você?”

Papai olha para os três. “Não vou negar que a quantia dói quando ela já me custou tanto ao longo dos anos, mas fico acordado à noite pensando em como minha própria filha me fez de bobo. Isso é uma questão de orgulho pessoal.”

O canto da boca de Konstantin aparece. “Ah, Eu entendi. Lilia tem um jeito de tornar tudo muito pessoal.” Ele se vira e lança um olhar vingativo para mim. “Não é, Lilia?”

Seus olhos estão ainda mais vermelhos do que antes. Sua cabeça está latejando, um de seus homens está ferido e ele perdeu quatorze milhões de dólares e uma esposa por minha causa, uma mulher que não conhece seu lugar. De repente ele está se perguntando por que está se incomodando comigo.

Sinto como se ele tivesse me dado um soco no estômago.

Ele jurou que me queria.

Ele prometeu me proteger.

Seu olhar se fixa na minha barriga antes de se voltar para papai.

“Mas há um problema. Ela está grávida do meu filho,” destaca Konstantin. “Não vou desistir da criança.”

Papai esfrega o queixo, pensando. “Isso atrasa as coisas, mas suponho que você possa ter o bebê. Eu não quero isso.”

“Não!” Dou um grito estrangulado e dou um passo à frente, mas Kirill agarra meu braço, embora ainda esteja olhando para papai. “Não se atreva a tirar meu bebê de mim. Não vou deixar você levar meu bebê.”

Konstantin olha para Elyah e Kirill. “O que você acha? Ficamos com a criança e quatorze milhões de dólares. Aran Brazhensky recupera sua filha problemática para punir como ele quiser.”

“Acho que é um negócio perfeito,” ronrona Kirill. “A única outra coisa que eu pediria é uma gravação da punição de Lilia.”

“Isso pode ser arranjado,” diz papai com um sorriso desagradável.

Kirill começa a rir. “Então eu digo para ir em frente.”

Elyah não diz nada. Seu silêncio é a coisa mais fria que já ouvi.

Konstantin se vira para papai. “Não machuque Lilia até que ela dê à luz. Se você fizer isso, eu mesmo matarei você.”

Papai levanta as mãos. “Eu nem sonharia com isso. As crianças são a coisa mais importante do mundo. Todos vocês podem se juntar a mim na América até a criança nascer, se quiserem.”

Eu arranco meu braço do aperto de Kirill, meu peito arfando. “Você não pode fazer isso. Meu bebê é a única coisa sem a qual não posso viver.”

Konstantin me ignora e se vira para Elyah. “Você tem certeza disso? Você é a razão pela qual perseguimos Lilia por todo o mundo.”

O homem loiro engole em seco. Ele ainda não encontra meus olhos. “Estou

cansado de ser afastado por uma mulher ingrata. Lilia Aranova deixou claro que nunca me amará como eu a amo. Deveríamos pegar o que é nosso e acabar com isso."

Sua expressão se fecha e ele se afasta de mim, embalando o braço quebrado contra o peito.

Eu o rejeitei. Eu quebrei ele. Ele não tem mais nada a me dizer.

"Então está combinado," papai ronrona.

"Tenho um avião reabastecendo para nos levar a Londres," diz Konstantin. "Você está convidado a se juntar a nós, e então poderemos voar de lá para a América."

Papai coloca a arma no coldre e sorri para os homens. "Seria um prazer."

Eu caio no chão, chocada demais até para chorar, meus dois braços em volta da minha barriga. Eu estava começando a confiar nesses homens. Eu estava começando a amar esses homens. Eles vão me jogar fora por causa de alguns diamantes porque nosso amor é difícil?

Desde quando o amor é fácil? Quando é raro e difícil de vencer, você deve aguentar mais forte do que nunca.

Konstantin se agacha na minha frente, sua expressão iluminada por dentro agora que ele está conseguindo tudo o que sempre quis.

"Eu teria lutado por nós," digo, alto o suficiente para os outros dois ouvirem. "Eu ia tentar fazer isso funcionar para todos nós, apesar de tudo que você fez, pelo bem desta criança, mas você jogou tudo fora."

"Ah, um dia triste," Konstantin murmura, roçando os nós dos dedos na minha bochecha. "Mas ainda não é um adeus, Lilia."

Não, passaremos meses juntos antes que ele arranque meu bebê dos meus braços e me deixe morrer. Isso é tudo que eles sempre quiseram, os três. O bebê.

“Ainda temos muito mais pela frente. Agora, seja uma boa menina pelo menos uma vez e feche os olhos.”

“O que?”

Konstantin pega meu rosto entre as mãos e me beija, com lábios quentes e macios. Estou tão confusa que meus olhos se arregalam enquanto observo Kirill e Elyah erguerem suas armas para papai, cujo sorriso está apenas começando a se transformar em horror.

E eles atiram.

Papai cai no chão, dois rastros vermelhos saindo de ferimentos de bala em sua cabeça e no peito, formando uma poça sob seu corpo inerte e passando pelos meus joelhos até a sarjeta.

Ele está morto.

Konstantin recua e sorri com tristeza. “Você nunca faz o que lhe mandam.”

Kirill chuta o corpo do papai e cospe no cadáver. “Boa viagem, seu pedaço de merda.”

Eu olho para Konstantin. “Você estava fingindo fazer um acordo com meu pai? Você disse tudo isso só para mexer comigo?”

Ele sorri e balança a cabeça. “Claro que não. Fizemos isso para que ele guardasse a arma. Ele teria atirado em você se tivéssemos recusado o acordo. Nós três discutimos essa possibilidade semanas atrás.”

“E você não pensou em me contar?” Eu fico furiosa com ele.

“Um pai pode saber quando sua filha está fingindo chorar. Não podíamos arriscar que ele disparasse as armas. Ninguém está tirando você de nós. Não com dinheiro. E não com uma bala.”

Elyah estende a mão boa e me ajuda a ficar de pé. “Nada que alguém diga sobre você é importante para mim, *solnyshko.* Eu acredito em Lilia.”

Fecho os olhos e respiro fundo, tentando fazer meu coração voltar ao normal. Os últimos minutos foram um pesadelo.

Abro os olhos e olho para eles. “Se não fosse por esse bebê, eu lutaria com todos vocês.”

Kirill ri. “Podemos nos divertir e brincar no avião, *detka*.”

“No segundo que você tirar as calças, vou torcer suas malditas bolas,” rosno para ele, e ele sorri como se a ideia fosse interessante para ele.

Elyah segura meu rosto com a mão boa. “Eu sei que cometi erros terríveis. Você acreditará em mim quando eu disser que mudei? Que todos nós mudamos juntos e por causa uns dos outros?”

Olho de um homem para outro. Eles são todos diferentes dos homens que já foram. Sou uma mulher diferente.

“Eu te amo,” murmura Elyah, acariciando minha bochecha. “Não falarei pelos outros, mas Konstantin precisa de você. Kirill está obcecado por você.”

Amor. Precisar. Obsessão.

Os pilares de qualquer relacionamento sensato.

Estamos realmente fazendo isso?

Posso me permitir pertencer a eles mesmo que parte de mim ainda esteja aterrorizada com as coisas de que eles são capazes? Konstantin e Kirill nunca pedirão desculpas por quem são. Elyah nunca ficará do meu lado contra eles.

Ou eu os aceito ou vou embora.

Eu suspiro e coloco a mão sobre a barriga.

“Algo está errado?” Elyah pergunta com urgência e eu balanço minha cabeça.

“O bebê está chutando.” Fico com as mãos na barriga, ao lado do corpo do meu pai morto, dos seus homens, do carro destruído. Nós quatro estamos juntos

na estrada vazia.

Se não for amor, há algo entre nós que não consigo explicar e não quero deixar isso para trás.

Movo a mão de Elyah da minha bochecha para minha barriga e então pego as mãos de Kirill e Konstantin e coloco as palmas na minha barriga.

“Acho que o bebê tem algo a dizer aos pais.”

Os olhos de Kirill estão arregalados. “Eu nunca senti isso antes. Nosso filho é tão forte.”

Elyah acaricia o local onde o bebê está chutando e Konstantin sorri enquanto olha para mim, sua expressão cheia de diversão e autossatisfação. *Afinal você vai nos aceitar, Lilia?*

Maldita seja sua presunção.

Eu acho que vou.

Ficamos muito tempo numa estrada repleta de corpos para quatro pessoas que têm um avião para pegar.

14

Konstantin

Levanto-me da cama com relutância ao amanhecer, desembaraçando-me dos membros, braços e lençóis retorcidos. Grandes corpos masculinos invadiram minha cama. Elyah está dormindo profundamente e seu pau está pressionado na bunda de Lilia. O rosto de Kirill está contra seus seios, e ele tem uma das coxas dela enganchada em seus quadris. A barriga de Lilia está ficando enorme.

Ela adormeceu segurando minha mão e, embora ainda teimosamente segurando firme durante o sono, tento me livrar dela. Um homem precisa trabalhar, não ficar deitado o dia inteiro dormindo e transando.

Mas assim que me libero de todos eles, fico nu ao lado da cama, esfregando a nuca e olhando para suas formas adormecidas. Isso está se tornando uma ocorrência diária.

Preciso de um colchão maior.

Não era para ser assim. Elyah e Kirill mudaram seus quartos para o lado do meu e, no início, Lilia passou a noite com cada um de nós. Não em qualquer tipo de lista, mas indo para qualquer homem que estivesse pronto para dormir quando ela estivesse. Sua gravidez a deixou inquieta e seu horário de sono imprevisível. Se ela vem para a cama comigo, muitas vezes acordo e descubro Kirill ou Elyah dormindo do outro lado de Lilia. Na semana passada, acordei com o som de seus gritos suaves e vi que Kirill estava caindo sobre ela enquanto Elyah empurrava em sua boca. Na minha cama. Três horas da manhã nunca foi a hora mais sexy do dia para mim, mas naquele momento foi.

Alguns dias depois, de madrugada, levantei-me para pegar um copo d'água e encontrei Lilia andando de um lado para o outro no corredor com as mãos na barriga. Ela murmurou que não conseguia dormir, depois sorriu e me indicou o quarto de Kirill. A porta estava aberta e Kirill e Elyah adormeceram juntos.

Elyah estava deitado de costas com um braço estendido e Kirill tinha a cabeça apoiada no bíceps.

Lilia sorriu para eles e sussurrou: “Eles estão assim há horas. Como cachorrinhos. E os dois reclamaram de morar um em cima do outro no meu apartamento.”

Eles reclamaram, mas não se incomodaram muito. Na verdade, acho que eles adoraram.

Eu a puxei em meus braços e a beijei. “Com você por perto, todos nós estamos mais próximos, *malyshka.*”

E ela me beijou de volta.

Sem hesitação. Carinhoso, mas ainda reservado.

Ela começou a me tolerar, talvez até a gostar, mas não há amor no modo como ela me toca, e isso está começando a me incomodar.

Ontem acordei e descobri os três na minha cama, dormindo profundamente. Eu tinha apenas quinze centímetros de colchão. Abri a boca para dizer a Elyah ou Kirill que não somos uma ninhada de lobos compartilhando uma toca, mas Kirill murmurou sonolento no pescoço de Lilia e apertou-a com força. Elyah estendeu a mão com os olhos fechados para acariciar seus cabelos, respirá-la profundamente e aconchegá-la com o nariz.

Fechei os olhos e voltei a dormir. Se isso é o que é preciso para que Lilia se relacione com todos nós, então é isso que é preciso. Eu vi estranho; coisas mais sinistras acontecem em uma cama.

Graças aos últimos meses perseguindo Lilia pelo mundo, estou atrasado no meu trabalho. Eu me jogo no que precisa ser feito, bebendo muito café e vodca e não comendo ou dormindo o suficiente. Dois dias seguidos eu pulo minha natação matinal e então isso me ocorre.

A pior enxaqueca que tive em anos.

Minha visão se refrata em luzes brancas penetrantes. Uma dor latejante sobe pela minha nuca e martela meu crânio. Procuro na minha mesa alguns dos meus analgésicos mais fortes, mas mesmo enquanto os engulo, sei que não serão suficientes.

Lilia me encontra no corredor a caminho do meu quarto, uma das mãos apoiada na parede e suor frio cobrindo meu corpo. Ela parece entender o que está acontecendo quando me pega pelo braço e me obriga a seguir em frente.

“Por aqui. Eu peguei você.”

Ela me ajuda a deitar na cama no quarto escuro e coloca minha cabeça em seu colo. Minha bochecha bate contra sua barriga, e se ela parasse ali, acho que ficaria tão feliz quanto poderia estar com uma dor de cabeça terrível.

Mas Lilia não para por aí. Ela acaricia meu cabelo para trás e seus dedos frios pressionam minha testa, minha testa, minha nuca. Seu toque é firme, mas cuidadoso, e cada vez que ela diminui, minha enxaqueca diminui um pouco mais.

Gemo de alívio e prazer quando seus dedos cavam cuidadosamente os músculos pegajosos da minha nuca, os seguram e depois me liberam. “Você tem um toque mágico. Nunca senti nada parecido.”

Lembro-me dela me dizer uma vez, quando eu estava com dor de cabeça, que ela costumava fazer isso pela avó, insinuando que ela poderia fazer isso por mim também, mas teimosamente se afastando. Dizendo-me em termos inequívocos que eu não merecia o cuidado dela.

Mas eu mereço isso agora?

Ficamos sentados em um silêncio doce e confortável por um longo tempo, ela com as costas apoiadas na cabeceira da cama e eu deitado de bruços na cama com os olhos fechados. Posso respirar mais facilmente agora que o latejar em meu crânio se tornou uma dor surda.

“Conte-me sobre alguém que você amou,” ela sussurra.

“Seus dedos,” murmuro, sem abrir os olhos. Ela tem dedos mágicos.

“Não seja irreverente.”

Passo as mãos pela barriga dela. “Nosso bebê.”

“Este pequenino ainda não está aqui. Alguém que te fez rir. Encorajou você. Frustrou você. Enfureceu você.”

“Definitivamente você.”

“Você não me ama, Konstantin. Conte-me mais sobre você.”

Que pergunta estranha. Já conheço Lilia o suficiente para que ela não faça perguntas inúteis. Ela está procurando alguma coisa, mas não sei o quê. Talvez ela queira conhecer meu lado mais suave. Talvez ela esteja procurando um motivo para ficar.

Pena que ela não vai encontrar assim. “Ninguém, *pequena*. Você não ama sua família e eu não amo a minha.”

“Eu amo minha *babulya*,” ressalta Lilia.

Eu sorrio contra seus dedos acariciando. “Ah, sim. Sua avó desonesta que ensinou todos os truques à neta e a transformou em um diabinho escorregadio.”

“Essa é minha *babulya*,” diz Lilia com orgulho. “Você conheceu sua avó?”

“Minha família que ainda está viva está toda na Rússia, e metade deles me mataria se me vissem. A outra metade é indiferente à minha existência.”

“Por que?” Ela pergunta, sua voz baixa e gentil.

Ela está bisbilhotando coisas que eu nunca contei a ninguém e sobre as quais não falo. Kirill e Elyah sabem, mas eles estavam lá e eu não precisei pronunciar as palavras. Ou não muitos deles, pelo menos.

“Diga-me como você se sente hoje,” pergunto, mudando de assunto. “Você notou o movimento do bebê? Acho que posso senti-los agora.” Um pequeno

joelho ou pé está pressionando minha bochecha através da barriga de Lilia.

Mas ela não será desviada.

“Eu sei tão pouco sobre você.” Seus dedos percorrem meu pescoço e ombros subitamente tensos. “Você fica todo tenso quando menciono o passado. Você está preocupado com alguma coisa?”

“Não é preocupação. São lembranças ruins.”

Sua mão passa pela minha testa. “São as lembranças ruins que causam essas enxaquecas?”

“Uma bala que atravessou meu crânio foi o que me causou essas enxaquecas.”

Ela massageia o ponto de pressão entre minhas sobrancelhas e a dor na minha cabeça diminui lentamente.

“Eu nunca te contei o que fiz com o seu dinheiro. O dinheiro que ganhei com a venda dos seus diamantes,” ela murmura.

“A propósito, quanto você ganhou?”

“Você não vai gostar se eu te contar. Vou piorar sua dor de cabeça.” A diversão ilumina sua voz.

“Diga-me de qualquer maneira.”

“Seis milhões.”

Eu gemo. “Puta que pariu.”

“Eu estava com pressa. Havia russos malucos atrás de mim.”

Não é tanto quanto ela deveria ter conseguido pelos diamantes, mas, como ela diz, ela não estava em posição de negociar com dificuldade. O fato dela ter conseguido vender diamantes rosa roubados enquanto estava escondida é surpreendente. “Existe alguma coisa que você não pode fazer?”

“Esconder-me de você, aparentemente.”

Estendo a mão e acaricio sua nuca. “Estou feliz que você tenha essa fraqueza. Nunca perca.”

Lilia ri. “Já que você está de bom humor, posso lhe contar o que tenho feito com o seu dinheiro?” Ela decide por mim. “Eu vou te dizer.”

Ela descreve como está rastreando as mulheres do concurso, obtendo seus endereços de e-mail e depois enviando-lhes um décimo sexto de seis milhões de dólares.

“O dinheiro é delas, não meu ou seu. Elas merecem isso depois de tudo que você as fez passar.”

Não sei sobre isso, mas mantenho a boca fechada. Quase nenhuma delas levantou um dedo para ajudar Lilia a orquestrar sua fuga bem-sucedida. Algumas estavam firmemente contra ela. Se eu fosse Lilia, não sentiria nenhuma compulsão de lhes dar nada, embora tenhamos estabelecido há algum tempo que minha consciência está voltada para uma direção diferente da de Lilia.

Lilia suspira. “O problema é que não tive muito sucesso e parei de procurar nos últimos meses. Quase não encontrei nenhuma das mulheres para enviar-lhes o dinheiro.” A decepção colore sua voz.

A divisão de seis milhões equivale a menos de quatrocentos mil dólares cada. Não é muito dinheiro. É quase nada, na verdade. Eu me pergunto por que ela está se culpando por isso, quando isso não pode fazer muita diferença em suas vidas.

Ou talvez sim. Minha família sempre foi rica. Venenosa, mas rica.

“Pronto,” ela termina com um suspiro. “Agora você sabe tudo.”

Com os olhos ainda fechados, murmuro: “Sei mais do que você pensa.”

“Oh?”

“Eu sei que você é linda, orgulhosa e forte. Eu sei que você está feliz com a

morte de seu pai, embora às vezes, tarde da noite, você se preocupe se isso a deixará sedenta de sangue e insensível. Não se preocupe em perder seu tempo com esses pensamentos, *malyshka*."

Depois das mentiras que contou sobre Lilia e o bebê, Aran Brazhensky merecia morrer como um cachorro na rua.

Eu estendo a mão e acaricio sua bochecha. "E eu sei que você quer fugir de mim quando esse bebê nascer."

Sinto a expressão de Lilia endurecer. Eu me pergunto se ela vai mentir para mim e dizer que não é verdade. Estas últimas semanas foram as mais próximas da felicidade que já conheci. Elyah está feliz. Mesmo que não tenha havido derramamento de sangue ou caos, Kirill parece relaxado. O bebê chegará em breve, mas não sou tolo o suficiente para acreditar que todos viveremos felizes para sempre.

Um momento depois, Lilia volta a acariciar minha testa. "Eu não decidi nada. Quem te traiu e fez você odiar tanto as mulheres?"

Ela está me oferecendo uma pechincha, não é? Abra-se para mim e talvez eu considere ficar. Eu cerro os dentes em aborrecimento. "Uma mulher."

"Você a amou?"

Eu rio sem humor. "Suponho que sim. É difícil lembrar de sentir qualquer coisa além de ódio por aquela vadia."

Eu a sinto estremecer com minhas palavras duras. "Você amava essa mulher e pode falar dela dessa maneira?"

"Toda essa conversa sobre amor é irrelevante," murmuro. "Elyah ama você. Kirill também o faz, à sua maneira estranha. Mas para mim existe poder e existe nós, e isso é tudo que importa. Tenho o poder de cuidar de você e desta criança e isso é tudo que deve preocupar você."

"Você está dizendo que não vai amar nosso filho?"

Uma pontada percorre meu peito e encontro sua mão e aperto seus dedos. “Uma criança é diferente,” digo suavemente. “É claro que amarei nosso filho e, quando o bebê nascer, quero que você se case comigo.”

“E quanto a Elyah e Kirill?”

“Case-se com eles também, se quiser. Eles já estão na nossa cama. Eles vão engravidar você de novo em breve e também deveriam ser seus maridos.”

Eu acaricio sua barriga enquanto penso nisso. Eu até gosto da ideia. Elyah está ansioso para ter seu filho em Lilia, e Kirill também. Eu sorrio para mim mesmo porque talvez eu vença os dois. Novamente, se este bebê for meu. Um pouco de competição saudável pela nossa mulher deveria ser divertido.

“Você quer que eu me case com você, use seu anel e durma com seus amigos? Que tipo de *Pakhan* é você?”

“Um inteligente. Um forte. Não apanhei de um homem desde os quinze anos de idade.”

“E uma mulher?”

Eu hesito. Apenas algumas semanas atrás, eu teria dito a ela para cuidar da própria vida, mas nesta sala escura com minha cabeça em seu colo, minhas defesas estão baixas. “As mulheres sempre foram meu ponto cego. Minha fraqueza. E você é minha maior fraqueza de todas.”

“Uma mulher atirou em você,” ela adivinha, passando os dedos pela minha cicatriz.

“Ela atirou.”

“Quem foi?”

Eu suspiro. “*Malyshka*, eu estava pensando feliz sobre nós três engravidarmos você de novo. Por favor, não estrague tudo desenterrando meu passado e me dando outra dor de cabeça.”

“O passado é importante. Isso me ajuda a entender você. Não há muitos homens que estariam dispostos a compartilhar sua noiva com seus amigos.”

“Não somos como os outros homens. Nós somos seus homens. Não parece que estamos compartilhando Lilia. Não preciso me lembrar de fazer concessões ou jogar limpo com Elyah e Kirill. Simplesmente funciona porque nós três sempre funcionamos. Primeiro fomos Kirill e eu, anos atrás, quando eu estava começando sozinho e Kirill tinha dezesseis anos. Depois Kirill e Elyah na prisão e, finalmente, nós três. Sempre trabalhamos muito bem juntos e agora encontramos nossa mulher.”

“Alguns chamariam isso de perversão.”

Eu rio, e o som é amargo. “Você acha? Talvez meu julgamento esteja errado. Já vi coisas em minha vida que são muito mais pervertidas.”

“Como o que?”

Abro os olhos e olho para ela. Como diabos ela me fez falar sobre isso? Mesmo agora, a vergonha e o nojo queimam como se fosse culpa minha.

“Eu nunca contei a ninguém,” digo friamente.

Ela espera, sua expressão expectante.

De repente, eu rio. “A ironia é que eu não deveria querer contar a você por que o que você pensa de mim realmente importa. No entanto, sinto vontade de contar a você de qualquer maneira.”

“É por isso que você quer me contar,” ela murmura suavemente. “É lutar para sair porque você quer saber que o seu segredo não vai mudar a maneira como eu vejo você.”

Que coisa inteligente ela é.

“Posso te mostrar uma coisa?” Eu pergunto a ela.

Sua boca se curva em um sorriso. “Quão pervertido é isso?”

“Oh, diabólico,” eu digo, sentando-me lentamente. Sinto uma dor surda na parte de trás do crânio, mas consigo suportar.

Levo Lilia pela mão pelo corredor até o quarto que dedicamos ao berçário. Um berço está esperando no canto com um cobertor amarelo dobrado, e há um móbile pendurado sobre o berço. Elefantes e tigres em gravatas-borboleta amarelas.

Lilia dá um grito de prazer e estende a mão para tocá-lo, e todos os animais vão dançando em círculo. “Esse é o meu mobile de Praga. Achei que tinha deixado para trás. Você trouxe com você. Você se lembrou, apesar de todo o medo e sangue daquele dia.”

Coloquei minhas mãos em seus ombros e a virei para mim. “Lilia, eu…”

Mas as palavras ficam presas na minha garganta.

Diga que sente muito, seu idiota.

Mas não sinto, e Lilia saberá que é mentira. Ela vai me odiar ainda mais por mentir do que por ficar em silêncio.

Não posso mudar o que fiz.

O passado é indelével e tenho que fazê-la entender isso.

Lilia entende Elyah. Ela sabe o que fez de Kirill o homem que ele é hoje, mas não sabe o que me tornou Konstantin, e não me aceitará até que o faça.

Afasto seu cabelo do pescoço e dou um beijo ali. “Devo descobrir minha garganta para você? Devo lhe dar todas as armas que você precisa para me vencer e colocar todas as minhas vulnerabilidades a seus pés?”

Movo meus lábios por sua garganta até sussurrar contra sua boca.

“Você me aceitará então?”

Dezenove anos antes...

“Eu não quero o dinheiro. Fique com seu dinheiro.” Minha voz está alta de terror. Afasto-me lentamente pela água, as ondas rasas batendo nos meus tornozelos e depois nos joelhos.

“Onde você está indo, Konstantin? Mamãe e eu só queremos conversar.”

Meu irmão mais velho avança lentamente em minha direção, com um sorriso malicioso no rosto. É uma noite sem lua e a superfície da água está preta. Um vento frio corta minhas roupas e arrepia minha pele encharcada de suor. Pyotr está sorrindo, mas há assassinato em seus olhos. Ele tem dezessete anos, mas é tão musculoso quanto um homem adulto. Quando nosso pai morreu, há três anos, ele assumiu o papel de chefe da família.

De todas as maneiras que ele podia.

Ele e mamãe têm sussurrado nas minhas costas. Planejando. Esquematizando. Posso sentir o gosto de sua malandragem no ar que respiro. A comida que como. Às vezes me pergunto se mamãe borrifa veneno no jantar que ela prepara para mim. Procuro sombras atrás de mim nas escadas. Quando monto meu cavalo, verifico duas vezes os cobertores da sela em busca de espinhos que possam fazer com que o garanhão me jogue e quebre meu pescoço.

Dentro de dois anos, quando eu completar dezessete anos, herdarei minha parte da fortuna de nosso pai, uma fortuna que Pyotr e minha mãe estão desesperados para controlar. A ganância deles vai me matar.

Mas não é por isso que isso está acontecendo.

“Querido, por que você está agindo de forma tão estranha? Por favor, saia da água,” diz a mãe, com a voz cheia de doçura. Ela é linda, minha mãe. Cabelos longos e escuros, pele e olhos luminosos, boca carnuda e orgulhosa. Os homens têm se esforçado para tentar se casar com ela, mas ela não está interessada em homens. Para casar, pelo menos. Ela já levou bastante para a cama. Já os vi na

cozinha ou saindo pela porta dos fundos e estão cada vez mais jovens.

Fico onde estou e não tiro os olhos de Pyotr. Nossa enorme mansão ergue-se atrás de nós, todas as janelas escuras e vazias.

“Ela te chama de Grigor quando você transa com ela?” Eu fervo em Pyotr. Grigor era o nome do nosso pai. “O pai já estava morto quando você começou a trepar com a nossa mãe, ou você nem conseguiu esperar até que ele sentisse frio?”

“Como você ousa!” A mãe grita.

Ela tem vergonha suficiente para negar, mas qual é o sentido? Viro-me para ela, meu peito subindo e descendo bruscamente de nojo e raiva. “Mãe, eu *vi* você.”

E ela sabe que eu os vi. Nossos olhares se encontraram quando Pyotr estava em cima dela. Ela nem teve o bom senso de transar com o filho debaixo dos lençóis para poder passar o relacionamento doentio deles como “apenas abraços.”

Afasto os olhos da minha mãe e não sentirei nenhuma tristeza se nunca mais colocar os olhos nela. Ela me tratou cruelmente desde que me lembro, e por nenhuma razão que eu possa imaginar. Ela também era cruel com Pyotr, mas sempre parecia que ele estranhamente gostava disso.

Olho apenas para Pyotr, meu irmão que sempre amei e que me amou. No fundo, ele deve saber que está cometendo um erro terrível. Ele está sendo coagido por uma mulher mais velha e muito mais desonesta, e não é culpa dele. “Se você me disser que ela está forçando você, eu acreditarei. Você está me ouvindo, Pyotr? Não há dúvida sobre isso. Estou no seu lado.”

O belo rosto de Pyotr, tão parecido com o de nosso pai, fica em branco por um momento. Dou um passo à frente.

“Pyotr, se essa cadela enfiou as garras em você, então posso ajudá-lo a tirá-

las de novo. Vou arrancá-las da sua carne.”

Ele estende a mão para mim do outro lado da água. Nossos dedos se tocam.

E então ele agarra meu pulso, seus olhos brilhando. “Você sempre foi muito confiante, seu idiota.”

Pyotr tira meus joelhos de debaixo de mim e eu caio na água com um estrondo. Minhas costas batem nas pedras no fundo do lago e então Pyotr está em cima de mim, com o joelho no meu peito e as mãos em volta da minha garganta, me segurando. Posso ver seu rosto através da água agitada e é selvagem. Irreconhecível. Por cima do ombro dele, a mãe examina as unhas, evitando qualquer respingo.

Minha visão fica irregular. Meus pulmões começam a queimar. Quero respirar, mas vou sugar água se o fizer. Preciso encher meus pulmões. Embora seja morte certa, tenho que encher os pulmões. Não consigo ignorar o que meu corpo deseja, e isso é assustador.

Com o que resta de minhas forças, empurro o joelho de Pyotr para longe do meu peito e, enquanto ele está desequilibrado, eu o derrubo e corro para a superfície do lago, lutando para respirar. Não consigo ver através da água em meus olhos, mas mamãe está gritando para Pyotr me agarrar, então vou para a esquerda, para longe deles e para longe da casa. Há árvores com galhos baixos margeando a água, e eu passo por elas.

E então eu corro.

Corro porque minha vida depende disso, meus pulmões estão em chamas agora e minhas pernas doem de frio e esforço. Eu não olho em volta. Eu não verifico por cima do ombro. Fixo meus olhos no horizonte onde a lua está nascendo e saio dali.

Eu superei meu medo.

Eu superei minha dor.

Pyotr e mamãe podem fazer as coisas doentias que quiserem um com o outro. No que me diz respeito, a minha família está morta.

Vou formar a porra da minha própria família.

Não há muitas pessoas em quem confio à medida que envelheço. Sempre confiei na minha própria inteligência e vivo para liderar. Construo meu próprio império do zero e não tenho medo de sujar as mãos. A única pessoa em quem realmente confio sou eu mesmo.

Quando conheço Kirill, fico impressionado com suas habilidades, mas ele é tão jovem, tão ansioso, que não penso muito nele. Ele provavelmente morrerá antes que seu filho chegue à idade escolar.

Então ouço uma história estranha sobre Kirill. Seu filho foi quem morreu, morto em circunstâncias terríveis pelos próprios avós. Então a mãe tirou a própria vida e foi Kirill quem encontrou o corpo. Ele incendiou a mansão como vingança, embora os Lugovskaya tenham escapado. Uma pena, isso.

Você pode tirar pessoas da prisão na Rússia se conhecer as pessoas certas e tiver influência ou dinheiro suficientes. Nunca tentei antes, mas quando penso nos Lugovskayas, a raiva queima em meu peito de uma forma que não acontecia desde que minha própria família me traiu.

Então, eu mexo alguns pauzinhos e Kirill emerge da prisão para ficar ao meu lado, mais sombrio do que antes. Endurecido, sanguinário e tão afiado quanto uma lâmina. Ele não tem ninguém nem nada com quem se preocupar, assim como eu não tenho ninguém nem nada. Apenas dinheiro. Apenas poder. Sua ideia de poder é o jogo que ele joga no escuro. Ele está mais do que feliz em jogar enquanto trabalha ao meu lado. Somos uma excelente equipe, ele e eu.

Um dia ouvimos falar de um homem alto e loiro coberto de tatuagens de prisão perguntando por Kirill. Um amigo ou um assassino? Ele nos encontra em nosso bar preferido da cidade, bebendo vodca nas primeiras horas da manhã.

Assim que os olhos de Kirill pousam no homem, ele se levanta, um raro sorriso aparecendo em seu rosto.

“Elyah fodido Morozov. O que você está fazendo aqui?” Kirill cumprimenta o recém-chegado com um abraço como se o homem fosse seu irmão há muito perdido. “Este é Konstantin Zhukov, meu *Pakhan*. Kostya, Elyah e eu nos conhecemos na prisão.”

Elyah assente respeitosamente, embora não sorria. Há algo duro e sombrio em seus olhos, apesar de ele parecer feliz por ter encontrado Kirill. “Estou honrado em conhecê-lo, *Pakhan*.”

Concordo com a cabeça educadamente, permanecendo no meu lugar, embora esteja curioso sobre esse homem. Nunca vi Kirill feliz em ver alguém além de mim.

“Você precisa de trabalho? Podemos lhe dar trabalho.” Kirill se vira para mim. “Este homem é uma maldita máquina, e eu confiaria minha vida nele. Eu o observei matar três caras ao mesmo tempo muitas vezes. Todo mundo estava tentando matar Pushka, e ninguém conseguiu.”

“Eu preciso trabalhar,” diz Elyah, virando-se para mim. Sua expressão é orgulhosa e seu tom é uniforme. “Eu estava na prisão e depois na América. Preciso começar de novo.”

Quando ele termina de falar, seus frios olhos azuis encontram os meus.

Que sujeito tagarela.

“Que tipo de trabalho você está procurando?”

“Qualquer coisa,” é a resposta de Elyah. Pela sua atitude e pela miríade de tatuagens, ele parece o tipo de homem capaz de tudo. “Na América, eu

trabalhava para Ivan Kalashnik. Motorista. Escolta. Estive com ele quase todos os dias durante meses."

"Por que você não está com ele agora?" Eu pergunto.

"Ele levou um tiro na cabeça."

A franqueza gelada do homem faz minhas sobrancelhas subirem até minha testa. "Não era seu trabalho garantir que ele não levasse um tiro na cabeça?"

Eu o observo de perto, me perguntando se Elyah vai ficar nervoso ou na defensiva. Seu tom ou expressão inexpressiva nunca vacila.

"Meu velho *Pakhan* foi morto pela polícia. Eu estava tirando ele de lá. Ele estaria vivo hoje se tivesse me ouvido."

Um sorriso se espalha pelo meu rosto. Quando Kirill veio até mim, aos dezesseis anos, ele me impressionou com suas habilidades e seu jeito direto. Agora, ele me chama de Kostya, e eu deveria dizer a ele para não ser tão familiar, mas não quero. Eu gosto de como ele se comporta neste mundo. Eu teria incendiado a porra da casa dos Lugovskaya se fosse ele.

Kirill nunca mentiria para mim, e sinto que esse Elyah também é do tipo brutalmente honesto.

"Tudo bem. Vou me casar e preciso de mais proteção. Você parece bastante capaz."

Elyah balança a cabeça. "Este não é o trabalho para mim. Mande-me para as ruas. Vou vender drogas. Armas. Não importa."

Eu franzo a testa para ele. "Este trabalho é melhor. O salário é melhor. Por que você iria querer aquilo?"

"Você não me quer perto de sua esposa. Quase fodi a esposa do Ivan."

Kirill e eu trocamos olhares e posso ver que ele está tão chocado com essa admissão quanto eu. Santo inferno. A esposa de seu *Pakhan*? "Você tem sorte de

suas entranhas estarem dentro do seu corpo. Por que você fez isso?”

A amargura invade a expressão de Elyah. “Ela era linda e ele batia nela. Eu perdi a cabeça por causa dela.”

É difícil imaginar um homem tão gelado como Elyah perdendo a cabeça por causa de alguém.

“Então ela traiu todos nós e quase me matou.”

“O que você faria se a visse de novo?” Eu pergunto.

Os olhos azuis de Elyah ficam ainda mais frios. “Torceria a porra do pescoço dela. Todas as mulheres não valem o incômodo. Não tocarei em ninguém pelo resto da minha vida, a menos que ela seja uma prostituta que eu possa foder e mandar embora.”

Eu deveria mandá-lo embora. Com um histórico como o dele, qualquer um seria perdoado por pensar que esse homem dá azar. Viro meu copo de vodca na mão, pensando.

“Venha para casa amanhã. Conheça os outros homens. Conheça minha futura esposa.”

Elyah franze a testa. “Eu não esperava isso. Só quero dinheiro suficiente para comer e ter um teto sobre minha cabeça. Por que você confiaria em mim em sua casa?”

“Não confio em um homem que não sentiu o calor da traição. É uma experiência de aprendizagem útil.”

Elyah dá uma risada sem graça e balança a cabeça. “Você não está errado, porra. Tudo bem. Vejo você amanhã, *Pakhan.*”

Kirill se despede de Elyah, dá meu endereço e o leva para fora do bar.

Quando ele volta, eu digo a ele: “Se ele olhar para minha noiva de maneira errada, pelo menos uma vez, você vai estripá-lo da garganta até as bolas,

entendeu?”

Kirill nem pisca. “Entendido.”

Elyah aparece prontamente em minha casa, bem vestido de preto e com uma expressão de hostilidade que imagino que ele tenha aperfeiçoado na prisão. Deixo-o nas mãos de Kirill e apresento aos meus convidados uma seleção dos meus homens mais próximos que se reuniram para celebrar o nosso noivado.

A sala está repleta de sons de pessoas conversando e copos tilintando. As portas duplas para o jardim estão abertas e o ar quente com aroma de rosas sopra para dentro. Minha noiva está de pé ao lado do piano de cauda, com o cabelo escuro caindo como uma cascata pelas costas.

Eu consegui.

Não tão longe quanto pretendo ir, mas é um excelente começo para um homem que se fez sozinho, que começou do fundo do poço. Ou no fundo do lago, no meu caso. Enquanto tomo um gole de champanhe, me pergunto o que Pyotr estará fazendo esta noite. Minha mãe morreu há muitos anos, e eu me pergunto - e depois gostaria de não ter me perguntado, se ele sente falta dela como mãe ou como amante.

“Por que tão sério, meu amor?” Uma mão desliza na minha e aperta. Um diamante canário brilha em seu dedo anelar.

Minha futura noiva, Valeriya.

Ao olhar para seu lindo rosto, não sinto nada, que é exatamente o que eu queria.

Por cima do ombro e encostada na parede está uma figura sóbria vestida de preto. Viro Valeriya e a puxo para mais perto do homem.

“Elyah, esta é Valeriya, minha noiva. Valeriya, Elyah juntou-se recentemente à minha equipe. Acredito que farei dele meu motorista.”

Valeriya sempre se veste para virar a cabeça de um homem. Seu vestido creme é justo sobre os seios e quadris generosos, e ela sorri para o homem. “Olá e bem-vindo. Espero que você esteja gostando da festa.”

Ele a olha friamente e depois desvia o olhar como se estivesse entediado. “Boa noite.”

O sorriso de Valeriya vacila e desaparece. Ela está acostumada a ser admirada por todos, e meus homens têm o hábito de se comportar perto dela como se ela fosse uma rainha das fadas. Ela não é. Ela é filha ilegítima de um traficante de armas que trabalhava como garçonete em um clube sofisticado até três meses atrás. Ninguém da sua família reconhece a sua existência e ela desistiu de todos os seus amigos em Moscovo para se mudar para cá e casar comigo. Ela sorri e conhece o seu lugar, que é o que mais gosto nela.

Descomplicada. Obediente. Recatada. O que todas as mulheres deveriam ser.

Deixo Valeriya com as esposas dos meus homens e dou uma volta pela sala, conversando com meus convidados. Mais ou menos uma hora depois, estou voltando de uma conversa com o fornecedor na cozinha quando vejo Elyah observando Valeriya. Os dois estão em uma alcova e não parece que Valeriya saiba que ele está ali, observando-a absorta na festa.

Ele se aproxima dela e pergunta em tom duro e desconfiado: “Quem você está vigiando?”

Valeriya dá um salto culpado. Ou talvez ela esteja assustada. “Não estou vigiando ninguém. Estou olhando para meu noivo. Meus convidados.”

Elyah não parece acreditar nela. “É meu trabalho vigiar. Quando vejo alguém tão focado no que essa pessoa está dizendo e com quem ela está falando,

me pergunto o que ela está planejando.”

“Por que você está tão desconfiado?” Valeriya responde, tentando rir, mas sem sucesso. “Praticamente paranoico.”

Elyah não responde. Ele simplesmente fica ali parado com as mãos cruzadas na frente dele, olhando feio até Valeriya se afastar.

Vários dos meus homens têm famílias e trouxeram os seus filhos e esposas. Valeriya senta-se no tapete com algumas crianças e brinca animadamente com elas.

Aproximo-me de Elyah enquanto a observamos juntos. “Minha noiva é linda, não é? O que você pensa sobre ela?”

Elyah não diz nada por um longo tempo, mas sua expressão fica sombria. “Ela será uma boa mãe para seus filhos.”

Sinto que ele quer dizer mais alguma coisa, mas não continua. Um momento depois ele pede licença e vai embora.

No final da festa, mando Valeriya de volta ao apartamento dela. Ela está desapontada e protesta que quer ficar, mas já estou farto de gente. Quero beber vodca e conversar com Kirill.

Nós dois estamos sentados à mesa da cozinha, uma garrafa de vodca gelada aberta entre nós e os restos dos canapés da festa espalhados diante de nós. Kirill faz um sanduíche de camarão grelhado, salada de repolho e caviar de berinjela. Parece terrível, mas ele faz um som de agradecimento ao morder.

“Achei que você tivesse bom gosto quando se tratava de comida.”

Kirill encolhe os ombros e diz com a boca cheia: “Gosto de experimentar. Gostou da sua festa?”

Puxo a gravata e abro o botão de cima da camisa. “Ficarei feliz quando toda essa merda de casamento acabar e eu puder me concentrar no trabalho novamente.”

Kirill levanta uma sobrancelha sarcástica. “Sua esposa não vai gostar de ouvir você dizer isso. Depois que você se casar, ela espera que você se concentre nela.”

Eu dou a ele meu sorriso mais sarcástico. “Ela pode esperar o que quiser. O que ela consegue é outra questão. Além disso, entre fazer compras e criar meus filhos, ela terá muito o que fazer.”

“Isso me faz pensar por que você está se preocupando em se casar.” Ele dá outra mordida enorme em seu sanduíche.

“Estabilidade. Obrigação. Linhagem. Vou fazer essa coisa de família direito. Minha própria família era um pesadelo.” Não preciso soletrar isso para Kirill. Ele sabe tudo sobre mim assim como eu sei tudo sobre ele.

Kirill faz um barulho desdenhoso e murmura: “A minha também, mas você não me vê me arrastando pelo corredor.”

“O que você acha de Elyah?” Pergunto, mudando de assunto.

Kirill limpa a boca. “História interessante. Elyah pegou um dos garçons colocando um brinco de diamante no bolso. A esposa de um dos seus homens deixou-o cair na mesa do bufê e o garçom fingiu que estava retirando os pratos. Eu estava ali mesmo e não percebi nada até Elyah devolver o brinco e tirar o garçom dali, segurando sua nuca. Tudo acabou em uma fração de segundo.”

Como se atreve aquele garçom. E ainda assim não notei nenhum barulho. Elyah conseguiu resolver o problema sem incomodar o resto dos meus convidados. Impressionante.

“Devo contratá-lo? Ele não é muito divertido.”

Kirill sorri e toma um gole de vodca. “Eu sou a diversão por aqui. Contrate Elyah se quiser um bom guarda-costas.”

Verdade. “O que Elyah pensa de Valeriya?”

Meu amigo ri e limpa o canto da boca com o polegar. “Que ela é vaidosa,

estúpida e superficial.” Kirill faz uma pausa, como se estivesse tentando decidir se deve dizer alguma coisa. “E possivelmente perigosa.”

Eu franzir a testa. “Valeriya, perigosa?”

Meu amigo encolhe os ombros e balança a cabeça. “Perguntei o que ele queria dizer, mas tudo o que ele disse foi que tinha um mau pressentimento em relação a ela. O que devemos fazer com isso? Depois do que aconteceu com ele, Elyah não confia nas mulheres. Qualquer mulher.”

Elyah colocou seu pescoço em risco por sua donzela em perigo, e ela chutou terra em seu rosto. Eu também não esqueceria tão cedo uma traição como essa.

“Quer que eu fale com ele? Diga a ele para relaxar?” Kirill pergunta.

Dizer ao homem que contratei para proteger minha vida para recuar? Isso anularia o propósito de tê-lo. “Deixe-o em paz. Quando ele descobrir que Valeriya é tão ameaçadora quanto um rato de marshmallow, ele se acalmará.”

Elyah acaba sendo um excelente guarda-costas e motorista, focado, profissional e disposto a usar os punhos quando preciso. Muito bom em usar os punhos, na verdade. Nós três nos divertimos juntos e Elyah lentamente aprende a relaxar. Fico satisfeito em descobrir que ele tem um senso de humor seco e entendo por que ele e Kirill se uniram tanto na prisão. Se alguém estiver me ameaçando remotamente, Elyah estará sobre eles como um cão de guarda.

A única ocasião em que não é divertido estar perto de Elyah é quando há uma mulher na sala. Ele fica irritado e ele não fala ou relaxa até que ela vá embora, e ele parece particularmente incomodado com minha noiva.

Uma noite, nós dois estávamos tomando uma bebida no final de um longo dia, e eu perguntei a ele sem rodeios. “Elyah. O que você acha da minha futura noiva? Eu quero a verdade desta vez.”

O loiro estava sorrindo há pouco e agora olha para sua vodca como se houvesse veneno nela. “Se você quer a verdade, eu a darei. Ela está escondendo

alguma coisa. Ela está planejando algo.”

“Ela está?” Eu pergunto levemente.

A expressão de raiva de Elyah desaparece e ele aperta a ponta do nariz. “*Merda.* Não sei. Eu costumava gostar de mulheres. Agora só vejo bocas mentirosas e corações intrigantes.”

Espero em silêncio, observando-o com atenção. Eu fui o mesmo durante todos os meus vinte anos. Kirill não confia em ninguém, homem ou mulher, e ele estava tão tenso quanto Elyah quando saiu da prisão e se juntou ao meu lado.

“Quanto você sabe sobre sua mulher? Qual é a formação dela?”

Descrevo o encontro com Valeriya por acaso em uma boate e as muitas verificações de antecedentes que fiz sobre ela. Ao longo de muitas semanas, tentei enganá-la com uma mentira, mudando pequenos detalhes sobre as coisas que ela me contou e repetindo-as para ela para ver se ela percebia. Ela sempre faz e me corrige. Nada neste empreendimento foi descuidado.

“Valeriya não tem conexões inexplicáveis. Nada a esconder. Ninguém para interferir em nossas vidas.” Não ter o incômodo de nenhum sogro é uma das coisas que gosto nela. “Tenho inimigos, é claro, mas Valeriya é apenas Valeriya.”

Elyah suspira. “Você provavelmente está certo.”

Dou um tapinha no ombro dele. “Você só precisa endireitar a cabeça. Sem pressa. Eu gosto do seu trabalho. Eu gosto da sua companhia. Espero que você não vá a lugar nenhum.”

Elyah assente e endireita as costas. “Obrigado, *Pakhan.* Não se preocupe, estou observando todo mundo, não apenas sua noiva.”

Na noite anterior ao meu casamento, dou um pequeno jantar para uma

dúzia de pessoas. Estou ansioso para que Valeriya conheça as esposas dos meus homens, pois será mais fácil lidar com ela se tiver um grupo de mulheres sensatas que possam moderar suas expectativas. Eles entendem o que significa casar com alguém da Bratva, e não tenho certeza se minha noiva ainda entende.

Valeriya chega, tão tonta quanto uma colegial com um vestido Dolce & Gabbana, segurando uma sacola de presentes com um grande laço de cetim. “Não posso ficar até muito tarde. Preciso do meu sono de beleza para amanhã.”

“Claro que sim,” murmuro, beijando-a na bochecha.

Kirill e Elyah se juntam a nós para jantar, e eu converso com eles e meus outros homens enquanto Valeriya conversa animadamente com as outras mulheres.

No final da noite, Valeriya permanece, apesar de sua determinação em dormir cedo. Ela me passa um copo de uísque, que tenho o hábito de beber no final da noite. Este é o tipo de gesto atencioso que eu esperava que ela percebesse.

“Posso dormir aqui esta noite? Sairei de manhã cedo para me preparar.” Ela olha para mim implorando.

Tomo um gole de uísque. “Mas amanhã é nosso casamento. Isso não dá azar?”

“Só se você me ver com meu vestido. Por favor, deixe-me passar a noite. Ainda não lhe dei seu presente.”

Estou exausto e quero ficar sozinho, mas não tenho energia para discutir com ela. “Tudo bem. Mas vamos agora. Quero dormir um pouco esta noite.”

Levo a bebida comigo e termino enquanto ela escova os dentes com a minha escova. Nossas vidas têm sido tão separadas que ela não tem nada próprio aqui. Tudo isso vai mudar amanhã.

Estou deitado em cima dos cobertores, com minha camisa de botão e calça,

quando Valeriya sai do banheiro e monta em meus quadris. Eu me pergunto se estou com uma enxaqueca chegando porque as luzes da sala estão refratando de maneira estranha.

“Konstantin?”

“Hum?”

Valeriya sorri, e é um sorriso estranho. Um que eu nunca vi dela antes, e ela passa as unhas na minha garganta. “Você sabe como é se afogar?”

Eu franzo a testa com a pergunta incongruente. “O que?”

“Você está se sentindo bem, meu amor?” Minha noiva pergunta, seu tom talvez um pouco doce demais agora. Não posso ter certeza. Minha cabeça de repente parece nebulosa e meus membros pesados.

“Estou bem,” eu digo. Isto é estranho. Tento me levantar, mas ela me segura com uma leve pressão dos dedos.

“Precisamos conversar sobre algo. Seu irmão.”

“Você e Pyotr?” Mas isso é impossível. Verifiquei todas as conexões de Valeriya e ela não conhece meu irmão. Eu nunca teria ficado sozinho com ela se ela conhecesse. Mesmo agora, meu irmão provavelmente me quer morto, pelo que sei.

“Pyotr está se perguntando se você está espalhando mentiras sobre ele. Ah, eu não o conheço,” ela diz balançando a cabeça. “De forma alguma. Isso é um trabalho, e só estou interessado em seu dinheiro.”

Todo o comportamento de Valeriya mudou. Em vez de uma jovem estúpida e sorridente, sua expressão é afiada e seu olhar é felino.

Por que meu corpo parece tão *pesado?* “Que mentiras? Não disse uma palavra a ninguém sobre meu irmão.”

Valeriya hesita. “Eu disse isso a ele. Não ouvi um sussurro sobre Pyotr

durante todo o tempo em que estivemos noivos.” Ela dá de ombros. “Mas ele me disse que isso não importa. Ele diz que o problema é que você *pode*, e isso seria terrível para a reputação dele. Você sabia que seu irmão agora é político?”

“Pyotr acha que vou contar às pessoas que ele fodeu nossa mãe?” De repente, tudo parece engraçado e começo a rir. Tenho vaga consciência de que minha vida está em perigo, mas não consigo reunir energia para me mover. No meu coração, estou em pânico, mas a sensação parece muito distante, como se pertencesse a outra pessoa.

“Você não deveria contar mentiras nojentas,” Valeriya repreende. Ela se aproxima, desfaz a fita da bolsa e a abre.

No momento seguinte, estou olhando para uma arma e o cano é um buraco negro e aberto.

“Desculpe por isso, Konstantin. Você é um homem inteligente. Um lindo também. Se eu tivesse um conselho para você, é que você subestima as mulheres. Não somos tão estúpidas quanto você pensa que somos. Nem todas nós, pelo menos.”

Tudo fica branco.

Cegante.

Gritos.

Há um rugido de raiva e depois um grito feminino de dor. Elyah está prendendo Valeriya na parede pelo pescoço, e Kirill está pairando sobre mim, com o rosto branco como giz enquanto ele arranca a camiseta e a segura na minha cabeça. Ele está gritando comigo, mas não consigo entender o que ele está dizendo.

O mundo desaparece e meu último pensamento é que Elyah estava certo o tempo todo.

Não sobre Valeriya.

Sobre tudo.



O bip constante de uma máquina. Uma boca seca com um gosto químico cobrindo minha língua. Olhos granulados. Luto contra as sensações estranhas e abro os olhos.

Meu olhar se fixa em um teto desconhecido e institucionalmente austero, e algo está estranho. Metade da minha visão está negra.

Eu desajeitadamente alcanço meu rosto, me perguntando onde diabos estou e o que aconteceu. Não era o dia do meu casamento...

Meus dedos tocam um curativo no meu rosto e eu congelo. Valeriya. Ela estava sentada em cima de mim e apontando uma arma para meu rosto. Ela explodiu minha cabeça? Metade da minha cabeça? Como ainda estou pensando se estou morto?

Não sei o que aconteceu comigo, mas entendo o que Valeriya era agora.

Ela era uma maldita assassina.

Meu braço se enrosca em alguma coisa e pego um tubo de plástico e o arranco. A dor explode nas costas da minha mão, mas não me importo. Eu só quero encontrar Valeriya e sufocá-la até a morte.

“Konstantin. *Konstantin.* Fique quieto.”

Alguém tenta me empurrar de volta para a cama, mas não deixo. Minha cabeça lateja, mas ainda consigo usar as pernas.

“O que você está fazendo, seu idiota maluco? Volte para a cama.”

“Onde está Valeriya?”

“Você vai se machucar. Nós nem sabemos o que você tem. Dez concussões.

Dano cerebral. Você levou um tiro na cabeça.”

“Eu perguntei, *onde está Valeriya*,” rosno.

Elyah continua discutindo comigo, então saio do quarto, sigo direto pelo corredor e saio do hospital. Xingando-me e dizendo que sou um idiota, Elyah me ajuda a entrar em seu carro.

Quando chegamos em casa, estou suando e tremendo, e parece que meu crânio vai se abrir. Não tenho escolha a não ser deixar Elyah colocar meu braço sobre seus ombros e meio andar, meio me carregar para a cama.

“Kirill está com Valeriya no porão. Saberemos por que isso aconteceu em breve,” Elyah me garante.

Devo cair no sono. Não sei quanto tempo se passou, mas quando abro os olhos, a luz parece não ter mudado. Talvez um dia inteiro tenha passado.

Kirill entra na sala atrás de Elyah, coberto de sangue. Está respingado em seu peito e garganta e endurecido nos nós dos dedos. “Tenho conversado com Valeriya.”

“Parece que foi uma boa conversa,” murmuro.

“O nome dela não é Valeriya. Ela é Oksana. Ela foi contratada para espionar você e depois assassiná-lo. Ela perdeu. Se Elyah não estivesse do lado de fora da porta quando atirou, ela teria acabado com você.”

Eu fecho meus olhos. Ninguém disse a Elyah para ficar do lado de fora da minha porta. Ele deveria estar bebendo vodca com Kirill e relaxando, mas ele ouviu suas suspeitas, e eu deveria tê-lo ouvido.

“Ele não está prestando atenção,” Kirill ferve.

Ah, eu ouvi cada palavra.

“Você tem ordens para nós, *Pakhan*?” Elyah pergunta. Quando não respondo, ele diz entre dentes: “Dê-nos a ordem.”

“Saia do meu quarto. Vocês dois.”

Essa não é a ordem que eles queriam. Ambos ficam onde estão. Posso sentilos olhando para mim, mas não vou dizer o que eles querem ouvir.

Eventualmente, eles saem e fecham a porta atrás deles.

Minha mãe morreu há anos e pensei que o motivo de Pyotr me odiar tivesse morrido com ela. Agora me deparo com a constatação de que meu irmão não tentou me matar para agradá-la. Ele queria fazer isso. Ele queria que seu próprio irmão morresse, e ainda quer.

É estranho como alguém que você não vê há quase vinte anos pode estripá-lo, queimá-lo, devastar sua alma e sua vontade de viver.

Sinto tanta dor sempre que abro o olho que o mantenho fechado. O sono é meu único alívio. Kirill se recusa a me dar qualquer droga mais forte do que aquela que você pode conseguir sem receita, dizendo que não confia em mim no estado em que estou. Eu digo a ele para ir se foder. Ele diz isso de volta.

Um dos meus outros homens fica de guarda comigo por vários dias. Talvez mais. Começo a me perguntar se meus amigos abandonaram seu *Pakhan quebrado*. Eu poderia ter feito a mesma coisa no lugar deles.

As enxaquecas me atingiram, uma após a outra, e me fizeram gemer de agonia. Sempre tive tendência a ter enxaquecas, mas agora parece que a dor vai perfurar meu crânio por toda a eternidade. Não há começo nem fim. Não há tempo. Sem espaço.

Apenas dor.

Acordei mil anos depois com o som de algo sendo arrastado pelo chão do meu quarto. São Elyah e Kirill, e eles estão com as mãos nas axilas de um homem amarrado e amordaçado. Seu terno está rasgado e ensanguentado, e seus olhos cinzentos brilham de fúria e medo.

Eles o colocam de joelhos na beira da minha cama e Kirill tira uma faca de

caça de dentro da jaqueta. É grande e serrilhada com uma ponta pontiaguda.

O homem faz protestos aterrorizados no fundo da garganta.

Meu irmão, Pyotr, de joelhos e choramingando de medo.

“Não recebemos suas ordens,” começa Elyah.

“Mas estamos fazendo isso de qualquer maneira,” diz Kirill. Mesmo assim, ele espera, a faca brilhando em sua mão. Eu não digo nada. Não tenho mais nada em mim para sentir raiva, traição ou misericórdia.

Com um grunhido, Kirill enfia a lâmina na lateral da garganta de Pyotr e a puxa para fora. Os olhos do meu irmão se arregalam quando ele emite um som gorgolejante. O sangue jorra por toda parte. Espalhado pelo chão. Nas pernas de Kirill.

O forte cheiro metálico chega até mim e eu me sento lentamente.

Sangue.

Isto não é alucinação de enxaqueca ou sonho febril. Isso é real.

Não tenho mais irmão.

Meus verdadeiros irmãos me vingaram.

Enquanto o sangue corre pelo chão, faço uma promessa a mim mesmo. De agora em diante, qualquer um que me trair irá sangrar.

Sem exceção.

Tiro os cobertores de cima de mim e luto para sair da cama. Meu corpo está fraco, mas finalmente minha mente está determinada.

“Como você está se sentindo, Kostya?” Kirill pergunta enquanto limpa a faca na calça jeans e a guarda.

“Melhor.”

Ele franze a testa e toca minha testa, e então levanta meu curativo e

estremece. “Você não deveria estar, você está com uma febre alta e as bordas da sua ferida estão inchadas. Vou chamar um médico antes que você morra de envenenamento do sangue.”

Primeiro, eles têm que limpar meu irmão morto do chão.

O médico troca meu curativo e me prescreve antibióticos. Se o inchaço e a febre não diminuírem, terei que ser internado porque a ferida está muito infeccionada. Aparentemente, meu crânio não fraturou com a bala. Apenas rasgou minha carne, mas piorei a situação ao deixar de cuidar do ferimento.

Felizmente, os antibióticos resolvem o problema e, dez dias depois, consigo tirar o curativo. O quadrante superior esquerdo do meu rosto está uma bagunça vermelha e raivosa.

Viro-me para Kirill e Elyah com um sorriso. Até sorrir dói, mas acho que não me importo. “Como estou?”

“Você vai ficar com uma cicatriz e tanto,” diz Elyah, contundente como sempre.

“Elyah é o bonito agora,” responde Kirill.

Dou um tapinha na bochecha de Elyah. “Ele sempre foi o bonito. Você era o assustador, Kirill. Mas agora eu venci você com essa cicatriz.”

“Foda-se, você me venceu,” Kirill ri. “Agora vamos tomar uma bebida.”

“Já vou para lá,” digo a eles, e eles vão embora enquanto termino de me vestir.

Alguém colocou o anel de noivado de diamante de Valeriya na cômoda. Eu o pego e olho para ele. Sempre adorei diamantes. Perfeição absoluta, congelada no lugar por toda a eternidade. Os diamantes nunca decepcionam você. Os diamantes nunca desmoronam. Uma mulher com um coração de diamante que só fosse leal a mim, era tudo que eu queria.

Por que não consigo encontrá-la? Onde ela está se escondendo? Achei que

tinha tomado todas as precauções quando conheci Valeriya, mas permiti que ela se aproximasse de mim quando deveria tê-la escolhido. Não cometerei esse erro novamente.

Se ao menos eu tivesse uma variedade de mulheres bonitas competindo pelo privilégio de ser coroada minha esposa. Como uma competição, mas onde o prêmio são diamantes.

Um concurso.

Encontro Elyah e Kirill sentados à mesa da cozinha e vê-los me anima ainda mais. “Onde estávamos antes de todos esses idiotas virarem minha vida de cabeça para baixo? Oh sim. Eu lembro.” Eu sorrio para meus homens em quem mais confio. Os meus irmãos. As únicas pessoas em quem confiarei neste mundo. “Eu preciso de uma esposa.”

Kirill balança a cabeça. “Depois do que acabou de acontecer? Vou te chamar uma acompanhante. Você não precisa de uma esposa.”

“Não, eu quero, e não qualquer esposa. A esposa perfeita. O diamante mais forte e mais bonito do mundo e totalmente obediente a mim.”

“Ela não existe.” A voz de Elyah é dura como granito com certeza.

“Ah, sim, ela existe. E eu sei como encontrá-la.”

“Como?” Ele pergunta, suas sobrancelhas pesadas unidas.

Puxo uma cadeira e me sento. “Abra a vodca e me escute. Acabei de ter uma ideia maravilhosa.”

15

Lilia

Desses três homens, no fundo, acho que o que mais temo é o passado de Konstantin. Seu passado marcado está bem ali em seu rosto, mas as cicatrizes são mais profundas do que isso. Desde a infância dele, como acontece com a minha.

Meu coração arde pelo seu eu mais jovem, assim como pelo meu. Que começo doentio e distorcido ele teve na vida. Não é à toa que ele olhou para as mulheres com desprezo se sua própria mãe...

Estremeço e tento tirar aquela imagem mental da minha cabeça.

Konstantin segura meu rosto entre as mãos. “E você sabe o resto, Lilia.”

Sim, eu sei exatamente onde a história começa. Numa vila à beira de um lago na Itália, com dezesseis mulheres trancadas em jaulas. O incesto de sua mãe e a mulher que atirou nele me ajudam a entender por que ele é daquele jeito, mas não desculpa nada.

Enquanto ele falava, sentamos juntos no tapete, minhas costas apoiadas na parede. Konstantin está segurando minha mão.

E ele está sorrindo para mim, apesar de odiar contar a história de sua família distorcida e a dor da traição de sua noiva. “Agora você sabe tudo, *malyshka.*”

Eu arrasto meus dedos dos dele. “Ainda não entendo por que você não pede desculpas pelo que fez na Itália.”

“Eu não vou. E eu não posso.”

Achei que contar-me tal história poderia ter abalado algo dentro dele, mas mesmo agora ele está totalmente sem remorso. “Por que?”

Ele sorri para mim, seu sorriso elegante e vencedor. “Porque o concurso me trouxe você, Lilia.”

Numa jaula no seu porão, revivi os piores momentos da minha vida com papai com detalhes assustadores. Então me levantei e saí de lá. Eu fiz isso. Provei que tipo de mulher sou para a única pessoa que importa.

Eu.

Minha mão está apoiada na barriga e percebo o quanto me sinto arrasada desde o aborto. Sempre quis um filho e que caminho estranho e tortuoso me trouxe até aqui. “O que você disse sobre querer a esposa mais forte e mais linda do mundo, totalmente obediente a você. Ainda é isso que você quer?”

Ele olha para mim, divertido. “Sim, onde está meu copo de uísque?”

“Você vai me mandar trazer para você de agora em diante?”

“*Malyshka*, se você fizesse isso, eu lhe entregaria uma arma, abriria minha camisa e pediria que acabasse com meu sofrimento.”

“Porque você saberia que eu estava prestes a assassinar você como Oksana tentou fazer?”

Ele acaricia meu queixo com sua mão grande e quente. “Não, porque eu gostaria de morrer sabendo que minha provocadora e desobediente Lilia não existia mais.” Ele balança a cabeça com tristeza. “Eu sou um idiota.”

“Por que?”

“Porque eu te amo.”

Eu respiro assustada. “Você é um idiota por me amar?”

“Sou um idiota por pensar que não me apaixonaria por você.”

Eu olho para ele, choque e não quero acreditar, prazer percorrendo meu corpo. “Achei que o amor estava fora de questão.”

“Eu também.”

Não vou deixar meu coração ser movido por esse homem demônio.

Eu *não vou*.

Tarde demais.

Levanto-me, o que exige algum esforço com esta barriga enorme, e olho pela janela para o rio espesso e sinuoso. “Você realizou o concurso em um lago. Você mora perto de um rio. Estranho, para um homem que quase se afogou.”

“Quero tudo que pode me matar perto de mim o tempo todo. Bem onde eu posso ver. Incluindo você.”

Viro-me para olhar para ele, sentado no chão com uma perna longa estendida na frente dele e a outra dobrada na altura do joelho. “Eu te assusto?”

Ele sorri, revelando aqueles caninos pontiagudos. “Você me aterroriza, *malyshka.* Eu nunca quero deixar você ir.”

“Não vou fazer o que me mandarem. Não serei o tipo de esposa que você acabou de descrever para mim.”

“Às vezes você será,” ele murmura, seu olhar vagando por mim. “Quando o clima te levar.”

O calor se espalha entre nós, e eu jogo junto porque jogar com Konstantin é uma das melhores coisas que já conheci. Examino minhas unhas. “Se eu disser que quero seu coração em uma bandeja, talvez esteja falando literalmente.”

Konstantin se levanta, me levanta nos braços e me carrega para fora do berçário. “Eu sei como fazer você parar de responder.”

Envolvo meus braços em volta de seu pescoço. “Eu duvido.”

Ele me leva para o meu quarto, onde Elyah está deitado na minha cama, franzindo a testa para um livro de bolso. Um romance policial em inglês. Ele tem trabalhado mais em seu vocabulário, e thrillers sangrentos parecem ser sua praia.

Konstantin me deita sobre Elyah, que joga o livro de lado e me aceita nos braços.

“Segure-a. De bruços.”

Elyah sorri preguiçosamente para mim enquanto suas mãos envolvem meus pulsos e ele me segura com força. Minha barriga pressiona contra seu estômago e meus joelhos ficam em seus quadris. “O que estamos fazendo com nossa *solnyshko*?”

Eu dou a ele um olhar atrevido. O que ele acha que está para acontecer?

Elyah sorri ainda mais.

Posso ouvir Konstantin se despindo atrás de mim. “Lilia esqueceu como é bom ser colocada em seu lugar. Vou lembrá-la.”

Elyah faz um barulho interessado no fundo do peito e seu pau engrossa contra minha boceta. “E eu consigo um lugar na primeira fila. Que maravilha.”

Viro-me e franzo a testa para Konstantin. “Você vai punir uma mulher grávida?”

Ele está sem roupas e ele as joga de lado. Lindas tatuagens decoram seus braços e peito. Konstantin deve ter visitado o melhor tatuador da Rússia porque os desenhos são obras de arte. Uma águia. Cobras enroladas. Um leão. Uma cena de floresta. “Eu tenho meus caminhos. O bebê não será prejudicado.”

Volto-me para Elyah. “E você? Você vai deixá-lo fazer o que quiser comigo?”

Os olhos azuis de Elyah brilham. “Você ama tudo o que Konstantin faz com você. Como você vai colocá-la no lugar dela?” Ele pergunta a ele.

“Vou foder a bunda dela até que ela prometa parar de responder para mim.”

Alarme e desejo zunindo através de mim. Ivan tentou foder minha bunda uma vez, mas eu gritei e lutei com tanta força que ele recuou, pela primeira vez. Não sei se é algo a ser temido ou apreciado.

Elyah geme e sinto vibrações em meu estômago. “Perfeito. Adoro ver você

sendo fodida pelos meus amigos, *solnyshko.* Você fica muito mais doce depois disso, e vi como você se submete lindamente a Konstantin. Você vai gostar disso."

"Mas eu..." eu engasgo.

Elyah afrouxa o aperto em meus pulsos e suaviza o tom. "Ninguém vai te forçar. Você pode se levantar e sair se quiser. Konstantin não vai te machucar. Eu não vou te machucar. Mas você quer ficar. Eu sei que você quer."

Elyah sempre sabe exatamente o que dizer e fazer para que eu confie nele.

Com um sorriso, seus dedos apertam meus pulsos novamente.

"Você gosta quando eu te abraço, *solnyshko*?" Ele murmura com voz rouca.

Olho para suas mãos grandes em volta dos meus pulsos. Fazendo-me sentir segura. Lembrando-me que ele me ama.

Ele me solta o tempo suficiente para me despir e tirar sua própria camiseta. Minhas palmas estão pressionadas contra seu peito nu, forte e quente enquanto ele envolve meus pulsos com seus dedos tatuados mais uma vez.

Ficamos sozinhos por um momento, e então Konstantin volta com um tubo de alguma coisa nas mãos. Ele esfrega algo gelado e escorregadio da minha boceta até minha bunda. Estremeço ao mesmo tempo que sinto o calor da minha carne.

Konstantin esfrega a ponta do dedo contra o anel apertado da minha bunda. Parece estranho. Parece um tabu. Eu não sei se eu...

Ele enfia o dedo dentro de mim e eu grito. Não de dor, mas de choque. E talvez um pouco de prazer. Não parece certo que seja tão intenso.

"Boa menina. Você é exatamente o tipo de mulher que precisa ser fodida na bunda, profunda e lentamente."

Fecho os olhos e gemo enquanto o dedo de Konstantin empurra mais fundo

na minha bunda. “Que tipo de mulher é essa?”

“Nossa,” ele me diz.

Cada grama de resistência e cada resposta inteligente desaparecem. Fecho os olhos e apenas sinto. Konstantin fodendo minha bunda com os dedos. Elyah respirando embaixo de mim. A dor na minha boceta porque ela está perdendo algo tão bom.

“Você não é nossa garota perfeita?” Konstantin murmura, e seu elogio me envolve como um cobertor feito de estrelas.

Em um momento, ele substituirá esse dedo por seu pau muito mais grosso e maior. O pensamento faz meus olhos se abrirem e o impulso de lutar e fugir é forte.

Mas então ele não dirá que eu sou uma boa menina.

Elyah solta meus pulsos e belisca meus mamilos, seus movimentos preguiçosos e sua expressão encantada. “Lilia fica tão linda quando está prestes a ser fodida.”

Gemo com a sensação em meus mamilos sensíveis e com o impulso mais firme do dedo de Konstantin. Todo o meu corpo está se transformando em líquido.

“Isso é perfeito, malyshka. Você fica bem e flexível para mim. Elyah está com você.”

Ambos me têm. Estou cercada por seu calor e força. O cheiro deles está fazendo meu corpo ficar descontrolado. Preciso que provem que tipo de homens são. Preciso sentir isso profundamente dentro de mim.

Olho por cima do ombro para Konstantin enquanto ele coloca um joelho na cama. Ele está com o pau na mão e, um momento depois, sinto a pressão de algo contundente contra minha bunda. Suave. Mas grosso.

Meus olhos se arregalam e eu paro de respirar.

Elyah está lá para acariciar meu rosto e garganta.

“Suave e devagar, Lilia. Apenas relaxe,” murmura Konstantin.

Quando ele fala nesse tom, sua voz é ao mesmo tempo autoritária e persuasiva, e funciona como mágica em meu corpo. Sexo com esses homens nunca é difícil. Todo o resto sobre eles me enfurece.

Mas não o sexo.

Eu gemo e me apoio nos cotovelos enquanto o pau de Konstantin me estica lentamente. Ele me fode com estocadas curtas e lentas, e eu deixo de lado todos os pensamentos, exceto como é a sensação. Eu não me importo com nada, exceto com ele entrando cada vez mais fundo na minha bunda e me dando o que eu preciso.

“Você é linda, Lilia. Eu gostaria que você pudesse ver o que eu vejo.”

“Porra, eu também,” Elyah geme. “Quão profundo você está?”

“Cinco, seis centímetros. Ela está sendo tão boa, não é, *malyshka*?”

Estendo a mão para trás e seguro minha bunda, implorando por mais. Konstantin obriga, me fodendo mais fundo. Cada segundo de cedência parece uma felicidade, e meu clitóris está pulsando mesmo que ninguém o esteja tocando.

“Você fará o que lhe foi dito de agora em diante. Quem é seu mestre?”

“Você é,” eu gemo sem fôlego.

Ninguém nunca me disse que sou boa, preciosa ou amada. Neste momento, sou amada.

Desejada.

Tudo.

Eu sou tudo para Konstantin, e ele é tudo para mim enquanto me fode, cada respiração irregular cheia de desejo. Sou tudo para Elyah enquanto ele me

embala em seu corpo. Ele enfia dois dedos na minha boceta pingando e os empurra para dentro e para fora de mim.

“Você precisa de mais, *solnyshko.*”

Não sei o que ele quer dizer até que olho para baixo e o vejo desabotoando a calça jeans, levantando os quadris para empurrá-la para baixo. Seu pau é muito mais grosso do que dois dedos e eles já pareciam incrivelmente apertados.

Mas eu o quero. Quero o homem que me amou até a loucura e de volta.

“Por favor,” eu sussurro, meus lábios perto dos de Elyah. Minha barriga está pressionada contra a dele e não há muito espaço para manobrar. Mas há o suficiente.

“Qualquer coisa por você,” ele murmura, e Konstantin diminui suas investidas enquanto Elyah encontra meu canal apertado. Em uníssono, eles afundam lentamente em mim.

Gemo algo incompreensível que se perde entre seus gemidos. Nunca me senti tão bem em minha vida. Elyah e Konstantin acompanham os passos um do outro, me esticando mais e mais profundamente com cada impulso lento e delicioso de seus quadris.

“Nunca senti nada tão bom antes,” Elyah geme, segurando meus quadris enquanto bate em mim.

Abro a boca com um grito de prazer e alguém segura minha bochecha. Já existem dois pares de mãos no meu corpo e sem abrir os olhos sei quem é.

Mas eu os abro porque quero vê-lo.

Kirill, nu perto da minha cabeça, com o pau na mão e um sorriso malicioso nos lábios. “Você precisa de mais, *detka.* Abra sua boca.”

Recusei-me a chupar seu pau durante o concurso, e ele está ansioso para que eu faça isso agora. “Como você chamou isso? Bem selado?”

Kirill sorri com seu sorriso diabólico. “Eu amo nossa cadela com tesão.”

Ele agarra meu queixo e enfia seu pau na minha boca. Ele é áspero, mas estou esperando por isso, e minha garganta está relaxada o suficiente para não engasgar quando ele empurra no fundo da minha garganta.

Elyah aperta meus seios, rosnando: “Vou enlouquecer. Olha para ela.”

“Oh, estou olhando,” diz Kirill com um sorriso malicioso na voz. “Nossa *detka* pode aguentar três paus tão bem.”

“Estamos todos fodendo você com força e você parece uma rainha.”

Sinto como se estivesse flutuando no ar. Eu me sinto como uma deusa. Elyah rola o polegar contra meu clitóris e uma onda de prazer passa por mim. Não quero que isso acabe, mas desejo gozar com todos os três dentro de mim. Eu não quero que eles parem.

Nenhum deles pare.

Eles sentem minha necessidade através da minha pele e não conseguem parar de me banhar com sua adoração enquanto acariciam minha carne, agarram meu corpo, seguram meu cabelo com força.

Os três penetraram em mim ao mesmo tempo, e eu me quebrei ao redor deles. Os músculos do meu corpo apertam-se e, em resposta, todos começam a foder-me com mais força, com a respiração cada vez mais irregular.

“Vou atirar meu esperma direto na sua garganta,” diz Kirill entre os dentes, bombeando seu pau mais rápido. Meu orgasmo continua e de repente ouço seu gemido e um líquido quente inunda minha boca. Eu me esforço para engoli-lo rápido o suficiente.

Elyah envolve a mão em volta da minha garganta para que ele possa sentir, e de repente seus dedos se cravam e ele empurra implacavelmente em mim, seu lindo corpo ondulando com seu orgasmo.

“Não saiam dela,” Konstantin diz a eles, seus dedos cavando na parte

carnuda dos meus quadris. “Eu quero vocês bem aí enquanto eu encho a bunda dela.”

Elyah e Kirill me fodem preguiçosamente enquanto recuperam o fôlego, ambos me observando ser fodida por seu *Pakhan.* Konstantin dá um tapa forte na minha bunda e então empurra ainda mais fundo, gemendo com sua liberação.

Eu me sinto leve. Eu me sinto desossada. Os três lentamente se afastam de mim, e Elyah é a única coisa que me segura.

Konstantin alisa meu cabelo e beija minhas costas, e seus lábios se movem contra minha pele.

“Você é incrível, *malyshka.* Este bebê pertencerá a todos nós. Protegeremos esta criança com nossas vidas. Nós protegeremos você com nossas vidas. Nós juramos.”

Kirill limpa minha boca com o polegar, olhando para meu corpo. “Assim que você puder, nós três vamos te foder, um após o outro, indefinidamente, até que você engravide novamente. Somos todos pais. Nós amaremos você, duro e forte.”

“Não sei dizer se você está me ameaçando ou me adorando.”

Ele sorri. “Ambos, *detka.*”

Nas semanas seguintes, um ou mais dos meus homens estarão sempre comigo. Tocando-me. Segurando-me. Amando-me. Eu sei que eles saem e fazem coisas violentas. Kirill e Elyah retornam especialmente cobertos de hematomas ou sangue. Os hematomas estão nos nós dos dedos, mas o sangue raramente é deles.

Eu mesma os limpo, esfregando delicadamente creme nas marcas vermelhas

de raiva em suas mãos e enxugando o sangue. Eles ficam infantilmente encantados com o cuidado que tenho com eles, especialmente Elyah, que me agradece com beijos e me ataca generosamente sempre que eu limpo o menor corte para ele.

Fiquei tão grande no último mês de gravidez que calçar sapatos é estranho e cansativo, então ando descalça. É verão e a casa e o jardim estão cheios de sol. A casa de Konstantin é linda e ele tem um gosto excelente. Me sinto confortável e mimada por tudo que ele faz por mim. Sinto-me muito longe de qualquer perigo e, embora saiba que é uma ilusão, quero me agarrar a ela enquanto me concentro em meu bebê.

Nosso bebê.

De todos nós.

Konstantin pesquisou e encomendou tudo o que precisamos para o berçário, e as entregas chegam dia sim, dia não. Kirill gosta de sentar com a cabeça no meu colo e o rosto contra minha barriga enquanto acaricio seus cachos e ele me conta o que tem feito, e me lembro daquele garoto de dezesseis anos que fez a mesma coisa com Katya. Então ele diz algo que é mais parecido com o Kirill que conheço ou me dá seu sorriso perigoso, e lembro que ele não é tão inocente quanto parece às vezes.

Os três costumam conversar baixinho quando entro em uma sala. No começo pensei que eles paravam porque me beijar ou perguntar como estou me sentindo era a forma de se assegurarem de que está tudo bem com o bebê, mas muitas vezes começo a ficar desconfiada.

Um dia estou com tanto calor e mal-humorada que perco a paciência com Konstantin. “Eu sei que você está tramando alguma coisa. O que você está planejando?”

Ele beija minha testa. “*Malyshka*, estamos sempre planejando alguma coisa.”

Eu o afasto e pego um jornal para me abanar. “Mas por que sinto que isso tem algo a ver comigo? Você está sendo tão furtivo.”

Um sorriso se espalha por seu rosto enquanto ele olha para mim. “Ah, maternidade gentil.”

Bato no braço dele com o jornal e volto a me abanar. “O que há de errado com este país? Por que não há ar-condicionado aqui?”

“Vou comprar um ar-condicionado para você.”

“Pare de mudar de assunto!”

Konstantin me olha seriamente. “Com o que você está realmente preocupada?”

Lanço lhe um olhar. “O futuro. Estou sempre preocupada com o futuro. Não acho que merecemos nosso final feliz.”

“Olhe em volta. Está aqui. Está acontecendo.”

“Mas nós *merecemos* isso? Eu não deveria estar me apaixonando pelos meus captores. Não deveríamos todos estar amando esse bebê.”

“Quem disse?”

O poço sem nome de pavor na minha barriga, é isso. Continuo me abanando com o jornal. “Durante toda a minha vida, os homens só me quiseram pelo que posso fazer por eles. Eles veem oportunidades, dinheiro, buracos para foder. Agora é um bebê.”

“Quando estávamos naquele penhasco e eu estendi minha mão para você, não estava pensando em dinheiro ou vantagem. Eu não estava desejando seu corpo ou um bebê. Eu estava faminto por sua alma.”

Penso muitas vezes naquela noite, relembrando o momento em que pulei do penhasco para a escuridão. Um ato de fé do qual não me arrependo, embora tenha acabado aqui com os homens dos quais estava fugindo.

“Não queremos nada de você além de quem você é. Você não entende, Lilia? Responda-me, Lilia.”

A sensação na minha barriga de repente aperta até que estou sendo espremida por uma mão invisível. Inclino a cabeça e cerro os punhos. “Não posso.”

“Por que, Lilia?”

Estico a mão e procuro a borda da mesa, segurando-me com toda a minha vida, ofegante: “Porque acho que o bebê está chegando.”

16

Lilia

Apesar de todo o drama de sua concepção, o bebê chega sem problemas.

Passo horas do meu trabalho de parto andando para cima e para baixo, respirando durante as contrações. Eles parecem estar construindo algo dramático, sangrento e violento. Elyah caminha comigo, com o braço em volta da minha cintura.

Kirill nos observa do lado da sala, com o rosto nas sombras e suor no lábio superior. Konstantin fica de lado com os braços cruzados, disparando perguntas para mim até Elyah mandar ele calar a boca. A parteira é a única que está sorrindo, então eu aproveito o exemplo dela. Se ela estiver relaxada e feliz, então tudo deve estar bem.

Achei que o parto deveria ser um drama e uma dor de ponta a ponta, mas o bebê nasce com uma facilidade surpreendente. Mal tive tempo de xingar antes que a parteira colocasse o corpo da minha filha em segundos em meu peito.

Assim que coloco os olhos nela, fico tão chocada que começo a chorar.

Todos os meus homens se aglomeraram ao meu redor. Estou ciente de seus corpos e mãos, mas não consigo ver nada além da coisa minúscula e indefesa deitada em meu peito.

“*Solnyshko,* o que há de errado?”

“Eu não estava pronta,” soluço, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Acho que nunca estaria pronta, mas ela está aqui de qualquer maneira, insistindo em meio aos seus gritos para que a conheçamos, a vejamos, a amemos.

A parteira a limpa, envolve-a e a coloca em meus braços.

Se recomponha, Lilia.

Você é mãe agora.

Enxugo os olhos e dou uma boa olhada nela pela primeira vez, meu coração batendo forte enquanto me pergunto quais das características masculinas verei em seu rosto junto com o meu.

Ela parece... um bebê. Um bebezinho perfeito com olhos azuis, nariz de botão e pequenos lábios em forma de botão de rosa. Seu cabelo é ralo e escuro.

“Ela é perfeita,” Kirill sussurra, e então olha para Konstantin e Elyah à sua esquerda e à direita. “Quem vai segurá-la primeiro?”

Elyah está olhando para o bebê como se não pudesse acreditar que ela é real. Então ele dá um tapinha no ombro do amigo. “Você primeiro.”

Meu coração dá um salto e meus olhos se enchem de lágrimas novamente. É claro que Elyah daria esse momento a um dos outros. Olho para Konstantin.

“Vá em frente, Kirill,” Konstantin murmura, inclinando-se para pressionar os lábios contra minha testa fria. “Você é magnífica, *malyshka*.”

Kirill sorri para o bebê, seus cachos caindo nos olhos. Se eu não tivesse ouvido falar de seu passado, não seria capaz de acreditar que um homem como Kirill pudesse ficar feliz com um bebê.

“Você é barulhento, bebezinho,” murmura Kirill. “Bom. Continue assim. Você é forte como seus pais.”

Ele beija a testa dela e depois a passa cuidadosamente para Elyah.

Elyah parece não conseguir encontrar nenhuma palavra. Ele apenas olha para ela, tocando seu nariz, suas bochechas, seus dedinhos com a ponta do indicador.

“Como vamos chamá-la?” Ele pergunta suavemente.

“Eu gostaria de chamá-la de Viktoria. O nome da minha *babulya*.”

“Portanto, você a ensinará a correr em volta dos papais, assim como a mãe dela faz?” Konstantin pergunta.

“Você acha que há alguma chance dela não aprender sozinha?” Eu digo, divertida.

Konstantin balança a cabeça, sorrindo. “Ela vai ser tão mimada, essa garotinha. Deus ajude a todos nós.”

“Querida Viktoria, você tem três papais ferozes para protegê-la e mimá-la. Você não é a bebezinha mais sortuda do mundo?” Elyah pergunta a ela.

“Ela é,” diz Konstantin, estendendo os braços enquanto Elyah a entrega em sua direção. Ele encontra meus olhos. “Aqui está meu diamante.”

Exausta, feliz, não posso deixar de sorrir para ele.

“Ela é perfeita, *solnyshko*,” murmura Elyah, e pressiona sua boca na minha. “Tão linda quanto a mãe.”



Os três querem saber como cuidar do bebê, mas são tão ignorantes quanto eu. Somos todos filhos únicos ou os mais novos da família e nunca trocamos uma fralda.

Felizmente, Konstantin pensou em contratar uma babá para o primeiro mês, e ela pacientemente ensina a todos nós o que diabos devemos fazer com esse bebezinho, adorável e chocantemente barulhento. Mesmo com todos os pares extras de mãos, eu mal durmo porque o som do choro de Viktoria pode me tirar do sono. Amamentar é difícil. Bombear é difícil. Tentar seguir qualquer tipo de cronograma é o mais difícil porque Viktoria tem suas próprias ideias sobre isso. Ela é extremamente exigente, então ela está seguindo todos os seus pais de uma vez.

Não tenho ideia de quem a colocou dentro de mim, mas às três da manhã, quando ela vomita em mim de novo, culpo todos eles.

Ao mesmo tempo, é a experiência mais maravilhosa da minha vida. Fico perto do berço dela e olho para ela, torcendo e virando os elefantes e tigres em suas gravatas-borboleta para sua diversão.

No final do mês, Konstantin me diz que podemos ficar com a babá pelo tempo que eu quiser, mas insisto que, com a ajuda deles, posso fazer isso sozinha.

Então, a babá vai embora e, na mesma semana, toda aquela gravidez feliz e os novos hormônios maternos desaparecem. Tudo parece duas vezes mais difícil do que de costume, e a privação de sono está me transformando em um morto-vivo.

Viktoria decidiu que dormir é para os fracos, então ando pelos corredores da casa com ela nos braços, esperando que ela se acalme.

Preocupo-me com as enxaquecas de Konstantin e com os gritos do bebê, por isso evito-o enquanto Viktoria chora. Que é a maior parte do tempo em que ela está acordada.

Finalmente a acomodo e vou em busca dele. Sinto falta dele. Sinto que não nos vimos na semana passada, mas pode demorar um dia. O tempo é apenas teórico para mim agora.

Quando chego à porta aberta do escritório, entro. Elyah e Kirill estão aqui, mas param de falar imediatamente. Isso é normal, mas pensei ter ouvido meu nome antes que me vissem.

“O que vocês três estão fazendo?”

“Nada, *malyshka,*” murmura Konstantin, voltando-se para seu laptop e começando a digitar.

Elyah beija minha bochecha, mas estou olhando dele para Kirill e Konstantin, me perguntando o que está acontecendo. Pelo brilho nos olhos de Kirill, eles estão tramando alguma coisa, e não é algo legal.

Eu me desembaraço dos braços de Elyah e ando por trás da mesa de Konstantin, com a intenção de falar com ele.

Konstantin fecha seu laptop e olha para mim. “*Lilia.*”

Sua voz me atinge como um chicote, e eu recuo em estado de choque. Eu não o ouvia falar assim desde os dias do concurso. Ele está suando. Seus olhos estão vermelhos.

“Você está escondendo alguma coisa,” eu acuso. “O que você está escondendo de mim?”

“Nada. Vá dormir um pouco. Vou olhar Viktoria.”

“Você não pode, você está com enxaqueca. Posso dizer só de olhar para você. Viktoria vai começar a gritar assim que acordar.” O som será uma tortura para ele.

“Eu vou. Venha comigo, Lilia.” Elyah pega minha mão.

Olho para Konstantin, mas ele não olha nos meus olhos. Suspeita e ansiedade tomam conta de mim, mas não tenho energia ou força mental para descobrir o que diabos está acontecendo aqui.

Elyah me coloca na cama, murmurando que está tudo bem e que ele alimentará Viktoria quando ela acordar. Desmaio, mais do que pronta para adormecer.

Quando acordo e vou para o berçário, já é quase meia-noite. Elyah está lá com um livro na mão enquanto observa Viktoria, embora ele não pareça estar lendo. Digo a ele para ir para a cama e ele me dá um beijo sonolento antes de fazer o que sugiro.

Ao olhar para meu bebê adormecido, tudo que vejo é a expressão fechada e dura de Konstantin em seu escritório. Tons dessa expressão também estavam nos olhos de Elyah e Kirill. Achei que ficaria satisfeita com o amor de Elyah, a proteção de Kirill, a devoção de Konstantin. Com os três me flanqueando, nada

neste mundo deveria mais me assustar.

Mas o futuro me assusta quando não sei o que esperar.

Minhas palavras voltam para me assombrar.

Não merecemos o nosso final feliz.

Isso aconteceu às custas de outras quinze mulheres.

Quando olho nos olhos do meu bebê, é com ela que me preocupo. É ela quem pode acabar tendo três tiranos como pai se eu tomar a atitude errada.

Passo as mãos pelo cabelo, percebo que está emaranhado e prendo-o em um rabo de cavalo.

Andando de um lado para o outro no corredor, continuo pensando se devo ficar preocupada ou não.

E se Konstantin falar com Viktoria nesse tom um dia? Suas enxaquecas o tornam cruel. Kirill realmente não sabe o que significa amar alguém, não é? Elyah pode ser o homem mais cruel do mundo quando seu orgulho e coração estão doendo. Uma filha pode facilmente ferir o orgulho de um homem.

Cometi um erro terrível?

Achei que me sentiria melhor depois de dormir, mas meu cérebro de repente está acelerado, apresentando-me centenas de cenários chocantes e comoventes para o futuro.

Não seria melhor fugir, para que Viktoria e eu nos arriscássemos sozinhas, em vez de arriscar que esse bebê sofresse pelos caprichos dos homens, como eu tive que fazer uma vez?

Entro no berçário e agarro as laterais do berço.

Ela precisa de amor, penso desesperadamente, com lágrimas nos olhos. Estou morando em uma casa ou em uma armadilha? Meu coração parece que está se despedaçando.

Correr.

Esconder.

Nunca confie em ninguém porque eles irão te trair.

Sou uma menininha sangrando no tapete branco do pai, com a ira de um dragão cuspidor de fogo sobre minha cabeça. Antes que eu perceba o que estou fazendo, estou pegando Viktoria, calçando os sapatos e vestindo um casaco de lã enorme por cima de nós.

A casa está em silêncio enquanto caminho rapidamente pelos corredores em direção à porta dos fundos. A porta que dá para a rua. Eu abro.

Puta merda. Eu estou do lado de fora.

Paro nos degraus e olho ao meu redor para o caminho que leva à rua escura e deserta.

Correr. É confortável e familiar.

Ficar parada é a coisa mais assustadora a se fazer.

O vento frio lá fora me atinge como um tapa na cara. Eu me inclino para ela, inclinando a cabeça sobre a criança e segurando-a com força contra o peito, sob as camadas de lã.

Siga em Frente.

Não olhe para trás.

Não há nenhum amigo a quem eu possa recorrer. Nenhum refúgio que eu possa ver. Tudo está escuro e silencioso, exceto pelo vento que assobia em meus ouvidos. Tudo está escuro acima e diante de mim, as nuvens tão pesadas que nenhuma estrela pode ser vista. Não há nada...

Exceto pelo brilho neon de uma placa de aparência oficial. Uma estação de trem? Já ouvi um trem fazendo barulho ao longe em dias claros, quando as janelas estão abertas. Uma estação significa um lugar para esperar e organizar

meus pensamentos. Um meio de escapar.

A essa hora da noite, as cabines de bilhetes estão abertas.

Quando subo na plataforma, uma voz programada anuncia: *O próximo trem chegará na plataforma um...*

Não tenho dinheiro para uma passagem. Eu me inclino para frente e espio os trilhos. Aproxima-se um trem que segue em direção à cidade. Um lugar onde posso me colocar à mercê de um funcionário da estação e pedir informações sobre como chegar a um refúgio para mulheres.

O trem diminui a velocidade enquanto espero atrás da linha amarela. O trem para diante de mim. As portas se abrem.

Quando eles fecham e o trem parte novamente, ainda estou na plataforma.

Estou congelada no lugar e não tem nada a ver com o frio.

Viktoria se agita em meus braços. Lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Já corri tantas vezes antes e estava mal preparada, então por que dói tanto agora?

Não é meu dever, como mãe que ama seu filho, fugir para muito, muito longe desses homens?

Passos ecoam na calçada perto da estrada.

Um homem corre para a plataforma, olhando rapidamente para cima e para baixo, e está prestes a sair correndo quando me vê.

Espero que o medo me domine.

Mas não é medo o que sinto.

É um alívio.

“*Lilia.*”

Ele corre em minha direção, seus olhos azuis gelados vivos de medo.

Quando ele está perto o suficiente para ver dentro do meu casaco e o bebê dormindo, ele começa a falar russo aliviado.

“Acordei e vocês duas tinham ido embora,” Elyah suspira, passando um braço em volta de nós, pegando o telefone e fazendo uma ligação para o outro. “Eu a encontrei. Ela está na estação de trem. Vamos esperar aqui.”

Pisco mais lágrimas, esperando por suas recriminações, mas tudo o que ele faz é me balançar em seus braços, murmurando seu agradecimento por ter me encontrado. Ele me ajuda a sentar em um banco e eu me sento.

Poucos minutos depois, ouço mais passos correndo, tão rápidos que parece que a pessoa está correndo para salvar a vida.

Quando Kirill aparece e para, há terror em seu rosto. Pele branca e olhos grandes e pretos. Seu medo me deixa doente comigo mesmo.

O mundo balança abaixo de mim.

Eu tirei o bebê dele.

Não pensei que esses homens se sentiriam como eu se tentassem fugir com ela?

Kirill se ajoelha ao meu lado, com o olhar concentrado na criança adormecida. Seus olhos estão tão dilatados que quase não há íris e ele respira muito rápido.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. “Sinto muito, Kirill,” eu sussurro. É tudo o que posso dizer, repetidamente. “Eu sinto muito.”

Ele toca a bochecha de Viktoria e depois a minha. “Você está segura. Você e a bebê. Vocês estão seguras.”

“Você não está com raiva de mim?”

Ele balança a cabeça atordoado e luta para controlar a respiração. “Apenas me diga se você quiser fugir. Iremos a qualquer lugar, *detka.* Todos nós. Nós

correremos com você.”

Concordo com a cabeça rapidamente, minha garganta travada. “Eu vou. Eu prometo.”

Konstantin entra correndo e, no momento em que me vê entre Elyah e Kirill, seus passos ficam mais lentos e ele passa a mão no rosto. Não há fúria em seus olhos quando ele finalmente encontra meu olhar.

É um alívio. Ou é decepção?

Ele fica ali por um longo tempo, absorvendo a visão de mim e do bebê, como se temesse que evaporássemos no ar.

Quando ele se aproxima, ele faz a pergunta que não quero responder. “Por que, *malyshka*?”

Eu respiro estremecendo. “Eu estava com tanto medo de ter cometido um erro ao confiar em todos vocês. Não pensei o que perdê-la significaria para todos vocês.”

“Não. Não porque você fugiu. Por que você ficou? Por que você não pegou um trem?”

Eu pisco para ele. “O que?”

Konstantin pega minhas mãos e as aperta. “Quero acreditar que é porque desta vez, finalmente, você não poderia nos deixar. Estou certo?”

Eu olho para Viktoria. “Não sei. Eu te disse, não sei se merecemos nosso final feliz.”

Konstantin se agacha diante de mim. “Eu tenho escondido algo de você, *malyshka.* Nós todos temos. Achei que você não precisaria saber, mas...” Ele pensa bastante e depois olha para os outros dois. Ambos acenam com a cabeça. “Amanhã você irá a um lugar.”

Eu franzo a testa para ele. “Você está me mandando embora?”

“Sim. Você vai viajar.”

Eu seguro Viktoria com mais força contra meu peito, o medo de que possamos nos separar passa por mim. “Não vou a lugar nenhum sem meu bebê.”

“O bebê nunca vai sair do seu lado. Ela é sempre sua.” Konstantin me ajuda a ficar de pé. “Mas isso é amanhã. Por enquanto, você precisa ir para a cama e descansar. Você e Viktoria também.”



Pouco depois das nove da manhã, o bebê e eu estamos sendo conduzidos por uma estrada estreita e rural através de colinas onduladas. O motorista do Mercedes-Benz deixou a cidade para trás e não tenho ideia de onde estamos. Nomes pitorescos de aldeias aparecem em placas e desaparecem atrás de nós.

Minha motorista é uma mulher britânica, e ela conversa comigo com um sorriso no rosto, me dizendo o quão adorável Viktoria é e que ela mal pode esperar para ter seus próprios filhos. O nome dela é Juliet, e adoro sua risada, embora seja difícil relaxar e conversar com ela quando não tenho ideia do que vai acontecer hoje.

Konstantin, Elyah e Kirill me mandaram embora com expressões tão sombrias, mas Elyah me garantiu que nos veríamos novamente muito em breve.

“Chegamos, senhorita Aranova.”

“Hum?” Olho para cima e percebo que estamos em uma estrada estreita do lado de fora de uma casa de palha com rosas margeando o caminho até a porta, e há campos por toda parte. “Esse lugar? Realmente?”

“Senhor Zhukov me pediu para avisar que a Número Dez estava esperando.”

Sinto como se tivesse levado um chute no plexo solar.

Número dez.

Olivia, que estava na cela ao lado da minha durante o concurso. Que sempre me apoiou e se tornou minha amiga, e de quem tive que me despedir para sempre quando ela fugiu com as outras mulheres.

Olivia Sparrow, que deu a conferência de imprensa e falou com tanta coragem e poder que me trouxe lágrimas aos olhos. Que contou a todos sobre mim e disse que nunca me esqueceria.

Também nunca a esqueci.

Eu olho para Viktoria em meus braços. O bebê de um dos homens que levaram Olivia prisioneira.

“Dirija até a esquina, por favor,” suspiro de repente, segurando Viktoria contra meu coração.

Não consigo pensar até sairmos da casa de vista. Em uma pista próxima, Juliet para o carro próximo a um campo.

Juliet encontra meus olhos no espelho, com a testa franzida de preocupação. “Você não vai entrar?”

“Eu... não sei se deveria. Uma velha amiga mora lá. Tanta coisa aconteceu desde a última vez que nos vimos.”

“Vocês se afastaram em bons termos?”

“Sim. Mas é complicado.”

“Se ela for uma amiga de verdade, ela irá recebê-la de braços abertos.”

Olivia faria isso e eu preciso desesperadamente de um amigo. Eu olho para Viktoria. “Eu poderia... eu poderia te pedir um favor, por favor? Você se importaria de segurar o bebê para mim?”

Juliet abre um sorriso. “Senhor Zhukov disse que você poderia pedir. Eu adoraria cuidar do bebê. Normalmente sou babá, sabe. Não motorista.”

Eu olho surpresa. Konstantin pensou em tudo.

Com Viktoria abraçada nos braços capazes de Juliet, respiro fundo e caminho de volta pela rua e viro a esquina até a casa de Olivia.

Que lugar lindo é esse. Uma brisa fresca sopra e há flores silvestres no portão da frente. Olivia deve estar se recuperando aqui. Rezo para que ela esteja se curando, de qualquer maneira.

Desço o caminho e levanto a mão para bater na porta da frente.

Ouço Olivia chamando alguém alegremente enquanto corre pelo corredor. Ela abre a porta com um sorriso no rosto.

Ele congela em estado de choque.

Nós nos encaramos e meu coração dispara a mil por hora. Ela não mudou. Ela ainda é a mulher alta e bonita, com cabelos escuros e olhos acobreados, irradiando força e carisma.

O rosto de Olivia se contorce e ela começa a chorar. “Lilia. Ah, meu Deus, Lilia.”

Ela avança e envolve os braços em volta de mim, e eu começo a chorar também. Então estamos rindo, tocando o rosto uma da outra e conversando.

“Olivia?”

Uma mulher está parada no corredor, olhando para nós com incerteza. Ela se parece muito com Olivia, mas alguns anos mais velha e com uma expressão mais triste nos olhos. Seu suéter enorme está sobre as mãos e ela aperta as mangas como uma criança.

Olivia enxuga o rosto, sorrindo de orelha a orelha. “Esta é minha irmã, Beatrix. Beatrix, esta é a Lilia. A mulher de quem lhe falei.”

Beatrix levanta uma sobrancelha surpresa. “Esta é a número onze?”

Eu olho para a mulher mais velha em estado de choque. Olivia me contou

durante o concurso que sua irmã havia desaparecido anos atrás. “Beatrix! Mas você…”

Olivia está sorrindo tanto que mal consegue pronunciar as palavras. “Ela escapou e voltou para casa. Faz apenas algumas semanas. E agora você está aqui! Está tudo uma loucura agora. Venha tomar um chá.”

Sigo as duas mulheres pelo chalé até a cozinha ensolarada que dá para um lindo jardim cheio de canteiros de flores. A mesa é de madeira velha e arranhada, e Olivia coloca uma chaleira vermelha em um enorme fogão de ferro fundido.

“Este lugar é incrível,” eu sussurro. “É como algo saído de uma história aconchegante.”

“Obrigado, eu adoro isso aqui. Comprei este lugar depois... você sabe. E tem sido o lugar perfeito para fugir de tudo e se curar. E agora é onde Beatrix também pode se curar.”

Olivia faz chá e coloca sobre a mesa um bule com canecas, leite, açúcar e uma lata com bolo de limão. Parece caseiro.

“Como você me encontrou, Lilia? Estou procurando por você em todos os lugares,” pergunta Olivia, cortando o bolo e distribuindo-o.

Eu penso rapidamente. “Detetive particular.”

“Você encontrou alguma das outras mulheres?”

“Encontrei algumas delas online, mas você é a única que eu queria ver.” Viro-me para Beatrix, ardendo de curiosidade. “Olivia me contou sobre você no...” Olho para Olivia, me perguntando como expressar isso.

“Beatrix sabe tudo. Você pode falar sobre isso livremente.”

Eu engulo. “Nas gaiolas do porão. Ela me disse que você estava desaparecida.”

Beatrix está com as duas mãos em volta da caneca e prende o cabelo atrás

da orelha. “Eu estava.”

Olivia olha para a irmã com um misto de tristeza e orgulho. “Beatrix passou por momentos ainda mais difíceis do que nós, mas ela lutou muito para voltar para casa.”

Beatrix balança a cabeça. “Eu não fiz isso sozinha. Não importo. Você está aqui para ver Olivia. Você não quer ouvir minha história.”

Beatrix tem sofrimento gravado em seu rosto e claramente ainda está se recuperando do que quer que tenha acontecido com ela. “Eu adoraria ouvir, se você quiser me contar sobre isso.”

As irmãs trocam olhares e Olivia acena encorajadoramente.

Beatrix respira fundo. “Tudo começou quando me apaixonei.”

Ela nos conta como se apaixonou por um criminoso perigoso, mas não se importou. Tenho que lutar para manter a cara séria e não olhar culpada para o meu próprio colo.

Garota, isso mesmo. Vezes três.

Beatrix queria estar com este homem e ele a adorava. Ele era dono de clubes. Ele vendia armas e drogas. Ele tinha um estilo de vida glamoroso e eles entravam e saíam juntos da Europa, mas o importante para Beatrix era o modo como ele a fazia rir. Como ela poderia fazê-lo rir. Nenhum de seus amigos e familiares sabia o que esse homem fazia para viver, mas muitos sentiram vibrações perigosas nele e encorajaram Beatrix a terminar com ele.

Mas Beatrix já lhe havia dado o coração. Ela fugiu com ele, deixando sua antiga vida para trás.

“Eu nem confiei em Olivia. Eu fui tão imprudente.” Beatrix balança a cabeça diante de sua própria estupidez.

“Ei, não se culpe por isso. Mais tarde, você teria ligado se pudesse.”

Meu estômago afunda enquanto imagino o resto da história. O homem tornou-se controlador. Abusivo. Assustador. Ela não tinha ninguém a quem recorrer quando tudo mudou.

“Então ele morreu.”

Eu olho surpresa. “O que?”

Lágrimas brotam dos olhos de Beatrix. “Eu deveria estar lá com ele. Ele morreu sozinho, sangrando na estrada. Morto por alguns de seus rivais.”

Ela segura a caneca com força com uma das mãos e enxuga as lágrimas do rosto.

“Se você ama alguém e essa pessoa ama você, vocês têm que se apegar, proteger um ao outro. Este mundo é cruel e, uma vez que eles se vão, você nunca mais os recuperará.” Ela levanta os olhos para os meus. “Você entende?”

Eu aceno lentamente. “Estou começando a entender.”

Beatrix continua sua história, contando-nos como os rivais levaram para si tudo o que pertencia ao seu amante, inclusive ela. Eles a mantiveram em cativeiro e a forçaram ao trabalho sexual.

“Não havia fim à vista. Achei que ia morrer ali.” Seus olhos são escuros e vazios, e então brilham. “E então eles vieram. Dois homens, usando máscaras e gritando em outro idioma. Parecia russo. Eles tinham armas. Meus captores falavam a mesma língua e havia muitos gritos, mas eu não conseguia entender nada. Então os dois homens começaram a atirar. Eles eram como máquinas. Eles mataram todos os homens do lugar e tiraram todas as mulheres de lá.”

Beatrix estremece e toma um gole de chá. As coisas que ela deve ter sofrido, as coisas que ela deve ter visto. Inimaginável.

“Eu pensei, *aqui vamos nós de novo.* Esses dois idiotas russos iriam nos forçar a mais trabalho sexual ou algo ainda pior. Não pude acreditar quando nos levaram até um abrigo para mulheres e nos deixaram lá.”

Eu sento surpresa. Não criminosos, mas libertadores? “Você sabe quem eram os homens?”

Beatrix e Olivia trocam olhares.

“Eles eram jovens. Vinte e poucos anos. Um era muito alto e louro e o outro tinha cabelos escuros e cacheados. Pensei ter ouvido o loiro chamar o moreno de Kirill.”

Sento-me assustada e derramo chá no pulso.

Olivia me passa uma toalha de papel. “Eu sei. Isso é o que estive pensando.”

“O homem alto tinha olhos azuis claros?” Pergunto a Beatrix. “Ambos tinham dedos tatuados?”

Beatrix assente. “Sim, ele fez isso, e sim, eu só pude ver suas mãos e gargantas, mas eles estavam tatuados. O loiro era muito reservado e sério, mas estranhamente reconfortante enquanto nos tirava daquele lugar. O de cabelos mais escuros não falou muito.”

“Quando foi isso?” Eu pergunto.

“Seis, sete semanas atrás.”

Bem na época em que Konstantin, Elyah e Kirill começaram a manter segredo. Se eles fizeram isso, por que não me contaram?

Mais importante ainda, por que fizeram isso com Olivia e Beatrix? Konstantin foi tão inflexível que não pediu desculpas. O passado estava morto e acabado.

Olivia se inclina para frente. “Foram eles. Você não acha, Lilia? Tenho certeza de que foram dois dos homens que nos mantiveram prisioneiras no concurso. O louco e o seu...” Ela para, mas eu sei o que ela ia dizer.

Ex-amante.

Só que ele é meu amante atual.

“Mas se fossem eles, não entendo por que, quase um ano depois do concurso, aqueles dois homens, entre todas as pessoas, encontrariam minha irmã e a mandariam de volta para mim.”

“Talvez... talvez eles se sintam mal pelo que fizeram,” digo lentamente, tentando descobrir a resposta por mim mesmo. Mas se fosse esse o caso, por que não me contar? Se Konstantin finalmente estivesse fazendo algo de bom, eu esperava que ele me contasse.

Olivia me olha incrédula. “Aqueles homens? Sentindo-se mal com o que eles fizeram? Eu não acredito nisso. Beatrix provavelmente estava detida por uma gangue rival e deixá-la em um abrigo foi a maneira mais rápida de se livrar dela.”

Há tanta amargura em seu rosto, e cada gota dela é compreensível.

“Olivia acha que foi apenas uma coincidência, mas não tenho tanta certeza,” murmura Beatrix. “Talvez eles tenham consciência do que fizeram no concurso. Talvez você tenha dado uma para eles, Lilia, quando estragou tudo.”

Olivia balança a cabeça. “Não quero pensar neles. Só quero pensar na volta da minha irmã e na sua presença aqui, Lilia. Eu não posso te dizer o quanto fico feliz por estarmos todas sentadas aqui juntas.”

Eu sorrio para ela com sentimento genuíno. “Eu também. Não parece real.”

“Você precisa nos contar tudo o que aconteceu com você desde o concurso.”

Meus seios estão doendo. Viktoria tem uma mamadeira de leite, mas preciso bombear ou alimentar ou vou começar a vazar pelas roupas. “Posso voltar e ver você novamente em breve?”

O rosto de Olivia cai. “Você já está saindo? Achei que você pelo menos ficaria para almoçar.”

Até Beatrix parece confusa e magoada, e sinto uma pontada de culpa.

“Eu…”

Eu deveria contar a ela sobre o bebê.

Eu deveria chamar Viktoria e trazê-la.

Mas Olivia perguntará quantos anos ela tem e perceberá que é filha de um dos homens. Não posso trazer aquela criança aqui com duas mulheres traumatizadas e ver seus rostos perderem a cor ao perceberem que estou com os homens que causaram a Olivia uma dor inimaginável. Seria como um tapa na cara do seu sofrimento.

“Eu não sabia que estava vindo ver você. Isso foi uma surpresa para mim.”

Enquanto balbucio minhas desculpas, Olivia e Beatrix trocam olhares. Eles não entendem o que quero dizer, mas não protestam quando me levanto.

Trocamos números e então Olivia caminha comigo até a porta da frente e me abraça. Meus seios doem contra seu peito quando tento me concentrar em dizer adeus.

“É maravilhoso ver você. Vejo você novamente em breve, eu prometo.”

“Espero que sim, Lilia. Onde...” Ela olha ao redor do chalé em busca do meu carro.

“Estacionei na esquina,” digo a ela, e a confusão toma conta de seu rosto novamente enquanto ela parece se perguntar por que não estacionei na frente da casa quando há espaço de sobra. “Falarei com você em breve, eu prometo.”

Afasto-me sentindo-me dolorida, perturbada e culpada, desejando ainda estar cheia de toda a felicidade que senti quando coloquei os olhos em Olivia pela primeira vez.

Ao me aproximar do carro, posso ouvir os gritos de fome de Viktoria e, de repente, todos os pensamentos são apagados da minha mente, exceto alimentá-la. O desejo é tão forte que é como se um interruptor fosse acionado.

“Espero que ela esteja bem,” digo, desabotoando minha blusa ao mesmo tempo em que pego o bebê.

Juliet estava prestes a lhe dar uma mamadeira, mas ela coloca a tampa de volta e a guarda. “Ela tem sido um anjo, mas está feliz em ver você.”

Enquanto Viktoria amamenta, eu a balanço suavemente para frente e para trás, sorrindo para ela. Eu não posso evitar. Fiquei fora por apenas uma hora, mas senti muita falta dela.

Alguém chama atrás de mim. “Lilia?”

Meus olhos se arregalam e eu congelo.

Juliet está olhando para alguém parado por cima do meu ombro. Eu me viro lentamente, Viktoria em meus braços.

É Oliva, e ela está parada a poucos metros de distância e olhando para mim e para o bebê em estado de choque. Um sorriso surge em seu rosto. “Por que você não disse que tinha um bebê? Você deveria tê-la trazido. Quem é o pai?

“Eu…”

Olivia continua sorrindo, apesar da confusão em seus olhos.

Eu não mereço os sorrisos dela. Eu não merecia pôr os pés na casa dela.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. “Você vai me odiar tanto.”

O sorriso desaparece do rosto de Olivia enquanto ela olha entre mim e a criança. Contando os meses. “Lilia. É aquele…?”

Posso dizer pelo horror em seu rosto que ela já sabe. Um dos homens que nos prendeu é o pai desta criança.

“Oh, meu Deus,” Olivia sussurra, olhando para Viktoria. “Qual deles? Quem é o pai?

“Eu não sei,” eu digo com sinceridade. Também não tenho me esforçado muito para descobrir. Eu apenas penso em todos eles como o pai de Viktoria.

Olivia mal parece perceber o fato de estar se aproximando de nós. Viktoria está com os olhos abertos enquanto se alimenta e a luz do sol incide sobre seu rosto.

“Aquele com cicatriz,” Olivia sussurra, e um arrepio passa por ela. “É dele.”

Eu olho para Viktoria com surpresa. Faz algum tempo que não vejo os olhos dela à luz do sol e vejo que não são mais azuis. Eles são cinza-azulados.

Meu coração se enche de amor e entusiasmo, e mal posso esperar para perguntar aos meus homens se eles acham...

E então percebo onde estou e com quem.

Olivia olha para mim. “Claro que não te odeio, Lilia. Você teve que dormir com eles para nos libertar. Deve ter sido um grande choque quando você descobriu que estava grávida. Quando você percebeu que ia ter um filho?”

Lembro-me de como sentei e chorei no chão do banheiro, segurando o teste de gravidez positivo. Parece que foi há décadas.

Um choque? Isso é para dizer o mínimo. “Em Trieste. Meu pai me localizou. Ele me forçou a...”

Olivia se levanta alarmada. “Forçou você a quê?”

Balanço a cabeça porque não deveria colocar tudo isso nela quando ela passou por tanta coisa e tem a irmã para cuidar. “Há tanta coisa que você não sabe sobre meu passado. Tanta coisa que não pude contar quando estávamos presas juntas porque estava tentando proteger você. Meu pai não era um bom homem, mas agora está morto. Provavelmente isso é tudo que você deveria saber.”

A dor passa por seus olhos, embora ela tente escondê-la. “Você pode me dizer. Quero dizer, você está aqui. Não há nada que eu queira que você esconda de mim, muito menos um bebê.”

Ela estende a mão para tocar a bochecha de Viktoria.

Dou um passo para trás, segurando Viktoria protetoramente contra meu peito.

A testa de Olivia se enruga. “Lilia, que diabos? Você acha que vou machucar seu bebê?”

É o contrário.

Ela vai te machucar.

“Você não entende. Estou... com eles.” Dói dizer essas palavras para ela porque sei que ela vai me odiar. Eu não estou apenas com eles.

Eu os amo.

Os três homens que me colocaram no carro esta manhã com meu bebê, querendo que eu visse minha amiga novamente e a irmã que eles resgataram. Eu aperto meus olhos fechados. Tenho que escolher entre minha amiga e os homens que amo, e isso dói muito.

Mas eu os escolho.

Eu sempre os escolherei.

“Sinto muito,” sussurro em meio às lágrimas. “Eu irei. Você não precisa olhar para mim. Você nunca mais me verá, ou eles. Eles nunca virão aqui. Você e sua irmã estão seguras. Sinto muito por incomodar você.”

Juliet se afastou de nós para nos dar um pouco de privacidade, mas se apressa para abrir a porta do carro para mim.

“Espere.”

Olivia caminha sobre o cascalho em nossa direção e eu me viro lentamente para ela.

Há muita dor em seus olhos enquanto ela olha para a criança, mas também há suavidade. Finalmente, ela levanta os olhos para os meus. “Não sei como isso aconteceu, mas acredito no que você fez por nós.”

Aperto os olhos e fecho-os brevemente. Teria partido meu coração ouvi-la dizer que, afinal, ela nunca deveria ter acreditado na Número Onze.

“Não posso dizer que não estou chocada. Eu não entendo como você pôde... como eles puderam...” Ela para, olhando para Viktoria. Então ela levanta o olhar para o meu. “Mas se alguém poderia, é você. O que tem cicatrizes...” Ela franze a testa, tentando pensar no nome dele.

“Konstantin.”

“Konstantin. Ele está sendo pai? Ele é um bom pai?”

Lembro-me de encontrá-lo em sua mesa com Viktoria nos braços, digitando com uma mão enquanto falava suavemente com ela. Kirill ficou na janela com ela e apontou todos os pássaros, dando-lhe nomes russos. Elyah alimentando-a com uma mamadeira e sorrindo enquanto lhe dizia que ela iria crescer tão forte quanto seu pai e inteligente como sua mãe.

“Ele é. Todos eles são.”

Seus olhos se arregalam. “Todos? Todos os três? Até o louco?”

“Ele precisa desse bebê acima de tudo. Você pode me julgar. Eu me julgaria.”

Olivia balança a cabeça. “Por favor, volte para dentro. Por favor fique. Você é bem-vinda em minha casa e sempre será.”

Olho para a casa dela por cima do ombro, desejando estar lá com ela. “Eu não deveria. Isso perturbaria sua irmã.”

“Você realmente acha que ela pensaria pior de você depois do que acabou de lhe contar? Beatrix entende melhor do que ninguém que o amor é complicado. Quando ela vir o bebê, talvez isso a faça sorrir.”

Hesito, olhando para Juliet. “Eu tenho tempo?”

Juliet sorri para mim. “Você tem todo o tempo do mundo. Prossiga.”

A boca de Beatrix se abre quando ela me vê entrar no chalé com Viktoria em meus braços. “Um bebê? Você tem um bebê?”

Olho para minha filha, o lindo pequeno milagre no meio de tudo isso. “Beatrix, os homens que tiraram você daquele lugar. Esta é a filha deles.”

Há tantas perguntas passando pelo rosto de Beatrix que ela parece não saber qual perguntar primeiro.

“Eu estava preocupada que se você visse Viktoria isso iria te chatear, então a deixei com minha motorista.”

“Ela é linda,” Beatrix respira. “Posso segurá-la?”

Sentamos nos sofás da sala e Beatrix embala Viktoria no colo. Lágrimas escorrem pelo rosto de Beatrix.

“Eu queria ter um filho. Eu queria o bebê *dele*. Você é tão sortuda,” ela sussurra ferozmente. Então ela balança a cabeça. “Sinto muito, isso foi insensível. Você não ama o pai desta criança. Você deve ter ficado muito chocada quando descobriu que estava grávida.”

Respiro fundo. “Eu estava, mas muita coisa aconteceu desde que o concurso terminou. Os três homens que mantiveram Olivia e eu em cativeiro, estou com eles agora.”

Conto minha história para as duas irmãs enquanto Viktoria dorme. Quando termino, Olivia e Beatrix trocam olhares.

“Eles me ajudaram porque seriam pais,” diz Beatrix.

Olivia franze a testa, pensando nisso por algum tempo. “Na verdade, acho que eles fizeram isso por Lilia. No concurso, todos ficaram encantados com ela. Eles pensaram que estavam no comando e pensaram que iriam desabafar qualquer raiva que tivessem sobre nós, mas Lilia os fez perceber que, afinal, não queriam isso.”

Provavelmente ambas estão certas. Elyah deve ter se sentido péssimo pelas

mulheres que machucou. Kirill queria me libertar do meu passado. Konstantin entendeu que as ações são mais poderosas que as palavras.

“Ela é tão linda, Lilia,” diz Beatrix, passando o bebê para a irmã.

Eu aceno com a cabeça, minha garganta está apertada. “Ela é o bebê mais lindo que já vi.”

Olivia acaricia a bochecha de Viktoria com a ponta do dedo e olha para mim. “Preciso de você na minha vida. Eles permitirão isso?”

Levanto o queixo e digo com orgulho: “Permitir? Você acha que eles podem me impedir?”

Olivia ri de alívio e enxuga os olhos. “Você realmente é a mesma Lilia. Eu não posso te dizer o quão feliz isso me deixa.”

Todos os meus três homens estão me esperando quando saio do carro naquela tarde, com Viktoria em meus braços. Suas expressões estão mais perturbadas e mais esperançosas do que jamais as vi antes.

“Você a viu, Lilia? Vocês todas conversaram?” Elyah pergunta.

Fico na frente deles, olhando de um homem para outro, balançando a cabeça e olhando para eles. “Você… Por que você não me contou sobre isso semanas atrás?”

Elyah sorri com tristeza.

Kirill encolhe um ombro e estende a mão para o bebê. “Mamãe está de mau humor,” ele murmura, beijando a cabeça do bebê e me lançando um olhar travesso.

A expressão de Konstantin é cautelosa e ele espera.

“Você não poderia simplesmente pedir *desculpas* como pedi meses atrás? Duas malditas palavras, Konstantin? Não, você teve que esconder isso quando eu poderia ter ajudado você.”

“E se a irmã da Número Dez estivesse morta? Eu deveria ver a mãe do meu filho chorar?”

Eu faço uma careta para ele. Ele tem resposta para tudo. “De vocês três, você me deixou mais preocupado. Que você gostaria de ser um *Pakhan* para esta criança, não um pai.”

Konstantin sorri lentamente. “Quando é que me comportei como um *Pakhan normal*? Eu compartilho minha mulher. Eu deixei você me dizer o que fazer. Deixei esses idiotas me dizerem o que fazer. Estou aos seus pés, *malyshka*, e sempre estarei.”

Ele estende a mão para tocar minha bochecha, seus olhos cinzentos mais suaves do que eu já vi antes. “Lilia Aranova, você é minha amada e sempre será.”

“Obrigado pelo que você fez,” eu sussurro ferozmente. “Você fez isso por mim?”

Ele acena para Viktoria. “Eu fiz isso por ela, para que ela pudesse amar seus pais, não temê-los.”

Fecho os olhos, o alívio fluindo através de mim e relaxando meus músculos tensos. Essa é a resposta que eu esperava dele e nem percebi.

“Isso é ainda melhor do que o seu amor,” digo a ele.

“Você também tem isso,” ele me diz, e beija minha boca.

Elyah se aproxima e segura meu rosto entre as mãos. “Uma vez, esse idiota contou uma mentira,” ele murmura, acenando para Konstantin. “Ele nos disse que você não é uma deusa encantadora. Que não havia nada de especial na Número Onze e nós acreditamos nele. Então vimos você provar que estávamos

todos errados.” Ele me beija suavemente. “Eu te amei desde o momento em que coloquei os olhos em você, Lilia Aranova. Esta casa sempre será segura para você. Eu juro.”

Elyah sempre me pareceu infantil, às vezes doce, às vezes assustador, mas agora ele me olha como um homem que sabe o que quer e confia no meu coração e no seu próprio.

Ele pressiona a testa contra a minha e fecha os olhos.

“Eu também te amo,” sussurro ferozmente.

Kirill vem em minha direção e balança o queixo de uma forma que me diz que ele quer que eu coloque meus lábios nos dele, e eu faço isso.

Enquanto Elyah se afasta, Kirill diz em voz baixa: “Cada vez que você e esse bebê ficam fora da minha vista por mais de um segundo, eu perco a porra da cabeça. Se fosse possível, eu amarraria você a mim. Vocês duas.” Sua mandíbula aperta e ele engole em seco. “Mas isso não é possível, então, em vez disso, toda vez que você sair e voltar para mim, sentirei mais alegria do que um pedaço de merda como eu merece sentir pelo menos uma vez.”

Com os braços cheios de mim e do bebê, ele me beija com força.

“Sempre volte para mim, *detka*.”

Concordo com a cabeça, meu coração sangrando com a memória de todo o sangue que foi derramado em seu passado. O garotinho que foi espancado pelo pai. O bebê que nunca conseguiu viver. A mãe e os avós que tiveram mortes brutais. São todos fantasmas, mas o homem que suportou tudo isso está aqui.

Se eu fugir, o que ele terá?

“Eu prometo,” eu sussurro.

Viro-me para casa e subo as escadas, chamando casualmente por cima do ombro: “A propósito, Olivia, Beatrix e eu descobrimos qual de vocês é o pai.”

“Lilia! Ela é minha? Eu sei que ela é minha,” diz Elyah.

“Não seja estúpido, Elyah. Eu fui o primeiro.”

“Primeiro não significa nada,” lembra Konstantin.

Eu sorrio e atravesso a soleira, sorrindo para mim mesma enquanto eles continuam discutindo atrás de mim. Talvez eu conte a eles, ou talvez não. Todos eles são o pai de Viktoria em seus corações e é isso que importa.

Entro no corredor e me viro para olhar para os quatro. Aqui estou eu com todos os meus lindos homens e minha filha. Cheio de amor.

Finalmente em casa.

17

Lilia

O rubi brilha ao sol, uma pedra luxuosa e escarlate trazida de volta à vida com um pouco de cuidado e limpeza. Coloco o colar antigo sobre a mesa e olho para ele.

Lindo.

E um achado. Comprei esta peça em uma venda de imóveis, sentindo que havia algo especial nela. Pude descobrir pela marca do fabricante que esta peça foi feita na Alemanha no século XIX e, com algumas limpezas e alguns reparos que ainda precisam ser feitos, estará novamente digna de uma duquesa.

Viktoria tem quase um ano e, desde que a tive, venho pensando na minha linhagem. A linhagem feminina em particular, e a força que me foi transmitida por uma longa linhagem de mulheres que remonta à história da Rússia. Lembro-me de como *Babulya* vendia as joias da mãe para nos manter alimentadas e aquecidas quando eu era criança. Com dor no coração, lembro-me de como perdi o medalhão da minha mãe no ralo por causa do valentão da escola.

Não terei nada de tangível para transmitir à minha filha que pertencesse às mulheres da nossa família, mas posso contar-lhe sobre elas quando chegar a hora e posso ser um modelo para ela.

E então, estou aprendendo algo novo. Comecei a ler sobre gemas e a história das joias por capricho e achei fascinante como todas as várias pedras preciosas do mundo foram feitas nas profundezas da terra, pedaços de rocha colorida que podem ser cortados e polidos em tesouros. Comprei mais livros e aprendi a classificar pedras preciosas. Aprendi sobre a história da fabricação de joias, os tipos de metais e estilos, o que torna uma peça valiosa.

Comecei a visitar antiquários e lojas de penhores com Viktoria no carrinho e descobri que tenho afinidade com joias antigas. Peças que me lembram a mamãe

e *a Babulya*. Peças lindas que gosto de imaginar que já pertenceram a mulheres fortes. Cada vez que pego uma peça nova, me pergunto sobre sua antiga dona e como ela se sentiu ao colocar aquele par de brincos ou combinar aquele colar com seu vestido favorito. Quanta história ela deve ter vivido. Quantas risadas. Quantas lágrimas.

Há algumas semanas, lembrei-me de que ainda possuía o medalhão que comprei em Trieste quando estava negociando com o dono da casa de penhores a venda dos diamantes de Konstantin. Eu estava grávida de Viktoria na época. Tão cedo na minha gravidez que eu ainda estava aceitando a existência dela. Segurei o colar contra a luz, examinando-o, e descobri que era realmente uma peça muito bonita.

Este foi o medalhão que enganou meu pai por tempo suficiente para encobrir o que eu estava realmente fazendo na joalheria.

Mamãe está neste medalhão. *Babulya* também, e eu também. Ela contém todas as nossas histórias. Esta é uma nova herança de família que posso passar para minha filha. Limpei-o e coloquei fotos de Viktoria dentro, e agora uso-o sempre que posso.

Sorrindo, olho para as seis peças antigas que comprei recentemente, limpei e fiz pequenos reparos e alterações, e todas elas revenderei para revendedores de joias sofisticadas com lucro.

Há mais quatro joias quebradas que estão esperando que eu as conserte, mas ainda não tenho as habilidades necessárias. Precisarei primeiro aprender ourivesaria e já estou investigando cursos que posso fazer.

Nunca tive habilidades próprias antes. Nunca tive permissão para ser outra coisa senão esposa e dona de casa, mas agora posso ser o que quiser. Meus homens também têm me apoiado muito. Konstantin me cedeu um quarto no segundo andar que estou lentamente transformando em oficina. Elyah adora me ouvir contar a ele o que aprendi sobre pedras preciosas e a história das joias.

Kirill se ofereceu para roubar algumas peças realmente lindas para mim, e eu comecei a rir antes de perceber que ele estava falando sério. Eu o fiz prometer não fazer isso porque quero que todas as minhas negociações sejam legítimas.

Há movimento no corredor, e vejo que Kirill está descansando na porta, vestido com jeans pretos rasgados e uma camiseta preta justa, o fantasma de um sorriso nos lábios.

“Está ocupada?”

Olho em volta para minha mesa, verificando se terminei tudo o que queria fazer durante o dia. Viktoria vai dormir mais um pouco. “Terminei. Por quê?”

Seu sorriso se alarga. “Esconde-esconde.”

As palavras de Kirill enviam faíscas através de mim. “Quem está se escondendo e quem está contando?”

“Você está se escondendo. Estou contando. Um, dois…”

Pulo da minha mesa, passo por ele e corro pelo corredor. Quando olho por cima do ombro, vejo que ele está me observando com os olhos bem abertos.

“Não espie, seu trapaceiro!” Falo alegremente enquanto subo as escadas correndo. Meu coração está batendo forte enquanto procuro no próximo andar um bom lugar para me esconder. Kirill é muito bom em me farejar, mas estou determinado a enganá-lo um dia desses.

O que torna a perseguição ainda mais deliciosa é a lembrança de como ele uma vez me caçou de verdade, coberto de sangue e com uma faca na mão.

Talvez esteja confuso, mas gostamos.

Ainda não me escondi no closet do quarto de Konstantin. Sempre pareceu óbvio demais, mas talvez isso possa funcionar a meu favor hoje.

Corro até o quartinho, forrado com os ternos de Konstantin e fileiras de sapatos de couro polido, e me escondo entre os casacos de inverno. O homem

tem mais roupas do que todos nós juntos.

A porta se abre um momento depois, prendo a respiração e tento não me mover.

Não é justo, ele me encontrou tão rapidamente.

"*Solnyshko,* sou eu," ele sussurra. "Você está brincando com Kirill?"

Coloco a cabeça para fora e vejo Elyah parado ali, vestido com uma camisa estampada em cores suaves, muito parecida com a que ele comprou com a intenção de derramar café como desculpa para ficar seminu na minha frente. Ele fica incrivelmente bem em camisas como essas, o tecido grudado em seus músculos e realçando o azul de seus olhos.

Elyah me vê, fecha e tranca a porta atrás de si.

"Não temos permissão para trancar portas. Essa é uma regra que Kirill fez."

Ele me puxa para fora dos casacos. "Eu não estou brincando com ele. Estou brincando com você."

Ele faz uma excelente observação.

"Você gozou hoje?" Ele murmura, beijando minha garganta, e eu balanço minha cabeça. "Então deite-se no chão para que eu possa lamber você."

Faço o que me mandam, tirando minha calcinha e puxando meu vestido para cima enquanto caio no chão. Elyah se move entre minhas coxas e me dá um beijo, antes de me empurrar no chão.

Ele dá sua primeira lambida e geme.

"Shh, Kirill está procurando por mim," murmuro, e imediatamente dou um grito suave de prazer enquanto Elyah desliza um de seus dedos grossos profundamente em minha boceta.

Estou ofegante de necessidade quando ouço alguém tentando abrir a porta.

"*Detka.* Você está quebrando as regras?"

“Não,” eu grito, parecendo tão perto de gozar que é óbvio o que está acontecendo aqui.

“Elyah, seu pedaço de merda. Eu estava brincando com ela.”

Elyah finge que não ouviu o amigo e enfia outro dedo na minha boceta. Com dois dedos grossos pulsando em mim e sua língua deslizando tão intensamente contra meu clitóris, perco toda a noção de tudo e gozo com um grito alto.

Enquanto ainda estou deitada de costas e ofegante, Elyah abre a porta com um sorriso.

“Desculpe, amigo. Não ouvi você lá fora.”

Kirill passa por ele e olha para mim no chão.

“Oh, não. Você me encontrou. Devo me esconder de novo?”

A carranca de Kirill suaviza enquanto ele olha para mim com os joelhos abertos e o vestido enrolado na cintura. “Tenho uma ideia melhor.”

Ele me coloca de pé e por cima do ombro, e estou rindo enquanto ele me leva para o quarto ao lado e me joga na cama de Konstantin.

“De qualquer forma, era isso que eu realmente queria,” ele me diz, começando a se despir.

Ele tem uma nova tatuagem no peito. O nome de Viktoria em cirílico. Elyah tem o mesmo na parte superior das costas. Chorei quando vi que eles tinham o nome da nossa filha tatuado na pele. Eles fizeram as tatuagens um dia depois que eu contei que Konstantin era o pai biológico dela.

Ela também é nossa filha e nós a amamos, Elyah me disse.

Um momento depois, estou pressionada entre os corpos nus de Kirill e Elyah, com os dois pênis batendo contra minha entrada.

Eles discutem entre si sobre quem empurra dentro de mim primeiro, Elyah

agarrando o pulso de Kirill e puxando sua mão da minha cintura. Kirill empurra o ombro de Elyah, tentando desequilibrá-lo. Eles sempre são cuidadosos comigo quando fazem isso, mas o brilho em seus olhos me diz o quão seriamente eles levam essa luta. E eles não são cuidadosos um com o outro.

“Ah. Bater em você,” Elyah geme, empurrando o mais fundo que pode.

Kirill rosna, cheio de frustração. “Você estraga meu jogo. Você tira minha mulher de mim mais uma vez. *Detka,* preciso te foder agora. Segure firme.”

Eu estava perdida nas estocadas lentas e lânguidas do pau de Elyah e abri um olho. “O que?”

Elyah já percebeu e está colocando meu corpo em uma posição melhor. Kirill cospe nos dedos e massageia seu pau, e então sinto a cabeça dele contra minha boceta. Tentando me juntar a Elyah dentro de mim.

“Oh, merda...” Eu suspiro, segurando os ombros de Kirill e olhando para mim mesma. Os dois não poderiam caber, mas esqueci que ninguém é tão determinado quanto esses dois quando têm uma ideia na cabeça. Deixei-me ficar mole em seus braços, minhas costas apoiadas no peito de Elyah atrás de mim.

Elyah fica imóvel, e nós dois gememos quando sentimos Kirill deslizar para dentro de mim ao longo de Elyah.

“Você não tem suas próprias camas para onde ir?” Pergunta uma voz da porta.

Sorrio sem fôlego para Konstantin, meus dentes afundando culpados em meu lábio inferior porque acabamos de ser pegos. Mas não com muita culpa, porque estou me divertindo muito agora.

Ele olha para mim e sua cabeça se inclina lentamente para o lado, como se estivesse surpreso com o que está vendo. “Dois paus. Você não é gananciosa?”

“Quem, eu?” Eu digo, interrompendo quando seus dois executores empurram profundamente dentro de mim.

Kirill aponta o dedo para seu *Pakhan.* “Você? Você pode se foder.”

Konstantin ri e vem em nossa direção. “Por que eu deveria?”

“Porque ela está ovulando.”

Eu levanto minha cabeça em estado de choque. “Eu estou o que?”

Elyah olha para mim com uma carranca. Ele e Kirill encontraram um ritmo perfeito juntos. “Você não controla os dias, *solnyshko*?”

Disse a mim mesma que começaria assim que terminasse de amamentar Viktoria, mas nunca adquiri o hábito.

“Talvez eu queira esse próximo filho também. Deixe o melhor vencer,” diz Konstantin.

Kirill balança a cabeça. “Desculpe. Não há espaço. Não agora, não durante o resto deste mês. Peça gentilmente a Lilia um boquete se você quiser gozar.”

Elyah sorri para seu amigo. “Você está preocupado com seus nadadores, Kirill?”

“Não, estou pensando em como será um pé no saco criar um bando inteiro de pequenos Kostyas.”

O sorriso desaparece do rosto de Elyah. “Eu não pensei nisso. *Solnyshko,* não deixe que ele entre em você até que você esteja grávida novamente.”

“Ah, claro,” digo, observando Konstantin tirar as calças e a cueca e segurar seu comprimento duro na mão. “Vou acompanhar onde estão os paus e a porra de todos enquanto estou no meio dos meus orgasmos.”

Estendo a mão para ele enquanto ele se aproxima, guiando-o em minha boca. Eu adoro quando somos nós quatro juntos.

Enquanto o chupo lentamente, seguro seu bíceps, minha palma sobre a tatuagem de Viktoria que ele tem ali. Está na parte interna do braço esquerdo. Perto de seu coração, como ele disse.

Meus olhos estão fechados e alguém está trabalhando com os dedos no meu clitóris. Não tenho ideia de quem seja e não me importo. Só estou pensando em como Konstantin se sente delicioso e pesado em minha boca e como é bom o alongamento de Elyah e Kirill enchendo minha boceta.

“Você está perto?” Kirill pergunta sem fôlego e eu aceno. Os dois trabalhando em uníssono estão me deixando louca. Ele ri. “Eu estava conversando com Elyah.”

“Sim, estou perto,” Elyah geme.

Konstantin agarra o cabelo da minha nuca, sua respiração ficando mais difícil. Ele é tão lindo, parado em cima de mim. Musculoso e forte. Estou presa entre mais dois homens que me fascinam toda vez que olho para eles. A força deles, o nosso amor, a nossa paixão me dominam e venho com um grito abafado.

Konstantin solta um gemido e sua semente inunda minha boca. Elyah e Kirill me agarram com força, suas mãos em meus ombros, minha cintura, meus quadris e me batem com força. Engulo Konstantin e então inclino a cabeça para trás com um suspiro de prazer.

Nós três terminamos abraçados um ao outro, um dos meus braços passando pelas coxas de Konstantin enquanto todos nós lutamos para recuperar o fôlego.

“Nós dois deveríamos foder Lilia assim até que ela engravidasse novamente,” diz Kirill, com um brilho nos olhos enquanto ele e Elyah se retiram lentamente.

“É a única maneira de garantir que tudo seja justo,” concorda Elyah, sorrindo para mim.

Por favor. Como se os dois não fossem se esgueirar para a cama comigo no meio da noite para ter certeza de que as chances estão a seu favor.

No final do corredor, o bebê começa a chorar. Viktoria acordou de seu cochilo.

“Eu vou,” diz Konstantin, levantando-se e pegando o roupão atrás da porta do quarto.

Estremeço ao ouvir que Viktoria está gritando com uma indignação particular. “Tem certeza? Ela pode lhe causar uma enxaqueca. Eu posso ir.”

“Fique aí, *malyshka.* Você não percebeu? Não tenho enxaqueca há meses.”

Eu olho para ele enquanto ele desaparece pela porta. Agora que penso nisso, faz muito tempo que não o vejo com os olhos vermelhos e a testa suada, e alguns dias ele faz Viktoria gritar diretamente em seu ouvido. Ela é muito vocal quando não está feliz com alguma coisa.

“Como diabos isso aconteceu?” Eu me pergunto em voz alta.

Elyah está deitado confortavelmente nos travesseiros, com o braço em volta da minha cintura e os olhos fechados, e murmura: “Ele está feliz, *solnyshko.”*

“Ser feliz não cura uma bala no cérebro.”

Kirill passa as mãos pelos cachos. “A bala nem sequer quebrou seu crânio. As enxaquecas eram... psicopa... Não conheço a palavra em inglês.”

“Psicossomático?”

“É isso.”

Eu me aninho entre meus dois homens, pensando nisso. É uma teoria interessante que as dores de cabeça de Konstantin eram uma manifestação física de toda a sua mágoa e raiva não resolvidas em relação ao seu passado.

É tão quente e confortável aqui entre Elyah e Kirill. Um momento depois, Konstantin volta com Viktoria nos braços, e ela está milagrosamente sorrindo agora que papai veio buscá-la. Ela está vestida com um macacão com elefantes que realçam os tons cinza de seus olhos. Seu cabelo ficou loiro, e me pergunto se ela vai me puxar ou se vai escurecer com o tempo, como o de seu pai.

“Estou tão feliz sobre suas enxaquecas,” eu sussurro, minha bochecha

apoiada no peito de Kirill.

Konstantin afunda na cama ao nosso lado, e Kirill estende a mão para Viktoria, que envolve seu dedo indicador com a mão gordinha.

“Você já decidiu o que quer fazer sobre o que todos conversamos?” Konstantin pergunta.

Ele se refere à pergunta que me fizeram há algumas semanas. Vou me casar com um deles? Oficialmente. Legalmente. Todos disseram que queriam ser o homem, mas depende de mim.

Konstantin é muito tradicional e posso dizer que ele quer que eu o escolha. Sempre foi seu objetivo se casar.

Elyah finge que não se importa com quem eu escolho, mas posso ver a saudade em seus olhos.

Kirill é mais difícil de ler, e não sei dizer se ele está brincando ou falando sério sobre querer se casar comigo.

“É tão difícil escolher um de vocês. Não quero perturbar o que temos quando...” Luto para encontrar a maneira certa de descrever isso. “Combinamos tão bem juntos.”

“Não é mesmo?” Murmura Elyah, beijando meu pescoço, e posso dizer pela diversão em sua voz que ele está pensando no que acabamos de fazer.

A mão quente de Konstantin alisa meu cabelo, e minha mente vagueia pelos meus atuais designs de joias enquanto Viktoria balbucia docemente.

Meus olhos se abrem. “Eu entendi.”

Mas será que posso realmente fazer isso? Está muito além de qualquer uma das minhas habilidades. Mas alguém poderia fazer isso se eu descrevesse o que queria…

Sento-me e me livro da pilha de corpos quentes, dou um beijo em todos

eles, incluindo Viktoria, e saio correndo da sala.

Envolta em um roupão de seda e com os cabelos caindo em volta da cabeça, corro para minha oficina e pego o caderno de desenho da mesa, passando para uma nova página.

Demora uma semana para acertar, arrancando meus rascunhos do livro e amassando-os de frustração. Ainda estou aprendendo a desenhar e desenhar, mas tem que ser perfeito porque somos *nós*.

Por fim, envio uma mensagem a todos e peço que venham à minha sala de trabalho.

Quando todos estão reunidos em minha mesa, Elyah pergunta: “Você já tomou sua decisão?”

“Eu decidi.” Eu sorrio para todos eles, sem fôlego de antecipação. “Eu não vou me casar com nenhum de vocês.”

Eles me olham fixamente.

Eu me apresso. “Ou melhor, vou me casar com todos vocês. De certa forma. Aqui, olhe para isso.”

Abro meu caderno de desenho e mostro a eles um desenho. Uma aliança composta por três anéis que se encaixam, que é exatamente como me sinto quando estou com eles.

Uma faixa ornamentada e decorativa com um diamante lapidação esmeralda para Konstantin, muito tradicional e bonita.

Um diamante de corte circular para Elyah com pequenos diamantes colocados ao redor, num cenário que parece um sol radiante, porque ele sempre me chamou de seu raio de sol.

Um diamante quadrado para Kirill, afiado e direto como ele é, com um padrão geométrico na faixa.

Os detalhes se sobrepõem e se complementam, como fazem meus homens.

“Todos diamantes brancos muito puros, e as engastes serão de ouro branco. O que vocês acham?”

Elyah pega o caderno de mim e o estuda atentamente. “*Solnyshko,*” ele murmura com um sorriso, entendendo imediatamente meu projeto. Meu coração se ilumina quando ele passa o livro para Konstantin. “Eu amo isso.”

Konstantin examina o desenho e acena com aprovação. “É lindo, *malyshka.*”

Finalmente, Kirill olha atentamente para a página, as sobrancelhas franzidas, e meu coração está na garganta. E se ele odiar?

Ele olha para mim. “Você pode fazer alianças de casamento para cada um de nós que combinem com este anel? O que você projetou para minha parte, eu quero isso para mim.”

Eu pisco de surpresa. Eu não tinha pensado nisso, mas uma aliança de casamento masculina com o mesmo desenho na aliança combinaria com ele. Seria adequado para os outros dois homens terem faixas com seus desenhos também. Afinal, cada parte do anel é inspirada em quem eles são.

“Eu posso projetá-lo e podemos pedir a alguém para fazer todos os quatro anéis. O que vocês acham?” Eu olho atentamente para cada um deles. “Eu sei que não é casamento. Não legalmente. Mas assim não preciso escolher apenas um de vocês. Estou escolhendo todos vocês.”

Todos trocam olhares e acenam com a cabeça.

“Provavelmente não faria muito bem à nossa natureza competitiva se você escolhesse um de nós,” observa Konstantin ironicamente. “Mesmo que seja apenas legalmente.”

Elyah está me observando com atenção. “Você parece diferente. Sua cor mudou. Sua energia mudou.”

“Devo estar animada com a confecção dos anéis,” digo com um sorriso, fechando meu caderno de desenho. Terá que ser um joalheiro muito experiente que usaremos, alguém que possa interpretar meus designs e dar vida a eles.

Elyah não parece convencido e se volta para Kirill. “Qual é a data?”

Kirill verifica seu telefone. “Lilia. Se você ainda não iniciou a menstruação, está quatro dias atrasada.”

Ainda estou pensando profundamente sobre os anéis e finalmente olho para cima. “Hum?”

Konstantin está com Viktoria nos braços e está sorrindo para mim. “Você está grávida, *malyshka*?”

Eu me sento surpresa. A possibilidade nem me ocorreu. A excitação começa a tomar conta de mim e percebo o quanto quero outro bebê. “Eu poderia estar,” eu digo lentamente.

“Mas de quem é?” Elyah se pergunta em voz alta.

“E se for de Kostya de novo?” diz Kirill, com um olhar sombrio para seu *Pakhan.*

Konstantin balança a cabeça. “Não é meu. Como disse Kirill, não fiquei maluco com nossa amada desde seu último ciclo.”

Eu olho para ele, pensando em todos os meus encontros com Konstantin no mês passado. Ele está certo, ele não tem. E acho que isso foi de propósito.

“Eu posso estar atrasada, mas tenho testes de gravidez,” eu sussurro, incapaz de me impedir de sorrir. “Devo fazer um?”

“Você ainda precisa perguntar, *detka*?” Kirill diz, já se virando em direção à porta.

Lá em cima, todos entram no banheiro e percebo que três homens muito ansiosos vão me ver fazer xixi em um pedaço de pau.

“Nós realmente não temos limites, hein?” Eu digo, abrindo o teste de gravidez.

Konstantin se senta na beira da banheira. “Nenhum.”

Seguro o teste entre as pernas e faço xixi nele, olhando de um homem para outro. “É tão diferente da última vez que tive que fazer um desses.”

Desta vez estou feliz.

Dessa vez quero que seja positivo, e os homens se aglomerando ao meu redor no banheiro? Eu amo todos eles.

Todos esperamos, sem falar, que o teste se desenvolva. Sorrindo um para o outro, mas não muito, porque não queremos ficar muito decepcionados se o teste der negativo. Provavelmente será negativo porque quatro dias de atraso não é nada.

“Já se passaram dois minutos,” diz Kirill, olhando para o telefone.

Respiro fundo e olho para o teste.

“Oh, uau,” eu suspiro, olhando para as duas linhas. Está realmente acontecendo e estou cheia de nada além de alegria.

Eu mostro o teste para eles, sorrindo. A expectativa em seus rostos é a coisa mais linda que já vi. “Parabéns, papais. Vamos ter outro bebê.”

EPÍLOGO

Lilia

“Você quer saber se é menino ou menina?”

A obstetra segura o ultrassom sobre minha barriga com as mãos enluvadas de látex e faz uma pausa para sorrir para cada um de nós. Estou deitada na cadeira com minha barriga exposta.

Konstantin tem Viktoria, de três anos e meio, nos braços. Kirill está com a bebê Mila em um carrinho. Mila tem os olhos escuros e os cachos do pai, e enquanto Viktoria é doce e curiosa, Mila é exigente e cheia de travessuras.

Elyah está ao meu lado, segurando minha mão e se mexendo inquieto, com os olhos grudados na tela.

Fazemos essa dança sempre que estou grávida, e dessa terceira vez não é diferente.

“Nos diga. Não nos conte. Não, espere, conte-nos.” Elyah passa as mãos pelos cabelos. “Deveria ser surpresa, mas eu quero saber.”

Observo Elyah com um sorriso no rosto e as mãos cruzadas sobre a barriga. Quando ele perde o fôlego e aperta a cabeça entre as mãos em agonia, eu o lembro: “Elyah. Nunca descobrimos o sexo do bebê. Sempre descobrimos quando eles nascem, lembra?”

Ele pega minha mão. “Mas não é justo. Konstantin e Kirill já sabem que têm filhas. Preciso saber se tenho filho ou filha.”

O bebê provavelmente é de Elyah. É difícil saber, no entanto. As coisas ficam complicadas entre nós quatro.

Eu comecei a rir. “Isso é porque Viktoria e Mila já estão aqui.”

A obstetra espera pacientemente que terminemos a conversa. Depois de três gestações e de todos nós irmos ao consultório dela para todos os exames, ela já

está acostumada com nossas bobagens.

Elyah se vira para ela com um gemido e diz: “Obrigada, mas vamos esperar.”

Konstantin faz uma careta e balança a cabeça com um sorriso. “Tão impaciente, Elyah.”

“Eu sou. Você quer dar um beijo na mamãe?” Elyah pergunta a Viktoria, e ela estende os braços para ele tão prontamente como se fosse sua filha. O que, claro, ela é.

“Quem é a boa menina da mamãe?” Eu pergunto a ela, torcendo seu nariz e aceitando um beijo em meus lábios dela e depois de Elyah.

A obstetra tem mais coisas para me contar e a gente a escuta descrever a evolução do bebê. Viktoria apoia a cabeça no ombro de Elyah e fecha os olhos. Ele distraidamente a balança para frente e para trás em seus braços.

Por cima do ombro, Konstantin está me observando com um sorriso tocando seus lábios. Suas cicatrizes desapareceram um pouco com o passar dos anos, mas ainda são muito visíveis em seu rosto. Ele nunca mencionou fazer uma cirurgia para corrigi-las e duvido que o fizesse. Essas cicatrizes o lembram de quão perto ele esteve de perder tudo e das coisas que fizeram dele o homem que é hoje.

Além disso, acho que ele gosta do jeito que o fazem parecer ainda mais intimidador.

No final da consulta, Kirill me ajuda a ficar de pé e coloca meu vestido de jersey de volta no lugar sobre minha barriga. Então ele suspira em meu ouvido: “Você é tão sexy assim, *detka*. Isso me lembra Praga.”

“Com minha barriga?” Eu sorrio e passo meus dedos sobre sua nuca. Aquele pequeno apartamento em Praga parece pertencer a outra vida. Tanta coisa aconteceu desde então. Eu era uma mulher grávida e assustada, escondida, mas aquele lugar sempre será especial para mim porque me apaixonei por esses

homens naquele apartamento em Praga. E eles para mim.

Enquanto saímos para o sol, respiro fundo e feliz. Nossa família está crescendo. Somos seis, com um sétimo a caminho. Para todos nós, exceto Elyah, nossa família está morta para nós, literal ou figurativamente.

Exceto *Babulya*. Devo ligar para *Babulya* quando chegarmos em casa e atualizá-la sobre o bebê e seus dois bisnetos. Tenho tantas saudades dela.

Em casa, Elyah faz panquecas para nossas filhas enquanto me ensina russo. É uma troca justa porque meu russo está melhorando e a culinária de Elyah também.

Konstantin tem uma reunião com um promotor imobiliário e Kirill está treinando alguns dos novos homens que contrataram. Segurança. Motoristas. Conselheiros financeiros. Não importa quem sejam, homens ou mulheres, Kirill os coloca à prova porque precisam ser fortes para trabalhar para meus maridos.

Eu os chamo de meus maridos, embora não sejamos legalmente casados, e eles me chamam de esposa. Somos uma família, todos nós.

“É também como posso saber se eles são confiáveis ou não,” Kirill me disse uma vez. “Se eles cortam curvas fazendo voltas ou flexões, eles estão fora. Não os quero perto de você e de minhas filhas.”

Kirill tem regras inflexíveis sobre quem pode cruzar a soleira da nossa casa e ele aplica todas elas.

Quando Mila nasceu, nunca vi tanta admiração no rosto de Kirill. É como se ele quase não conseguisse acreditar que ela era real.

“Você se lembra do dia em que matamos seu pai?” Ele murmurou uma tarde, olhando para sua filha adormecida.

Meu estômago embrulhou, porque é uma coisa estranha de se mencionar quando você está segurando sua recém-nascida. “Claro. Nunca esquecerei aquele dia.”

“Nós fizemos você pensar coisas terríveis. Que íamos tirar seu bebê de você e entregá-lo ao seu pai.”

Eu penso naquele momento. Na maior parte do tempo, lembro-me das palavras odiosas de meu pai e do triunfo em seu rosto quando ele pensava que havia vencido. Mas agora, lembro-me de outra coisa. Kirill agarrou meu braço quando comecei a entrar em pânico.

“Você não queria dizer isso,” eu disse suavemente, percebendo o que aquele toque significava agora. Ele estava pensando em mim e no bebê. Ele também estava pensando em Katya e em como ela gritou por socorro e ninguém ouviu.

“Era o que tínhamos que fazer, *detka*. Mas às vezes sonho com isso, e Katya também está lá, olhando para mim como se eu fosse um monstro.”

Abaixei-me, afastei seus cachos e beijei sua testa. “Ela te perdoa. Eu perdoo você.”

Consegui me abrir com Olivia e Beatrix quase tudo na minha vida e elas nunca me julgaram. Olivia era uma pessoa gentil e Beatrix entende por que alguém adoraria homens perigosos. Ou vou até elas ou nos encontramos em algum lugar para almoçar e, embora não tenham conhecido meus maridos, sempre recebem bem minhas filhas.

O que me surpreendeu durante nosso último almoço foi que Olivia deu dicas sobre querer encontrar Konstantin, Elyah e Kirill novamente, então talvez um dia todos nós nos encontraremos.

Quando parei de amamentar Mila e começamos a tentar ter um terceiro filho, Kirill constantemente envolvia Elyah com histórias sobre entrar furtivamente em meu quarto e tentar me engravidar. Anunciando que tinha certeza de que foi ele quem fez sexo comigo durante minha janela fértil. Que o próximo bebê seria definitivamente dele. Para seu crédito, Elyah não deu um soco na cara dele nenhuma vez.

A verdade é que Kirill sempre se afastava de Elyah e sempre terminava na minha barriga ou na mão dele.

“Dê um bebê a Elyah. O maldito molenga quer tanto um,” ele sussurrou uma vez no escuro antes de voltar para sua própria cama.

Como se eu tivesse alguma palavra a dizer sobre isso. Meu corpo faria o que quisesse.

O bebê número três nasce em uma tarde tempestuosa de outono, com chuva batendo nas janelas. Tenho outro parto em casa porque tenho sorte de ter partos sem complicações e trabalhos de parto rápidos.

Sabemos imediatamente que é de Elyah. Todos nós, menos Elyah, aparentemente. Ele é o primeiro a segurá-la, depois de mim.

“Eu não me importo se ela é minha. Eu a amo. Olhe para ela, ela é perfeita.”

Kirill dá uma olhada no bebê nos braços de Elyah e cai na gargalhada. “Como você pode não saber? Elyah, ela se parece exatamente com você.”

“Você acha mesmo?”

Konstantin vai para o lado de Elyah. “Oh, sim. Esses são genes Morozov. Olhe os olhos dela. Olhe para o queixo dela.”

Elyah embala a cabeça do nosso bebê na mão, a aliança de casamento que desenhei para ele brilhando em seu dedo.

“Bebezinho,” ele murmura, olhando para ela. “*Solnyshko,* você tem um nome em mente para nossa filha?”

“O que você estava pensando, Elyah?”

Ele pensa por um momento. “E quanto a Kira? Acho que ela se parece com Kira.”

Eu sorrio quando ouço isso. “Perfeito. Acho que combina com ela. Kira.”

Konstantin fica na ponta da cama, cruza os braços e levanta uma

sobrancelha para mim. “Três filhas? Você nos deu três filhas? Agora estamos em menor número. Todos ficaremos loucos com seus truques e esquemas.” Mas ele está sorrindo enquanto diz isso.

Eu sorrio de volta, exausta, mas feliz. “Ah, espero que sim.”

Ter filhas me faz pensar na minha mãe e em como gostaria de ainda tê-la comigo. Falo com *Babulya* várias vezes por semana ao telefone e ela me conta histórias sobre mamãe quando ela era pequena e como mamãe ficou feliz quando eu nasci. Isso me faz sentir conectada às partes da minha família que amo.

Mas ainda não é suficiente.

Certa manhã, quando coloquei Kira e Mila para dormir e Viktoria está no jardim de infância, saio em busca de meus homens.

“Hoje é o septuagésimo aniversário de *Babulya*,” digo a eles, quando os encontro na sala. “Vou ligar para ela em breve, mas queria perguntar uma coisa a todos vocês primeiro.”

Meu coração começa a bater descontroladamente.

Eles dirão não?

Ou eles sentirão que precisam dizer sim?

“Quero pedir *a Babulya* que venha morar conosco.”

Todos os três homens me encaram em silêncio.

Então Kirill começa a rir. “Aquela bruxa astuta? Estaremos todos à sua mercê.”

“Ainda mais mulheres da sua linhagem na casa? Deus ajude a todos nós.” Mas Konstantin está sorrindo ao dizer isso.

Eu dou de ombros para ele e sorrio. “Você ama as mulheres da minha linhagem. Nós mantemos você alerta. Mas, falando sério, se você odeia a ideia, vou esquecer. Acontece que existe aquele edifício extra conectado ao resto da

casa que daria um anexo perfeito e independente, e não está sendo usado."

"Tudo o que vai fazer você feliz, *solnyshko*," Elyah me diz. "E estou falando por todos nós."

Olho de um homem para outro e eles parecem relaxados e sinceros. "Se você tem certeza? Bem, vou fazer a ligação."

Beijo meus três maridos e praticamente danço pelo corredor enquanto procuro meu telefone. Um momento depois, disco o número dela na América.

"*Babulya,* feliz aniversário!" Converso com ela por alguns minutos e prometo enviar-lhe mais tarde um vídeo das meninas com Viktoria dando parabéns para sua bisavó. "Eu queria te perguntar uma coisa. O que você acha de vir para Londres morar conosco?"

"Eu?" *Babulya* parece perplexa com a pergunta.

"Sim, você."

Um longo silêncio se estende e eu estremeço, esperando pela resposta dela.

"Eu acho que é uma boa ideia. Alguém tem que ficar de olho nesses homens da sua vida para que eles se comportem."

"Oh, eles aprenderam como se comportar. Não se preocupe com isso."

"Hmmph. Vamos ver."

Estou sorrindo enquanto desligo meu telefone e mando uma mensagem para meus homens com a notícia.

Lilia: *Babulya diz que virá morar conosco.*

Elyah: *Estou muito feliz por você, solnyshko.*

Kirill: *Deus nos ajude a todos.*

Konstantin: *Pelo menos há um parente decente que nós quatro podemos juntar.*

Elyah: *Isso me lembra. Quero pedir às minhas irmãs que venham me visitar. Faz muito tempo que não as vejo.*

Lilia: *Essa é uma ideia maravilhosa. Olhe para nós e para nossos relacionamentos familiares funcionais. De repente, temos tantos que podemos desfrutar nesta casa.*

Elyah: *Haha. Talvez. Você não conheceu minhas irmãs mandonas.*

Começo a trabalhar preparando a casa para nossos hóspedes e o anexo para *Babulya*. Felizmente, é uma casa grande porque as três irmãs de Elyah, dois de seus maridos e todos os seus filhos estão vindo para ficar por duas semanas, o que perfaz quatorze pessoas extras sob este teto.

O anexo precisa de ser renovado porque é usado para armazenamento há décadas. Há espaço suficiente para uma unidade de um quarto com cozinha, sala e banheiro privativo. Os construtores instalam grandes janelas na sala e no quarto para que *Babulya* tenha bastante luz natural e possa contemplar o belo jardim. Ela sempre amou flores e observar os pássaros.

Nesse ínterim, as irmãs de Elyah chegam com suas famílias. Elas são todas minúsculas comparadas ao irmão, mas bagunçam seus cabelos e falam com ele com a afetuosa mandona das irmãs mais velhas.

Ninguém da família de Elyah fala muito inglês, mas meu russo está indo bem o suficiente para que eu consiga entender a maior parte do que eles estão me dizendo se usarem palavras simples. Elyah está lá para traduzir se eu me perder.

Todas as suas irmãs ficam encantadas com nossos filhos, mas ficam particularmente encantadas com Kira.

“Ela é adorável, como o papai,” murmura uma de suas irmãs.

“Oh, que bebezinho fofo ele era,” diz outra, estendendo a mão para beliscar

a bochecha de Elyah. Ele afasta a mão dela. “Cabelos loiros e grandes olhos azuis. Sempre tão sério, embora raramente chorasse.”

“Mimado,” acrescenta outra irmã com um sorriso.

“Mas tão protetor. Cinco anos e ele se jogou na frente de um cachorro que latia para mim. O cachorro era duas vezes maior que ele.”

Eles me contam todas as histórias que eu poderia esperar sobre Elyah quando criança, muitas delas engraçadas, e tenho a sensação de que ele era difícil quando menino e adolescente.

“Vocês estão todos preocupados em ter filhas,” digo a ele com um sorriso. “Agora me pergunto como todos nós iremos lidar com a situação quando eu começar a ter filhos.”

Elyah transmite meu comentário sobre mais filhos para Konstantin e Kirill, e todos estão ansiosos para começar a tentar ter outro. Eu digo a eles que eles terão que esperar até que Kira fique mais velha, pois quero aproveitar todos os meses de bebê que puder com ela. Eles crescem tão rápido.

Viktoria e Mila adoram brincar com os primos tanto quanto eu gosto de conhecer minhas cunhadas e a casa está cheia de crianças correndo, gritando e cantando. Nunca tive isso quando criança e fico muito feliz que minhas filhas possam vivenciar isso.

A família de Elyah volta para a Rússia, com promessas de voltar em breve, e *Babulya* chega pouco depois.

Babulya é imponente enquanto Konstantin a ajuda a sair do carro, olhando ferozmente para a casa, meus maridos. Ela tem um xale com franjas enrolado em seus ombros ossudos e está usando um vestido preto, meias pretas e sapatos pretos resistentes. A sensação do velho país gruda nela como um perfume forte, e me pergunto se ela fez isso de propósito para lembrar aos meus maridos com o que eles estão lidando.

Tenho Viktoria em meus braços enquanto avançamos para cumprimentar *Babulya*, e por um momento estou preocupado que ela fique com medo dessa mulher formidável e esconda o rosto.

“Quero ser como *Babulya* quando crescer.”

Eu rio e beijo a bochecha de Viktoria. “E assim você fará, meu amor.”

Uma vez que estamos sentados no salão, sirvo chá em copos de chá russo junto com tortas de geleia levemente tortuosas que Viktoria e eu preparamos juntas. *Babulya* fica encantada com as bisnetas e conta como elas são boas e lindas meninas, e lembro com um nó na garganta que houve um tempo em que os únicos sorrisos da minha vida eram os dela.

“Quais são as novidades em casa?” Pergunto a *Babulya*, porque sei que ela tem amigos lá e irá acompanhá-los.

Konstantin, Elyah e Kirill ouvem com interesse as histórias *de Babulya* sobre a comunidade russa naquela parte da América, especialmente Elyah porque ele conhece algumas das mesmas pessoas.

Elyah se senta à frente e oferece o prato de tortas de geleia para *Babulya*, cujas mãos permanecem em seu colo.

“Você é lindo demais,” ela acusa. Elyah congela e parece confuso. “Eu já gosto de você e é porque você tem um rosto bonito.”

Franzo os lábios e tento não rir. “*Babulya*, ele não consegue evitar sua cara. Eu amo o rosto dele. Eu amo tudo sobre ele.”

Ele se senta novamente e diz cuidadosamente: “Eu quis dizer o que disse na sua casa, tantos anos atrás. Prefiro cortar minhas mãos do que machucar Lilia novamente.”

Viktoria não sabe o que os adultos estão falando. Ela se levanta de seu lugar ao lado de *Babulya*, vai até o outro sofá e sobe ao lado de Elyah.

“Ela não é sua filha, mas confia em você.”

Elyah coloca os braços em volta de Viktoria e ela encosta o rosto no ombro dele. Seu olhar para minha avó ficou frio. “Ela é minha filha. Eu amo todas as minhas filhas. Por favor, não diga que ela não é.

Babulya o observa por um longo momento, mas ele não recua nem desvia o olhar. Então ela balança a cabeça lentamente. “Claro. Peço desculpas. Você tem filhas muito lindas. Todos vocês.”

Elyah assente. “Sim, nós temos.”

“Obrigada,” Konstantin murmura enquanto a tensão diminui. Ele lança um olhar para mim como se estivesse se perguntando se estou suando.

Só um pouco.

Sua conversa sobre casa me fez pensar sobre uma coisa. “O que aconteceu com o pai de Maxim Vavilov? Sei que nunca mais ouvimos falar dele depois que enviou assassinos para Praga.” Certamente ele não teria simplesmente desistido de vingar seu filho.

Babulya faz um barulho *de tsk* e acena com a mão desdenhosa. “Ele teve um acidente. Não é nenhuma perda.”

Kirill está sorrindo para si mesmo. Konstantin toma um gole de chá, com uma expressão plácida. Fico imediatamente desconfiada.

“Um acidente, você diz. Que tipo de acidente?”

Meus maridos trocam olhares, mas não dizem nada.

Babulya quebra o silêncio. “Eu direi isso. Ele estava bêbado uma manhã e foi atropelado por um caminhão de lixo. Sua cabeça explodiu como uma abóbora.” Ela olha para Kirill. “Fiquei feliz em saber quando isso aconteceu. Uma senhora idosa ficou feliz em saber que o homem que tentou matar minha neta e minha bisneta teve que ser raspado de sua garagem.”

Eu estremeço com a imagem mental.

Como sempre, Kirill está mal-vestido e sentado com os joelhos abertos. O par de jeans que ele está vestindo está artisticamente rasgado. Eu me pergunto se *Babulya* está prestes a repreendê-lo.

Ela acena para seu jeans rasgado. “Dê-me essa calça esta noite. Eu vou consertá-la para você.”

Kirill ri. “Meu jeans? Eu o comprei assim.”

“Você comprou calças que já estão estragadas?”

“De que outra forma as pessoas saberão que tenho estrelas tatuadas nos joelhos?”

Ela balança a cabeça. “Que homem estranho. Na minha época, teríamos vergonha de usar roupas rasgadas.”

Kirill muda para o russo e estica os braços sobre a cabeça. “Eu tenho sido pobre, *Babulya*. Fui tratado como lixo em minha cidade natal. Agora decidi não ter vergonha e sou mais feliz assim.”

Ela dá a ele um olhar astuto. Finalmente ela diz: “Nós dois estamos muito longe de casa.”

“E sou grato todos os dias por esse fato.” Ele estende a mão e passa o dedo indicador na bochecha de Mila e murmura para ela.

Dou uma olhada rápida no rosto *de Babulya* e vejo como ele se suaviza enquanto ela observa Kirill com o bebê.

Finalmente, ela se volta para Konstantin. “Esta é a sua casa. Você tem uma velha morando aqui, *Pakhan*. Você ficará louco por ter outra mulher sob seu teto?”

Konstantin coloca o copo de chá na mesinha de centro e entrelaça os dedos. “Era uma vez que estávamos sentados à mesa da sua cozinha e você deu um tapa na minha cara. Não pretendo lhe dar nenhum motivo para me dar um tapa uma segunda vez.”

Sinto minhas sobrancelhas se erguerem. Ninguém me contou essa parte da história.

“Você vai dificultar as coisas para uma velha porque ela deu um tapa em você?”

Konstantin balança a cabeça. “Você está sob minha proteção. Se alguém falar com você do jeito que falei com você naquele dia em sua própria casa, então você deve me contar e eu cuidarei disso.” Ele olha para mim e sua expressão sombria desaparece. “Você faz nossa Lilia feliz. Você é bem-vinda aqui pelo tempo que quiser. Você é mais que bem-vinda porque você é uma família.”

“Como está sua própria família?” *Babulya* pergunta.

Konstantin sorri para ela e esfrega a cicatriz na têmpora. “Uma bagunça. Pior que uma bagunça. Então eu amo muito essa. É a única que importa para mim.”

Babulya relaxa e recosta-se um pouco, e sinto-me aliviada porque o interrogatório finalmente terminou e todos passaram.

Ou talvez ainda não tenha acabado.

“Vocês têm um filho cada. De quem é a próxima vez?”

“Próxima vez para quê, *Babulya*?” Eu pergunto a ela.

“Para um bebê, é claro. Como funciona?” Ela olha para meus homens. “Vocês dois ficam com bolas azuis até minha Lilia engravidar de novo? Ou você deixa a natureza seguir seu curso?”

Engasgo com o chá e quase cuspo.

Konstantin sorri para ela. “Um pouco dos dois. E é a minha vez a seguir.”

Kirill encara Konstantin. “Quem disse que era a sua vez?”

“Talvez seja a minha vez de novo,” murmura Elyah, olhando para mim

especulativamente de uma forma que faz o calor percorrer meu corpo.

Eu os ouço discutindo bem-humorados sobre quem será o próximo, e noto que *Babulya* está mordendo alegremente uma torta de geleia.

Finalmente, Konstantin se volta para ela. “Você está satisfeita com os maridos de Lilia ou ainda se preocupa com a forma como a tratamos?”

Ela examina cada um deles por vez. “Minha Lilia tem a força de coração para colocar três homens russos teimosos de joelhos. Não estou preocupada com ela. Estou preocupada com todos vocês.” *Babulya* ergue o queixo com orgulho. “As filhas dela vão fazer círculos ao seu redor. Espero que vocês estejam prontos.”

Kirill sorri para ela. “Não se preocupe, estamos prontos. E somos capazes.”

“E temos mais amor por essas meninas e por nossa Lilia do que você pode imaginar,” acrescenta Elyah, com um sorriso para mim.

Ao olhar ao redor para meus maridos e lindas filhas, e para *Babulya,* que é mãe, avó e amiga, posso sentir o passado se dissipando. Estou mais feliz do que nunca em minha vida.

O caminho foi longo e acidentado, mas conseguimos.

Fim

Notas

[←1]
Saúde.

[←2]

Boa noite.

[←3]

Senhora.

[←4]

Significa, originalmente, uma migalhinha de pão ou biscoito. Por ser algo minúsculo, "krôchka" também é usado para crianças e entes queridos.

[←5]

Neta.